A CEPA E A ATUALIZAÇÃO DO ESPIRITISMO

Alguns dos trabalhos apresentados no
XVIII CONGRESSO ESPÍRITA PAN-AMERICANO,
realizado em Porto Alegre, de 11 a 15 de outubro de 2000,
pelos seguintes autores:

(EM ORDEM ALFABÉTICA)

Ademar Arthur C. dos Reis
Alejandro Martin Ruiz Díaz
Dante López
Dinorá Fraga da Silva
Jaci Regis
Jon Aizpurua
Krishnamurti de Carvalho Dias
Luiz Signates
Mauro de Mesquita Spínola
Milton Rubens Medran Moreira
Reinaldo Di Lucia
Sandra Jacqueline Stoll
Wilson Garcia
Yolanda Polimeni de A. Pinheiro
e
Salomão Jacob Benchaya (org.)

1ª. Edição – 2001
500 exemplares

Todo o produto desta obra destina-se à promoção das atividades da CEPA-Confederação Espírita Pan-Americana

Capa: Maurice Herbert Jones
Editoração: Salomão Jacob Benchaya

Impresso no Brasil
Presita en Brazilo

Impressão: Copy Star Ltda

Pedidos para:

CENTRO CULTURAL ESPÍRITA DE PORTO ALEGRE-CCEPA
Rua Botafogo, 678 – CEP 90150-050 – Porto Alegre-RS-Brasil
Fone/fax: (51) 231-6295 E-mail: ccepa@via-rs.net

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO *4*

O XVIII Congresso da CEPA – Salomão Jacob Benchaya 5

PARTE I - Trabalhos do Congresso

- *Como?: uma proposta metodológica para o processo permanente de atualização do Espiritismo* – Ademar Arthur C. dos Reis 10
- *Agenda Espírita: identificando antigas e novas demandas para a Atualização do Espiritismo* – Ademar Arthur C. dos Reis 31
- *Una Ciência, un Método, un Dispositivo, un Hombre* – Alejandro Martin Ruiz Díaz 65
- *Propuesta para una Actualización del Método Mediumnico Kardeciano* – Dante López 77
- *Representar e Argumentar: problematizações linguísticas em Torno do texto de Kardec* – Dinorá Fraga da Silva 96
- *Dinâmica das Mutaçóes das Estruturas Mentais* – Jaci Regis 104
- *La vigencia de Kardec no está en discusión* – Jon Aizpurua 120
- *A Hora e a Vez do Segmento Padrão* – Krishnamurti de Carvalho Dias 124
- *Fraternidade como Paradigma da Identidade Espírita* – Luiz Signates 133
- *Centro Espírita: os cinco fatores críticos para uma Reforma Estrutural* - Mauro de Mesquita Spínola 145
- *O Laço Espírita – É preciso renová-lo. As bases do Ecumenismo Aplicáveis ao movimento espírita* – Milton R. Medran Moreira 172
- *Espiritismo: Revelação ou Descoberta?* – Reinaldo Di Lucia 187
- *A Doutrina dos Espíritos: Construção de Allan Kardec* – Sandra Jacqueline Stoll 207
- *Teorias da Comunicação e Processos Comunicativos como Instrumentos de Atualização do Espiritismo* – Wilson Garcia 217
- *A Experiência do Instituto de Intercâmbio do Pensamento Espírita de Pernambuco* – Yolanda Polimeni de A. Pinheiro 227

PARTE II - Apêndice

- *XVIII Congresso da CEPA – Declaração de Intenções* 234
- *Carta de Porto Alegre – Declaração Final do Congresso* 236
- *O que é a CEPA* 238
- *O Brasil e a CEPA* 240

APRESENTAÇÃO

A Comissão Organizadora do XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, considerando a necessidade de melhor divulgar os conteúdos abordados naquele evento, bem como contribuir para que o leitor conheça um pouco mais sobre a CEPA, seu ideário, suas atividades e seus planos, decidiu publicar este livro, mantendo o idioma original dos autores.

Para evitar a publicação de uma obra volumosa que se tornaria inviável para os fins desejados, foram selecionados alguns trabalhos apresentados no Congresso, cujos conteúdos mais se afinizam com o pensamento da CEPA ou com a temática central do seu recente congresso, cujos autores gentilmente cederam seus direitos autorais em benefício das atividades da CEPA que, desde outubro de 2000, passou a ter sua sede no Brasil.

É oportuno esclarecer aos que, porventura, tenham interesse em conhecer a íntegra dos quarenta e dois trabalhos expostos por seus autores no congresso, que o CCEPA-Centro Cultural Espírita de Porto Alegre dispõe dos respectivos Anais, na forma de brochura ou de Cdrom.

Na primeira parte, o leitor encontrará os textos dos autores que os apresentaram no congresso, no espaço dos Painéis Temáticos ou do Fórum de Temas Livres. Na segunda parte, estão reproduzidos documentos de divulgação da CEPA e do seu XVIII Congresso.

Não se poderia deixar de enfatizar aqui o clima reinante no encontro, extremamente fraterno, respeitoso, pluralista, alteritário, tolerante e alegre, reconhecido pelos próprios congressistas, a par do excelente conteúdo técnico e doutrinário dos trabalhos apresentados por autores de variados segmentos interpretativos de nosso movimento.

Esta obra, além de seu conteúdo informativo e promocional, é oferecida à guisa de subsídios ao movimento espírita, aos estudiosos e pensadores espíritas, como um convite à paulatina institucionalização do processo de atualização do Espiritismo, tal ***"como queria Kardec"***.

A Comissão Organizadora

O XVIII CONGRESSO DA CEPA

Salomão Jacob Benchaya (*)
Porto Alegre-RS, Brasil

O XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, realizado em Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, pela CEPA-Confederação Espírita Pan-Americana, no período de 11 a 15 de outubro de 2000, teve como Tema Central a pergunta ***Deve o Espiritismo Atualizar-se?*** e fixou como principal objetivo "*discutir a questão da atualização doutrinária do Espiritismo"*.

O evento foi organizado sob a responsabilidade do CCEPA-Centro Cultural Espírita de Porto Alegre[1] e realizado nas confortáveis instalações do Hotel Embaixador, no centro da Capital gaúcha. Participaram 377 congressistas representando, além do Brasil, Argentina, Colômbia, Cuba, Estados Unidos, México, República Dominicana, Porto Rico, Venezuela, Espanha, França e Austrália.

Os trabalhos foram apresentados por seus autores, representantes de diversas tendências ou vertentes do movimento espírita, dentro das **áreas temáticas** de *Epistemologia e Paradigmas, Metodologia, Conteúdos Doutrinários e Linguagem,* agrupados de acordo com as seguintes **modalidades:**

a) **Painéis Temáticos –** que funcionaram no horário matutino, na forma plenária, constituindo-se de doze (12) temas apresentados por autores **convidados** especialmente pela Comissão Organizadora;

b) **Fórum de Temas Livres –** que se desenvolveu no horário vespertino, simultaneamente em quatro salas, num total de trinta (30) exposições, constando de trabalhos de autores **convidados** ou **inscritos livremente**.

Foram, ainda, levadas a efeito duas conferências públicas, sessão artística, encontro de jovens, de pesquisadores, de educadores, sessão de autógrafos, passeio, jantar e show confraternativos.

Durante o evento, que homenageou a figura de Deolindo Amorim e que teve por Presidente de Honra o psicólogo venezuelano Jon Aizpúrua, a CEPA realizou sua Assembléia Geral na qual foi eleito e empossado o advogado brasileiro Milton Rubens Medran Moreira como seu novo presidente. Em razão

[1] Rua Botafogo, 678 – CEP 90150-050 – Porto Alegre-RS-Brasil
Fone/fax (51) 231-6295 - E-mail: ccepa@terra.com.br

disso, conforme prevê o seu Estatuto, a CEPA terá sua sede em Porto Alegre-RS, Brasil, no período administrativo de 2000 a 2004. Na mesma Assembléia foram criadas a Comissão para Reforma dos Estatutos, presidida pelo Argentino Hugo Beascochea, a Comissão de Relações Internacionais, presidida por Jon Aizpurua, sendo, ainda decidida a realização, em 2002, na cidade de São Paulo, da XIV Conferência Regional Espírita Pan-Americana.

Como era esperado, fortes reações opuseram-se ao tema escolhido e à própria realização do evento que, apesar disso, coroou-se de pleno êxito, tanto no aspecto organizacional, apesar do amadorismo da equipe, como na abordagem dos conteúdos, feita por excelentes expositores de diversos países. É de se destacar a participação, dentre os expositores brasileiros, de escritores, líderes, intelectuais e conferencistas representativos de diversos segmentos do nosso movimento espírita, o que imprimiu um caráter singular ao congresso pelo clima fraterno, descontraído, respeitoso, onde as diferenças foram discutidas no campo das idéias, contribuindo para a conquista, por parte da CEPA, de novos amigos e simpatizantes.

Era natural que a realização desse congresso da CEPA no Brasil gerasse repercussões contraditórias. Afinal, a CEPA, cujo programa não endossa o modelo vigente no Brasil, norteado pela idéia de que o Espiritismo é uma revelação divina e, como tal, acabada e intocável, é uma instituição cinqüentenária reconhecida internacionalmente e cuja expansão no Brasil, graças à liderança e ao carisma de seu então presidente Jon Aizpurua, ocorreu em rítimo crescente nos últimos 7 anos.

Os que se demoram na visão evangélico-salvacionista, de um modo geral, apequenam a contribuição dos encarnados no processo da codificação. Admitem, quando muito, que o conhecimento humano tenderá a aproximar-se, gradualmente, da revelação espírita, situada muito acima do progresso atingido pela Humanidade.

Sob essa visão, o próprio Kardec não passaria de um mero "secretário" dos Espíritos, encarregado de compilar e publicar suas revelações. Todavia, quando se examina a contribuição do fundador do Espiritismo, percebe-se facilmente que a Doutrina Espírita tem a marca pessoal do pedagogo, do filósofo e do cientista que ele foi e que, sem Allan Kardec, o Espiritismo não seria o que é.

Os órgãos dirigentes do movimento espírita, dessa forma, estariam investidos de uma espécie de "mandato divino" e da impostergável missão de "salvar" ou de orientar a Humanidade. É o que se depreende do discurso que predomina no espiritismo religioso.

Ao propor como centro temático a pergunta "Deve o Espiritismo Atualizar-se?", na I Reunião de Delegados e Amigos da CEPA no Brasil, realizada em São Paulo, em 16.08.97, tínhamos em mente que deveríamos ser cautelosos e responsáveis na organização do congresso pois não faltaria quem colocasse em dúvida a legitimidade da CEPA para tomar tal iniciativa.

Foi em razão disso que a Comissão Organizadora teve o cuidado de inscrever como primeiro objetivo do referido evento **"discutir a questão da atualização doutrinária do Espiritismo".**

Ora, seria insensatez da CEPA pretender atualizar a Doutrina Espírita em um congresso único e por ela patrocinado, embora esse fosse o papel atribuído por Kardec aos congressos espíritas.

Ademais, a forma interrogativa sob a qual foi colocado o Tema Central não autorizaria ninguém a atribuir à CEPA pretensões exclusivistas que ela não alimenta. A pergunta era indutora à reflexão e ao debate.

Por outro lado, a CEPA, em todos os momentos, e isso ficou evidenciado no seu Congresso, sempre reafirmou e enalteceu a vigência do pensamento kardequiano, especialmente naquilo em que não houve superação pelos novos conhecimentos do homem.

Na fase que antecedeu o evento, a CEPA teve o cuidado de divulgar um documento intitulado *"Declaração de Intenções"* com o intuito de prestar esclarecimentos ao movimento espírita e evitar interpretações equivocadas acerca dos seus objetivos. Referido texto encontra-se reproduzido na parte final desta obra, assim como a *"Declaração Final do XVIII Congresso Espírita Pan-Americano"* denominada *"Carta de Porto Alegre"*.

São justas as preocupações que todos alimentamos quando se trata de revisão doutrinária. Concordo que não se pode *modificar,* adulterando, a obra de Kardec, numa violação à sua autoria. Entretanto, se os seus livros não podem ser alterados, pois expressam o seu pensamento e o dos Espíritos e refletem o estágio de conhecimento e o contexto sócio-cultural de uma época, já não se pode dizer o mesmo das *idéias, teses* e *concepções* alí contidas e que, por desejo do próprio fundador do Espiritismo, deveriam acompanhar o Progresso. E esta constante atualização tem que ser feita pelos homens - os espíritas de todos os Continentes - com o concurso dos espíritos (e não somente por estes, como pensam alguns), verdadeiramente comprometidos com a proposta kardequiana. E ouso dizer que tal iniciativa tem que ser nossa e não dos espíritos desencarnados. Deverá haver precauções, obviamente, contra a "pseudo-ciência", contra o sincretismo, pretendido por alguns setores, com práticas e doutrinas

incompatíveis com a proposta espírita e contra os "novidadeiros" que pululam nos arraiais espiritualistas, com suas teorias esdrúxulas e estapafúrdias.

O que a CEPA desejava e conseguiu, foi deflagrar um processo, provocar a discussão, estimular o debate em torno daquilo que considera fundamental para a continuidade do Espiritismo no planeta - a sua atualização.

O fato é que, sem atualizar-se, o Espiritismo perecerá.

Por isso tudo, acredito, sem falsa modéstia, que o evento patrocinado pela CEPA, certamente se constituirá num marco divisor na história do Espiritismo.

Efetivamente se constituiu em ***um congresso como queria Kardec.***

(*) Economista, Presidente da Comissão Organizadora do XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, Secretário Administrativo da Confederação Espírita Pan-Americana e Diretor de Eventos do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre-CCEPA; foi vice-presidente da União Espírita Paraense, presidente da União Distrital Espírita-Sul de Porto Alegre, presidente do CCEPA, da FERGS-Federação Espírita do Rio Grande do Sul e da Comissão Organizadora do 4º Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita.

PARTE I

TRABALHOS APRESENTADOS NO XVIII CONGRESSO ESPÍRITA PAN-AMERICANO

(Em ordem alfabética do nome dos autores)

COMO?
UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O PROCESSO PERMANENTE DE ATUALIZAÇÃO DO ESPIRITISMO

Ademar Arthur Chioro dos Reis (*)
Santos-SP, Brasil

1. INTRODUÇÃO

Entre os estudiosos espíritas identificados com uma concepção laica, não dogmática e não religiosa do Espiritismo, foram sendo construídos, progressivamente, neste final de século, alguns consensos.

Vem ganhando força, dentre estes, a necessidade de desencadear um processo de discussão sobre a atualização do Espiritismo, mesmo sob forte reação por parte daqueles que dominam o movimento espírita de matiz religioso. Neste contexto está inserido o XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, promovido pela Confederação Espírita Pan-Americana, CEPA e realizado pelo Centro Cultural Espírita de Porto Alegre no período de 11 a 15 de outubro de 2.000, com o Tema Central: *"Deve o Espiritismo Atualizar-se?",* importante marco histórico e referencial para o processo de atualização do Espiritismo.

Pressupomos que tal propositura, fundamentada na obra e no pensamento de Kardec em relação à natureza e à necessidade de progresso do Espiritismo, é pertinente e vital para a própria sobrevivência da doutrina espírita, condenada ao mesmo destino das religiões tradicionais se mantida a postura reinante, assumida pelos espíritas evangélicos. A única possibilidade que se coloca para que o Espiritismo prossiga contribuindo com o desenvolvimento evolutivo da humanidade é atualizar-se continuamente, num processo permanente, respondendo às velhas (para as quais possui farta contribuição) e novas (as quais nem sempre identifica) demandas do homem e do mundo contemporâneo, em permanente mutação.

Qualquer atualização que se queira empreender, entretanto, não poderá dispensar uma análise de conteúdo, a constituição de uma ***Agenda Espírita*** que identifique conceitos, temas, afirmativas e informações defasadas em face de novos conhecimentos não abordados nas obras básicas ou que foram tratados de forma condicional por Kardec e pelos espíritos que com ele construíram o corpo doutrinário.

Não poderá prescindir de uma adequação semiótica e da redefinição e ***atualização da linguagem***, que sabidamente utiliza-se de terminologias e expressões ultrapassadas ou inadequadas.

Tampouco de uma ***redefinição epistemológica***, afinal persistem para a grande maioria dos espíritas enormes dúvidas e confusões sobre a natureza e o caráter do Espiritismo, em particular sobre a forma como se deu (e portanto como se dará) a construção do pensamento espírita.

Passa ainda pelo reconhecimento de que o Espiritismo, enquanto conjunto de idéias identificadas com sujeitos sociais concretos (embora reconheçamos a existência e a importância de sujeitos incorpóreos, os espíritos desencarnados), na medida em que se institucionalizou foi se constituindo como um movimento social, portador de diferentes e, sob vários aspectos, conflitantes leituras, relações de poder e disputas ideológicas que devem ser consideradas em qualquer proposta de atualização.

Este trabalho procura desenvolver ***uma proposta metodológica para o processo de permanente atualização do Espiritismo***, estruturada a partir do conjunto de preocupações acima esboçadas.

Acreditamos que a discussão do método de atualização é vital para que seja atingido e viabilizado tal objetivo. Se, *a priori,* for simplesmente desconsiderada ou considerada secundária a formulação de uma metodologia a ser utilizada neste processo, a atualização do Espiritismo será sumariamente abortada, restringindo-se, desta forma, a um momento histórico de reflexão crítica empreendida por setores contra-hegemônicos do movimento espírita, um "insignificante" movimento nascido na última década e que morreu de inanição no último ano do século XX. E essa é exatamente a história que não desejamos escrever e transportar para o próximo milênio.

Antes de abordarmos de forma objetiva uma proposta metodológica de atualização do Espiritismo, salientamos que algumas reflexões sobre o caráter, a natureza e o futuro do mesmo, intimamente relacionadas ao assunto tratado neste texto devem ser aprofundadas, as quais por limite de espaço não serão aqui efetuadas, apenas discriminadas:

a) Qual o verdadeiro caráter e natureza do Espiritismo?

b) Qual a herança do Espiritismo para o conhecimento humano de 1857 até o presente? Qual efetivamente a sua influência do ponto de vista da evolução do conhecimento e do comportamento humano? O que representa para a sociedade humana contemporânea?

c) Qual a atualidade da concepção filosófica espírita e qual sua capacidade em produzir respostas aos problemas do homem e do mundo atual, vislumbrando-se a sociedade do século XXI ?

d) Existe viabilidade para que seja empreendida uma atualização do Espiritismo?

e) Terão os espíritas capacidade de reverter a postura atual (absolutamente contemplativa e submissa a uma postura religiosa, estagnante, cristólatra e "absolutizadora" do caráter divino atribuído às manifestações mediúnicas de origem religiosa) e as enormes contradições que daí resultam no seio deste movimento?

Talvez fosse possível imaginar um cenário diferente da evolução real na qual se construiu a história do Espiritismo após o desencarne de Allan Kardec. Tenho presenciado alguns exercícios especulativos muito interessantes neste sentido. O que teria ocorrido com o Espiritismo, por exemplo, se não tivessem ocorrido as duas grandes guerras mundiais? Ou se não houvesse a Revolução Russa de 1917? A polarização do mundo em capitalismo e comunismo durante tanto tempo? Teria sido diferente sua evolução na Europa e em todo o mundo?

É preciso reconhecer, antes de mais nada, nossa incapacidade de definir o futuro das coisas. O futuro se constrói no presente. O resto é ficção.

É fundamental planejar estrategicamente o futuro, construir "imagens-objetivos", nossas utopias referenciais. Mas não podemos, por respeito à inteligência, admitir cenários spilbergianos, onde se manipula e altera o futuro a nosso bel-prazer. Nossa capacidade de alterar o destino das coisas é diretamente proporcional ao quanto nos esforçamos e trabalhamos para que isto de fato ocorra.

Em relação ao futuro do Espiritismo, é necessário reconhecer que do ponto de vista daquilo que imaginava Kardec e os espíritos que com ele fundaram a Doutrina Espírita, houve um grande fracasso [2].

Não é por menos que Léon Denis celebrizou uma expressão, exaustivamente repetida porém pouco ou nada compreendida e observada pelos espíritas: *"O Espiritismo será no futuro o que dele os espíritas fizerem"*.

Qual o futuro imediato do Espiritismo? Em minha opinião, desenham-se dois cenários possíveis:

1. Num primeiro, o Espiritismo consolida-se no século XXI como mais uma seita cristã restrita à América Latina, fortemente enraizada no Brasil e, sob sua influência, pequenos grupos em outros países da Europa e das Américas. Um pequeno grupo contra-hegemônico, articulado em torno da CEPA, experimenta algum crescimento no final do século XX e início do XXI, procurando estabelecer um processo de redefinição de rumos, mas sucumbe frente ao poder conservador da tendência hegemônica.

[2] Ver para tanto:
Kardec, A **. Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos. *"O Futuro do Espiritismo"*.** São Paulo, Edicel: Ano 1863 (pág. 192) e 1868 (pág. 049).
Kardec, A **. Obras Póstumas. *"O Futuro do Espiritismo"*.** Araras, São Paulo, IDE, 6ª edição, 1997, pág.289.

2. Em outro cenário, o movimento religioso espírita segue seu rumo, firme e forte, consolidando-se como mais uma seita evangélica. Ao contrário do cenário anterior, entretanto, vislumbro a possibilidade de crescimento vertiginoso do número de espíritas livre pensadores, humanistas e progressistas, laicos ou não, pois nesta adjetivação está certamente incluída parcela significativa de espíritas e entidades que se auto designam religiosas mas que não aceitam a dominação conservadora de algumas instituições e lideranças cristólatras e/ou místicas, com todos seus rituais e formalismos religiosos e a conseqüente esclerose intelectual. Este crescimento, em minha opinião, tende a se desenvolver sob liderança da CEPA, exatamente porque esta instituição está aberta ao progresso das idéias e à unificação de propósitos sinceros em prol do desenvolvimento do Espiritismo. Pode, desta forma, induzir um processo de ampliação do número e da qualidade dos adeptos da filosofia espírita, angariando maior respeito e consideração da universidade, das disciplinas científicas e dos meios de comunicação de massa. E o que é mais importante, ampliar consideravelmente a capacidade de influenciar objetivamente a sociedade humana através dos princípios fundamentais que compõem a filosofia espírita, alargando os laços de solidariedade, respeito, justiça, amor e fraternidade, contribuindo para a construção de um mundo mais civilizado. Sem a necessidade obsessiva de transformar (com o objetivo de "salvar") os habitantes do planeta em adeptos do Espiritismo. Mas influenciando-os através da visão de homem e de mundo e das derivações éticas e morais decorrentes de nossa filosofia.

A seguir, destaco alguns pressupostos que considero de fundamental importância para a formulação de uma proposta metodológica de atualização do Espiritismo, intimamente relacionados às formulações levantadas anteriormente:

- Espiritismo é a ciência que trata das relações do mundo espiritual e material, portadora de uma concepção filosófica humanista, que resulta em conseqüências éticas e morais (comuns às preocupações religiosas sinceras e desprovidas de ritualismos e sectarismos);
- a atualização não pode ser um modismo mas deve constituir-se num processo permanente, incorporado definitivamente à Praxis espírita;
- deve admitir a heterogeneidade, o direito de ser e pensar diferente, de estabelecer novos referenciais a partir dos fundamentos espíritas básicos;
- é necessário reconhecer que a Filosofia Espírita, fundamentada na obra de Kardec, permite o desenvolvimento de distintas leituras, a partir do conjunto de interesses e necessidades humanas (e que isso também é democrático);
- não é necessário decidir por maioria quantitativa, mas pela capacidade/qualidade do conjunto de idéias impondo-se pela sua própria força, clareza e atualidade como novas verdades;
- é fundamental buscar de forma prioritária a atualização em torno de pontos convergentes. *O que é consensual* em primeiro lugar, o *que pode vir a ser consensual* (mesmo que parcialmente) em segundo plano e por último,

aquilo que de fato estabelece as distintas concepções e nos divide (mesmo que partamos ou não dos mesmos referenciais);

- só se atualiza o que não se nega, o que ainda tem valor essencial (caso contrário estaríamos substituindo o Espiritismo por algo diferente). Somente se atualiza sobre bases estabelecidas (mesmo que em parte ultrapassadas ou defasadas). Por outro lado há novos conhecimentos a serem formulados;
- que a busca da atualização deve ser estabelecida a partir das mesmas bases sérias e coerentes que pautaram a obra de Kardec, guiada pela racionalidade e pela ciência, sem afetações, partidarismo e misticismo;
- Allan Kardec identificou desde o primeiro instante a necessidade de atualizar o Espiritismo, o que pode ser claramente percebido em trechos de sua obra, em particular no Capítulo Primeiro de "A Gênese - Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo", intitulado **Caracteres da Revelação Espírita,** publicado em 1868 e que já havia sido veiculado por Kardec, numa primeira versão, na Revista Espírita em 1867; [3]

"O Espiritismo, avançando com o progresso, jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro acerca de um ponto, ele se modificará nesse ponto; se uma verdade nova se revelar, ela a aceitará." (**A Gênese**, Cap. I - Caracteres da Revelação Espírita).

"O terceiro ponto, enfim, é inerente ao caráter essencialmente progressivo da Doutrina. Pelo fato de ela não se embalar com sonhos irrealizáveis, não se segue que se imobilize no presente. Apoiada tão-só nas leis da Natureza, não pode variar mais do que estas leis; mas, se uma nova lei for descoberta, tem ela que se pôr de acordo com essa lei. Não lhe cabe fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de se suicidar. Assimilando todas as idéias reconhecidamente justas, de qualquer ordem que sejam, físicas ou metafísicas, ela jamais será ultrapassada, constituindo isso uma das principais garantias da sua perpetuidade." (**Obras Póstumas** - Constituição do Espiritismo - Dos Cismas)

"Não será, pois, invariável o programa da Doutrina, senão como referência aos princípios que hoje tenham passado à condição de verdades comprovadas. Com relação aos outros, não os admitirá, como há feito sempre, senão a título de hipóteses, até que sejam confirmados. Se lhe demonstrarem que está em erro acerca de um ponto, ela se modificará nesse ponto." (**obra citada**)

"O princípio progressivo, que ela inscreve no seu código, será a salvaguarda da sua perenidade e a sua unidade se manterá, exatamente porque ela não assenta no princípio da imobilidade." (**obra citada**)

[3] Kardec, A. **Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos**. São Paulo, Edicel Setembro de 1867, pág. 262.

"Serão estas as atribuições principais da comissão central: 1°...; 2° O estudo dos novos princípios, suscetíveis de entrar no corpo da Doutrina; 3° ... 15ª A convocação dos congressos e assembléias gerais." (**Obras Póstumas** - Constituição do Espiritismo - Comissão Central)

Que há setores significativos do Movimento Espírita que consideram desnecessário e lesivo qualquer processo de atualização do Espiritismo, uma vez que concebem sua origem e natureza como "divina", portanto passível de modificação apenas por ordem e graça da "espiritualidade";

Que mesmo companheiros espíritas que discutem a necessidade de atualizar o Espiritismo, em função de distorções em suas concepções e formação doutrinária, tendem a assumir uma postura arrogante e conservadora do ponto de vista intelectual. Vejamos, por exemplo, um pequeno trecho de um "mail" [4] que identifica claramente esta concepção: *"Apesar disso ainda temos uma sólida e imbatível doutrina. É plataforma segura para se alcançar novos vôos com a ciência responsável e metodológica,* ***pois esta é a sina do Espiritismo: ir onde a ciência está, já sabendo que a ciência vai onde o Espiritismo já foi..."*** (o grifo é meu);

Que é indiscutível a atualidade de partes importantes e fundamentais da obra de Kardec, não superadas pela Ciência, encontrando-se estas, portanto, em plena vigência;

Que atualizar o Espiritismo é procurar " *torná-lo atual, situá-lo na época em que vivemos, torná-lo presente e atuante em* ***todos*** *os setores do pensamento humano.* Isso implica numa releitura, numa ressignificação, portanto, numa **revisão** dos conteúdos, não só da obra de Allan Kardec, como da dos demais autores espíritas, encarnados e desencarnados, como também da linguagem e do método empregados na sua elaboração. Não se pode atualizar sem revisar."; [5]

Não se deve permitir a alteração ou supressão, parcial ou completa, dos textos e das obras de qualquer autor que seja – e em especial a de Allan Kardec. "Já as idéias, concepções e teorias expostas nas obras da Codificação e nas que lhe são complementares, como o próprio fundador do Espiritismo afirmava, não sendo mais do que a expressão do conhecimento dos seus autores, subordinadas ao contexto de uma época, são passíveis de ***revisão*** e de ***atualização.";*** [6]

II. O QUÊ ATUALIZAR?

Em outro trabalho apresentado no **Fórum de Temas Livres**, do XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, intitulado *"AGENDA ESPÍRITA:*

[4] Trecho de um e-mail recebido em abril de 1999, oriundo de uma lista de discussão espírita pela Internet.

[5] Circular n.º 01 da Comissão Organizadora do XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, 1999.

[6] Ibidem.

identificando antigas e novas demandas para atualização do Espiritismo", desenvolvido com a colaboração de Sandra Regis e Nelson Melchior dos Santos Junior[7], procuramos delinear objetivamente um conjunto de questões que podem vir a ser objeto de uma releitura ou atualização, compreendidas em quatro diferentes grupos:

a) Conjunto de idéias e conceitos espíritas que com o tempo desatualizaram-se ou encontram-se em desacordo em relação ao conhecimento humano e, em especial, ao científico;

b) Conjunto de idéias e conceitos formulados parcialmente ou em caráter condicional por Allan Kardec e pelos espíritos que com ele fundaram o Espiritismo, em virtude:

- da alegada incapacidade de definir ou descrever determinadas situações devido à inexistência de meios para tanto, por limitação de nossos conhecimentos ou de nossa linguagem (creio que já podemos compreender muitas coisas que em meados do século XIX seriam impossíveis);
- da inexistência de permissão para a análise e aprofundamento de determinadas questões, ora porque não era chegada a hora, ora por entenderem que seria de competência dos espíritos encarnados a tarefa de produzir o conhecimento em torno de determinado assunto;
- a necessidade de acompanhar o desenvolvimento científico para que fosse possível comprovar (ou não) uma determinada hipótese formulada e posteriormente incorporá-la definitivamente ao Espiritismo (expediente utilizado fartamente no último livro publicado por Allan Kardec, em 1868, denominado *"A Gênese – Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo",* muito embora até hoje, transcorridos mais de 130 anos, este processo de confirmação crítica das hipóteses ainda não tenha sido realizado).

c) Antigos ou novos problemas ainda não abordados pelo Espiritismo ou conjunto de questões relacionadas ao mundo contemporâneo para as quais o Espiritismo não possui posições claramente definidas que possam produzir uma contribuição aos seres humanos e à sociedade, ou cuja versão difundida publicamente restringe-se à opiniões individuais de algumas lideranças ou figuras com alguma projeção pública. Ou, o que é mais grave ainda, restritas a opinião de um espírito (muitas vezes legitimadas não pelo seu conteúdo, mas sim pelo reconhecimento moral e projeção do médium) sem que sejam submetidas à análise crítica, ao método da concordância universal ou qualquer outro tratamento elementar exigidos ao lidar-se com informações de origem mediúnica (aceita-se as informações, equivocadamente, por sua pretensa origem divina);

[7] Membros do Centro Espírita Allan Kardec, de Santos-SP.

d) A releitura e validação ou não de hipóteses e teorias estabelecidas através de literatura mediúnica (a excelente produção teórica a partir das reportagens do espírito André Luiz, por exemplo) ou a contribuição de estudiosos espíritas encarnados e que formularam suas contribuições posteriormente à Allan Kardec, como Léon Denis, Gabriel Delanne, Manoel Porteiro, José Herculano Pires, Hernani Guimarães Andrade, entre tantos outros.

Impõe-se, portanto, dada inclusive a variedade e quantidade de temas a serem objeto de investigação, estudo, formulação, debate e análise crítica e posterior atualização, que se defina de alguma forma o processo pelo qual será desenvolvido todo esse árduo mas necessário trabalho de atualização do Espiritismo, ou seja, a constituição de uma ***Agenda Espírita*** (o quê atualizar?) e de um ***Método de Atualização*** (como fazer a atualização?).

Não deve haver temas proibidos. Tudo deve e pode ser discutido. Entretanto, é preciso ter claro que os pressupostos aqui alinhavados induzem-nos a estabelecer com certa cautela esta agenda. Creio que devemos experimentar, inicialmente, por cerca de cinco a dez anos, um processo de discussão em que se busque o maior consenso possível, em temas centrados:

- na formulação de conceitos espíritas relacionados aos problemas humanos contemporâneos e que não tenham sido objeto de análise no período da fundação do Espiritismo ou pelos principais continuadores de Allan Kardec (questões relacionadas à bioética e ao desenvolvimento tecnológico, por exemplo);

- na epistemologia espírita, ou seja, sobre a natureza e o caráter do Espiritismo, em particular sobre a forma como se deu (e portanto como se dará) a construção do pensamento espírita;

- na revisão, atualização e modernização da linguagem e seus significados.

Desta forma, proponho que a discussão em torno dos eixos paradigmáticos do Espiritismo seja programada para uma segunda etapa, quando além da análise crítica e dos acúmulos do processo desencadeado, poderemos estabelecer mais claramente o que se pretende e como avançar neste sentido.

Reafirmo, entretanto, a importância de estabelecer claramente uma **Agenda Espírita**. Creio firmemente que um dos maiores desafios da CEPA, a partir do XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, será o de definir esta agenda para a atualização. Se isto for empreendido, o êxito do Congresso estará garantido e o esforço da CEPA recompensado.

III. COMO ATUALIZAR?

A partir da Agenda Espírita, o problema a ser estudado e para o qual se pretende produzir uma atualização deve ser claramente definido e abordado. Para tanto, proponho a elaboração de um Protocolo de Estudo ou Carta de Intenções, consensualizado entre todos os participantes, dando conta das seguintes formulações:

a) Que estudo está sendo proposto? (Definição, delimitação e caracterização do problema a ser abordado)

A ciência e o conseqüente domínio do homem sobre o meio progridem pela anexação de novos conhecimentos. Estes são gerados pela solução de problemas, e problemas só os têm aqueles que vivem em relação íntima com os fatos que os suscitam. Presença participante nos fatos, sensibilidade perceptiva e entusiasmo pela resolução de problemas são, no homem, as qualidades que o fazem produtor de conhecimentos.

Detectado um problema, seja ele evidente de tal forma que até leigos o percebam, ou encoberto a ponto de estar obscurecido mesmo para especialistas, a próxima tarefa é torná-lo concreto e explícito. Deve então ser colocado sob a forma de perguntas que possam ser respondidas através de hipóteses verificáveis ao longo de um estudo.

A análise de um problema envolve várias operações intelectuais e metodológicas que se complementam. Se consideramos que o problema seja a necessidade de explicar fatos empíricos até o momento não compreendidos, torna-se necessária uma completa elucidação das circunstâncias sob as quais os fatos ocorreram e o problema foi gerado. Deve-se buscar repostas através de perguntas formuladas que o bom senso e conhecimento relativo julguem significativas.

A explicação do problema sob a forma de perguntas às vezes é feita *pari passu* à sua análise. Tratando-se de um problema complexo, pode-se partir de um enunciado bastante geral e, à medida que o problema for sendo analisado, o enunciado estará sendo decomposto em problemas mais simples, respondíveis através de hipóteses claras, concisas e refutáveis.

É necessário ter sempre presente o fato de que a forma e o conteúdo das perguntas determinarão o encaminhamento da investigação, sua direção e limites. Uma análise mal feita ou enunciado mal colocado poderão levar a nada, quando não ao erro.

Na caracterização do problema a ser estudado reside um fator de alta complexidade para os propósitos de atualização do Espiritismo: os problemas que estão na base do Espiritismo podem ser problemas próprios da doutrina (a relação do mundo material e o espiritual, a mediunidade, a relação espírito e matéria, o perispírito, por exemplo) ou comuns à outros ramos do conhecimento humano (sexualidade, loucura e sofrimento psíquico, educação, ecologia, justiça, direitos humanos, drogas, amor, liberdade, política, etc.).

A solução deste segundo grupo de problemas, portanto, é multidisciplinar e mesmo em relação aos problemas formulados pelo próprio Espiritismo, é impossível abordá-los de forma isolada de outras disciplinas e saberes.

Isto exige, como não poderia deixar de ser, o manuseio do método, da forma própria de pensar e do corpo de conhecimento espírita. Exige também a utilização de outras ciências, que, consideradas em função de um objetivo comum, são complementares (porém essenciais) ao Espiritismo.

Ao contribuir com o Espiritismo para o esclarecimento dos problemas propriamente espíritas e para uma abordagem doutrinária dos problemas não especificamente espíritas, as ciências complementares colocam, naturalmente, problemas não-espíritas que lhe são respectivos: problemas estatísticos, epistemológicos, de linguagem, físicos, antropológicos, econômicos, sociológicos, psicológicos, etc.

Deve-se ter uma ***Justificativa*** consistente, incluindo-se de maneira clara, por que realizar a atualização deste tema e quais os benefícios que resultarão para o Espiritismo, os espíritas e/ou a sociedade. Da mesma forma, é necessário fornecer uma idéia geral do que será pesquisado, delimitando-se claramente qual será o ***Objetivo Geral*** do trabalho e seus ***Objetivos Específicos***, incluindo-se uma listagem completa de todos os tópicos a serem estudados. Posteriormente, quando forem apresentados os resultados, deverão ser apresentadas respostas para cada um dos objetivos específicos elencados.

É de fundamental importância, ainda, a realização de completa ***Revisão e Análise Bibliográfica***, compreendendo a revisão da literatura geral e especializada não espírita sobre o tema a ser estudado e os livros e trabalhos espíritas e espiritualistas, em especial as obras de Allan Kardec e seus principais continuadores. Entende-se por espíritas as que tratam dos assuntos pertinentes à Doutrina Espírita, incluindo-se nesta categoria obras de origem mediúnica ou não.

b) Quem vai participar do projeto?

Deverão ser constituídos grupos de trabalho formados por espíritas com experiência e conhecimento da obra de Allan Kardec e seus principais continuadores e que possam, a partir de sua área de formação profissional ou acadêmica, por se constituírem em especialistas em determinadas ramos do conhecimento humano, ou por serem estudiosos e interessados no estudo do Espiritismo e outras disciplinas*, mesmo que autodidatas*, contribuir com o processo de atualização do conhecimento espírita.

Não é necessário que estejam vinculados à uma determinada instituição espírita ou entidade confederativa. Estudiosos espíritas, em seus lares e escritórios poderão participar e contribuir decisivamente neste processo. Não serão estabelecidos filtros ideológicos, selecionando ou eliminando do estudo participantes por afinidade ou oposição à teses previamente definidas. Exige-se, obviamente, que sejam reconhecidamente espíritas.

Por outro lado, será estimulada a participação de instituições e agrupamentos espíritas que possam progressivamente redefinir parte do tempo de execução de suas atividades para o estudo e a atualização do pensamento espírita.

É fundamental que todos os participantes tenham o espírito e a mente abertos para o progresso das idéias, nível intelectual e uma boa formação cultural, além de disponibilidade e compromisso para participar em todas as etapas do estudo, a serem definidas no cronograma.

Os participantes serão divididos nas seguintes categorias:

- Participantes individuais
- Instituições participantes
- Coordenadores Gerais e adjuntos
- Relatores
- Críticos externos

Estes últimos serão convidados para efetuar análise crítica dos resultados do estudo e não precisam ser adeptos do Espiritismo. Pelo contrário, seu distanciamento e formação forjados em outras áreas de conhecimento será de fundamental importância para que possam exercer livremente a análise crítica externa pretendida. O papel de cada uma das diferentes categorias de participantes propostas será discutido posteriormente.

c) Como o estudo será conduzido?

- Sobre o método:

O ciclo necessário para o estabelecimento de um processo de atualização do Espiritismo deve se constituir numa série de etapas, que apenas particularizam um roteiro quase que obrigatório do modelo empírico de produção de conhecimentos em geral:

- a construção da questão e a formulação de hipóteses deverão ser feitas preferencialmente de modo a indicar com precisão e objetividade possíveis a natureza dos problemas em estudo. Toda hipótese resulta da construção de algum quadro teórico, apesar da maioria dos pesquisadores e estudiosos tradicionalmente omitir os modelos conceituais em que baseiam suas hipóteses. Para cumprir essa etapa, é recomendável um estudo cuidadoso da literatura científica específica sobre o assunto, a fim de não se repetir os passos (e equívocos) de outros pesquisadores, além de não se desperdiçar tempo e recursos;
- planejamento do estudo deverá definir com a maior precisão possível qual a estratégia de investigação mais adequada em relação aos objetivos do estudo. A partir da definição e delimitação da abordagem do problema, é possível delinear o método de investigação mais adequado a cada objeto a ser investigado. Não deve haver, a *priori*, um único método (ou "o método")

aceitável para que se produza o estudo visando a atualização de um determinando tema. Tratando-se, por exemplo, de uma atualização de linguagem, teremos uma abordagem metodológica específica. Se lidamos com outro determinado objeto de investigação, pode-se, por vezes, desenvolver o método científico experimental (ou *quasi-experimentos*) ou estudos observacionais. Em outras situações impõe-se objetivamente a mediunidade (associada a outras formas de investigação) como método de produção do conhecimento que permita o processo de atualização. O importante, é bom que se frise, é a adequação metodológica, a seriedade e o rigor com que se desenvolverão estes trabalhos;

- Deve-se selecionar as técnicas de produção de dados mais eficientes para os objetivos da pesquisa e mais adequadas para o estudo. A fonte ("matéria-prima") desses dados pode ser registros de comunicações mediúnicas, de questionários ou registros de experimentações, ou outras formas de registro que constituem os dados secundários, como textos publicados e produzidos por outros autores;

- Os instrumentos e procedimentos de produção e análise de dados deverão preencher critérios de operacionalidade e adequação para a aplicação por diferentes participantes e grupos, o que implica na simplificação de técnicas empregadas em âmbitos de pesquisa e estudos com grupos reduzidos. Além disso, quando se amplia a quantidade de grupos e participantes, é necessário desenvolver uma técnica de estudo, registro, circulação e sistematização dos resultados simples e com confiabilidade. Pode ser necessário, neste sentido, o treinamento dos participantes do estudo na coleta de informações e uso de técnicas padronizadas, soluções geralmente eficazes para a melhoria da confiabilidade dos dados;

- A última fase consiste no chamado trabalho de campo, que na verdade constitui-se no próprio processo de produção de dados referentes às variáveis e temas em estudo, através do emprego criterioso das técnicas de coleta dentro da estratégia de pesquisa selecionada. O processo de investigação deverá produzir dados de modo a alimentar a análise e sistematização capaz de efetivamente abordar o problema da pesquisa, transformando dados em informação útil.

Procuro, a partir deste trabalho, traçar algumas sugestões que considero factíveis e coerentes. Trata-se, apenas, de propostas preliminares, contribuições para o debate e que deverão ser amplamente discutidas, reformuladas e modificadas. Assim como a definição da *Agenda Espírita*, abordada anteriormente, considero a delimitação e definição deste processo, ou seja, o *como fazer* a atualização do Espiritismo, outro importante desafio para o XVIII Congresso Espírita Pan-Americano e para a CEPA.

- **Formação de Grupos de Trabalho:**

A implementação de grupos de trabalho multicêntricos, construídos numa perspectiva ascendente (piramidal ou em mosaicos), pode, potencialmente, implementar uma enorme, envolvente e produtiva rede de estudo que desenvolva com legitimidade o processo de atualização do Espiritismo. Desta forma, estabelecer-se-ia, inicialmente, um grupo de trabalho em uma determinada instituição espírita, onde parte de seus membros se disponibilizassem a participar do processo de atualização de uma certa questão em estudo.

Naquela cidade ou região, dependendo da quantidade de participantes, realizar-se-iam oficinas de trabalho reunindo os participantes individuais e instituições envolvidas no trabalho, com uma periodicidade bimestral ou trimestral, dependendo novamente do objeto em estudo.

Semestral ou anualmente seriam realizadas oficinas de caráter nacional e se possível internacional, com um grupo de participantes indicados e que representassem os grupos de trabalho regionais. Para tanto, o *Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita* [8] e eventos similares realizados em outros países poderiam ser utilizados como pontos de referência, a partir de sua própria estrutura e programação ou através de eventos paralelos, facilitando e estimulando a realização destas oficinas, aproveitando o deslocamento de companheiros espíritas de várias localidades do país.

As Conferências Regionais Espíritas, promovidas periodicamente pela CEPA, poderiam facilitar em muito o processo de aglutinação dos espíritas de distintos países e continentes que se dispusessem a participar deste processo. Para tanto, deveriam assumir, em caráter prioritário, estes conteúdos temáticos, ou então proporcionar flexível programação de estudos que possibilitasse a realização de oficinas paralelas de atualização doutrinária.

Se este processo for construído de forma ascendente, possibilitará a participação de muitos espíritas em todo o planeta. A utilização de listas de discussão espíritas na Internet e em canais de *chat*, entre cada uma das fases do estudo, permitirá ainda a realização de *oficinas virtuais* (em tempo real) e disseminação dos dados, análises e críticas, eliminando os problemas relacionados às enormes distâncias e aos custos inerentes ao deslocamento dos participantes.

Por mais democrático que se queira estabelecer este processo, entretanto, em cada oficina (local, regional, nacional ou internacional) devem participar de 10 a 20 membros do grupo de trabalho, no máximo. É improvável que haja um produto efetivo e consubstancial se este processo for caracterizado por um "assembleísmo".

[8] O Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita encontra-se atualmente em sua 6ª edição, sendo promovido bienalmente pela LICESPE, vinculada ao Lar Veneranda (Santos-SP), com o apoio de diversas instituições espíritas.

Deve-se apenas garantir, democraticamente, o acesso irrestrito a todo os participantes do grupo de trabalho aos bancos de dados e aos *papers* com as sínteses que forem sendo produzidas ao longo do processo.

- **Coordenação e Sistematização:**

É fundamental que o Grupo de Trabalho, composto por espíritas estudiosos, especialistas e interessados, tenha claramente delimitada uma coordenação. Não acreditamos em espontaneísmo ou na capacidade de auto-coordenação de um grupo multicêntrico e tão heterogêneo.

Para tanto, creio que deva ser designado um Coordenador Geral para cada um dos grupos de trabalhos temáticos que vierem a ser constituídos, auxiliados por dois coordenadores adjuntos. Estes terão como tarefa a coordenação e o acompanhamento do cumprimento de cada uma das etapas estabelecidas no Protocolo e no Cronograma do Estudo, na organização das oficinas, nas relações com as universidades e pesquisadores que farão a crítica externa ao trabalho, servindo ainda como referência para os membros e instituições participantes.

Em cada grupo local ou regional deve-se estabelecer uma referência para organizar o processo, as oficinas, sistematizar os produtos do trabalho (textos, bancos de dados, etc.) e uma ponte de representação junto à coordenação geral, através da indicação de um representante regional.

Deve-se ainda estabelecer uma Coordenação de Sistematização, composta por membros (duas a três pessoas) dos Grupos de Trabalho com reconhecida capacidade de redigir e sistematizar as conclusões parciais e, posteriormente, finais do trabalho de atualização.

- **Pesquisa Mediúnica e a Concordância Universal**

Sempre que estiver contida entre as estratégias metodológicas para o trabalho de atualização de determinado assunto, a mediunidade deverá ser utilizada seguindo-se o método estabelecido por Allan Kardec em "O Livro dos Médiuns", adaptando e introduzindo, para efeitos de comodidade e melhor aproveitamento das informações obtidas, algumas tecnologias de baixa complexidade e alta resolutividade, tais como gravação das comunicações em vídeo, K-7 e transcrição e disseminação dos resultados obtidos através da Internet.

A experiência obtida através dos trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa Científicas Ernesto Bozzano, no C.E. Allan Kardec, de Santos-SP, que relatamos de forma sumária a seguir, poderiam ser utilizadas como referência inicial, por sua simplicidade, praticidade e fidelidade ao método estabelecido por Allan Kardec.

O método de investigação mediúnica utilizado pelo GPCEB procurou reproduzir e adaptar a metodologia clássica construída e consagrada por Allan Kardec.

O GPCEB utilizou, como metodologia de trabalho, a análise crítica dos diálogos efetuados pelo grupo com os espíritos desencarnados. Estabeleceu-se, para tanto, alguns objetos de investigação, quais sejam: Estrutura do Centro Espírita Allan Kardec (de Santos-SP) no Plano Espiritual; Estrutura do Movimento Espírita no Plano Espiritual; Mecanismos da Mediunidade: o Processo de Comunicação Mediúnica; A Vida no Plano Espiritual; Perispírito e Emissões Energéticas à Distância.

Paralelamente, a equipe de Espíritos que coordena o trabalho no CEAK e que se integrou à pesquisa de forma entusiasmada, desenvolveu um objeto alternativo, posteriormente identificado pelos membros do GPCEB, demonstrando as diferentes formas de pensamento dos espíritos desencarnados.

Para cada um dos objetos designou-se um responsável, com a tarefa inicial de realizar pesquisa bibliográfica em relação ao tema, com a conseqüente elaboração de um roteiro de questões a serem respondidas pelos espíritos.

As informações foram obtidas através de diálogos estabelecidos a partir desses roteiros pré-elaborados pelo GPCEB. Como no método desenvolvido pelo fundador do Espiritismo [9], *"... chegávamos a cada sessão com uma série de perguntas preparadas, e metodicamente arrumadas"*.

Foi comum a prática de evocação relacionada aos temas a serem pesquisados, sem que houvesse, entretanto, direcionamento à determinada personalidade. Em algumas reuniões foram evocados nominalmente entidades para debater questões pontuais e dúvidas persistentes. Na ausência de questionários previamente elaborados, o que ocorreu de forma esporádica, as reuniões foram desenvolvidas com temas livres.

O roteiro de perguntas foi repetidamente submetido a vários espíritos, em diferentes reuniões, por diferentes médiuns. O processo de formulação intelectual dos membros encarnados, pertencentes ao GPCEB, foi permanente e intenso [10].

Para a consecução do trabalho de análise, foram utilizadas as transcrições das gravações de fitas magnéticas referentes as dezenas de reuniões de pesquisa mediúnica realizadas semanalmente, às segundas feiras, com aproximadamente duas horas de duração, por mais de três anos, no Centro Espírita Allan Kardec, de Santos-SP. Estas reuniões contaram com a presença de dois coordenadores que alternavam a cada semana a direção dos trabalhos, três pesquisadores membros do GPCEB e seis médiuns. Destes, dois proporcionaram comunicações psicográficas e psicofônicas e os demais se restringiram às comunicações

[9] KARDEC, A . – **Obras Póstumas.** 6ª ed. IDE. Araras, SP, 1997. p. 260.

[10] Mais dados sobre o método de pesquisa podem ser encontrado no trabalho de autoria de Gisela Régis Henrique, denominado **"Histórico e Método de Trabalho sobre a formação de um Grupo de Pesquisa – GPCEB"** , apresentado no II Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, em Mongaguá-SP, 1991.

psicofônicas; todos conscientes (intuitivos e semi-mecânicos na classificação proposta por Kardec [11]) e com mais de 25 anos de exercício mediúnico.

Após alguns meses, o GPCEB foi convidado pela direção do CEAK a assumir a direção do Departamento de Pesquisas daquela entidade, passando a se responsabilizar pela direção desta reunião mediúnica, inteiramente destinada à pesquisa científica. A qualidade do produto final e a própria metodologia utilizada pelo GPCEB são ainda hoje consideradas experiências referências, que podem ser utilizadas no processo de atualização do Espiritismo, particularmente no que diz respeito a utilização do método mediúnico com tal finalidade.

O "método" mediúnico pressupõe a utilização do controle e da concordância universal dos ensinamentos e opinião dos espíritos. Toda nova tese somente será validada se após a análise crítica de seu conteúdo (e não de forma) apresentar coerência e consistência comparativa, adquirindo caráter universal e não a visão particular de um espírito ou grupo de espíritos.

Pressupõe-se e estabelece-se como de fundamental importância que os investigadores tenham pleno conhecimento teórico e prático da mediunidade (cuja referência fundamental é o "Livro dos Médiuns", de Allan Kardec), sendo capazes de lidar com as diversas situações que podem induzir a erros em relação a produção e análise das informações obtidas através da mediunidade.

Importa salientar, todavia, que a investigação mediúnica não deve ser utilizada como a única via de produção de conhecimento e de atualização do pensamento espírita. Não pode, por outro lado, ser desprezado ou subutilizado esse instrumento de investigação da realidade, particularmente nos assuntos correlacionados à vida no mundo espírita, perispírito, entre outros temas, em que a opinião dos espíritos (se for estabelecida uma concordância universal e submetida à análise crítica e racional) pode alargar em muito nossa compreensão em torno do objeto em estudo. Reforça-se, desta forma, sobremaneira o papel dos espíritas (encarnados) no progresso do Espiritismo.

- Crítica externa:

Todas as conclusões resultarão em teses de atualização em relação a visão espírita sobre algum tema ou conceito. É extremamente desejável, entretanto, que estas contribuições não "nasçam velhas", superadas ou em contradição com os conhecimentos e avanços científicos atuais.

Torna-se de fundamental importância, portanto, submeter as conclusões à crítica externa, utilizando-se profissionais reconhecidamente especialistas na área abordada, preferencialmente ligados à universidade, para análise quanto ao conteúdo das formulações, resultados, linguagem e método utilizados. Não é

[11] Em **O Livro dos Médiuns** (p. 198-199), Kardec define **médium intuitivo** como aquele em que *a transmissão do pensamento ocorre por intermédio do Espírito do médium. O Espírito não atua sobre a mão; não a toma, não a guia; ele age sobre a alma, com a qual se identifica.* Já os **médiuns semi-mecânicos** *sentem uma impulsão externa, malgrado seu, mas, ao mesmo tempo, tem a consciência do que escrevem ou falam.*

necessário que haja concordância, por exemplo, do parecer exarado em relação ao conteúdo das conclusões do Grupo de Trabalho ao se solicitar uma análise de um professor de física nuclear ou de um especialista da área de biologia molecular, tradicionalmente vinculados à concepção materialista. Mas a crítica pode ser extremamente útil na formulação de teses e hipóteses mais consistentes e na adequação da linguagem e do método.

Busca-se, desta forma, auferir e aumentar a validade, a precisão e a confiabilidade dos resultados obtidos.

Não tenho dúvida, ainda, do papel positivo e estimulador da produção de conhecimentos (quase que provocador) e da divulgação do Espiritismo que esta mudança de postura em relação à academia provocaria. Hoje (assim como ontem), os espíritas esperam que a universidade e o desenvolvimento científico venham ao encontro dos conceitos espíritas, como se este fosse um caminho inexorável para a ciência. Não é. Os pequenos mas consistentes avanços obtidos pela ciência espírita foram exatamente quando o fenômeno espírita foi analisado pelo método científico e por pesquisadores não espíritas que se debruçaram na investigação uma vez provocados pelos espíritas ou pela própria fenomenologia.

- **Conclusão do Estudo:**

Uma vez estabelecidas as conclusões finais do Grupo de Trabalho, far-se-ia a circulação e divulgação das mesmas por um período de um a dois anos, sob o título de **"Tese para a atualização do tema:....."**. Neste período, procurar-se-ia submetê-la a um grande processo de crítica interna (junto ao movimento espírita) e externa (conhecimentos científicos de outras disciplinas e correntes do pensamento humano), avaliando a vulnerabilidade e a consistência desta nova proposta de formulação conceitual.

Ao cabo deste período, poder-se-ia incorporar parcialmente algumas destas críticas, refutá-las integral ou parcialmente para enfim, em um **Fórum Espírita Internacional** especificamente criado para tal fim, desencadear um processo de deliberação.

Creio que o ideal é que este **Fórum Espírita Internacional** fosse realizado, a princípio, a cada 5 ou 6 anos e, posteriormente, a cada 10 anos, se possível com a participação das diversas tendências existentes no movimento espírita (respeitando-se sua heterogeneidade e reconhecendo a impossibilidade de uniformizá-lo em uma corrente única), com a responsabilidade de estabelecer o processo de deliberação e incorporação deste tema em estudo, devidamente atualizado, ao contexto e aos conceitos da doutrina espírita.

A CEPA, definitivamente extrapolando seu caráter interamericano, deve procurar dirigir partilhadamente com outras instituições federativas, grupos e tendências do movimento espírita, a responsabilidade pela articulação deste **Fórum Espírita Internacional**, dedicando-se ao exaustivo processo de negociação que irá requerer tal empreitada.

Deve estar preparada, entretanto, para assumir a direção deste movimento caso não haja correspondência ao convite público que tem emitido à outras

entidades e lideranças federativas para o desenvolvimento deste processo de atualização do Espiritismo. Mesmo que para isso tenha que mudar seus estatutos e finalidades, passando de fato e de direito a liderar os espíritas kardecistas laicos, livre pensadores, humanistas e preocupados com o progresso do Espiritismo em todo o mundo.

A CEPA deve, assim, independentemente da resposta e da participação do movimento espírita no processo de atualização do Espiritismo, constituir imediatamente uma **Comissão de Relações Intercontinentais**, de caráter permanente, com representantes das três Américas, da Europa e na medida do crescimento do Espiritismo, dos demais continentes. Tendo em vista o vigor do movimento espírita no Brasil, Argentina e Venezuela, inicialmente esta comissão poderia contar com representação também destes três países.

Caso não haja consenso, será necessário estabelecer um pacto ético que permita a cada tendência do movimento espírita caminhar com suas próprias conclusões, tomando cada uma o cuidado de advertir em suas publicações, congressos , conferências, etc., *de forma honesta e respeitosa*, que não se tratam de teses aceitas pela totalidade do movimento espírita. De toda forma, antevejo enormes e aparentemente insuperáveis dificuldades para a obtenção de unanimidade em torno de questões extremamente polêmicas, mesmo que partamos das mesmas referências conceituais de análise (as obras de Allan Kardec e os princípios básicos da filosofia espírita). É praticamente impossível supor que haja unanimidade e consenso em torno da revisão e atualização do Espiritismo, até mesmo porque parte significativa do movimento não o considera passível de atualização em função de seu entendimento quanto à natureza (divina) daquele.

- **Divulgação e Disseminação dos Resultados**

Deve-se definir prioritariamente como os resultados serão divulgados e disseminados, uma vez aprovados pelo **Fórum Espírita Internacional**, pois o coroamento e êxito de todo este processo depende em muito da capacidade de disseminar e capilarizar os resultados obtidos.

É importante planejar (e aí identifico outra importante pauta para a próxima Diretoria Executiva da CEPA, a ser constituída a partir do XVIII Congresso da CEPA) como os resultados serão apresentados e difundidos para a comunidade espírita e para a sociedade em geral.

Não tenho propostas prontas e acabadas para tanto. Quando muito ouso fazer algumas sugestões, reconhecendo as especificidades e complexidade do campo da Publicidade e da Propaganda, uma das mais novas áreas sistematizadas de conhecimento humano e para a qual o movimento espírita ainda não despertou, lidando amadoristicamente com a questão.

Temos inúmeros companheiros espíritas, profissionais e especialistas na área que deverão, em conjunto com aqueles de labutam há muitos anos na área da divulgação espírita, produzir uma política de comunicação e propaganda

competente e consistente, moderna e adequada aos novos tempos e aos meios de comunicação de massa e formação de opinião existentes.

Algumas idéias, entretanto, aqui são apresentadas:

- utilização massiva da Internet, através de Home-page específica e das entidades espíritas;
- publicação de livros (em vários idiomas) com as conclusões e deliberações finais do Fórum Internacional (impressos, em CD-ROM e multimídia);
- publicação nos periódicos (jornais, boletins e revistas), programas de rádio e TV espíritas e espiritualistas;
- realização de Seminários e outros eventos para públicos espíritas e não espíritas abordando os assuntos atualizados;
- eficiente e persistente manifestação da visão espírita em relação aos principais problemas humanos nos debates públicos promovidos pelos meios de comunicação de massa;
- utilização estratégica de manifestações culturais e artísticas para difusão destes conhecimentos (vídeo, cinema, música, teatro, fotografia, artes plásticas, etc.) com envolvimento de artistas e produtores simpatizantes e adeptos do Espiritismo;
- estímulo à jovens profissionais e acadêmicos espíritas para que desenvolvam monografias e teses de pós-graduação correlacionando, na medida do possível, sua área de atuação profissional ou acadêmica específica com a investigação e ampliação do conhecimento espírita.

- Cronograma

Torna-se fundamental o desenvolvimento de um *Cronograma de Trabalho* (anexo) que esteja contido no Protocolo de Estudos, tanto para o acompanhamento e organização do processo como para que haja um real comprometimento dos envolvidos quanto a apresentação de resultados.

Os espíritas não devem imaginar que participarão de um processo que se encerra em si mesmo. O produto final esperado é da maior relevância para o destino e progresso do Espiritismo. Desta forma, justifica-se a importância que destinamos ao conceber este processo de atualização do Espiritismo e cada uma das etapas que compõe o Cronograma de Trabalho.

IV. CONCLUSÕES

O momento não permite conclusões. Este estudo reflete preocupações cuja análise e formulação de propostas estão totalmente em aberto, aguardando o processo de debate, crítica, sugestões e novas formulações. Numa conjuntura em que a expressão "abertura" reveste-se de caráter especial.

O XVIII Congresso Espírita Pan-Americano representa o marco inicial deste processo de atualização do Espiritismo. À CEPA cabe em grande parte a responsabilidade pela continuidade e seqüência deste processo. O sucesso deste

evento e os avanços que poderão ser empreendidos dependerão única e exclusivamente de nossa participação efetiva, vibrante, corajosa, despojada de pré-conceitos e do espírito bélico que caracteriza as relações entre os espíritas.

É preciso que não nos esqueçamos das sábias e prudentes recomendações que Allan Kardec inseriu no penúltimo parágrafo da Conclusão de ***O Livro dos Espíritos,*** referindo-se às divergências de opiniões sobre pontos da teoria entre os adeptos do Espiritismo:

"Pode pois haver escolas que procurem se esclarecer sobre as partes ainda controvertidas da ciência; ***não deve haver seitas rivais uma das outras.*** *(...) todos têm um laço comum que os deve unir num mesmo pensamento; todos têm um mesmo objetivo. (...) Nenhuma deve se impor pelo constrangimento material ou moral (...)* ***A razão deve ser o supremo argumento e a moderação assegurará melhor o triunfo da verdade do que a crítica envenenada pela inveja e pelo ciúme****."*[12] (grifos deste autor).

Este processo não poderá dispensar, ainda, um intenso e competente esforço intelectual e muita determinação para levar em frente as oportunidades que se abrem e não desprezá-las futilmente .

As bases para a releitura e atualização do Espiritismo estão plantadas. Foram germinadas no século XIX por Allan Kardec em sua genial obra de estruturação do pensamento espírita. Deste processo depende o futuro do Espiritismo. Depende a sua capacidade de interlocutar e influir nos destinos da humanidade, de contribuir com o processo de evolução do planeta e ao mesmo tempo de se revigorar enquanto uma potente doutrina filosófica.

Mais do que nunca permanece vivo, atual e instigante o desafio lançado por León Denis: ***"O Espiritismo será no futuro o que dele os espíritas fizerem".***

(*)Médico sanitarista e homeopata, consultor e especialista em gestão e planejamento em saúde, professor de Saúde Pública da Faculdade de Medicina de Santos-SP, membro fundador do CPDoc, escritor, expositor, 2º vice-presidente da CEPA (2000/04), Presidente do Centro Espírita Allan Kardec, de Santos-SP, autor do livro "Espiritismo e Vitalismo".

[12] KARDEC, A . – **O Livro dos Espíritos.** 116ª ed. IDE. Araras, SP, 1998. p. 413.

ANEXO

Cronograma de Trabalho – Processo de Atualização do Espiritismo

Objeto em estudo:_____

Componente	Período	Período	Período	Período	Período	Período
Delimitação do problema						
Definição da abordagem (método) e Protocolo de Estudo						
Definição dos Participantes						
Preparação: treinamento, estudo piloto						
Trabalho de campo (se necessário)						
Processamento de dados, análise e redação preliminar						
Debate e troca de informações via Internet						
Oficinas loco-regionais						
Sistematização parcial I						
Debate e troca de informações via Internet						
Oficinas nacionais						
Sistematização parcial II						
Debate e troca de informações via Internet						
Oficinas internacionais						
Sistematização geral						
Período para Crítica externa e interna						
Revisão e sistematização final para apreciação e deliberação						
Fórum Espírita Internacional (deliberação)						
Publicação das conclusões						
Divulgação dos resultados						

Coordenador Geral: _____ Relator Geral: _____

Coordenadores Adjuntos: _____ Relatores Adjuntos: _____

AGENDA ESPÍRITA: IDENTIFICANDO ANTIGAS E NOVAS DEMANDAS PARA ATUALIZAR O ESPIRITISMO

Ademar Arthur Chioro dos Reis (Apresentador) (*)
Colaboradores: Sandra Regis e
Nelson Melchior dos Santos Jr.
Santos-SP, Brasil

1. INTRODUÇÃO

> "Por que os Espíritos não ensinaram em todos os tempos o que ensinam hoje? – *Não ensinais às crianças o que ensinais aos adultos, e não dais para um recém-nascido um alimento que ele não possa digerir;* ***cada coisa em seu tempo.*** *Eles ensinaram muitas coisas que os homens não compreenderam ou desnaturaram, mas que podem compreender atualmente. Por seus ensinamentos,* ***mesmo incompletos****, prepararam o terreno para receber a semente que vai frutificar hoje."*
> **(Livro dos Espíritos, Livro III, cap. VIII, questão 801, pág. 312)**

O Espiritismo é uma doutrina profundamente abrangente, fundada por Allan Kardec dentro de um contexto histórico determinado, mergulhado em seu tempo - o século XIX - pautado pelo embate entre diferentes concepções filosóficas, científicas, ideológicas e religiosas que se digladiavam na compreensão da realidade e na produção de "verdades" possíveis aos limites do conhecimento daquele período.

Foi construído por Kardec a partir das perquirições e problemas de uma determinada época e dos limites impostos pelo método utilizado (a mediunidade), entre os quais destacam-se fatores relacionados aos médiuns, aos Espíritos que com ele colaboraram, à linguagem, ao conhecimento científico e tecnológico de então, etc.

Ao mesmo tempo em que estruturava as bases do pensamento espírita e de imediato reconhecia estas limitações, Kardec propunha que o Espiritismo (enquanto uma doutrina filosófica espiritualista fundamentada no pensamento racional e com base na experimentação científica, responsável por uma abordagem inovadora sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o

futuro da Humanidade, segundo os ensinamentos dado pelos Espíritos superiores com a ajuda de diversos médiuns), não se esgotasse em si mesmo, desatualizando-se com o passar do tempo e o desenvolvimento do conhecimento científico.

Sua gênese epistemológica impõe, portanto, que o Espiritismo acompanhe cada nova descoberta da ciência, num processo de atualização permanente e ativo, articulado e em sintonia com as diferentes correntes de construção do conhecimento humano.

> *"O Espiritismo, avançando com o progresso, jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro acerca de um ponto, ele se modificará nesse ponto; se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará."* (**A Gênese**, Cap. I - Caracteres da Revelação Espírita).

Esta era a lógica de Kardec, que rejeitava categoricamente a infalibilidade dos espíritos e médiuns que com ele edificaram o corpo doutrinário espírita. Submetia todas as opiniões, conceitos e idéias ao crivo da razão e ao método da concordância universal dos ensinamentos[13]. Ao mesmo tempo, é possível perceber, ao analisarmos sua produção literária, que Kardec procurou ser extremamente criterioso na incorporação de conceitos, teorias e novos conhecimentos contemporâneos no período em que se dedicou a formulação do Espiritismo [14]. É possível identificar trechos de sua produção literária espírita onde procurou destacar a existência de teses as quais, prudentemente, preferiu aguardar o desenvolvimento de novas pesquisas e ao avanço de áreas do conhecimento que pudessem consolidá-las enquanto verdades científicas, antes de incorporá-las ao corpo doutrinário do Espiritismo.

De certa forma, utilizou a **Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos**[15] como um laboratório experimental para o debate e a maturação destas idéias. Infelizmente, a grande maioria destas teses, destacadas por Kardec de forma condicional, foram sendo absorvidas pelos espíritas como conceitos incorporados ao corpo doutrinário e transformadas em verdades inquestionáveis.

Por outro lado, diversas questões, temas e problemas colocados para análise da sociedade contemporânea não foram abordados por Kardec. Algumas porque se desenvolveram efetivamente através de contribuições da ciência e de pensadores posteriores à Kardec, como é o caso de Freud e a Psicanálise, para citar um exemplo clássico e inquestionável.

Outras, por tratarem de temas extremamente atuais, como a doação de órgãos inter-vivos, as viagens interplanetárias, a influência dos meios de

---

[13] Ver para tanto Kardec, A. **"O Livro dos Médiuns" e "Obras Póstumas"**.

[14] De 1855, quando efetivamente iniciou-se no processo experimental de investigação mediúnica, até março de 1869, quando desencarnou.

[15] Kardec, Allan. **"Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos"**. Publicação mensal sob direção de Kardec de janeiro de 1858 à março de 1869.

comunicação de massa, os problemas relacionados à produção, tráfico, consumo e dependência das drogas e a clonagem de seres humanos, por exemplo. Outro grupo de temas, provavelmente em função das dificuldades e limitações éticas e morais daquela época, como por exemplo as questões relacionadas à sexualidade, entre outras, não foram abordadas em seu tempo.

Mesmo temas eminentemente espíritas, tais como a vida no mundo dos espíritos, o perispírito, as emissões energéticas, entre outros, foram incorporados de forma superficial e/ou precariamente desenvolvidas nas obras espíritas consideradas básicas.

O conhecimento disponível em relação à temas desta natureza foram posteriormente desenvolvidos, incorporados e transformados na "visão espírita" sobre determinado assunto quase que exclusivamente através da contribuição mediúnica de um único médium, geralmente idolatrado, o que obviamente resultou num abandono da produção de conhecimentos através da mediunidade através do método racional proposto, experimentado e utilizado por Allan Kardec.

Na verdade, a incorporação destes conhecimentos de origem mediúnica pós Kardec deveram-se muito mais à sua capacidade de legitimar as proposituras e o domínio político e ideológico de federativas e grupos hegemônicos no movimento espírita, que foram alavancadas e se consolidaram através da sua força editorial. Obras mediúnicas de autoria de espíritos conservadores e religiosos, sem que nenhuma metodologia científica fosse utilizada, nem mesmo a da "concordância universal" proposta por Kardec, foram (e continuam sendo) transpostas à categoria de verdades absolutas ou verdades espíritas! (por mais absurdas e inverossímeis que sejam as teses defendidas).

> Uma doutrina que se quer filosófica e que se dispõe e pleiteia o status e a categoria de doutrina atual, progressista, humanista e aberta ao diálogo com as outras formas de construção do conhecimento, deve ter a capacidade de abordar e expor para análise crítica do conjunto da sociedade, mesmo que de forma não conclusiva, sua visão sobre os problemas e questões colocadas como desafios para o homem e o mundo atual.

2. METODOLOGIA

Este estudo tem por escopo propor para os pensadores espíritas comprometidos com a atualização do Espiritismo a construção (e pactuação) de uma ***Agenda Espírita***, que permita identificar o quê atualizar. Com esse propósito, desenvolvemos este texto a partir da metodologia descrita a seguir.

Inicialmente, com o apoio dos colaboradores, foi realizada uma revisão bibliográfica criteriosa de toda a obra de Allan Kardec[16] , incluindo as seguintes

[16] Por ser considerada pelo autor um laboratório de idéias, utilizado para debater conceitos e refutar críticas, antes da incorporação definitiva à obra doutrinária, entendeu-se por bem não incluir os volumes da **Revista Espírita**, editados por Allan Kardec, na revisão bibliográfica efetuada.

obras: **O Livro dos Espíritos** (1857), **Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas** (1858)[17], **O que é o Espiritismo?** (1859), **O Livro do Médiuns** (1861), **O Espiritismo na sua mais Simples Expressão** (1862), **O Evangelho Segundo Espiritismo** (1864), **O Céu e o Inferno** (1865), **A Gênese** (1868), todas de autoria de Allan Kardec, além de **Obras Póstumas** (1890), publicação que reuniu textos inéditos do mestre lionês. Para tanto, padronizamos a edição em português publicada pelo Instituto de Difusão Espírita (exceção feita para os livros **Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas** e **O Espiritismo na sua mais Simples Expressão,** para os quais utilizamos a edição da EDICEL), cujas edições respectivas podem ser observadas na referência bibliográfica ao final deste texto.

Em virtude das limitações para apresentação oral e do texto escrito impostas pela Comissão Organizadora do XVIII Congresso Espírita Pan-americano, para o qual esse trabalho foi originalmente elaborado, optou-se em priorizar e dar ênfase ao **"Livro dos Espíritos"**, por se tratar da base filosófica do pensamento espírita, onde estão contidos os princípios da Doutrina Espírita.

Com isso, será possível abordar, em outra publicação a ser produzida em breve pelos autores, uma versão mais abrangente da identificação de temas para atualização na obra de Kardec. Utilizou-se para a realização deste trabalho, portanto, como referência fundamental, conforme aqui destacado, o **Livro dos Espíritos**.

Com o processo de revisão bibliográfica efetuado foi possível identificar seis eixos principais para subsidiar a construção de uma **Agenda Espírita**, capaz de destacar temas a serem abordados num processo de permanente atualização do Espiritismo, que serão descritos e desenvolvidos a seguir.

3. O QUÊ ATUALIZAR?

Este trabalho procura delinear objetivamente um conjunto de questões que podem vir a ser objeto de uma releitura ou atualização permanente do Espiritismo, compreendidas em seis diferentes grupos ou eixos temáticos, através da identificação:

a) De idéias e conceitos para as quais a linguagem utilizada por Kardec e/ou pelos Espíritos (e posteriormente incorporadas ao discurso espírita), encontram-se desatualizadas, incongruentes, ou desprovidas de seus significados originais e da intencionalidade a elas atribuídas no momento da elaboração da Doutrina Espírita;
b) Do conjunto de idéias e conceitos espíritas (conteúdos) que com o tempo desatualizaram-se ou encontram-se em desacordo, parcial ou integralmente, em relação ao conhecimento humano e, em especial, ao científico;

[17] Substituída por Kardec, em 1861, pelo "**Livro dos Médiuns**" e reeditada em 1923 por Jean Meyer.

c) De um conjunto de idéias e conceitos formulados parcialmente ou em caráter condicional por Allan Kardec e pelos espíritos que com ele fundaram o Espiritismo, em virtude:
   - da alegada incapacidade de definir ou descrever determinadas situações devido à inexistência de meios para tanto, por limitação de nossos conhecimentos ou de nossa linguagem (cremos que já é possível compreender muitas coisas que em meados do século XIX seriam impossíveis);
   - da inexistência de permissão para a análise e aprofundamento de determinadas questões, ora porque não era chegada a hora, ora por entenderem que seria de competência dos espíritos encarnados a tarefa de produzir o conhecimento em torno de determinado assunto;
   - a necessidade de acompanhar o desenvolvimento científico para que fosse possível comprovar (ou não) uma determinada hipótese formulada e posteriormente incorporá-la definitivamente ao Espiritismo (expediente utilizado fartamente no último livro publicado por Allan Kardec, em 1868, denominado ***"A Gênese – Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo"***, muito embora até hoje, transcorridos mais de 130 anos, este processo de confirmação crítica das hipóteses ainda não tenha sido realizado).

d) De temas antigos ou novos problemas ainda não abordados pelo Espiritismo ou conjunto de questões relacionadas ao mundo contemporâneo para as quais o Espiritismo não possui posições claramente definidas que possam produzir uma contribuição aos seres humanos e à sociedade. Ou cuja versão, difundida publicamente, restringe-se à opiniões individuais de algumas lideranças ou figuras com alguma projeção pública. E ainda, o que é mais grave, restritas a opinião de um espírito (muitas vezes legitimadas não pelo seu conteúdo, mas sim pelo reconhecimento moral e projeção do médium) sem que sejam submetidas à análise crítica, ao método da concordância universal ou qualquer outro tratamento elementar exigidos ao lidar-se com informações de origem mediúnica (aceita-se as informações, equivocadamente, por sua pretensa origem divina, tal qual uma revelação de origem religiosa);

e) De temas que permitam uma releitura e validação ou não de hipóteses e teorias estabelecidas através de literatura mediúnica (a excelente produção teórica a partir das reportagens do espírito André Luiz, por exemplo) ou a contribuição de estudiosos espíritas encarnados e que formularam suas contribuições posteriormente à Allan Kardec, como Léon Denis, Gabriel Delanne, Manoel Porteiro, José Herculano Pires, Hernani Guimarães Andrade, entre tantos outros;

f) De um conjunto de práticas espíritas de origem diversas incorporadas pelo Movimento Espírita e que não foram submetidas à análise de coerência, eficácia e validação de seus resultados.

Impõe-se, portanto, dada inclusive a variedade e quantidade de temas a serem objeto de investigação, estudo, formulação, debate e análise crítica e posterior atualização, que se defina de alguma forma o processo pelo qual será desenvolvido todo esse árduo mas necessário trabalho de atualização do Espiritismo, ou seja, a constituição de uma ***Agenda Espírita*** (o quê atualizar?) e de um ***Método de Atualização*** (como fazer a atualização?).

Entende-se que é possível desenvolver os seis eixos aqui apontados simultaneamente. Entretanto, torna-se fundamental que seja priorizada a abordagem de antigos, porém ainda atuais, e novos problemas e questões relacionadas ao homem e ao mundo atual para os quais não se tem ainda uma proposta espírita firmada. Desta forma, é possível ampliar o grau de intervenção e inter-relação do conhecimento espírita com o conjunto de outros olhares produzidos pelas diferentes concepções filosóficas, religiosas, culturais e científicas existentes.

Enquanto o cidadão espírita, numa perspectiva individual, ou o próprio movimento espírita, como um movimento social, não puderem efetivamente contribuir com sua visão filosófica e profundamente ética e moral junto à sociedade, teremos perpetuada uma situação de auto-isolamento.

Nossa visão de Deus, da evolução infinita, da imortalidade da alma, da reencarnação, da mediunidade e de tantos outros conceitos produzem um olhar esperançoso e positivo sobre o presente e o futuro da humanidade. Não podemos esperar que a totalidade (ou mesmo a maioria) dos habitantes do planeta virem espíritas.

A vida é plural, assim como os mundos, as individualidades, as necessidades humanas e espirituais também são plurais. Devemos projetar sim é a nossa capacidade de ampliar a influência espírita, a partir da universalização das idéias e a capilarização entre os seres humanos e as mais diferentes culturas, dos conceitos filosóficos básicos do Espiritismo e de suas conseqüências ético-morais.

Não deve haver temas proibidos. Tudo deve e pode ser discutido. Entretanto, para que se obtenha o êxito esperado, é preciso conduzir com cautela esta agenda para a atualização. Deve-se experimentar, inicialmente, por cerca de cinco a dez anos, um processo de discussão em que se busque o maior consenso possível, em temas centrados:

- na epistemologia espírita, ou seja, sobre a natureza e o caráter do Espiritismo, em particular sobre a forma como se deu (e portanto como se dará) a construção do pensamento espírita;
- na revisão, atualização e modernização da linguagem e seus significados.
- na formulação de conceitos espíritas relacionados aos problemas humanos contemporâneos e que não tenham sido objeto de análise no período da fundação do Espiritismo ou pelos principais continuadores de Allan Kardec (questões relacionadas à bioética e ao desenvolvimento tecnológico, por exemplo);

Desta forma, propõe-se que a discussão em torno dos eixos paradigmáticos do Espiritismo, independentemente de alguns destes terem sido

neste estudo identificados como objetos passíveis de atualização, seja programada para uma segunda etapa, quando além da análise crítica e dos acúmulos do processo desencadeado, poderemos estabelecer mais claramente o que se pretende e como avançar neste sentido.

Este importante assunto, ou seja, o como atualizar, será discutido de forma mais detalhada em outro trabalho apresentado ao XVIII Congresso Espírita Pan-americano, intitulado: ***"Como? Uma proposta metodológica para o processo de atualização permanente do Espiritismo".***

O estabelecimento de uma **Agenda Espírita** é talvez um dos maiores desafios da Confederação Espírita Pan-americana, a CEPA, a partir do XVIII Congresso Espírita Pan-americano. Se isto for empreendido, o êxito do Congresso estará garantido e o esforço da CEPA recompensado.

4. AGENDA ESPÍRITA

4.1 - Atualização da linguagem

> *"As palavras pouco nos importam. Cabe a vós formular linguagem adequada a vos entenderdes. As controvérsias surgem, quase sempre, por não vos entenderdes sobre as palavras, visto que a vossa linguagem é incompleta para exprimir as coisas que não ferem os vossos sentidos."*
> (O Livro dos Espíritos, Livro I , cap. II, questão 28, pág. 53)

A resposta obtida por Kardec quando o fundador do Espiritismo sugeria denominar os dois elementos gerais do universo, a matéria e o espírito, respectivamente por "matéria inerte" e "matéria inteligente" para evitar menos confusão, uma vez que seus interlocutores invisíveis afirmavam que o Espírito era, de fato, alguma coisa (muito embora não conseguissem explicá-la de forma adequada ao nosso entendimento), reflete de modo inconteste o grau de dificuldade relacionados à linguagem e aos conceitos de que trata o Espiritismo.

Lidamos, efetivamente, com um objeto de estudo e análise para o qual nem sempre os conceitos podem ser descritos pela linguagem usual e cujos significados, muitas vezes definidos por alegorias e comparações a referenciais usuais, permitem toda uma sorte de confusões e distorções conceituais.

Kardec teve – e talvez esse seja um aconselhável caminho a continuar a seguir – que criar muitos neologismos, tomando um cuidado especial com a clareza e a objetividade da linguagem, de tal monta que abriu a Introdução de seu **"O Livro dos Espíritos"** da seguinte forma:

“ Para as coisas novas necessitam-se de palavras novas, assim o quer a clareza da linguagem para evitar a confusão inseparável do sentido múltiplo dos mesmos vocábulos.(...) ”

Por outro lado, há que se considerar que determinados textos, conceitos, temas e idéias foram formulados a partir da visão de mundo prevalecente no século XIX. Não há porque considerá-las com o mesmo sentido a elas atribuídas pela linguagem (e o que ela representa) neste final de século XX.

Podemos encontrar situações absolutamente simples e facilmente recontextualizáveis à linguagem atual, como por exemplo:

“ O que seria supérfluo para um não se torna necessário para outros, e reciprocamente, segundo a posição? – Sim, de acordo com as vossas idéias materiais, (...). Sem dúvida, aquele que tinha cinqüenta ***mil libras de renda*** *e se encontra reduzido a dez, se crê bem infeliz porque não pode mais fazer uma figura tão grande, ter aquilo que chama sua posição, ter* ***cavalos, lacaios,*** *satisfazer todas as suas paixões, etc. (...)”* (LE, Livro IV, cap. I, questão 923, pág. 359)

A dolarização (moeda e linguagem universal nos dias de hoje) dos valores financeiros e a transposição dos sinais de status social para carros, jatos, empregados, mordomos e outras regalias típicas do consumismo exibicionista dos tempos modernos seria suficiente. Infelizmente, entretanto, nem todos os textos que se apresentam desatualizados são tão simples e automaticamente transpostos à realidade atual.

O conceito de Fluido, por exemplo, fartamente utilizado por Kardec e pelos Espíritos e fundamental para a visão espírita proposta, perpassando diversos temas, tais como, os elementos gerais do universo, a criação, o princípio vital, o mundo espírita, o perispírito, a mediunidade, etc., não guarda mais nenhuma relação com o conceito de fluido hoje atribuído pela Física e pela ciência, em geral.

O que isto significa? Que a hipótese espírita está errada? Que é inconsistente? Não. Muito pelo contrário. De certa forma, a hipótese espírita é extremamente atual, muito embora ainda necessite de melhor fundamentação, mas não pode ser descartada *a priori* por ser considerada cientificamente ultrapassada. Neste caso, o problema é que Kardec e os Espíritos, ao referirem-se a este tema, falam de algo cujo significado não guarda mais absolutamente nenhuma correlação com o seu significado científico atual. Então por que não atualizar a linguagem espírita?

Vejamos alguns exemplos:

“Esse seria, então, o ***fluído vital*** *que segundo certas opiniões, não seria outro que o* ***fluido elétrico*** *animalizado, designado também*

*sob os nomes de **fluido magnético, fluido nervoso**, etc."* (Livro dos Espíritos, Introdução, item II, pág. 11)

*"(...) Portanto, não há nada de espantoso que o fenômeno do movimento dos objetos pelo **fluido humano** tenha também suas condições de ser e cesse de se produzir quando o observador(...)"*(Livro dos Espíritos, Introdução, item III, pág. 14)

Ora, o fluido humano, conforme as ciências biológicas assim definem, é todo o líquido extra-celular. O sentido pretendido por Kardec e pelos Espíritos, muito diferente do atual, é o que hoje equivale à **energia.** Então por que não utilizá-lo? Ou então, por convenção, por que não adotarmos uma nomenclatura específica (mesmo que seja um neologismo), como fazem todas as doutrinas científicas, porém de forma padronizada, a ser utilizada pelos espíritas, correspondendo a um conceito específico, claramente entendido por todos que desejarem travar contato com o pensamento espírita?

Temos que atribuir o real significado das coisas através da utilização de uma linguagem adequada, sem subterfúgios. Assim, qualquer referência à lei de causa e efeito e ao livre arbítrio, não pode e não deve ser efetuada, por exemplo, utilizando-se a expressão "*Karma*".

Palavras de origem oriental, esotérica ou impregnadas de um sentido religioso (pecado, céu e inferno, purificação, etc.), em geral, acabam denotando sentidos conceituais opostos à visão filosófica do homem e do mundo pela ótica espírita. E, portanto, são indesejadas. Não significam uma atualização, mas sim uma deturpação do pensamento espírita kardecista.

Vejamos alguns exemplos:

*" (...) cada um é **punido** por aquilo que **pecou**(...)."* **(**LE, Livro II, cap.VII, questão 399, pág. 184)

*" (...) As doenças, as enfermidades, a própria morte, que são as conseqüências dos abusos, ao mesmo tempo são **punição** à transgressão da lei de Deus*." **(**LE, Livro III, cap.V, comentário à questão 714, pág. 285)

*" (...)É que o homem não aproveita; é preciso **castigá-lo** em seu orgulho e fazê-lo sentir sua fraqueza.(...)."* **(**LE, Livro III, cap.VI , questão 738, pág. 291)

*" (...) Todos vos suportais, a cada instante, essa **pena, porque sois punidos pelo que pecastes**, nesta vida ou em outra(..)."* **(**LE, Livro III, cap.VI, questão 764, pág. 298)

*" (...) – Pobres seres que **Deus castigará**. Eles serão transportados pelas torrentes que querem deter.."* **(**LE, Livro III, cap.VIII , questão 781, pág.304)

*" O homem é responsável pelo seu pensamento? – Ele é responsável diante de Deus. Só Deus, podendo conhecê-lo, o **condena** ou o absolve segundo a sua justiça*." **(**LE, Livro III, cap.X, questão 834, pág.323)

" (...) Essa deformação, freqüentemente, é uma ***punição*** *para o Espírito que, em uma existência anterior, pode ter sido vão e orgulhoso e ter feito mau uso de suas faculdades*." **(**LE, Livro III, cap.X, questão 326, pág.326)

" As provas que restam a suportar para rematar sua ***purificação*** *não são para a alma uma apreensão penosa, que perturba a sua felicidade?"* **(**LE, Livro IV, cap. II, questão 979, pág. 381)

" Qual a conseqüência do arrependimento no estado espiritual? – O desejo de uma nova encarnação, para se ***purificar****.(...)"* **(**LE, Livro IV, cap. II, questão 991, pág. 384).

Afinal, o espírito é criado simples e ignorante ou impuro? É esta a visão de justiça divina que se apreende no primeiro capítulo do Livro dos Espíritos? Há problemas de linguagem, identificáveis na obra espírita como um todo, que merecem ser revistos e atualizados. Fundamentalmente porque influenciam não apenas a linguagem mas o pensamento de muitos autores e os espíritas, de maneira geral, ainda excessivamente presos aos arquétipos de pecado original, da existência como um castigo, etc., fruto da tradição religiosa ocidental, mas que também impregnam o pensamento das principais correntes religiosas e filosóficas orientais, em relação as quais o Espiritismo representa um grande avanço.

Para o Espiritismo, a Terra é um " mundo de provas e expiações " e não de **penas e castigos.** Como se vê, a visão evolucionista e da justiça de Deus que se apreende destes conceitos são absolutamente distintas.

Os exemplos aqui destacados demonstram a necessidade imperiosa de adequar e atualizar a linguagem espírita, tornando-a coerente com a linguagem estabelecida para o conhecimento contemporâneo. Redefinir e ressignificar conceitos e idéias espíritas, mesmo que para tanto precisemos enriquecer o nosso vocabulário, torna-se um imperativo, não apenas para o processo de atualização em si, mas para que o Espiritismo possa ser lido, estudado, debatido, pesquisado e tomado como referência pela sociedade contemporânea. Não podemos deixar que se transforme numa idéia velha, dúbia, carcomida pelo tempo.

4.2 - Idéias e conceitos espíritas desatualizadas ou em desacordo com o conhecimento científico:

"Se entre os adeptos do Espiritismo há os que diferem de opinião sobre quaisquer pontos da teoria, todos concordam sobre os pontos fundamentais.(...)".
(*LE, Conclusão, item IX, pág. 413)*

A atualidade da Doutrina Espírita é incontestável. Esta magnífica constatação, entretanto, não impede que alguns temas tratados por Allan Kardec e pelos Espíritos que com ele edificaram a filosofia espírita, decorridos 143 anos

do surgimento do Espiritismo e, em particular, em função do desenvolvimento científico e tecnológico, da formação e desenvolvimento de várias disciplinas e novas áreas específicas do conhecimento humano, encontram-se desatualizados ou em desacordo com o conhecimento humano, e em especial o saber científico.

Kardec, em "*Caracteres da Revelação Espírita*", texto que compõe a Introdução de seu livro **"A Gênese – Os Milagres e as Predições Segundo O Espiritismo",** já percebia a rapidez com que avançava o conhecimento científico em meados do século XIX, concebendo o Espiritismo como uma doutrina dinâmica, progressista, apta a acompanhar, incorporar e modificar-se em função do desenvolvimento da Ciência.

A seguir, procuramos destacar algumas idéias e conceitos que se encontram nestas condições aqui referidas, compondo um importante e decisivo capítulo no processo de atualização do Espiritismo:

- **Fluido Vital:**

  "Esse seria, então, ***o fluído vital*** *que segundo certas opiniões, não seria outro que o* ***fluido elétrico*** *animalizado, designado também sob os nomes de* ***fluido magnético, fluido nervoso****, etc."* (LE, Introdução, item II, pág. 11)

  "(...) Portanto, não há nada de espantoso que o fenômeno do movimento dos objetos pelo ***fluido humano*** *tenha também suas condições de ser e cesse de se produzir quando o observador(...)"(*LE, Introdução, item III, pág. 14)

  "Haveriam assim, dois elementos gerais do Universo: a matéria e o espírito? – Sim, e acima de tudo Deus, o criador, o pai de todas as coisas; (...) Ma, ao elemento material é preciso juntar o ***fluido universal****, que desempenha papel intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, (...). Ele está colocado entre o espírito e a matéria;* ***é fluido, como a matéria é matéria****(...)"* **(**LE, Livro I , cap. II, questão 27, pág. 52)

  "Esse ***fluido universal****, ou primitivo, ou elementar, sendo agente que o espírito utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e* ***jamais adquiriria as propriedades que a gravidade lhe dá****."* **(**LE, Livro I , cap. II, questão 27, pág. 52)

  "(...) Dissemos que ele é suscetível de inúmeras combinações e o que chamais fluido universal, que não é propriamente falando, senão uma matéria mais perfeita, mais sutil, e que ***pode ser considerada como independente."*** **(**LE, Livro I , cap. II, questão 27, pág. 53)

  "O Universo compreende a infinidade dos mundos que vemos e aqueles que não vemos, todos os seres animados e inanimados, todos os astros que se movem no espaço, assim como ***os fluidos***

que o enchem.” **(**LE, Livro I , comentário introdutório ao cap. III, pág. 56)

“O princípio vital reside em alguns dos corpos que conhecemos? – Ele tem sua fonte no ***fluido universal;*** *é o que chamais de fluido magnético ou elétrico animalizado. É o intermediário, o elo entre o espírito e a matéria”*(LE, Livro I , cap. IV, questão 64, pág. 65)

Não se trata apenas, conforme discutido anteriormente, de atualizar a linguagem. É preciso reconceitualizar o Vitalismo dinamista que caracteriza a visão espírita. Se o Universo é constituído de dois, e tão somente dois elementos, o espírito e a matéria, o que é denominado fluido, nada mais pode ser do que diferentes estágios de modificação da própria matéria, a energia. Urge aprofundar o conhecimento sobre o tema, levando em consideração todo o acúmulo científico disponível, afinal, a Física deste final de século XX trabalha com referenciais absolutamente distintos dos que eram utilizados no tempo de Kardec.

- **Epistemologia Espírita:**

“A Ciência, propriamente dita, como ciência, portanto, é incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo: não tem que se ocupar com isso e seu julgamento, qualquer que seja, favorável ou não, não poderia ter nenhuma importância.” **(**LE, Introdução, item VII, pág. 22)

“Vede, pois que o Espiritismo não é da alçada da Ciência.” **(**LE, Introdução, item III, pág. 23)

Obviamente que estes conceitos relativos ao papel da ciência, e sua relação com o Espiritismo, são incompatíveis com o caráter dado à Doutrina Espírita por Kardec. Tratam-se, pois, de trechos descontextualizados e equivocados.

- **Loucura e saúde mental:**

Aqui temos um conjunto de temas, conceitos e idéias que acabaram consubstanciando uma nova disciplina científica, a Psicanálise, formulada posteriormente ao desencarne de Kardec por inúmeros pensadores, entre os quais destaca-se Freud, resultando em práticas sociais específicas e cada vez mais sofisticadas, como a Psiquiatria e a Psicologia, por exemplo.

O conceito de loucura utilizado por Kardec e pelos Espíritos está em profundo desacordo com o conhecimento científico. Kardec, restrito aos conceitos vigentes, possui da loucura uma visão organicista, restrita a idéia de que os estados patológicos são todos determinados pela lesão dos órgãos do sistema nervoso, ou seja, restringindo a abordagem a sua dimensão física, orgânica. Desta forma, estados psicóticos, por exemplo, são discutidos em situação de (falsa) correlação às deficiências mentais, oligofrenias, etc. Kardec

parte do pressuposto, em grande parte corroborado pelos Espíritos, de que o que adoece é o corpo físico, e não o espírito que anima e dá vida aquele corpo (coerente com o pensamento científico e com a prática médica de então). Vejamos:

> *"Sabe-se o número de loucos e de maníacos produzidos pelos estudos matemáticos, médicos, musicais, filosóficos e outros? (...) Pelos trabalhos corporais estropiam-se os braços e as pernas, que são os instrumentos da ação material; pelos trabalhos da inteligência estropiam-se o cérebro, que é o instrumento do pensamento. Mas se o instrumento está quebrado, o Espírito não o está por isso: ele está intacto e, quando desligado da matéria, não goza menos da plenitude de suas faculdades.* **(**LE, Introdução, item XV, pág. 35)
>
> "A loucura tem por causa primeira uma predisposição orgânica do cérebro que o torna mais ou menos acessível a certa impressões.(...)" **(**L E, Introdução, item XV, pág. 35)
>
> "Entre as causas mais numerosas de **superexcitação cerebral**, é preciso contar as decepções, os desgostos, as afeições contrariadas, que são, ao mesmo tempo, a causa mais freqüente de suicídio." **(**LE, Introdução, item XV, pág. 35)
>
> *" (...) e por esse belo resultado (o medo como uma das causas da loucura) não se conta o número das epilepsias causadas pelo abalo de um cérebro delicado."* **(**LE, Introdução, item XV, pág. 36)
>
> *"Tem fundamento a opinião segundo a qual os* ***cretinos e os idiotas*** *têm uma alma de natureza inferior?"* **(**LE, Livro II , cap. VII, questão 371, pág. 174)

Além disso, é preciso que se destaque os problemas de linguagem, conforme já discutido no item anterior. Não se utiliza mais as expressões *cretinos* e *idiotas* para se referir aos portadores de sofrimentos psíquicos (há mais de um século).

Kardec atribui os problemas mentais à um defeito físico. Confunde, por falta de elementos e traduzindo a visão científica de seu tempo, a doença neurológica e a deficiência mental com a loucura e os variados graus de sofrimento psíquico. Vejamos:

> *"É necessário distinguir o estado normal do estado patológico. No estado normal, o moral suplanta o obstáculo que lhe opõe a matéria; mas existem casos em que a matéria oferece uma resistência tal qual as manifestações são obstadas ou desnaturadas, como na idiotia e na loucura(...)"***(**LE, Livro II , cap. VII, comentário à questão 372, pág. 175)
>
> *" Qual é a situação do Espírito na loucura? - (...) Imagina agora que o órgão que preside aos efeitos da inteligência e da vontade seja parcial ou inteiramente atacado ou modificado, e te será fácil*

compreender que o Espírito, não tendo mais a seu serviço senão órgãos incompletos ou desnaturados, deve lhe resultar uma perturbação, da qual, por si mesmo e no seu foro íntimo, tem perfeita consciência, mas não é senhor para deter o curso"

"É então sempre o corpo e não o Espírito que está desorganizado? - Sim (...) Pode acontecer que, com o tempo, quando a loucura durou bastante, a repetição dos mesmos atos acaba por ter, sobre o Espírito, uma influência da qual não se livra senão depois de sua completa separação de todas as impressões materiais. **(**LE, Livro II , cap. VII, questão 375, pág. 176)

"O Espírito do alienado se ressente, depois da morte, do desarranjo de suas faculdades? – Ele pode sentir algum tempo depois da morte, até que esteja completamente desligado da matéria (...)" **(**LE, livro II , cap. VII, questão 377, pág. 177)

"(...) É por isso que, quanto mais durar a loucura durante a vida, muito mais tempo dura a opressão, o constrangimento depois da morte (...)" **(**LE, livro II , cap. VII, questão 378, pág. 177)

Poucos campos do conhecimento humano possuem uma contribuição tão farta e valiosa quanto a que o Espiritismo pode fornecer para ampliar a compreensão dos sofrimentos psíquicos, seus determinantes e conseqüências. A dimensão espiritual do homem, a existência de uma personalidade pré existente e a preservação de sua individualidade após a morte, permitem uma verdadeira revolução conceitual e uma nova abordagem prática sobre o tema.

Mas é preciso destacar, ainda, que não há correspondência entre o pensamento científico moderno e a visão estabelecida no Livro dos Espíritos sobre, entre outros temas, o suicídio e a loucura. Hoje, se tem claro, que ao contrário, o suicídio é uma das manifestações do sofrimento psíquico.

" Por que motivo a loucura leva, algumas vezes, ao suicídio? – O Espírito sofre com o constrangimento que experimenta e com a impossibilidade, em que se encontra, de se manifestar livremente, por isso busca na morte um meio de romper os seus laços." **(**LE, Livro II , cap. VII, questão 376, pág. 176)

" (...) O suicídio não é sempre voluntário? – O louco que se mata não sabe o que faz.(...)" **(**LE, Livro IV, cap. I, questão 944, pág. 368)

- **Sono e os sonhos:**

O desenvolvimento científico faz com que, novamente, os trechos aqui destacados encontrem-se desatualizados em relação aos conhecimentos obtidos através da neurologia, da hipnologia e da eletroneurofisiologia, que estudam a dinâmica e as disfunções relacionadas ao sono e, ainda, de alçada da Psicologia e

suas diferentes escolas e correntes, contribuições para a compreensão do papel e dos significados dos sonhos para a personalidade (e suas disfunções) humana.

> *" (...)os sonhos em uma criança, não têm o caráter dos de um adulto; seu objeto é quase sempre pueril, o que é indício da natureza das preocupações do Espírito.*" (LE, livro II , cap. VII, comentário à questão 380, pág. 177)
>
> *" Durante o sono, a alma repousa como o corpo? - Não, o Espírito jamais está inativo (...)"* (LE, livro II , cap. VIII, questão 401, pág. 186)
>
> *" Como podemos apreciar a liberdade do Espírito durante o sono? - Pelos sonhos (...) O sonho liberta, em parte a alma do corpo (...) O sonho é a lembrança do que vosso Espírito viu durante o sono (...) Os sonhos são o produto da emancipação da alma, (...)"* (LE, livro II , cap. VIII, questão 402, pág. 186 à 188)

- **Astronomia / Formação do planeta:**

Aqui temos um dos pontos de maior fragilidade teórica entre os contidos nas obras espíritas. Todo o capítulo intitulado Uranografia Geral, incluído em **A Gênese**, assim como as referências existentes em **O Livro dos Espíritos** relativas ao tema, requerem um processo de revisão e atualização, pois a quantidade de conceitos e informações ultrapassadas ou equivocadas é de tal monta que constitui, nos dias de hoje, obviamente, uma agressão à inteligência do leitor e dos estudiosos espíritas, exigindo que não mais divulguemos idéias que não são mais condizentes com a realidade.

Em **O Livro dos Espíritos**, ao referir-se à uma das hipóteses para explicar o fenômeno das mesas gigantes, Kardec afirma equivocadamente:

> *"O movimento circular não tinha nada de extraordinário. Está na Natureza;* ***todos os astros se movem circularmente.*** (Livro dos Espíritos, Introdução, item III, pág. 13)

Ou ainda, coerente como pensamento científico vigente em sua época, vejamos o conjunto de afirmações a seguir, desatualizadas em relação ao conhecimento científico atual:

> ***"****Os cometas seriam, como se pensa atualmente, um começo de condensação da matéria e dos mundos em via de formação? –* ***Isto é exato****; mas o que é absurdo é crer-se em sua influência(...)todos os corpos celestes têm sua parte de influência em certos fenômenos físicos*. (LE, Livro I , cap. III, questão 40, pág. 56)
>
> *"Podemos conhecer a duração da formação dos mundos: da Terra; por exemplo? – Nada te posso dizer a respeito, porque só o Criador o sabe, e bem louco seria quem pretendesse saber ou conhecer o número de séculos dessa formação."* (LE, Livro I , cap. III, questão 42, pág. 57)

"*Todos os globos que circulam no espaço são habitados? – Sim, (...)"* **(**LE, Livro I , cap. III, questão 55, pág. 60)

*"Os mundos mais afastados do Sol estão privados de luz e de calor, uma vez que o Sol se mostra a eles apenas com a aparência de uma estrela? – Credes, pois, que não existem outras fontes de luz e de calor além do Sol, e não considerais em nada a eletricidade, que, em certos mundos, tem um papel que desconheceis (...)"***(**LE, Livro I , cap. III, questão 58, pág. 60)

"Esses mundos podem, pois, conter em si mesmos as fontes de calor e de luz necessárias aos seus habitantes." **(**LE, Livro I , cap. III, comentário de Kardec, pág. 61)

"Segundo os Espíritos (...) a Terra é um daqueles globos onde os Espíritos são os menos avançados, física e moralmente. Marte seria ainda inferior e Júpiter, o mais superior em relação a todos. O Sol não seria um mundo habitado por seres corporais, mas um local de reunião dos Espíritos superiores que, de lá, irradiam seus pensamentos para outros mundos(...). Como constituição física, o Sol seria um foco de eletricidade. (...) parece que Vênus é mais adiantado que a Terra, e Saturno menos adiantado que Júpiter." **(**LE, Livro II , cap. IV, nota de Kardec à questão 188, pág. 110)

Não é exata a definição atribuída aos cometas, assim como nem todos os globos que circulam no espaço são habitados. Aliás, a existência de vida em outros planetas, mesmo em nosso Sistema Solar, um dos paradigmas espíritas, saliente-se, é ainda uma hipótese científica, provável, porém não comprovada. Não considera, ainda a existência de outros sóis no universo. Por outro lado, fontes de energia artificial já estão disponíveis, em relativa abundância, em nosso planeta, tais como a nuclear, a hidroelétrica e a termoelétrica, por exemplo. Mas pelas evidências científicas, é impossível florescer vida inteligente sem a energia produzida por estrelas semelhantes às denominadas, em nossa sistema solar, como "Sol".

- **Matéria :**

"Define-se a matéria como sendo o que tem extensão, impressiona os nossos sentidos e é impenetrável. São exatas estas definições? – Do vosso ponto de vista essas definições são exatas, porque não falais senão do que conheceis. (...)" (LE, Livro I , cap. II, questão 22, pág. 51)

"De onde provêm as diferentes propriedades da matéria? – São modificações que as moléculas elementares sofrem pela sua união, e em certas circunstâncias." (LE, Livro I , cap. II, questão 31, pág. 54)

Questionados se a matéria elementar é suscetível de receber todas as modificações e adquirir todas as propriedades, os espíritos afirmam que sim. E

mais, que a matéria possui duas propriedades essenciais: a força e o movimento. Todas as demais seriam efeitos secundários da variação dessas duas propriedades. Mais desatualizado, entretanto, é o conceito utilizado para moléculas, distante da concepção da física quântica.

"As moléculas têm uma forma determinada? – Sem dúvida, as moléculas têm uma forma determinada, mas **que não é para vós apreciável.**" **(**Livro dos Espíritos, Livro I , cap. II, questão 33, pág. 54)

"Essa forma é constante ou variável? – Constante para as moléculas primitivas, mas variáveis para as moléculas secundárias que não são mais que aglomerações das primeiras; porque o que chamais molécula está ainda distante da molécula elementar . **(**Livro dos Espíritos, Livro I , cap. II, questão 34, pág. 55)

- **Aptidões Físicas:**

  "O Espírito, se encarnando traz certas predisposições, admitindo-se, para cada uma, um órgão correspondente no cérebro, o desenvolvimento desses órgãos será um efeito e não uma causa." (LE, Livro II , cap. VII, comentário à questão 370, pág. 174)

Conceito ultrapassado, distante das idéias hoje em voga de rede neural, especificação neuro-motora e múltiplas formas de aptidão relacionadas à distintos tipos de inteligência.

- **Criação / Geração espontânea:**

  *"De onde vieram os seres que vivem sobre a Terra? – (...) A Terra continha os germes que aguardavam momento favorável para se desenvolverem. Os princípios orgânicos se congregaram desde que cessou a força que os mantinha afastados, e eles formaram os germes de todos os seres vivos. Os germes estiveram em estado latente e inerte(...) até o momento propício para a eclosão de cada espécie; (...)"***(**LE, Livro I , cap. III, questão 44, pág. 57)

  "Existe, ainda, seres que nasçam espontaneamente? – Sim, mas o germe primitivo existia já em estado latente. (...) Os tecidos dos homens e animais não encerram os germes de uma multidão de vermes que aguardam, para eclodir, a fermentação pútrida necessária à sua existência? É um pequeno mundo que dormita e que se cria" (LE, Livro I , cap. III, questão 46, pág. 58)

Há evidentemente uma defesa da tese da geração espontânea e uma fundamentação com base na Teoria Miasmática, crença compartilhada por grande parte do saber médico-científico do século XIX, para a qual as febres epidêmicas tinham origem na matéria vegetal e animal em putrefação e nas emanações das águas estagnadas. Parte dos cientistas contemporâneos de Kardec, aderiram à teoria do contágio, muito embora, é importante ressaltar, o

significado do mundo dos seres microscópios só tenha sido desvendado a partir das descobertas de Pasteur e Koch, em 1870, até então prevalecendo a teoria da geração espontânea.[18]

> *"Se o germe da espécime humana se encontrava entre os elementos orgânicos do globo, por que não se formam mais, espontaneamente, os homens como na sua origem? – (...) pode-se dizer que os homens uma vez espalhados sobre a Terra, absorveram neles os elementos necessários à sua formação para transmitir segundo as leis de reprodução. O mesmo se deu com as diferentes espécies de seres vivos" (*LE, Livro I , cap. III, questão 49, pág. 58)

Aqui os espíritos retomam, subjetivamente, a questão, recolocando a Teoria da Evolução da Espécies. (mas será que referem-se as leis relativas à hereditariedade quando mencionam leis de reprodução?). Mas a questão é confusa.

> *"Podemos conhecer a época do aparecimento do homem e dos outros seres vivos sobre a Terra? – Não; todos os vossos cálculos são quiméricos."* **(**LE, Livro I , cap. III, questão 48, pág. 56)
> *"Podemos saber em que época viveu Adão? – Mais ou menos na que assinalais: aproximadamente 4000 anos antes de Cristo."* (LE, Livro I , cap. III, questão 51, pág. 59)

Eram quiméricos. Hoje já estão disponíveis métodos científicos, em processo crescente de aperfeiçoamento, com diversas tecnologias distintas, cada vez mais precisas, capazes de analisar e registrar com precisão cada etapa e elos de nossa história.

- **Diversidade das Raças:**

> *"De onde vêm as diferenças físicas e morais que distinguem as variedades de raças humanas sobre a Terra? – Do clima, da vida e dos costumes. (...)"* **(**LE, Livro I , cap. III, questão 52, pág. 59)
> *"O progresso reunirá um dia todos os povos da terra em uma só nação? – Não em uma só nação, isso é impossível, porque da diversidade dos climas nascem os costumes e as necessidades diferentes que constituem as nacionalidades. (...)"* **(**LE, Livro III , cap. VIII, questão 789, pág. 307)
> *"A desigualdade natural das aptidões não coloca certas raças humanas sob a dependência de raças mais inteligentes? – Sim,*

[18] Reis, A.AC, "Magnetismo, Vitalismo e o Pensamento de Kardec". CPDoc, Santos, 1996, pág. 21.

para as erguer e não para as embrutecer ainda mais pela servidão. (...)" (LE, Livro III, cap. X, questão 831, pág. 322)

Esta visão antropológica eurocêntrica, vigente no século XIX, em que as variações e condições climáticas determinavam o atraso verificado em determinadas raças, povos e nações, está hoje absolutamente ultrapassada.

- **Magnetismo, catalepsia, morte aparente, sonambulismo:**

  "O sonambulismo chamado magnético tem relação com o sonambulismo natural? – É a mesma coisa, exceto que ele é provocado." (LE, Livro II , cap. VIII, questão 426, pág.195)

  "Qual a natureza do agente chamado fluido magnético? – Fluido vital, eletricidade animal, que são modificações do fluido universal." (LE, Livro II , cap. VIII, questão 427, pág.195)

Em relação a esse conjunto temático, é necessário, além da revisão conceitual, empreender ainda atualização geral da linguagem. Esse capítulo mereceria um novo nome, talvez intitulado "fenômenos anímicos". É preciso ainda incorporar os conhecimentos advindos dos estudos empreendidos pelos principais seguidores de Kardec, pela Metapsíquica e a Parapsicologia.

- **Convulsionários:**

Da mesma forma, este tema, contido entre as seções do Capítulo IX, Livro II do L.E., prescinde de revisão conceitual e de atualização geral da linguagem. A própria seção mereceria um novo nome**.**

- **Homens e mulheres:**

  " (...) O homem é para os trabalhos rudes, por ser o mais forte; a mulher para os trabalhos suaves, e ambos para se entreajudarem nas provas de uma vida plena de amargura. **(**LE, livro III , cap. IX, questão 819, pág. 318)

  " (...) É preciso que cada um esteja colocado no seu lugar. Que o homem se ocupe do exterior e a mulher do interior, cada um segundo sua aptidão.(...) **(**LE, livro III , cap. IX, questão 822, pág. 319)

- **Motivação das ações do Homem:**

  " (...) Pelo conhecimento das leis que regem essa natureza moral, chegar-se-á a modificá-la, como se modifica a inteligência pela instrução, e o ***temperamento pela higiene*****."** (LE, livro III , cap. X, questão 872, pág. 334)

- **Eutanásia:**

“ Quando uma pessoa vê diante de si uma morte inevitável e terrível, é ela culpada por abreviar de alguns instantes seus sofrimentos por uma morte voluntária? – Sempre se é culpado por não esperar o termo fixado por Deus. Aliás, se está bem certo que esse termo chegou, malgrado as aparências, e que não se pode receber um socorro inesperado no último momento? (...) É sempre uma falta de resignação e de submissão à vontade do Criador. (...)” (LE, Livro IV, cap. I, questão 953, pág. 371)

4.3 - Idéias e conceitos formulados em caráter condicional ou parcialmente

“Os Espíritos que disseram que o homem é um ser à parte na ordem da criação, enganaram-se? – Não, mas a questão não foi desenvolvida e, aliás, ***há coisas que não podem chegar senão em seu tempo.*** *O homem é, com efeito, um ser à parte, porque ele tem faculdades que o distinguem de todos os outros e tem um outro destino.* (...)”(LE, Livro II , cap. XI, questão 610, pág. 253)

- **Deus:**

  “Um dia será dado ao homem compreender o mistério da Divindade? – Quando seu espírito não estiver mas obscurecido pela matéria e, pela sua perfeição, estiver próximo dele, então, ele o verá e o compreenderá.” (LE, Livro I , cap. I, questão 11, pág. 47)

  “Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, não temos uma idéia completa dos seus atributos? – Do vosso ponto de vista, sim, porque credes tudo abraçar. Mas sabeis que há coisas acima da inteligência do homem mais inteligente, e ***para as quais vossa linguagem limitada às vossas idéias e às vossas sensações, não tem expressão adequada****.(...)”* (LE, Livro I , cap. I, questão 13, pág. 48)

  “Deus existe, não o podeis duvidar, é o essencial. Crede-me, ***não vades além****. (...)”(*LE, Livro I , cap. I, pág. 48)

Dentre os princípios paradigmáticos do Espiritismo, avançar na formulação de uma concepção existencial sobre este tema é, sem sombra de dúvidas, ainda um enorme desafio a ser empreendido pelos estudiosos do Espiritismo, mesmo reconhecendo a nossa enorme limitação de ordem intelectual e moral.

- **Elementos Gerais do Universo:**

*"É dado ao homem conhecer o princípio das coisas? – Não**. Deus não permite que tudo seja revelado ao homem, neste mundo**."* (LE, Livro I , cap. II, questão 17, pág. 50)

*"O vazio absoluto existe em alguma parte do espaço universal? – Não, nada é vazio; o que te parece vazio está ocupado **por uma matéria que escapa aos teus sentidos e instrumentos**."* (LE, Livro I , cap. II, questão 36, pág. 55)

Kardec estabelece uma hipótese assimilada pelos espíritas como definitiva: a de que existem dois elementos que constituem o Universo, o espírito e a matéria. Mas a leitura atenta de sua obra permite vislumbrar que mesmo tal hipótese foi formulada de forma condicional pelo fundador do Espiritismo, senão vejamos:

*"Um fato patente domina todas as hipóteses: vemos matéria que não é inteligente e vemos um princípio inteligente independente da matéria. A o**rigem e a conexão dessas duas coisas nos são desconhecidas. Que elas tenham, ou não, uma fonte comum, com pontos de contato necessários; que a inteligência tenha sua existência própria ou que ela seja uma propriedade, um efeito; que seja mesmo, segundo a opinião de alguns, uma emanação da Divindade, é o que ignoramos. Elas nos parecem distintas, e por isso admitimo-las como formando os dois princípios constituintes do Universo.** (...)"*(Livro dos Espíritos, Livro I , cap. II, comentário de Kardec ao item Espírito e Matéria, pág. 53)

- **Matéria:**

*"A matéria existe desde o princípio, como Deus, ou foi criada por ele em determinado momento? – **Só Deus o sabe**. (...)"* (LE, Livro I , cap. II, questão 21, pág. 51)

*"Define-se a matéria como sendo o que tem extensão, impressiona os nossos sentidos e é impenetrável. São exatas estas definições? – Do vosso ponto de vista essas definições são exatas, porque não falais senão do que conheceis. Mas **a matéria existe em estados que vos são desconhecidos.** Pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil que nenhuma impressão vos cause aos sentidos; entretanto, é sempre matéria, embora para vós não o seja*." (Livro dos Espíritos, Livro I, cap. II, questão 22, pág. 51)

Sobre o fluido universal: *"(...) Ele está colocado entre o espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria, suscetível, pelas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do espírito, de produzir uma infinita variedade de coisas **das quais não conheceis senão uma pequena parte.**(...)"* (LE, Livro I , cap. II, questão 27, pág. 52)

- **Espírito:**

"(...) – Qual é a natureza íntima do espírito? – O espírito, ***com a linguagem humana, não é fácil de ser analisado****. Porque o espírito não é uma coisa palpável, para vós ele não é nada;* ***mas para nós é alguma coisa****. (...)"* (LE, Livro I , cap. II, questão 23, pág. 51)

"O espírito é sinônimo de inteligência? – A inteligência é um atributo essencial do espírito. Todavia, como ambos se confundem num princípio comum, ***para vós são a mesma coisa****. (...)"* (LE, Livro I , cap. II, questão 24, pág. 51)

"Os espíritos têm uma forma determinada, limitada e constante? – ***Para vós, não; para nós, sim.*** *O Espírito é, se quiserdes, uma chama, um clarão ou uma centelha etérea*." (LE, Livro II , cap. I, questão 88, pág. 73)

" A alma tem uma sede determinada e circunscrita no corpo? – Não; mas ela está mais particularmente na cabeça dos grandes gênios, em todos aqueles que pensam muito, e no coração, naqueles que sentem muito e dirigem suas ações a toda a Humanidade. (...) pode-se dizer que a sede da alma está mais particularmente nos órgãos que servem às manifestações intelectuais e morais." (LE, Livro II , cap. II, questão 146, pág. 93*)*

"(...) Temos uma alma, mas o que é a nossa alma? Ela tem uma forma, uma aparência qualquer? É um ser limitado ou indefinido? (...)" (LE, Livro II , comentário de Kardec, cap. II, pág. 95)

O que é o espírito, então? Até quando continuaremos não reunindo capacidade para compreendê-lo de forma mais concreta? Para nós, o espírito é sinônimo de inteligência. E para os Espíritos? Não é possível saber? E qual a sua forma?

- **Origem e natureza dos espíritos:**

"Deus existe de toda a eternidade e isto é incontestável.; mas saber quando e como nos criou, ***não o sabemos.*** *(...) mas quando e como ele criou cada um de nós, digo-te, ainda, ninguém o sabe;* ***aí é que está o mistério****."* (LE, Livro II , cap. I, questão 78, pág. 71)

"(...) os Espíritos são individualizações do princípio inteligente como os corpos são individualizações do princípio material. ***A época e o modo dessa formação é que são desconhecidos.****"* (LE, Livro II , cap. I, questão 79, pág. 71)

"Deus os cria (os espíritos), como a todas as outras criaturas, pela sua vontade; mas, ainda uma vez, ***a origem deles é um mistério***"(LE, Livro II , cap. I, questão 81, pág. 71)

"É exato dizer-se que os espíritos são imateriais? – Como se pode definir uma coisa, ***quando faltam termos de comparação e com uma linguagem insuficiente****?(...) Imaterial não é o termo;*

incorpóreo seria mais exato(...)"(LE, Livro II , cap. I, questão 82, pág. 71)

"(...) Os espíritos têm fim? (...) – ***Existem coisas que não compreendeis porque a vossa inteligência é limitada*** *e isso não é razão para que as rejeiteis.(...) Dissemos que a existência do Espírito não tem fim;* ***é tudo o que podemos dizer, por enquanto****."* (LE, Livro II , cap. I, questão 83, pág. 72)

- **Inteligência:**

  "Qual a fonte da inteligência? – Já o dissemos: a inteligência universal. (...) a inteligência é uma faculdade própria de cada ser, e constitui sua individualidade moral. De resto, como sabeis, ***há coisas que não é dado ao homem penetrar e esta é desse número, no momento***" (LE, Livro I , cap. IV, questão 72, pág. 69)

- **Simpatia e afinidade entre os Espíritos:**

  " (...) – Há entre os seres pensantes laços que não conheceis ainda. O magnetismo é o guia desta ciência ***que compreendereis melhor mais tarde****."* (LE, Livro II , cap. VII, questão 388, pág. 180)

- **Livre-arbítrio e Determinismo, Influência dos Espíritos sobre os acontecimentos da vida:**

  " Os Espíritos influem sobre os nossos pensamentos e as nossas ações? – A esse respeito sua influência é maior do que credes porque, ***freqüentemente, são eles que vos dirigem****."* (LE, Livro II, cap. IX, questão 459, pág. 208)

  " Os Espíritos que dirigem os acontecimentos da vida podem ser contrariados pelos Espíritos que queiram o contrário? – O que Deus quer, deve ser; se há atraso ou obstáculo, é por sua vontade" (LE, Livro II, cap. IX, questão 529, pág. 227)

  " (...) poderia então haver Espíritos habitando o interior da Terra e presidindo seus fenômenos geológicos? – Esses Espíritos não habitam positivamente a Terra, mas presidem e dirigem segundo suas atribuições. ***Um dia, tereis a explicação de todos esses fenômenos e os compreendereis melhor****."* (LE, Livro II, cap. IX, questão 537, pág. 230)

  " Na produção de certos fenômenos, as tempestades por exemplo, é um (...) Espírito que age ou se reúne em massa? – Em massas inumeráveis." (LE, Livro II, cap. IX, questão 539, pág. 231)

- **Missão dos Espíritos:**

  " Em que consistem as missões de que podem estar encarregados os Espíritos errantes? – ***Elas são tão variadas que seria***

***impossível descrevê-las, além de que não podeis compreender**. Os Espíritos executam a vontade de Deus e não podeis penetrar todos os seus desígnios."* (LE, Livro II, cap. X, questão 569, pág. 240)

- **Vitalismo:**
  "Qual é a causa da animalização da matéria? – Sua união com o princípio vital." (LE, Livro I , cap. IV, questão 62, pág. 65)
  "O princípio vital reside num agente particular ou não é mais que uma propriedade da matéria organizada; numa palavra é efeito ou causa? – É uma e outra coisa (...)" (LE, Livro I , cap. IV, questão 64, pág. 65)

- **Criação:**
  *"Podemos conhecer o modo da formação dos mundos? – **Tudo o que se pode dizer, e podeis compreender**, é que os mundos se formam pela condensação da matéria disseminada no espaço."* (LE, Livro I , cap. III, questão 39, pág. 56)

- **Astronomia / Formação do planeta:**
  *"Podemos conhecer com exatidão o estado físico e moral dos diferentes mundos? – Nós, os Espíritos, **só podemos responder de acordo com o grau de adiantamento em que vos achais**; quer dizer que não devemos revelar estas coisas a todos, porque nem todos estão em condições de compreendê-las, e isso os perturbaria."* (LE, Livro II , cap. IV, questão 182, pág. 108)

- **Perispírito:**
  *"O princípio vital reside em alguns dos corpos que conhecemos? – Ele tem sua fonte no fluido universal; é o que chamais de fluido magnético ou elétrico animalizado. **É o intermediário, o elo entre o espírito e a matéria"*** (LE, Livro I , cap. IV, questão 64, pág. 65)

O perispírito é tratado, em determinados trechos da obra de Kardec, como sinônimo de princípio vital. Sendo assim, os demais seres orgânicos também possuem perispírito?

*"O Espírito está revestido de uma substância vaporosa para teus olhos, mais **ainda bem grosseira para nós;** (...)"* (LE, Livro II , cap. I, questão 93, pág. 74)
*"(...) por que intermediário? **É o que não sabemos. Os próprios Espíritos não pode nos dar conta, visto que nossa linguagem não está em condições de exprimir as idéias que não temos**,* (...)"(LE, Livro II , cap. VI, questão 257, pág. 142)

"(...) Passando de um mundo a outro, os Espíritos trocam de envoltório como trocamos de roupa ao passarmos do inverno para o verão, ou do pólo para o equador.(...)" (LE, Livro II , cap. VI, questão 257, pág. 143)

Será que é mesmo desta forma tão trivial que se dá esse processo? Não há aqui uma alegoria em função da limitação proporcionada pela linguagem? Não é possível explorar de forma mais adequada e aprofundada o perispírito, suas funções, atribuições, fisiologia, características, gênese, etc., uma vez que esse tema se reveste de importância destacada para o pensamento espírita?

- **Evolução das Espécies:**

"(...) É assim que tudo serve, tudo se coordena na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo que, ele mesmo, começou pelo átomo. ***Admirável lei da harmonia da qual vosso espírito limitado não pode ainda entender o conjunto.*** (LE, Livro II , cap. IX, questão 540, pág. 231)…

Qual a atualidade da tese defendida no Capítulo XI, Livro II do Livro dos Espíritos, intitulado: Os três reinos?

Kardec claramente admite distintas concepções à respeito desta questão, incorporando-a de forma condicional em **O Livro dos Espíritos**. Senão vejamos:

"É assim, por exemplo, que todos não pensam a mesma coisa com respeito às relações que existem entre o homem e os animais. Segundo alguns, o Espírito não alcança o período de humanidade senão depois de ser elaborado e individualizado nos diferentes graus dos seres inferiores da criação. Segundo outros, o Espírito do homem teria sempre pertencido à raça humana, sem passar pela experiência animal.(...)" (LE, Livro II , cap. XI, comentário ao capítulo, pág. 254)

A seguir, Kardec afirma que:

" o primeiro sistema tem a vantagem de dar um objetivo ao futuro dos animais que formariam, assim, os primeiros elos da cadeia dos seres pensantes. O segundo está mais conforme com a dignidade do homem e pode se resumir como se segue: (...)"(LE, Livro II , cap. XI, comentário ao capítulo, pág. 254)

E passa a discorrer sobre este importante tema, afirmando por fim:

" Quanto às relações misteriosas que existem entre o homem e os animais, repetimos, isso está nos segredos de Deus, como muitas outras coisas, cujo ***conhecimento atual*** *não importa ao nosso*

adiantamento e sobre as quais seria inútil insistir." (LE, Livro II , cap. XI, comentário ao capítulo, pág. 255)

Importa destacar que no livro "A Gênese – Os Milagres e as Predições Segundo O Espiritismo", Kardec volta a discorrer sobre esse assunto, inclinando-se claramente pela primeira hipótese. Portanto, é preciso retomar com maior clareza (e sob à lógica científica atual) o tema em questão.

> *"Os Espíritos que disseram que o homem é um ser à parte na ordem da criação, enganaram-se? – Não, mas a questão não foi desenvolvida e, aliás,* ***há coisas que não podem chegar senão em seu tempo.*** *O homem é, com efeito, um ser à parte, porque ele tem faculdades que o distinguem de todos os outros e tem um outro destino.* (...)"(LE, Livro II , cap. XI, questão 610, pág. 253)

Há ainda um conjunto de temas sobre os quais Allan Kardec lançou hipóteses e formulou teorias espíritas mas que devem ser aperfeiçoados e complementados, exigindo um esforço para que seja desenvolvido um processo de revisão, atualização e/ou complementação. Entre estes, destacamos a título de sugestão:

- Epistemologia Espírita
- Concepção Existencial de Deus
- Princípio Vital (Vitalismo)
- Mundo dos Espíritos: organização, natureza, formação, etc.
- Os animais no mundo dos Espíritos
- Sentidos e sensações para os espíritos
- A questão do tempo para os Espíritos
- A Memória Espiritual
- Necessidade de repouso para os espíritos
- A música no mundo dos espíritos
- Fatalidade e Determinismo
- A Infância nos mundos mais adiantados
- Importância e papel do corpo físico
- Importância e papel do Mundo Material
- Perispírito:
- Pluralidade dos Mundos Habitados
- Influência do Espiritismo sobre o Progresso

4.4 - Problemas (antigos ou novos) ainda não abordados ou para as quais o Espiritismo não possui posições claramente definidas:

"(...) O Egoísmo se enfraquecerá com a predominância da vida moral sobre a vida material e, sobretudo, com a inteligência que o Espiritismo vos dá de vosso estado futuro real e não desnaturado pelas ficções alegóricas. O Espiritismo bem compreendido, quando estiver identificado com os costumes e as crenças, transformará os hábitos, os usos e as relações sociais." (LE, Livro III, cap. XII, questão 917, pág. 352)

É possível apresentar ao debate pública uma visão espírita sobre a maioria dos temas de interesse para a humanidade, relacionados aos problemas do homem e do mundo atual. Por que não produzir uma abordagem, clara e direta, como as que se pode em diversas oportunidades encontrar ao longo da obra de Kardec? A questão do divórcio, por exemplo, destacada abaixo:

"A indissolubilidade absoluta do casamento está na lei natural ou somente na lei humana? – É uma lei humana muito contrária à lei natural, Mas os homens podem mudar suas leis: só as da Natureza são imutáveis." (LE, Livro III, cap. IV, questão 697, pág. 281)

De forma similar, pode-se conceber um processo que permita construir, a partir dos referenciais éticos que resultam da filosofia espírita, uma visão objetiva, sem subterfúgio ou tergiversação, em relação às questões que consideremos dotadas de pertinência social e que, portanto, requeiram um posicionamento espírita perante à sociedade.

Uma doutrina livre-pensadora, progressista, humanista e moderna não pode fugir da responsabilidade de produzir (e difundir) sua visão de mundo, de estruturar conceitos e fornecer, a partir destes, uma orientação moral e propor uma postura ética a ser seguida livremente pelos seus adeptos (note-se, orientação e não imposição, uma vez que se reconhece a preponderância do livre arbítrio de cada espírito para tomar, responsavelmente, cada uma das decisões que a vida lhe impõe).

Esta é a motivação que nos leva a propor um aprofundamento e atualização do conhecimento espírita. O reconhecimento de que a nossa concepção filosófica é portadora de uma mensagem excepcionalmente dotada de elementos capazes de contribuir para o progresso da sociedade e das individualidades imortais que a compõe.

Sendo assim, identificamos e propomos para o debate entre os espíritas motivados pelas mesmas preocupações aqui exaradas, a seguir, entre outros assuntos que possam vir a ser formulados e priorizados ao longo do processo permanente de atualização do Espiritismo que se inicia, um conjunto temático de problemas para os quais entendemos que há necessidade de construção (ou complementação por terem sido abordados de forma superficial ou não conclusiva) de uma abordagem espírita:

- Utilização dos avanços científicos e tecnológicos no interesse da paz e em benefício da humanidade
- Inteligência Artificial

- Pesquisa em Seres Humanos
- Eutanásia e Distanásia
- Coma e os variados graus de inconsciência (é possível aproveitar para atualizar parte do capítulo VIII , Livro II, do Livro dos Espíritos, que trata de temas tais como letargia, catalepsia e morte aparente)
- Hipnose
- Transplantes
- Doação de órgãos e de células (*post-mortem* , inter-vivos, doação presumida)
- Cremação
- Manipulação genética de organismos vivos (transgênicos)
- Projeto Genoma Humano e a Medicina Preditiva
- Clonagem de seres vivos e em especial de seres humanos:

" O aperfeiçoamento das raças animais e vegetais, pela ciência, é contrário à lei natural? Seria mais conforme essa lei deixar as coisas seguirem seu curso natural? – Deve-se fazer tudo para alcançar a perfeição, e o próprio homem é um instrumento do qual Deus se serve para alcançar seus fins. A perfeição, sendo o objetivo para o qual tende a Natureza, favorecê-la é corresponder a essa finalidade." (LE, Livro III, cap. IV, questão 691, pág. 279)

- Reprodução Assistida (Inseminação assistida, Fertilização Artificial, criopreservação e transferência de embriões, doação de gametas, diagnóstico genético etc.)
- Planejamento Familiar e Controle da Natalidade:

" As leis e costumes humanos que têm por objetivo ocasionar obstáculos à reprodução, são contrárias à lei natural? – Tudo o que entrava a marcha da Natureza é contrário à lei geral. (... segue-se nova pergunta...) – (...) Deus deu ao homem, sobre todos os seres vivos, um poder que deve usar para o bem, mas não abusar. Ele pode regrar a reprodução segundo as necessidades, mas não deve entravá-la sem necessidade. (...)." (LE, Livro III, cap. IV, questão 693, pág. 280)

- Saúde mental e sofrimentos psíquicos
- Doenças crônico-degenerativas
- Medicina e práticas alternativas em saúde (em particular as energéticas e holistas)
- Aborto (quando ocorre violência sexual ou há inviabilidade fetal total ou parcial)
- Sexualidade, identidade sexual e energias sexuais
- Homossexualidade
- União civil e afetiva entre pessoas do mesmo sexo
- Planejamento Familiar e controle da natalidade
- Criação de filhos por pais solteiros ou do mesmo sexo
- Gravidez de substituição (Maternidade de aluguel)

- Condições espirituais durante a prematuridade
- Teorias econômicas (entre as alternativas para a sociedade: socialismo, capitalismo/neoliberalismo ou uma terceira via, qual se adequa a visão espírita?):
- Alcoolismo, Drogas e tóxico-dependências .

" A aberração das faculdades intelectuais por embriaguez escusa os atos repreensíveis? – Não, porque o bêbado está voluntariamente privado de sua razão para satisfazer paixões brutais: em lugar de uma falta, ele comete duas." (LE, Livro III, cap. X, questão 848, pág. 326)

- Transição demográfica da população humana
- Violência urbana e social
- Violação aos direitos humanos

*"(...) Toda sujeição **absoluta** de um homem a outro homem é contrária à Lei de Deus.(...)"* (LE, Livro III, cap. X, questão 829, pág. 322)

- Escravidão e exploração do trabalho alheio (prostituição, trabalho infantil, etc.)
- Democracia
- Pacifismo
- Totalitarismo
- Justiça social
- Aperfeiçoamento da Legislação humana
- Ética (termo não utilizado por Kardec) x Moral
- Ecumenismo e a Religião Moderna
- Pluralidade cultural, étnica e racial (racismo, fundamentalismo religioso e étnico)
- Lazer e Ócio
- Desenvolvimento Sustentável (Ecologia, Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico e Participação Social)

" (...) A ação inteligente do homem é um contrapeso estabelecido por Deus para restabelecer o equilíbrio entre as forças da Natureza, e é isso, ainda, que o distingue dos animais, porque o faz com conhecimento de causa. (...)" (LE, Livro III, cap. IV, questão 693, pág. 280)

- Terceiro Setor e Participação Social
- Consumismo e Utilitarismo
- Propaganda ideológica e aspectos éticos relativos à Publicidade e aos Meios de Comunicação de Massa
- Vegetarianismo e Alimentação Natural
- Ufologia e Pluralidade dos Mundos Habitados (extraterrestres)
- Problemas relativos à Adolescência
- Responsabilidade civil de crianças e adolescentes

4.5 - Hipóteses e teorias espíritas estabelecidas através de literatura mediúnica ou da contribuição de estudiosos espíritas encarnados e que não foram devidamente validadas ou refutadas

"O Espiritismo será no futuro o que dele os espíritas fizerem."
(León Denis)

A seguir, são apenas e tão somente destacadas, a título de exemplo e sem que se queira esgotar a grande variedade de contribuições teóricas formuladas por autores encarnados e desencarnados desde os tempos de Allan Kardec, uma seqüência de temas relacionados à hipóteses e teorias elaboradas através da literatura mediúnica, por médiuns cuja produção é mais ou menos reconhecida, independentemente da qualidade, coerência e factibilidade de cada uma destas proposituras, mas que sem exceção, não foram submetidas a nenhum método de validação (ou refutação), nem ao menos ao clássico controle universal das comunicações proposto e utilizado por Allan Kardec, entre as quais pode-se destacar:

- **A vida no Mundo Espiritual:** André Luiz, Luiz Sérgio, Zíbia Gasparetto, etc.
- **Evolução em Dois Mundos:** André Luiz
- **Mecanismos da Mediunidade:** André Luiz
- **Suicídio e a situação dos Suicidas:** Yvonne A Pereira
- **Determinismo Histórico do Brasil (O chamado "Coração do Mundo e Pátria do Evangelho"):** Humberto de Campos
- **Almas Gêmeas:** Emmanuel
- **Espiritismo como o Cristianismo Redivivo:** Emmanuel, Bezzera de Menezes e outros
- **Tríplice Aspecto do Espiritismo (com ênfase a um religioso):** Emmanuel

Formuladas por estudiosos espíritas que produziram contribuições ao pensamento espírita, incorporadas ou não ao corpo doutrinário do Espiritismo, mas que também não foram devidamente debatidas, analisadas, refutadas ou formalmente consideradas válidas. Merecem ser destacadas, muito embora seja muito provável que venhamos a incorrer em imperdoável omissão de outras importantes hipóteses e teorias, uma vez que tem sido pouco (ou quase nada) difundidas e valorizadas em nosso meio espírita as contribuições desta natureza.

- **Evolução anímica:** Gabriel Delanne
- **Uranografia e Pluralidade dos Mundos Habitados:** Camile Flamarion
- **Os animais no mundo dos espíritos:** Camile Flamarion
- **Inconsciente e Perispírito:** Gabriel Dellane, Gustave Geley, Jorge Andréa
- **Perispírito como sede da memória espiritual:** Gabriel Dellane
- **Tríplice Aspecto do Espiritismo (com ênfase a um religioso):** Carlos de Brito Imbassahy
- **Filosofia inter-existencial:** José Herculano Pires

- **Educação Espírita (teoria aparencial da criança):** José Herculano Pires, Humberto Mariotti
- **Antropologia Espírita:** José Herculano Pires
- **Vampirismo:** José Herculano Pires
- **Mediunidade Zoófila:** José Herculano Pires, Humberto Mariotti
- **Modelo Organizador Biológico e Campo Biomagnético:** Hernani Guimarães de Andrade
- **Teoria Corpuscular do Espírito:** Hernani Guimarães de Andrade
- **Sociologia Espírita:** Manuel S. Porteiro
- **Dialética Espírita:** Manuel S. Porteiro, José Herculano Pires, Gustave Geley
- **Doutrina Social Espírita:** León Denis, Deolindo Amorim, Cosme Mariño, Santiago Bossero, Paz Basulto, Fernando Ortiz, Rufino Juanco, entre outros.
- **Partido Espírita:** José Freitas Nobre
- **Espiritossomática:** Jaci Regis
- **Transcomunicação instrumental:** Friedrich Jürgenson, Konstantin Raudive, George Meek, Hans Otto König, Jules e Maggy Harscg-Fischbach, Hernani Guimarães de Andrade
- **Terapia de Vidas Passadas:** Helen Wambach, Denis Kelsey, Edith Fiore, Brian L. Weiss, Florence Wagner McClain
- **Mediunidade (aspectos diversos):** Gabriel Delanne, Camile Flamarion, León Denis, Gustave Geley, Alexander Aksakof, Ernesto Bozzano, Cairbar Schutel, José Herculano Pires, Rino Curti, Edgard Armond, Hermínio C. Miranda, Alan Gauld, entre outros
- **Reencarnação (aspectos diversos):** Gabriel Delanne, Camile Flamarion, León Denis, Ernesto Bozzano, Gustave Geley, José Herculano Pires, Manuel Porteiro, Paul Bodier, Karl Muller, Humberto Mariotti, Ian Stevenson, H. Banerjee, entre outros

4.6 - Práticas espíritas de origem diversas incorporadas pelo Movimento Espírita que não foram submetidas a análise de eficácia e validação

Uma série de práticas vem sendo desenvolvidas em parte considerável de instituições e grupos que fundamentam suas atividades a partir dos princípios doutrinários espíritas. Muitas destas, fruto de uma tradição cultural, carecem de melhor fundamentação teórica e de uma avaliação de sua eficácia, bem como a validação dos resultados obtidos.

A seguir, destacamos um grupo representativo destas práticas que podem compor um produtivo esforço de atualização, fundamentação teórica , comprovação de seus resultados e validação científica:

- Fluidoterapia ou emissões energéticas próximas (passe)
- Água fluídica

- Emissões energéticas à distância (vibração ou irradiação) direcionados à encarnados
- Emissões energéticas à distância (vibração ou irradiação) direcionados à desencarnados
- Práticas mediúnicas diversas
- Formação e desenvolvimento mediúnico
- Desobsessão
- Doutrinação de espíritos desencarnados
- Curas mediúnicas
- Consultas médicas espirituais (com utilização de procedimentos terapêuticos diversos)
- Apometria
- Cromoterapia
- Filantropia e assistência social (diversas práticas)
- Assistência Espiritual à portadores de doenças mentais e sofrimentos psíquicos
- Consultas espirituais (orientação)
- Catecismo Espírita, Escolas de Evangelização e outras práticas religiosas
- Culto do Evangelho no Lar

5. CONCLUINDO

> *"Muitas pessoas pensam , por outro lado, que O Livro dos Espíritos esgotou a série de perguntas de moral e de filosofia; é um erro; por isso é talvez útil indicar a fonte de onde se pode tirar assuntos de estudo, por assim dizer, ilimitados."* (Livro dos Médiuns – item 343, pág. 402)

A constituição de uma **Agenda Espírita** é um passo essencial e inadiável para que o processo de atualização do Espiritismo possa ocorrer de forma concreta e não apenas como um desejo de estudiosos espíritas, comprometidos com o pensamento kardecista, que identificam essa iniciativa como de fundamental importância para a sobrevivência e o fortalecimento do Espiritismo.

Procuramos formular e desenvolver, ainda que de forma sumária, uma proposta que parte de seis eixos temáticos para a atualização do Espiritismo, a serem aprofundados, debatidos e progressivamente apropriados pelos espíritas como uma tarefa doutrinária permanente da maior seriedade e importância.

P.G.Leymarie, um dos mais importantes vultos do Espiritismo de todos os tempos, ao concluir o livro Obras Póstumas, conta-nos que :

"No Congresso espírita e espiritualista internacional de 1890, os delegados declararam que, desde 1869, os estudos seguintes tinham revelado coisas novas, e que, segundo o ensinamento preconizado por Allan Kardec, alguns dos princípios do Espiritismo, sobre os quais o mestre baseara seu ensinamento, deveriam ser colocados no ponto e de acordo com os progressos da ciência há 20 anos". (Obras Póstumas, pág. 377).

Retomemos, pois, o ideal de Kardec. O Espiritismo é uma doutrina dinâmica, aberta, livre-pensadora, progressista, profundamente humanista. Façamos um Espiritismo para os encarnados, para o mundo de hoje, onde se constrói o amanhã. Para tanto, utilizemo-nos das bases sólidas e insuperáveis (porém não intocáveis) fornecidas no passado por Allan Kardec e a plêiade de Espíritos que tanto colaboraram no processo de edificação do Espiritismo.

Mais do que nunca é atual a palavra de Leymarie. Colocar o Espiritismo no ponto e de acordo com os progressos da ciência nos últimos 143 anos, eis o desafio para todos aqueles que compreendem a importância e a magnitude da Filosofia Espírita.

BIBLIOGRAFIA

Kardec, Allan. **O Livro dos Espíritos.** Tradução de Salvador Gentile. Araras, SP, IDE- Instituto de Difusão Espírita, 116ª edição, 1998.

Kardec, Allan. **Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas.** Tradução de Joaquim da Silva Sampaio Lobo e Caibar Schutel. Sobradinho, DF, EDICEL, 12ª edição, 1990.

Kardec, Allan. **O que é o Espiritismo?** Tradução de Salvador Gentile. Araras, SP, IDE- Instituto de Difusão Espírita, 22ª edição, 1998.

Kardec, Allan. **O Livro do Médiuns.** Tradução de Salvador Gentile. Araras, SP, IDE- Instituto de Difusão Espírita, 46ª edição, 1997.

Kardec, Allan. **O Espiritismo na sua mais Simples Expressão.** Tradução de Joaquim da Silva Sampaio Lobo e Caibar Schutel. Sobradinho, DF, EDICEL, 12ª edição, 1990.

Kardec, Allan. **O Evangelho Segundo Espiritismo.** Tradução de Salvador Gentile. Araras, SP, IDE- Instituto de Difusão Espírita, 227ª edição, 1998.

Kardec, Allan. **O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo.** Tradução de Salvador Gentile. Araras, SP, IDE- Instituto de Difusão Espírita, 15ª edição, 1998.

Kardec, Allan. **A Gênese – Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo.** Tradução de Salvador Gentile. Araras, SP, IDE- Instituto de Difusão Espírita, 16ª edição, 1998.

Kardec, Allan. **Obras Póstumas.** Tradução de Salvador Gentile. Araras, SP, IDE- Instituto de Difusão Espírita, 6ª edição, 1997.

Kardec, Allan. **"Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos"**. 12 Volumes (1858-1869). São Paulo, SP, EDICEL, sem data.

Reis, A.A C, **"Magnetismo, Vitalismo e o Pensamento de Kardec".** CPDoc, Santos, 1996.

(*)Médico sanitarista e homeopata, consultor e especialista em gestão e planejamento em saúde, professor de Saúde Pública da Faculdade de Medicina de Santos-SP, membro fundador do CPDoc, escritor, expositor, 2º vice-presidente da CEPA (2000/04), Presidente do Centro Espírita Allan Kardec, de Santos-SP, autor do livro "Espiritismo e Vitalismo".

UNA CIENCIA, UN MÉTODO, UN DISPOSITIVO, UN HOMBRE

Alejandro Martín Ruiz Díaz (*)
Rafaela-Santa Fe, Argentina

1. INTRODUCCIÓN

Dentro de la línea de trabajo propuesta por este Congreso de la C.E.P.A, he creído conveniente y necesario abordar una temática que tiene en estos tiempos gran importancia práctica.

Por un lado somos partícipes de un momento del Hombre en el cual éste se ve compelido por fuerzas poderosas a organizar su vida y muchas veces a dirigir su conducta de manera antagónica con los ideales de Justicia, Amor, Solidaridad, Generosidad, Trascendencia, que el Espiritismo promueve.

Vemos entonces un Hombre Débil, por carecer de fundamentos que lo solidifiquen frente a las problemáticas de su existencia; Pequeño, para afrontar tamañas vicisitudes, e Inerme, para la lucha cotidiana. Un Hombre que siente soledad, que tiene temor a lo porvenir, que no conoce, no percibe ni imagina dentro de la mirada materialista y consumista con la que trata de observar y entender el todo. Por lo menos así es como vemos que éste Hombre de fin-principo de siglo se siente y se ve a si mismo.

Por otra parte, la necesidad de contención afectiva, psicológica, intelectual en general, lo ha ido haciendo permeable a propuestas harto parciales cuando no harto ingenuas o incapaces de contener las soluciones que busca.

Individualmente solo y sufriente, desconectado de los congéneres en un mundo algo autista donde la masa lucha por proveerse de respuestas rápidas a necesidades de corto alcance; colectivamente carente de elementos de análisis ricos y eficientes para darse un fundamento coherente y sólido para ver la realidad en la que se mueve, termina abrazando ideologías light y aceptando una evidente vuelta al pensamiento mágico en la convicción de que ciertos ritualismos y actividades sin verdadero sustento lógico le darán llegada a una situación mejor.

Es que sólo así se siente contenido. En un liviano y poco profundo campo de análisis, que nunca lo compromete demasiado, rodeado de personas con idéntica conciencia de la soledad existencial que él y en la creencia de que ciertos comportamientos pseudo científicos o religiosos le terminarán ofreciendo la cobertura que necesita ante los temores y angustias de la vida.

El Hombre del Espiritismo es un Hombre Libre. Es un Hombre capaz de aceptar su imperfección, de relacionarse con ella con naturalidad y de generar

procesos de cambio a partir de sus potencias, que lo lleven hacia delante en un proceso que entiende lógico y permanente. No hay aquí temores existenciales poderosos que lo aplasten o lo frenen. Se siente en un proceso evolutivo y desea participar de él con el mayor control posible. Diferencia la importancia relativa de la forma frente a la contundencia del fondo. Sale de la alucinación del rito va hacia la luz de la razón. No es necesario aclarar que no me refiero al hecho concreto de que todos los hombres hoy espíritas sean esto, sino al hecho de que así es como la Doctrina le posibilita a Hombre pensarse y verse.

Lo mas parecido a un ritual dentro de la doctrina es la Sesión Mediúmnica. ¿Lo es?. No. No lo es. Es el fruto de la respuesta racional del Hombre al problema de la comunicabilidad con el llamado Mundo de los Espíritus (mal llamado así, pero esto es para otra ocasión).

Sesión Mediúmnica, Hombre del Espiritismo. Dos temas claves en la dinámica del movimiento espírita, que incluyen tantas facetas y tantas situaciones complejas, que resultaría imposible pensar en ellos sin pensar en la Evolución y en la necesidad constante de estudio y reformulación de ideas.

Su actualización es fruto lógico de una posición cada vez mas amplia de conocimiento. La misma es posible sólo desde una actitud científica que permita avanzar en la profundización de lo aprendido y obtener así mas y mejores modos de afrontar la problemática que nos proponen.

En fin su actualización es en mi criterio, no una opción, sino el único camino que los que nos decimos espíritas debemos recorrer, so pena de quedarnos en una posición de relación estática y no cuestionadora del conocimiento, que sería la mejor forma de demostrar que ya no somos espíritas.

2. DESARROLLO

Llevando a cabo el análisis evolucionista que el Espiritismo nos faculta a realizar, vemos que nuestra realidad actual es el fruto del trabajo que durante mucho tiempo se ha venido haciendo en éste, nuestro plano de existencia corporal.

Todo trabaja a nuestro alrededor, produciendo modificaciones constantes.

La ciencia nos va presentando capítulo a capítulo los cambios y adaptaciones geológicos, y de los distintos reinos biológicos que dieron como resultado el estado actual de situación, en una movilidad evolutiva que no se detiene y que avanza hacia una complejidad aún mayor, de la cual no entrevemos un final.

Los elementos básicos están desde el principio, pero las Leyes y fuerzas organizadoras los van modelando, modificando, interrelacionando de manera que cambian las formas, cambian los sistemas que ellos forman, cambian las potencialidades y aparecen entonces, elementos complejos, funciones, capacidades diferentes..

Así también en la naturaleza se encontraban desde siempre la Mediumnidad y los Espíritus, el Periespíritu y las Leyes de la naturaleza, la Reencarnación.

Analizada desde una potencialidad de aprendizaje menor, devenida de un sistema intelectual menos apto. En concordancia con ideas culturalmente aceptadas de características muy diferentes, la mediumnidad fue conocida por el hombre desde tiempos inmemoriales.

En distintas culturas y tiempos fue aceptada o negada, desarrollada o inhibida, pero comprendida como fenómeno natural normal, muy pocas veces. Aceptada libremente y sin temores, casi nunca. Las distintas ideas que el hombre se hizo sobre ella, su origen y potencialidad, las consecuencias de su desarrollo y/o utilización, generaron el lugar social que tuvo, y los frutos que rindió.

Sacerdotisas, oráculos, shamanes, iniciados; diferentes consecuencias de la relación que el hombre estableció con ella. Oscuridad, silencio, músicas rituales, alaridos estrepitosos, relajación serena o excitación psicomotriz, los distintos ingredientes en relación a su práctica dentro de un pensamiento limitado, sin método de estudio y análisis eficiente.

Demás está hacer referencia a la enorme cantidad de libros y tradiciones del orbe que toman estas manifestaciones y, ya dándole una connotación religiosa, una utilización filosófica o política, producen el raro fenómeno de presentar a la consideración del Hombre algo sobre lo que todos sabemos alguna cosa, aunque sea la idea de su existencia, pero a la vez todos negamos como hijos dilectos de una sociedad civilizada y racionalizada que no puede incluirla en su visión oficial.

La Reencarnación no sólo es una herramienta de la Ley de Evolución desde siempre, sino que también existía en el mundo de las ideas desde antes del nacimiento de la doctrina espírita.

El espíritu, el periespíritu, no fueron creados por Kardec, y de diferentes formas y con distintos nombres fueron conocidos por el Hombre desde tiempos remotos.

¿Cuál es el aporte? ¿Cómo se genera?

Preguntas importantes a la luz de lo que pretendemos contestar al final del trabajo.

Convergen un cúmulo de situaciones que terminan siendo factores concurrentes y desencadenantes de la aparición de la doctrina espírita. Pero a la vez que reconocemos esto, estaremos reconociendo que esa situación relativa de interdependencia entre ellos y que tiene la potencialidad evolutiva que señalamos, se mantienen, porque son parte del sistema, porque así parece ser como funcionan las cosas.

El progreso no es el fruto único de inspirados, profetas o conductores. En su dinámica compleja se suman diferentes fuerzas y estados que hacen posible como resultante final un paso de avance.

No es posible cosechar si la semilla está inmadura y se la arroja sobre tierra estéril y no preparada.

Pero si sólo uno de los ingredientes de esta fórmula fracasa, el resultado final también se desmerece.

Ahora, si la semilla es buena, si el clima es el adecuado y las vicisitudes del medio son contrarrestadas por un trabajo metódico e inteligente de preparación y amparo, si se enriquece la tierra con el fruto del esfuerzo que es la demostración práctica del deseo de que así suceda, así sucederá entonces y como fruto de ese cúmulo de factores sumados correctamente en las correctas proporciones y la correcta forma.

Pero cuidado. Correcta quiere decir sólo, suficiente. No perfecta. No se necesita de la perfección , pero se puede trabajar en la perfectibilidad que aumente los resultados. La materia prima de estudio, los elementos de análisis, las ideas que se reunirían y se pensarían desde otras profundidades ya existían antes de que el Mundo conociese la Doctrina Espírita.

¿Qué cambió entonces? ¿Qué ocurrió, que provocara el advenimiento de un nuevo sistema de pensamiento? De una nueva forma de mirar y ver el Universo, de reconocer al Hombre, de darle un sentido a la vida y sus vicisitudes.

Aparece una conjunción de factores.

Personas, que están preparadas para realizar (con los sacrificios que ello supone) una labor de gran envergadura. Al decir esto, queremos referirnos al hecho de que esa tarea debía generarse con laboriosidad, sorteando la carencia de elementos conocidos para resolver problemáticas que la situación planteaba, creando espacios no existentes en la sociedad para destinarlos a la producción, análisis y estudio de fenómenos.

Enfrentando a la opinión pública (nada benévola con este tipo de eventos, por ignorancia, superstición) .

Pero especialmente definiendo con claridad y gran creatividad, con inteligencia, los marcos de referencia científicos adecuados para contener el objeto de estudio que tenían ante sí. El modo de trabajo debía ajustarse a las particularidades del hecho investigado, y a la vez debía ser capaz de resistir el análisis a la lógica natural y científica, que no debía rechazar estos resultados.

Me refiero al decir, **personas**, a un cúmulo de seres que realizaron aportes en este terreno y que, cada uno a su medida y en su momento generaron con su granito de arena la plataforma sobre la que trabajó Kardec. Kardec, el gran artesano, el protagonista especial de esta obra. Pero también Médiums, investigadores, divulgadores, personas que pensaron en los fenómenos y fueron hablando de ellos hasta generar no sólo un cierto grado de conocimiento, sino también colaborando para que el murmullo de los mismos se hiciese grito escuchable por los oídos de quienes estuvieron preparados para desarrollar el adecuado trabajo de pesquisa.

También hay **Espíritus**. Ellos en la continuación de su tarea de aprendizaje y crecimiento ansiaban llegar a este plano mas cabal de relacionamiento con el Hombre.

Generar la explosión o invasión de eventos, de efectos físicos (hoy tan difíciles de hallar para el investigador) y de todo tipo de fenómenos de interrelacionamiento conlleva arduo trabajo en el plano espiritual. Pues si bien los médiums están de "este lado", la producción de mensajes y cualquier evento complejo de comunicación es la resultante de trabajo en "ambos lados de la línea". (Las comillas encierran frases dispuestas de modo entendible coloquialmente sin pretender dar idea de topografía con la expresión de "éste o aquel lado").

Los espíritus también estudian nuestro plano desde el Mundo espiritual y esto no debe sorprender nuestra razón. Es el plano en el cual muchos de ellos volverán a encarnar y su nivel de comprensión no aumenta desmesuradamente sólo por haberse producido la desencarnación.

Mantienen interés sobre el mismo, puesto que aún constituye parte importante de los enigmas a resolver en su avance, intelectual al menos.

Los Espíritus y las Leyes, al producirse un estado madurativo en el globo, que hacía posible la aparición de la comunicación mediúmnica organizada y fluida, y respondiendo a las influencias que de alguna forma la Evolución genera sobre ellos, hacen su aporte de ideas y comienzan un intercambio que, de mantenerse dentro de un sistema ordenado y capaz, producirá un nuevo marco de referencia para el pensamiento. Un nuevo modo de ver las cosas y de relacionarse con ellas.

Los tiempos sociales.

Las ideas consiguen plasmarse no sólo a partir de la intelectualización que hagamos en relación a ellas. Las puertas se abren cuando el intelecto, pero también la emocionalidad y sobre todo lo que podemos llamar la madurez evolutiva global (que es una compleja muestra de lo que entendemos racionalmente, pero también lo vibratorio emocional, lo que podemos empezar a admitir, mas lo que ya estamos necesitando que se nos responda) están preparados y en forma.

No sólo UN Hombre. EL HOMBRE es quien se eleva de su ignorancia en un punto y comienza a admitir otras ideas. El conjunto de la sociedad (una especie de tercero en cuestión conformado por todos y cada uno de nosotros) es quien luego de atravesar ciertas partes de su historia se pone en posición de comprender algo mas.

Esas "partes de su historia" a la que me refiero son el cúmulo de los pensamientos de sus filósofos, los eventos político-económico-sociales que sucedieron en su seno, los sentimientos generales que el grupo tiene, pero sobre todo es el estado de maduración de su conciencia sobre las cosas, su estado de preparación para aceptar no sólo las respuestas nuevas sino para aceptar antes, que tiene necesidades y preguntas nuevas.

Los tiempos en que el Espiritismo nace como nueva ciencia son tiempos llenos de aires de renovación y cambio. Son tiempos de pensares valientes, de

remoción de modos y sistemas clericales. De ciencias que con madurez se van despegando de los cobijos y limitaciones del pensamiento religioso.

Tiempos adecuados.

Grupos espirituales trabajando de diferentes maneras sobre la generación de eventos, sobre el florecimiento de las mediumnidades a utilizar, ajustando procedimientos y afinidades.

También las personas, Kardec. Kardec y otros. Médiums famosos, investigadores ignotos, pensadores que lo acompañaron.

3. UNA CIENCIA, UN MÉTODO, UN DISPOSITIVO.

Pero todo lo referido en el párrafo anterior no es un conjunto de ingredientes estáticos que promueven la aparición de un producto por mera sumatoria de presencias.

Se necesitó de un posicionamiento serio, reflexivo, creativo, valiente, para salir de moldes y conceptos preestablecidos.

Se necesitó una disposición clara a enfrentar un enigma con la responsabilidad de quien no se arroga de antemano un saber sobre algo y se aviene humilde y laboriosamente a develar sus secretos.

Se necesitó entender que los métodos conocidos de trabajo en laboratorio debían ser ajustados a las especiales características del objeto.

Se necesitó generar un sistema que permitiese establecer criterios de credibilidad, o sea, válvulas de seguridad para filtrar deformaciones (fraudes conscientes, animismos, etc).

Actitud científica que funda la doctrina desde un posicionamiento racional, libre, ávido de conocimiento. Abierta a las sorpresas que nos depara el Universo y sin ataduras temporales a cuerpos de ideas que nos tranquilizan pero nos someten, cuando por temor o falta de verdadera y profunda necesidad de conocimiento, nos aferramos a ellos como náufragos, sin ver que si bien nos generan la suave sensación de estar en posesión de lo anhelado, nos condenan a no dar pasos de avance que pudiesen perturbarnos con el tan temido generador de temor, **el cambio.**

Desde esa actitud, **un método**. Una forma de enfrentar el enigma de la existencia de fenómenos nuevos, aún no estudiados, de facultades humanas no conocidas debidamente y con potencialidades, de seres "incorpóreos" inteligentes y con capacidad y deseos de comunicarse.

Luego, la doctrina. Porque el método funcionó, porque el **dispositivo técnico** que se fue construyendo a los fines de esa comunicación probable, pudo dar cuenta de las dificultades. Porque ese dispositivo que por error y acierto, por inducción y deducción, por el razonamiento lógico, en fin, Kardec y otros fueron

elaborando, y complejizando cada vez mas, fue siendo capaz de resolver los inconvenientes.

Ese dispositivo generó un aporte a la comunidad de conocimientos humanos porque ahora sí con la materia prima que existía desde siempre se iba pudiendo conformar una nueva entidad, un nuevo mecanismo.

La **Sesión mediúmnica es ese dispositivo**. Surge del método, surge de la actitud científica frente a un problema natural, surge para dar cuenta de las respuestas que necesitaban las mentes inquietas que investigaban los fenómenos. La Sesión mediúmnica es el dispositivo técnico que el Espiritismo aporta a los hombres. Desde un sistema, desde una lógica que atraviesa las dificultades naturales. Que da respuesta eficaz a las incompatibilidades entre ambos planos. Tiene en su mecanismo posibilidad de enfrentar diferencias, dar seguridad a los participantes, o en fin proveer los medios para el retrabajo de aquello que no hubiese quedado claro.

No pretendo dejar sentado que la sesión mediúmnica tiene en todos los lugares una idéntica estructura y un idéntico funcionamiento, pero sí, decir que en todos lados debemos tratar de poder responder a nuestros visitantes que nos inquieran con interés, la forma en que dispositivos propios de trabajo dan solución o intentan darla, a las particulares dificultades que todos enfrentamos en la actividad mediúmnica.

La Sesión mediúmnica existe con diversos objetivos y por lo tanto tiene diversas estructuras y funcionamientos, pero siempre debiera contener desde su práctica, en una clara actitud de respeto por la racionalidad científica con que decimos querer movernos, las respuestas a los interrogantes y dificultades básicos de la tarea. Única forma de sentir que no estamos repitiendo rituales aprendidos, sino que utilizamos dispositivos que comenzaron con Kardec y que se fueron modificando con la experiencia, desde una mirada cuestionadora y racional, hasta tomar formas actuales, que tampoco serán seguramente, las definitivas.

Esto es obvio por el hecho de que día a día vamos sabiendo un poco mas sobre la mediumnidad y el ser humano y podremos a partir de ello ir sumando cambios positivos a nuestros dispositivos, sumando eficacia, restando error y confusión.

4. LA IDEA MORAL. EL HOMBRE DEL ESPIRITISMO.

A partir de las ideas que Kardec recopiló y organizó y de las que, a partir de su propia elaboración pudo ir consignando en su trabajo, el Hombre tomó conciencia de otra forma de ver la Moral.

Ésta ya no aparecía recetaria, fruto de la compilación de mandamientos recibidos por algún enviado divino. No se presentaba al ser como una suma de indicaciones de conducta motivadas por el deseo de escapar al castigo y con el acicate del temor.

Éstos modelos no coincidían con las ideas que se estaban elaborando en el laboratorio mediúmnico y en la mente del codificador.

Ahora la Moral parecía surgir naturalmente de las interrelaciones entre los seres, y los seres y las cosas. Se mostraba no como mandato concreto de conducta sino como una presencia esencial, profunda, que emanando de la naturaleza de las cosas, consecuencia lógica de Leyes aún no comprendidas, colocaba al Hombre en el trabajo, no sólo de generar una conducta apropiada, sino aún de comprender primero cual es el fundamento racional de la misma.

El ser, la creación, todo empezaba a formar parte de un escenario gigantesco y en equilibrio. Coordinado y determinado a un fin. ¿Ese fin es la Evolución? Quizá si. Aún no surge una alternativa a este pensamiento.

Esa Evolución que, presente ante nuestros ojos desde todo punto de vista, abarcando todo lo incluido en el Universo, nos coloca en el papel de un integrante mas de la comunidad universal, que ecológicamente ligada, transcurre su existencia en relación a las Leyes y a los demás seres. Ya no somos los Reyes de la creación, sino otros integrantes de la misma. Cumplimos nuestro rol en una organización aún demasiado compleja para nosotros, pero de la cual ansiamos seguir conociendo cosas.

La Moral se nos aparece desde ese punto de vista sin taxativas reglas, pero sí con la firme imagen de algo que trasciende las fronteras temporales de las costumbres y las modas y se entrelaza con la esencia misma de la vida.

El Hombre del Espiritismo se enfrenta con naturalidad al proceso de aprendizaje que genera la existencia corpórea. Sabe de la necesidad de este plano existencial como provocador de circunstancias concretas, bajo especiales y concretas condiciones, que terminan plasmando lo que el ser va construyendo como conocimiento desde cualquiera de sus facetas (emocional, intelectual principalmente).

El Hombre del Espiritismo va transcurriendo su encarnación tratando de concientizarse de fuerzas y debilidades para elaborar su táctica, y de su planificación de espíritu para su estrategia. No persigue la perfección sino el perfeccionamiento. No lo confunden las ilusiones de la materia pues apunta al horizonte lejano. Trabaja con ahínco para aumentar el propio conocimiento que permita su actitud transformadora.

Pero sobre todo comprende claramente un mecanismo de Justicia, de Evolución, de Amor e Igualdad. Comprende que debe trabajar pues sin esfuerzo nada consigue y reconoce al trabajo como una Ley de la cual nada escapa en la naturaleza y al vislumbrar su valor se relaciona con ella positivamente.

El Hombre del Espiritismo ve a los seres como iguales en idéntico proceso evolutivo aunque en estadíos diferentes. Admite su status de Ser de Necesidades, que reconoce también en los demás.

Por último, entiende a la evolución como una lucha personal pero absolutamente ligada a los procesos colectivos. De los demás obtiene experiencia y conocimiento, a los demás se debe en idéntico aporte. La visión ecológica del universo y todos sus integrantes lo colocan en un plano de comprensión, no

juzgamiento, y con un sentido cooperativo y solidario ante un proceso que se dará indefectiblemente.

Las responsabilidades emanan del conocimiento.

El conocimiento espírita da al ser la visión probablemente mas holística que pueda tenerse hoy. Quizás la mas ecológica. Pero sobre todas las cosas le otorga una serenidad frente a las vicisitudes y los tiempos, una fuerza interior frente a las luchas, un sólido fundamento para la acción sostenida hacia el progreso (que significa y requiere cambio y dinámica constante).

El Hombre del Espiritismo sabe que se sostiene en una mirada que debe dejar abierta a nuevas luces, se apoya en respaldos que pueden ir cambiando de forma y color, pero que todo ello se dará, a su vez, dependiendo de su actitud frente a los hechos. Esto es así porque de lo que estamos hablando hasta aquí es del potencial del Hombre espírita, no de Hombres reales de carne y hueso.

Esos son diferentes.

Ellos están en la lucha por que esto se concrete. Luchan desde sus diferentes debilidades y fortalezas, en las condiciones que la programación de la Justicia les proveyó. Con sus diferentes plazos, con distintas alternativas.

El Hombre del Espiritismo en fin, es un conjunto de potencialidades que se va concretando a medida que la conciencia moral desarrollada, el control de sus estados erróneos y el desarrollo de sus fuerzas de bien, van produciendo la transformación moral que debe hacer reconocible a un espírita a ojos de su prójimo tal como dice Kardec.

No es Hombre del rito ni de la forma, del dogma o el autoengaño. El Hombre que el Espiritismo aporta y promueve a la sociedad es un ser que vive fuera del temor, frente a la eternidad, con la libertad en una mano, el deseo de evolución en la otra, con el Amor como meta y el compromiso solidario como consigna.

Corolario

Al momento de comenzar Kardec su exhaustivo, metódico y prolijo trabajo científico, éstas temáticas no habían logrado captar seriamente la atención de los científicos o por lo menos de ninguno que lograra con sus estudios respuestas válidas sobre toda la problemática. Acercamientos hubo muchos. Aparición de fenómenos y hasta una inclusión vulgar y pública de los mismos que aseguraran su difusión, también.

Pero es Kardec quien logra un fruto que pudiese llamarse abarcativo de la problemática, completo (sin por eso ofrecer todas las respuestas), y estructurado en un corpus encadenado en una lógica que promovió su utilización y expansión.

Había nacido una ciencia nueva. Con un objeto propio y determinado, con un campo de experimentación, búsqueda y elaboración bien definido.

Este nacimiento fue resultado de la generación de un método apropiado.

Nacido de la ortodoxia del pensamiento científico, asumió Kardec el desafío de producir una mirada creíble y cuestionable, pero a la vez que

emergiera indemne de esas cuestiones para ofrecer un producto apto para el consumo de la inteligencia humana.

Supo Kardec controlar el fenómeno, conocerlo y estudiarlo en condiciones apropiadas. Generó un método capaz de recoger las informaciones emanadas de los trabajos y reunirlas en un cuerpo de conocimientos ágil, dinámico, lógico, incompleto y con el gérmen de su perfectibilidad.

En el perfeccionamiento de su método aparece un dispositivo como respuesta técnica a un desafío de impedimentos estructurales.

La Sesión Mediúmnica. Fuente apta de canalización de información numerosa y nueva que dio marco y sustento a la doctrina. Vía específica de intercambio con una de las patas de este trípode fundamental para el nacimiento del Espiritismo: **Los espíritus desencarnados, los encarnados y las circunstancias ambientales de la cultura**, (que, en tanto evidencias indirectas del estado de preparación de la sociedad ante estas ideas, abrieron las puertas).

La Sesión Mediúmnica sigue siendo eje de canalización de información e intercambio y debe ser perfeccionada. Desconocemos aún muchas de las condiciones ambientales, espirituales, en las que el fenómeno mediúmnico se produce. Desconocemos asimismo, muchas de las variables de funcionamiento orgánico del médium. Sus influencias externas e internas, las cuestiones psicológicas, físicas, y de otro tipo que intervienen o no en el proceso y en que manera.

A su vez existen diferentes tipos de Sesión Mediúmnica a partir de sus objetivos. Las hay de investigación y de cura, de intercambio y de mutua colaboración con el plano espiritual, de desarrollo mediúmnico, etc. Todas ellas se deben pensar, estructurar y llevar a cabo desde una lógica general común pero con una lógica particular propia de cada una. Al decir lógica general me refiero al respeto y consideración de lo que podríamos llamar Leyes Generales de la Mediumnidad y que nos obligan a asumir la tarea de cierta forma, mientras que con lógica particular me refiero a las necesidades especiales que surgen de cada tipo diferente de trabajo.

Lo cierto es que allí está uno de lo mas concretos aportes técnicos del Espiritismo al Hombre. El dispositivo de la Sesión Mediúmnica. Un cúmulo de elementos dispuestos para un fin y a través de una serie de dificultades.

Funciona. Es perfectible.

Es necesario procurar aumentar su rendimiento, pero por sobre todas las cosas es necesaria una adecuada valoración del mismo por los propios espíritas, que muchas veces ven en él sólo la mera posibilidad de poner en marcha mecanismos naturales aún bastante desconocidos y con el objetivo central de la desobsesión o las curas (que, sin desmerecerlos no pueden ser el único motivo del trabajo mediúmnico).

El Espiritismo comenzó desde ese dispositivo y fue creciendo en capacidad de comprensión, lectura de las situaciones y propuestas filosóficas, éticas, científicas como las que conocemos.

Nada indica empero, que la Sesión Mediúmnica hubiese llegado a un tope. Pero nada indica tampoco que ella pueda producir conocimiento sin seguir

pasos lógicos y exigencias que devienen de su propia relación con Leyes y eventos difíciles de comprender y mas aún dominar.

No es extraño que quienes no respeten esta realidad se encuentren pensando que de la Sesión mediúmnica no pueden conseguirse resultados de calidad.

No promuevo un único sistema estructural de Sesión, pero sí pretendo dejar la idea de que la única manera de producir conocimiento por esa vertiente del Espiritismo es siendo científicos en nuestra actitud y procedimientos y voluntariosos para sostener con disciplina lo que vayamos conociendo.

De no respetarse estas realidades en relación a ello, veremos decaer la riqueza de lo obtenido mediúmnicamente, veremos resultados que no nos satisfarán, sentiremos menos deseos de seguir en la brecha y no será la doctrina espírita la única que se empobrezca, pues nosotros seremos los primeros en notar que una de las patas del trípode ya no lo sostiene y el Espiritismo dejará de ser una especial forma de construcción de conocimiento para ser una mas de las tantas filosofías que el Hombre produce, perdiendo la riqueza del aporte que los espíritus traen a ella.

Por otra parte y continuando con el análisis de la potencialidad de la Doctrina Espírita para producir conocimiento, vemos que ella encuentra razones para una Moral.

Lógica, racional, sólida, construida a partir de los conocimientos que sobre la Evolución, las leyes, el hombre y la vida fue construyéndose. La lectura que el Espiritismo hace del medio físico, espiritual y de ideas es lo que genera sustento para las bases de una conciencia de la existencia de códigos éticos, de leyes morales que devienen como consecuencias naturales de la estructura y funcionamiento del universo.

El Hombre espírita, modelo de convivencia pacífica consigo mismo y sus congéneres.

Consciente de su naturaleza imperfecta pero evolutiva.

Parado frente a un futuro sin límites visibles y con la potestad de su libertad a la hora de decidir.

Con clara noción de Igualdad frente a sus semejantes, sabiéndose trascendente, pero también preexistente, logra articular una visión dinámica, eficaz y contenedora de la Justicia, de la cual no sólo comienza a comprender sus fundamentos sino también algunos de sus múltiples mecanismos.

Con el Amor como norte, con las leyes como marco, es modelo de Hombre comprometido solidariamente con la Evolución.

Esto significa compromiso solidario, activo, participante con todos los seres, con todo lo que signifique aportar a la causa común del Progreso.

El Hombre Espírita no halla en las explicaciones racionales a los sufrimientos y las desigualdades una tranquilidad que lo hace estático, sino que ve en ello la necesidad de aún mas trabajo, puesto que la doctrina no le da herramientas de apática consolación, sino que mucho mas poderoso que ello, le da razones fundamentales para producir cambios.

No renegamos del mañana venturoso que seguramente alguna vez alcanzaremos. Pero tenemos conciencia de la necesidad moral de luchar por un Hoy mejor.

La Doctrina explica, pero no justifica las diferencias injustas en la sociedad humana.

El Espiritismo invita e impele al ser a constituirse en protagonista comprensivo, solidario, amoroso, optimista pero sobre todo activo en la transformación de su plano de vida de encarnado.-

Frente a las escasas e inconsistentes respuestas de la Sociedad actual a un Hombre abrumado por el agobio de una organización materialista y mercantilista. Frente a la presión del tener frente a la lucha por el ser, el Espiritismo eleva su propuesta de Hombre.

Consciente de su trascendencia, elige los verdaderos motivos de lucha, escapando del modelo consumista.

Seguro de contar con los medios necesarios afronta la encarnación con serenidad y fe, con optimismo.

Consciente del Progreso, trabaja en el conocimiento de si mismo.

Decidido a lograrlo avanza en la Transformación Moral.

Sintiéndose al amparo de Leyes superiores, desarrolla su sentido de Justicia y se compromete, solidariamente, a la tarea del mejoramiento de las condiciones de vida de los seres en todo sentido.

Actitud científica, método adecuado, dispositivo útil, Hombre definido.

En la confianza de que nadie puede resolver hoy los innumerables enigmas que plantean la mecánica mediúmnica y la conformación de un Ser que represente claramente el ideal espírita es que no encuentro ora respuesta que sí, debe actualizarse el Espiritismo.

Pero también en la convicción de que ninguna verdadera posición científica se hace esta cuestión opino que somos los actores del espiritismo los que debemos actualizar nuestras visiones y posiciones frente a la doctrina pues una ciencia que no se actualiza deja de serlo, y unos científicos que deben hacerse esta pregunta deben dudar de su verdadera calidad de tales.

Sin temores. No hay dogmas de Fe que sostener. Es el mínimo precio que tiene el Progreso, un poco de angustia frente a lo desconocido.

(*) Medico cirujano, especialista en Psiquiatría, Secretario General de la Federación Médica de la Pcia de Santa Fe, Mesa Directiva de la Red Argentina de Salud, Editor de la Revista de la Red Argentina de Salud, Presidente de la Red Provincial de Medicina Prepaga Gremial de Santa Fe, Ex Vicepresidente primero de la CEPA (1993-1996). Actualmente Delegado Especial de CEPA en Argentina. Conferencias en Argentina, Chile, Venezuela, Colombia y Puerto Rico. Pertenece a: Comité para Estudios Científicos de la CEPA, Gabinete Psicomédico de la Sociedad Espiritismo Verdadero de Rafaela y Instituto Argentino de Psicobiofísica.

PROPUESTAS PARA UNA ACTUALIZACIÓN DEL MÉTODO MEDIÚMNICO KARDECIANO

Dante López (*)
Rafaela-Santa Fe, Argentina

1. INTRODUCCIÓN

En una valiosa actitud de apertura, la Confederación Espírita Panamericana y nuestros amigos de la hermana República del Brasil nos invitan a revalorizar la vigencia de los conceptos fundamentales de la Doctrina Espírita.

Y lo primero que nos surge es volver a preguntarnos: *¿Qué es el Espiritismo?*

> Todos aquí sabemos que el Espiritismo es una Doctrina con fundamentos filosóficos, con características científicas y que tiene consecuencias morales para quienes la entienden.

A 143 años del lanzamiento del Libro de los Espíritus mucho se ha escrito y mucho se ha practicado, aunque seguramente lo más importante todavía no se ha descubierto, ya que, si entendemos la Ley de Progreso, lo mejor está por venir, siempre que comprendamos lo conocido.

Esta doctrina fue desarrollada a partir del estudio de los fenómenos paranormales que se manifestaron en todos los tiempos. Estos fenómenos eran vistos como naturales en una primera etapa en la que se consultaba con naturalidad a los espíritus a través de los oráculos y las pitonisas. Luego sobrevino un largo período de prejuicios e intereses derivados de la soberbia de algunos hombres que pensaron que podrían erigirse en dueños de otros hombres a través del poder que podían conferirle las jerarquías creadas sobre la base de las religiones.

Pero como el Universo, gracias a la fuerza arrolladora de la Leyes, sigue su proceso evolutivo a pesar de la ignorancia de los seres humanos, en algún momento comenzó a vislumbrarse una vuelta a la pregunta que desvela al ser humano desde siempre: ***¿De dónde venimos, hacia dónde vamos?***

Con algunos antecedentes en el siglo XVIII, como los estudios sobre el magnetismo animal realizados por Franz Mesmer y la aparición de fenómenos aparentemente inexplicables que fueron tomados como entretenimientos por la Sociedad Occidental del siglo XIX, un Científico de la época, discípulo de Pestalozzi, se determinó a encontrar una explicación racional a estos fenómenos en apariencia anormales.

Desde la Francia librepensadora de mediados del Siglo de las Luces, y de la mano de Hipólito León Denizard Rivail, surge un elemento nuevo que significó un hito para el pensamiento de la Humanidad y se convirtió en línea de partida para experimentaciones científicas y para desarrollo de planteos

filosóficos que aún el hombre está estudiando y le llevará todavía mucho tiempo entender en profundidad.

Hubo muchos seres que desde este plano material y desde el mundo espiritual colaboraron para darle forma a esta verdadera Doctrina Filosófica, pero ese hombre, conocido por su seudónimo de Allan Kardec, trascendió por sobre todos, aunque su intención fuera la de mantener su posición humilde de partícipe necesario en un proyecto que alcanzó una gran trascendencia.

Kardec definió simplemente al Espiritismo al manifestar que:

"El Espiritismo es la ciencia que trata de la naturaleza, origen y destino de los espíritus y de sus relaciones con el mundo corporal". **(¿Qué es el Espiritismo?)**

Sobre un aspecto específico queremos centrar nuestra atención en este XVIII Congreso Espírita Panamericano: ***La comunicación con el mundo espiritual***, base del Espiritismo:

¿Necesita revisión y actualización?

Es preciso que los espíritas pongamos una lupa sobre este aspecto fundamental de la Doctrina que nos legaran los espíritus a través de los médiums orientados y conducidos por Kardec.

La comprobación de la existencia del mundo espiritual comenzó a impactar en todas las ramas del saber humano, la certeza de que el espíritu es la parte esencial del ser humano le da a la vida un sentido de continuidad y permite comprender la existencia de Dios de una manera lógica y racional.

Estos conceptos, con fundamentos acordes al hombre de la época, dieron una idea cabal del funcionamiento armonioso de las leyes que rigen la evolución, abriendo a científicos, filósofos y también al hombre común, una nueva dimensión que lo llevó a comprender la verdadera naturaleza de la Creación.

Desde Williams Crookes hasta Gustavo Geley, Arthur Connan Doyle, León Denis, Camilo Flamarión, Ernesto Bozzano, José Ingenieros, Cosme Mariño, Herculano Pires, Benjamín Franklin, José Martí y personalidades de las más diversas latitudes y disciplinas han estudiado y estudian estos postulados para comprobar por sí mismos su realidad.

¿Debe el Espiritismo actualizarse? Nos pregunta desde su título este Evento, y frente a semejante pregunta nadie puede permanecer indiferente.

Quienes piensan que el Espiritismo es una serie de dogmas sagrados, huyen despavoridos ante la herejía del planteo, tal como han reaccionado históricamente quienes consideran que son "dueños de una verdad absoluta e inmutable"

Pero si estamos convencidos que la real naturaleza de esta Doctrina es lograr hacer del ser humano un hombre libre para disponer de sí mismo, que intenta desarrollar su mente y sus sentimientos respetando su libre albedrío,

entonces sentiremos un soplo de brisa fresca en el rostro y tendremos la seguridad de que el espíritu Kardecista no se ha perdido.

La definición del Espiritismo como Doctrina implica que es un Conocimiento con final abierto, inconcluso: nunca estará terminado. Porque demuestra que las Leyes son tan amplias, que cuanto más avance el hombre, más posibilidades tendrá de crecer; siempre dejará lugar para el debate y por lo tanto el espírita debiera tener una mente abierta y una actitud de actualización permanente.

El Espiritismo no es una Doctrina más: conlleva la respuesta al destino trascendente del hombre, el porqué de su existencia, la explicación de su alegría y de su dolor. Le revela la seguridad de que él mismo es el responsable de su destino y es susceptible de ser puesta en práctica para modificar su conducta, a la vez que descubre en el Mundo Espiritual una fuente inagotable de recursos dinámicos.

En la comunicación mediúmnica está la llave para el acceso a esta fuente de conocimientos, y dependerá de nuestra capacidad poder acceder a ella.

"NACER, MORIR, RENACER, PROGRESAR SIEMPRE, TAL ES LA LEY"

Kardec lo postula, los espíritus se lo confirman a través de los Médiums que él conduce con la disciplina y el rigor científico con el que está formado.

Nada está librado al azar, pero a la vez nada impide el ejercicio del libre albedrío del espíritu. El hombre descubre lo que su intelecto le permite y ejecuta lo que sus sentimientos le dictan, y a medida que evoluciona, nuevas puertas se abren a su desarrollo. Quien abre esas puertas es el propio espíritu, impulsado por las Leyes de Progreso y a la vez contenido por la Ley de Amor, claras manifestaciones de la misericordia de Dios.

Esto suena de maravillas al entendimiento y a la razón, así como también al sentimiento, llena el alma de gozo y nos libera de culpas, porque nadie es culpable de su propia ignorancia, y a nadie se puede culpar por sus limitaciones, pero a la vez nos invita a descubrirlas y ayudar concientemente para en nuestra transformación positiva.

Este panel intenta plantear específicamente los temas de carácter doctrinario que pudieran ser actualizados, y como ya hemos manifestado, intentamos llamar la atención sobre la comunicación con el mundo espiritual. Para ello hemos creído prudente esta introducción que da una idea de lo que pensamos sobre el Espiritismo.

Del análisis surgen la comprensión de la existencia simultánea del Plano que llamamos Material y el que llamamos Espiritual y la necesidad de entender el verdadero sentido de la comunicación entre estos dos planos.

Queremos así instalar un amplio debate para el futuro del Espiritismo, abrir un generoso interrogante sobre los temas que hacen al "CÓMO" Y "PARA QUÉ" de esta relación entre el mundo espiritual y nuestro plano de encarnados.

Un debate que incluya:

- El **Método que empleó Kardec** para la investigación y la codificación de la Doctrina
- El Análisis de **los Métodos que fueron utilizados al principio**, sus derivaciones y deformaciones.
- ***Los métodos que se utilizan en las distintas Instituciones espíritas***
- La posibilidad de alcanzar alguna **uniformidad de criterios** acerca de la conformación de la Sesión Mediúmnica y la correcta utilización de esta invalorable y original herramienta para el progreso del hombre.

No discutiremos ya si la mediumnidad existe, o si son posibles las materializaciones, esto ya está demostrado largamente, pero lo que sí nos cuestionamos es si realmente valoramos la posibilidad de que los espíritus participen en nuestra vida a través de una correcta utilización del intercambio mediúmnico.

2. PROPUESTAS PARA UNA ACTUALIZACIÓN DEL MÉTODO MEDIÚMNICO KARDECIANO

Para iniciar la discusión queremos hacer hincapié en algunos conceptos básicos:

- El mérito de Kardec no fue haber descubierto los fenómenos, éstos existieron desde siempre.
- Su gran obra y su visión se centraron en descubrir las causas que los provocaban y junto a los espíritus que lo acompañaron, nos legaron una Doctrina con profundas consecuencias sociológicas.

Además, debemos considerar las etapas por las que pasó la mediumnidad antes y después de Kardec:

- FENÓMENO INCONTROLADO
- FENÓMENO EXPERIMENTAL
- INVESTIGACIÓN Y PRUEBA
- DESARROLLO
- APLICACIÓN PRÁCTICA

Que el Espiritismo es una Doctrina de contenido filosófico, con características científicas, ya está probado.

Y su estudio también tuvo sus fases:

- CURIOSIDAD
- FILOSOFIA - CIENCIA
- APLICACIÓN PRÁCTICA = REFORMA MORAL

La pregunta es: ***¿En qué etapa estamos?***

La respuesta no es sencilla, porque ninguno de nosotros está exactamente en la misma etapa.

Está claro que la primera, la de la curiosidad, debiera estar superada por quienes nos decimos espiritistas.

Sabemos con seguridad también que todos estamos compenetrados de la filosofía que de ella emana, pero es un interrogante todavía, a debatir, si hemos entrado ya en la etapa del análisis sereno y profundo de las consecuencias morales que implica para cada uno de nosotros en particular y el efecto que puede producir en nuestro entorno inmediato.

Y lo que quizás falte ahora sea una etapa de revalorización de esta herramienta que es la mediumnidad, a partir del nuevo contexto que generan los interrogantes que surgen al hombre actual.

No pretendemos de ninguna manera que los espíritus nos digan lo que tenemos que hacer, para eso entendemos que tenemos nuestro libre arbitrio.

Planteamos una apertura hacia fuentes de conocimientos universales y dinámicos, que nos permitan actualizarnos permanentemente, pero que, para empezar, nos ayuden a comprender los fenómenos de nuestra vida cotidiana.

Para ello es indispensable darle un nuevo valor a las posibilidades que nos brinda la intervención del mundo espiritual en la vida corporal a través de la mediumnidad.

¿Por dónde comenzar?, ¿Cómo deberían ser los procedimientos?, ¿Deberá cada uno encontrar su método, o debiéramos encontrar algunos parámetros comunes?

Repasando las bases del Espiritismo con la mente abierta y aprovechando la experiencia que hoy tenemos, podremos reformular esta relación entre los planos material y espiritual.

Definiciones Doctrinarias :

Kardec hizo una profunda descripción del fenómeno mediúmnico, lo clasificó y acertadamente nos advirtió sobre los peligros del mal uso de la mediumnidad. También nos señaló la necesidad de mantener una disciplina muy firme en los trabajos espirituales, así como expresó la necesidad de controlar de diferentes maneras los mensajes del mundo espiritual.

También nos señaló la finalidad esencial del Espiritismo:

LAS CONSECUENCIAS MORALES.

Nos habló de que las comunicaciones obtenidas se miden por la marcha progresiva de la enseñanza que los espíritus transmiten.

Se refirió a la importancia del Médium e insistió largamente en que éste es un instrumento que se debe preparar para la tarea con la incorporación de conocimientos teóricos, con un cambio en sus actitudes personales que hagan evidente un mejoramiento moral y una práctica cotidiana de sus mejores intenciones para merecer el concurso de seres que se comuniquen a través de él con la fidelidad necesaria.

También Kardec resaltó que las personas que asistan a las sesiones mediúmnicas deben saber apreciar y valorar el acto mediúmnico, los grupos que trabajasen en este sentido lograrían una buen comunicación con los espíritus, estarían trabajando en su reforma moral y preparando las condiciones para lo que Kardec llamó:

"LA REFORMA MORAL DE LA HUMANIDAD MEDIANTE EL EJEMPLO"

También habló de los niños educados en los principios espíritas y de la posibilidad de que adquieran una capacidad de raciocinio precoz.

Imaginó que al educar a los niños con estos principios, ellos educarían a su vez a sus hijos en la idea espiritual, y así desaparecerían los viejos preconceptos con las viejas generaciones. (El libro de los Esp., Viaje Espírita en 1862, Obras Póstumas, Instrucciones prácticas....)

El aporte de este trabajo pretende ser el inicio de una revalorización de cada uno de estos aspectos para permitirnos descubrir qué debemos replantearnos en nuestro trabajo Institucional y personal, ya que si hoy observamos la realidad del movimiento espírita, nos vemos obligados a preguntarnos:

¿En qué momento y lugar de la aplicación práctica del Conocimiento lo distanciamos de nuestra realidad, perdiendo en parte sus objetivos?

Porque si estos conceptos descriptos por Kardec hubieran sido verdaderamente entendidos
por los espiritistas, hoy las Instituciones Espíritas serían mucho más numerosas, y los seres humanos que adoptan y aplican esta doctrina serían muchísimos más.

¿Qué hizo que en muchos casos entendiéramos el conocimiento filosófico sin poder aplicarlo al terreno personal, sin poder compartir la Doctrina Espírita con nuestras familias?

¿Tal vez no entendimos que la dificultad en la aplicación práctica de la concepción filosófica conlleva el esfuerzo personal de la demostración en la vida cotidiana?

Dijo Kardec: **"LA FUERZA DEL ESPIRITISMO RESIDE EN SUS CONSECUENCIAS MORALES, ABRE LOS OJOS Y TOCA LOS CORAZONES" (Viaje espírita....)**

Seguramente si lo hubiésemos entendido mejor, seríamos más felices y mejor comprendidos, a la vez que nos podríamos entender mejor entre nosotros.

¿Pero si además fuésemos capaces de transmitir esa felicidad, quién se resistiría a compartir una Doctrina con quienes viven su vida con alegría, optimismo y generosidad?

Sin embargo muchas veces nos ganan el orgullo, la vanidad, la rebeldía y la falta de aceptación de las condiciones que la vida nos propone. De allí que cuando quienes comparten con nosotros no ven una mejora sustancial en nuestra conducta a partir de esta concepción filosófica, se desaniman ante lo que parece

un esfuerzo de estudiar una Doctrina que no les va a producir un cambio que mejore su comprensión de la vida y su relación con los demás.

Más bien, a veces, nuestros hijos se rebelan ante la intensa actividad que tenemos fuera de nuestros hogares, creyendo ver en la Institución Espírita un adversario de la familia, porque, al no compartirla con nosotros, ven en esta actividad un elemento extraño que compite con ellos por el tiempo de su padre o su madre.

¿Cómo podremos ubicar puntualmente estos lastres que arrastramos?

¿Cómo trabajaremos sin culpas, lenta pero continuamente nuestra personalidad en la búsqueda de la humildad y la generosidad? Por que a través de ellas encontraremos el verdadero sentimiento de amor, tan necesario para nuestro progreso y el de quienes nos rodean.

Habrán advertido a esta altura que queremos decir que hay espíritus en condiciones de colaborar con nosotros en nuestro proceso de evolución consciente, que nos pueden ayudar en la conducción de nuestra familia para que todos podamos comprender mejor nuestros roles y necesidades, y para entender con detenimiento no el porqué sino el **para qué** de las circunstancias que nos propone la vida.

Es otro interrogante que queremos dejar planteado, ya que estamos convencidos que sí es posible, pero es un camino a recorrer que necesita de un trabajo previo de desarrollo personal e Institucional.

Hace falta trabajar con ahínco para conseguir un estado de afectividad, sinceridad y armonía en el grupo espírita, y entonces, en las condiciones adecuadas, habrá espíritus que estarán dispuestos a ayudarnos en nuestras dudas personales, en la profundización del conocimiento, en la investigación científica y en cualquier asunto que consideremos merezca ser intercambiado con el mundo espiritual.

Evidentemente no hablamos de caer en el abuso del intercambio ni de consultar a los espíritus para todo, ya que, como espíritus encarnados tenemos nuestra propia capacidad de razonamiento y de decisión, pero pensamos que en un Centro Espírita debieran tener su lugar para opinar los espíritus afines a los propósitos de bien de sus integrantes.

Estará en nosotros aceptar sus sugerencias y sin perder nuestra propia capacidad de análisis, ir evaluando los resultados que se vayan produciendo al darle un lugar a los espíritus que se acerquen a nosotros movidos por inquietudes afines a las nuestras.

El estado personal de cada uno con relación a los sentimientos cumple en este aspecto un papel fundamental, que se suma al estado general del grupo, conformando un ambiente de trabajo que generará las condiciones adecuadas y dará a los espíritus la oportunidad de aportar sus conocimientos y sus puntos de vista cuando les sean requeridos.

El Problema Metodológico

Si nos detenemos a analizar la práctica mediúmnica en los Centros Espíritas, observamos en general buenas intenciones, pero en algunos casos

serias dificultades metodológicas, además de algunos vicios y errores que se cometen y que a nuestro entender no responden al método de Kardec.

Enumeramos a modo de ejemplo:

- la mayoría de las comunicaciones reposan en la mediumnidad, sin que el director oriente y conduzca la actividad del médium.
- las comunicaciones son aceptadas sin mayores análisis.
- los espíritus transmiten mensajes a su voluntad, de los más variados temas, sin un orden.
- no se considera necesario lograr un grado de coordinación de los temas a desarrollar con los espíritus.
- la palabra de los espíritus se toma siempre como verdad revelatoria, sin previo análisis.
- falta un intercambio respetuoso pero fluido entre los encarnados y los desencarnados en un clima de fraternidad y armonía.
- no se estudia la forma de ir cambiando y mejorando los métodos, sino que se tiende a no introducir cambios.
- se reciben reiteradamente comunicaciones que contienen halagos o alabanzas para el grupo, del tipo: "los espiritas son seres especiales" o similares.
- no hay un objetivo concreto para el intercambio con el mundo espiritual.
- hay en ocasiones varios mediums en trance simultáneamente, impidiendo el control sobre el mensaje que se recibe.

Que se observen algunos de estos u otros defectos de forma no implica que no haya mediumnidad. Se produce la comunicación espiritual, y es muy probable que existan buenos médiums, y excelentes comunicaciones.

De hecho hay libros escritos con intervención mediúmnica que tal vez hayan sido "dictados" sin observar las normas descriptas, por el impulso de los espíritus, pero no podemos saber cuánto hay allí del propio médium si no tenemos un sistema desarrollado de control y seguridad.

A nuestro entender, Kardec no dejó establecido un sistema mediúmnico completo y capaz de ser repetido e igualado. Se concentró en sentar las bases doctrinarias y transmitir su experiencia, y aunque dejó establecidas muchas pautas básicas para el correcto desenvolvimiento de la comunicación mediúmnica, descontaba que todos verificarían con rigor disciplinario que esas pautas se cumplan, confiando en que el buen sentido de los espiritistas haría el resto.

Pero evidentemente algo nos faltó en la faz práctica de la comunicación con el mundo espiritual, y creemos que ésta es una etapa que todavía debemos completar con un sereno y profundo estudio que nos permita encontrar la forma de obtener seguridad en las comunicaciones mediúmnicas, mantener estas condiciones y mejorarlas a través del tiempo y la experiencia de trabajo.

Esta seguridad es lo que nos permitirá plantearnos una mejora continua en el método, acorde a la dinámica de los tiempos, nuestro propio entendimiento y las características del grupo de trabajo.

Nos parece imprescindibles que las Sesiones Mediúmnicas se puedan sistematizar, a la manera de Kardec, con disciplina, control y seguridad, y la observación nos indica que hay deficiencias, aquí CEPA puede cumplir un rol fundamental, promoviendo dentro de las Instituciones que la integran el estudio y el intercambio para la búsqueda de Métodos Mediúmnicos que tengan las condiciones básicas y necesarias para la buena Comunicación.

Convengamos que una Sesión Mediúmnica, con los conocimientos que tenemos hoy, debe tener algunos parámetros de interacción y control que estén a la altura del grado de evolución del pensamiento espírita, y sobre todo de las necesidades de los miembros de las Instituciones.

Por que, a contrario sensu, al no encontrar un método adecuado y resistiéndose a relacionarse con los espíritus sin un grado básico de seguridad, muchos espíritas abandonan prácticamente el intercambio con el mundo espiritual como hábito natural y esto se transforma en una falencia de la Institución, desperdiciando una posibilidad inmejorable que nos brinda la Doctrina Espírita.

Y de esta manera caemos en la paradoja de desechar la participación del Mundo Espiritual en nuestra actividad Espírita, desconociendo que es una fuente inagotable de recursos, y lamentablemente observamos en algunos casos la práctica de ESPIRITISMO SIN ESPIRITUS.

Observamos aquí una gran contradicción que nos lleva a cuestionarnos si hemos comprendido lo esencial de esta Doctrina Espírita que, en su momento, se adelantó a su tiempo, transmitiendo al hombre conceptos que renuevan la vigencia de verdades trascendentes que estaban presentes en la Humanidad en forma inconsciente, y a la vez le abrió una puerta hacia la evolución consciente.

¿Qué les falta a esos espíritas que parece que creen que el Mundo Espiritual ya no tiene nada para agregar?

¿Qué les hace pensar que ya está todo dicho? Cuando sabemos que, por el contrario: Cuando más sabemos, podemos aspirar a un nivel de conocimientos mayor.

El hombre, además de los espíritas, ha seguido buscando su trascendencia, llegando a las mismas conclusiones que los espíritus le transmitieron a Kardec. Tal es el famoso caso del Dr. Brian Weiss, que ha llegado a la comprensión de la reencarnación como el verdadero camino de la evolución del hombre, y ahora está en la búsqueda de la comunicación con los espíritus superiores, a los que llama "los sabios", en una demostración de humildad que vale la pena resaltar en un científico de esas características.

Y paradójicamente hay espíritas que piensan que no tienen ya nada que aprender del Mundo Espiritual, ¿Qué nos está pasando?

Tal vez, algunos errores metodológicos, como los que hemos señalado, hizo que perdiéramos el interés por este aspecto de la Doctrina, pero entonces

deberíamos revalorizarlo, y como lo hizo Kardec, debemos remontarnos desde los efectos a las causas y preguntarnos con sinceridad:

¿Realmente nos damos cuenta de esta falencia?, ¿Nos interesa el intercambio con el Mundo Espiritual, o creemos que ya sabemos todo, que está todo dicho y los espíritus no tienen nada más para decir?

Pero en el caso de decidirnos a enfrentar esta tarea, debemos saber que implica un compromiso profundo y un camino difícil, el de la reforma íntima, el del esfuerzo personal y este compromiso implica una disposición a admitir que, como todos, somos espíritus en evolución, con algunas virtudes conquistadas a lo largo de experiencias de vidas pasadas y tendencias erróneas producto de algunos lastres que no hemos podido remover de nuestra personalidad.

¿Pueden los espíritus responder a nuestros interrogantes sobre aspectos que nos resultan dificultosos y anhelamos superar?.

¡Seguro que sí!

Ahora bien: ¿Estamos dispuestos a escuchar, analizar sus puntos de vista y debatir con ellos?

¿Y esto no sería una invasión a nuestro libre albedrío?

De ninguna manera, porque lo que estamos buscando no es una solución a nuestros problemas, sino una identificación de las limitaciones personales que necesitamos superar en esta etapa de nuestra evolución y pasar del método de prueba y error en que nos sume una evolución inconsciente a una búsqueda consciente de nuestro camino evolutivo, anticipándonos al error que podemos cometer por ignorancia de nuestras limitaciones; y esto es posible si utilizamos un método adecuado, a la manera de Kardec.

Si él logró a través del intercambio con el mundo espiritual toda una Doctrina Filosófica, ¿cómo no podemos nosotros lograr su concurso para que nos ayude en nuestra búsqueda?.

Sabemos, por experimentaciones realizadas desde Kardec hasta el presente, que es posible, pero también sabemos que el éxito depende de las condiciones que seamos capaces de crear.

Cómo llevar a cabo esta tarea

Hay varios elementos que Kardec menciona de diferentes maneras a través de su obra y creemos que son claves para lograr esas condiciones para una buena comunicación mediúmnica.

La primera, aunque no la más importante es la de contar con un sujeto que él llama "El Evocador", y que creemos que sería más actualizado denominar **"El Director de la Sesión"**, que debe reunir algunas condiciones de capacidad conductiva, además de:

- Profundo conocimiento de la doctrina
- Una personalidad capaz de hablar con altura con los espíritus, con respeto pero sin actitud reverencial ni mística.

- ***Amplio conocimiento de las variadas formas de la mediumnidad y las condiciones en las que puede desarrollarse la facultad y rendir a pleno.***
- Aval personal reconocido por sus compañeros
- Demostración cotidiana de su condicion espírita.

Otro elemento clave para la conformación del ambiente de la Sesión es el **Conjunto de personas** que apoyan y dan marco al intercambio.

Si entre este grupo, el director y los médiums no hay armonía de sentimientos y afinidad de objetivos, no podremos tener garantías básicas.

Cada ser encarnado emana una energía que es posible medir, y un ambiente se forma con la suma de los estados personales de cada uno, por lo que resulta obvio que, por afinidad, la calidad de las comunicaciones estará íntimamente ligada a la conformación de esta verdadera bóveda de protección energética generada por estos seres.

Dentro de este ambiente conformado especialmente necesitaremos contar con **Médiums** con sus facultades previa y ampliamente desarrolladas y con condiciones personales adecuadas para el trabajo que se les requiere.

Además debe haber dos ingredientes fundamentales: un OBJETIVO concreto y posibilidades de CONTROL de lo recibido.

"Los mensajes espirituales deben evaluarse por su contenido, no importa quién firma", afirmó Kardec. (Libro de los Médiums)

Este aspecto no perdió su vigencia, pero casi 150 años después y habiendo pasado por numerosas experiencias, hoy podríamos tener más ambición en este sentido y plantearnos mayores condiciones de control de las comunicaciones obtenidas.

Con médiums bien entrenados podemos controlar:

- Si están dadas las condiciones ambientales para el trabajo de intercambio.
- Si el Director está en condiciones de dirigir.
- Si los médiums están en condiciones de trabajar.
- Si los espíritus que se comunican son quienes dicen ser.

Además, como es obvio señalar, el lugar físico debe ser un ambiente agradable, cómodo para quienes tienen que realizar la Sesión, con buena iluminación y ventilación, ya que esto favorece la lucidez de los que conducen y facilita el control de los trabajos.

No es necesario ni creemos que sea conveniente la práctica de Sesiones Mediúmnicas con media luz o con música, tal vez estas prácticas fueron necesarias en alguna época para inducir los estados personales hacia la serenidad y favorecer la concentración, pero hoy parecen fuera de época e innecesarios, ya que se puede lograr un ambiente favorable en las personas a través de una introducción del Director, o de la lectura de un párrafo de contenido espiritual y pidiendo a los asistentes unos minutos de concentración previas al trabajo para disponerse.

Una práctica que puede ser favorable antes de la Sesión Mediúmnica puede ser un repaso individual de las actividades del día, analizando si las

reacciones que tuvimos frente a las personas son las deseadas, o si nuestra actividad estuvo equilibrada, haciendo un pequeño balance y tratando de identificar lo positivo y lo negativo que aportamos, disponiéndonos al trabajo con una elevación de pensamientos hacia nuestro Protector.

La Sesión Mediúmnica organizada y con objetivos claros se puede comparar a una Orquesta Sinfónica, donde se ejecuta una armonía tal que llega a conmover los sentimientos de quienes la escuchan.

Conmover y promover los sentimientos de asistentes con un buen nivel de cultura espírita es similar a conmover a quienes tienen cultura musical; no es sencillo ni lo puede hacer cualquier persona.

Hay en esta comparación una serie de coincidencias felices.

Se necesita un Director experimentado al que todos los presentes reconozcan con autoridad suficiente, que posea conocimientos y aval propio, ya que no se trata de un sometimiento a su autoridad, sino de un apoyo a su capacidad de coordinación.

En una Sinfónica hacen falta "solistas" de diferentes instrumentos que se hallen a la altura de las circunstancias, a quienes podemos asimilar con los médiums que se pondrán al trabajo dispuestos a "sacar" de sus instrumentos el mayor rendimiento, momento para el que se prepararon previamente.

Para lograr las condiciones que proponemos hacen falta como mínimo dos médiums trabajando coordinadamente: Un médium de trabajo que puede ser psicógrafo en lo posible, o también parlante o auditivo, y un médium de control, en lo posible vidente que, entrenado adecuadamente, esté en condiciones de observar a los espíritus que se comunican y controlar su estado fluídico, así como verificar si están las condiciones para que se produzca la Sesión.

¿Inmediatamente surge la pregunta, y al médium de control, quien lo controla?

Siempre tenemos nuestro sentido crítico, que no debemos perder, pero para responder a esta pregunta deberíamos explayarnos sobre lo que entendemos por:

MÉDIUM DE TRABAJO: Es aquél que, luego de detectada su facultad, es sometido a un prolongado período de formación en un grupo de trabajo ensayando hasta que se demuestre que está convenientemente desarrollado.

Para llegar a trabajar con asistentes debe estar ampliamente probado en distintas condiciones hasta tener la seguridad de que se puede confiar en su facultad.

Hay que destacar que, salvo excepciones, hacen falta varios años de ensayos para contar con un buen médium de trabajo confiable.

El **MÉDIUM DE CONTROL**, por supuesto, debe enfrentar un entrenamiento mayor, con una confiabilidad probada por la experiencia como médium de trabajo y con una evolución que nos permita tener suficiente seguridad, aunque como dijimos antes, nunca se debe perder el sentido crítico del Director y del resto de los Miembros de Apoyo.

Nombramos a los **MIEMBROS DEL GRUPO DE APOYO**, que se pueden asimilar con los músicos que componen la Sinfónica, éstos evidentemente deben ser músicos bien formados y preparados para el concierto, así como quienes integran el Apoyo de la Sesión deben tener los conocimientos y las condiciones morales suficientes para conformar el marco adecuado para tan delicado trabajo.

Sin ellos no es posible realizar la Sesión Mediúmnica en las condiciones de control que necesitamos.

Finalmente debemos describir a los **ASISTENTES**, que a la manera de quienes van a presenciar un concierto, están preparados para la ocasión.

No puede ser cualquier persona la que asiste a una Sesión Mediúmnica, sino que debe prepararse convenientemente, habiendo estudiado la Doctrina Espírita y conociendo de antemano el fenómeno mediúmnico, que se produce naturalmente, con luz ambiente normal, con un tema convenido y una coordinación adecuada, además de un tiempo establecido previamente.

Este marco compuesto por el Equipo de trabajo descripto genera condiciones de disciplina similares a las que hicieron que Kardec tuviera éxito en su trabajo y consiguiera lo que se propuso: extraer del mundo espiritual un nivel de conocimientos adecuado a sus requerimientos. Pero para llegar a esa etapa la disciplina empleada fue férrea, prefiriendo "desechar diez comunicaciones antes que aceptar una apócrifa".(L. De los Médiums)

Las condiciones de control enumeradas implican un compromiso para todos los integrantes de la Sesión, tanto en lo personal en su vida cotidiana como de disposición en el trabajo específico de la Sesión. Para lograrlo se requiere un largo trabajo de intercambio personal, de valoración mutua, desechando la crítica destructiva, el personalismo y el autoritarismo.

También es necesaria una revalorización del trabajo en equipo, donde ninguno es la estrella, sino que todos son importantes, y cada uno hace su aporte específico. Queda claro que si no existe una sincera valorización de los compañeros de trabajo, no habrá un ambiente propicio para la Sesión.

Es ineludible para el Conjunto de Trabajo (Director, Médiums y Grupo de Apoyo o Amparo) una etapa de sincerar los sentimientos en la búsqueda de objetivos trascendentes, y recién allí buscar el apoyo de espíritus afines que se comprometan a acompañarnos en la tarea.

Cuando estas condiciones se logran, es posible recibir información de los espíritus para afinar las condiciones personales y ambientales, permitiendo que los espíritus se explayen sobre lo que necesitan ellos también para comunicarse, así, con el tiempo se irán logrando una coordinación entre espíritus encarnados y desencarnados que darán fidelidad a las comunicaciones mediúmnicas.

Este primer paso no debiera ser tan difícil, considerando que en los Centros Espíritas hay formada una base de amistad y compañerismo, con objetivos comunes, y médiums formados, aunque por experiencias vividas sabemos que se requiere de un esfuerzo especial, donde se debe priorizar el afecto, la solidaridad entre sus miembros, el respeto mutuo y una real intención

de descubrir las características espirituales que cada uno trae para decantar o valorizar en esta existencia.

Este esfuerzo debe ir acompañado por una firme determinación de encontrar las características positivas y las tendencias negativas de nuestra personalidad, y una disposición a modificar actitudes y sentimientos que influyan negativamente en la relación con nuestros semejantes, empezando por la familia y siguiendo por los compañeros, para conseguir una primera identificación de las características que cada uno aporta al equipo de trabajo.

Nadie cambia inmediatamente, pero lo que vale es la sincera intención de cambio, por eso, con esa primera identificación y la sana intención de mejorar, logramos conformar el estado ambiental que los espíritus elevados necesitan, y ellos valorarán este esfuerzo, colaborando en la etapa de formación del equipo espiritual, imprescindible para completar la tarea.

El resto dependerá de la evolución de nuestra tarea en lo personal y grupal, ya que los espíritus son sensibles a la calidad de nuestros pensamientos y sentimientos y responderán a ellos.

Si ya tenemos médiums desarrollados, debemos replantearles si están dispuestos a trabajar en condiciones de control, y no solamente de control por los resultados y por el análisis crítico, que nunca se debe perder, sino también nos referimos al control intermediúmnico.

Esta disposición al control favorece la humildad necesaria para el médium, y debe cuidarse que no se convierta en una competencia para ver quién controla a quién, sino que sea siempre una búsqueda sincera de la excelencia en el trabajo, sin preconceptos.

Aquí también hay varios puntos interesantes que rescatamos de Kardec (Viaje Esp. en 1862):

- **El verdadero médium debe ser el primer critico de su facultad.**
- **Debe tener modestia, sencillez y devoción y su vocación debe ser la de ser util y no la de satisfacer su vanidad.**
- **Si no acepta las críticas y defiende lo que cree que son "sus" comunicaciones, como si fueran propias, no es un buen médium.**
- **Debe buscar la crítica y si lo que recibe por su mediumnidad no es bueno, se debe poder hablar con él para decirselo sin miedo a herirlo, sino en la seguridad de que no se molestará.**

La mediumnidad es en sí un instrumento valioso, pero es importante que la persona que posee esta facultad lo acepte y la valore sinceramente como una oportunidad de servicio a sus semejantes y no como un medio de encumbramiento personal.

Es imprescindible que fuera de la Sesión sea un compañero como cualquier otro y que no se comporte o se lo trate como a un elegido.

La misma actitud y trato debieran ser habituales para el resto de los integrantes de la Sesión Mediúmnica.

El Director, por su responsabilidad, debe dar el ejemplo con su actitud y estar dispuesto a recibir con humildad la crítica a su trabajo, debiendo ser

accesible y amable en todo momento, permitiendo que los demás lleguen a él sin dificultades y ser también uno más del equipo, dentro y fuera del trabajo.

Sabido es que muchas personas son amables y accesibles, pero siempre y cuando nadie les manifieste su desacuerdo con su forma de ser o con su criterio.

Allí radica la verdadera y profunda raíz de los problemas entre los seres humanos, y los espíritas no escapamos a esta tendencia.

Parecemos accesibles, parecemos amables, parecemos comprender las necesidades de los demás; y en una medida somos así, pero cuando alguien no coincide con nuestro criterio, tendemos a tomarlo como algo personal, y difícilmente aceptamos de buen grado las observaciones que se nos formulan, llegando a veces hasta a enemistarnos con quien no coincide con nosotros.

Pocas veces sabemos compartir en el disenso trabajando por objetivos comunes al grupo, intentando que los más rezagados adelanten y los más adelantados sean solidarios, logrando así un verdadero grupo unido, en el que cada uno aporta de sus características.

Cuántas veces quienes tienen características conductivas y son dirigentes generan un temor reverencial que les impide recibir la crítica constructiva, amable y amigable pero sincera. ¡Cuántas distancias conscientes e inconscientes ponemos en las relaciones con nuestros compañeros, cuántas barreras afectivas!

Y no advertimos que estas mismas barreras se mantienen al recibir al mundo espiritual, porque los que está fallando es EL SENTIMIENTO, y el mismo sentimiento que dificulta las relaciones con los espíritus encarnados actúa cuando se trata de intercambiar con los espíritus desencarnados.

Si no somos capaces de recibir la crítica sincera sin enojos, si no somos capaces de conformar un grupo espírita armonioso y solidario, ¿cómo haremos para tener la posibilidad de atraer espíritus de cierta elevación?

En este escenario imaginario que hemos descripto tendremos condiciones apropiadas para mantener un intercambio con el mundo espiritual, pero nos falta hablar de un ingrediente singular:

EL OBJETIVO DE LA SESION.

¿Para qué nos comunicaremos con los espíritus?.

La realización de una Sesión Mediúmnica debe tener un objetivo muy concreto, y para tener verdadera utilidad, debe ser previamente consensuada con el mundo espiritual.

Si estamos en una etapa de formación del grupo mediúmnico, es necesario ir haciendo ensayos para el desarrollo de lo médiums, etapa que puede ser útil también para formar directores y grupo de amparo.

Si ya tenemos médiums desarrollados, debemos conformar un grupo estable de personas con intereses trascendentes, intentando evocar espíritus que nos ayuden a afinar los estados personales que necesiten ser identificados para

depurar el estado ambiental de la Sesión, permitiendo una más fluida comunicación de los espíritus.

Cuando ya tengamos conformado un grupo sólido y armónico, podremos ir observando si los espíritus responden a nuestras inquietudes de diversa índole, ya sean personales o de investigación, siempre con un sentido trascendente y exentos de banalidades y curiosidad.

En la medida que avancemos en la consolidación de la armonía del grupo, podemos intercambiar con los espíritus acerca del rumbo que le daremos a nuestro intercambio, de acuerdo a nuestras inquietudes y posibilidades, conviniendo con ellos las actividades mediúmnicas para complementar nuestras tareas espíritas.

Los resultados que se obtengan dependerán de los objetivos que nos propongamos y el progreso en la actividad mediúmnica dependerá de los espíritus que seamos capaces de atraer y también de nuestra dedicación y esmero en la tarea.

Si generamos las condiciones y hacemos preguntas banales, no obtendremos más que comunicaciones intrascendentes. Pero si nos esforzamos por estudiar y buscar los aspectos en los que el mundo espiritual nos puede ayudar, nos asistirán espíritus de elevación y tendremos grandes satisfacciones.

Llegar a obtener estas condiciones de trabajo requiere mucha dedicación y esfuerzo personal de cada uno de los necesarios miembros del equipo: Director, Médiums, Grupo de Apoyo y Asistentes.

Porque en las condiciones adecuadas responderán a nuestra convocatoria espíritus afines a una tarea trascendente, y tal como lo describiera Kardec, es posible conseguir resultados estimulantes.

Sabemos que en la medida en que en este Plano Material se generan las condiciones funciona la Ley de Afinidad, y se acercan naturalmente los seres espirituales que conformarán también un equipo de trabajo adecuado a nuestros requerimientos.

Por supuesto que esta descripción no intenta sino referir principios básicos para un método que deberá ser adaptado a cada realidad, siendo concientes que un método nunca está totalmente acabado y depurado, sino que debe existir una apertura permanente, así como una vocación estudiosa y crítica.

Pero si queremos superar la etapa de la curiosidad y ajustarnos al conocimiento filosófico y experimental que son la base de la Doctrina Espírita, tendremos que pensar en la práctica dinámica, y el método que utilizara Kardec debe ser revalorizado y estudiado para su aplicación cotidiana, en la búsqueda de una permanente actualización de nuestros conceptos.

Estaremos así valorando y revisando el Método de Kardec, a su manera, con seriedad, disciplina y respeto, aceptando lo esencial y trabajando con humildad para tratar de mejorarlo.

Pero está claro que necesitamos un MÉTODO MEDIÚMNICO ACTUALIZADO, que se pueda adaptar a cada realidad, y a través del cuál podamos complementar nuestros propios estudios y análisis con el aporte del mundo espiritual.

Una tarea complementaria y necesaria es también entender el rol de cada uno en su propio núcleo familiar, ya que éste constituye nuestro verdadero campo de ensayo práctico: allí ponemos a prueba la teoría Espírita.

Al compartir con nuestra familia este Conocimiento, podremos cobijar a los grupos familiares, y en la Institución Espírita se puede ayudar a educar a los niños, conducir a los adolescentes y mantener un estado de investigación permanente en los adultos.

Se debiera también complementar este trabajo Institucional con Reuniones Familiares, donde desde pequeños los niños tengan su ámbito para ser escuchados y donde se puedan conversar temas de estudio de aspectos doctrinarios y cuestiones que hagan a la armonía del hogar y a la interpretación del rol de cada uno en el núcleo familiar. Ello nos permitirá contrarrestar el tiempo que le dediquemos a la Institución y entonces nuestra familia se convertirá en nuestro aliado, porque sentirá que son importantes para nosotros, tanto como nuestros ideales.

Si los espíritas podemos dar a nuestras familias este conocimiento y a la vez lo llevamos a la práctica como experiencia familiar sin misticismos ni fanatismos, estaremos sembrando en ellos como nos sugiriera Kardec, cuando escribió que niños formados en un conocimiento trascendente, de adultos formarán a su vez a las nuevas generaciones, liberándolas de los viejos prejuicios.

Al mismo tiempo las Instituciones se podrán proyectar al medio social en que se desenvuelven, influyendo positivamente en los distintos ámbitos en los que cada uno actúa.

Y entonces esta síntesis de Integración familiar, proyección social, educación y conducción moral de los niños, adolescentes y adultos, hará que las Instituciones Espíritas tengan las condiciones de amor, amparo y disciplina que se necesitan para la recepción del mundo espiritual elevado.

En este ambiente podremos contar con médiums bien formados y desarrollados en el ámbito del conocimiento espírita, y tener un reservorio de futuros directores y miembros de apoyo que servirán para mantener las Instituciones sanas y fortalecidas por la renovación permanente.

Con el tiempo, y en estas condiciones, se podrán ir desarrollando médiums especializados en distintos tipos de sesiones, como por ejemplo:

- Para evocar espíritus que necesitan orientación y que nos brindan sus experiencias de vida.
- Para desobsesiones.
- Para evocar espíritus de cierta elevación que nos ayuden en nuestra orientación moral.
- Para evocar espíritus con conocimientos científicos y realizar investigaciones.

Cada una de esta Sesiones Mediúmnicas u otras, ocurrirán en condiciones de control y con la seguridad de que estamos haciendo las cosas con solvencia, y por los resultados obtenidos iremos aprendiendo y evolucionando.

El método del intercambio mediúmnico debe ser entendido minuciosa y responsablemente por quienes lo van a ejecutar, porque del estudio de la Doctrina Espírita surge una regla básica que no siempre es comprendida:

QUIENES MÁS NECESITAMOS APRENDER Y PERFECCIONARNOS SOMOS LOS ESPÍRITAS, Y MUCHO MÁS SI SOMOS DIRIGENTES DE UNA INSTITUCIÓN.

Y este es un verdadero objetivo trascendente no sólo de la Sesión Mediúmnica, sino para toda la Institución Espírita: El progreso individual en los aspectos morales que no alcanzamos a comprender por nosotros mismos**.**

No es la casualidad la que nos lleva a estar en las Instituciones Espíritas, por lo tanto nuestra primera preocupación debiera ser nuestra ubicación consciente, pero tampoco es casualidad que tenga la familia que tenemos; sin embargo, a veces nos ocupamos más en tratar de convencer a otras personas, procurando atraerlas a la Institución, y descuidamos nuestro deber primordial: transmitir el Conocimiento Espírita a nuestra propia familia con amor y a través del ejemplo.

Esta tarea pondrá a prueba nuestras convicciones, voluntad y fe en los procesos, templando nuestros espíritus en la lucha con nuestras propias limitaciones y apoyándonos en nuestras virtudes, pero en la seguridad de que tendremos excelentes resultados, y en el camino, habremos hecho un esfuerzo personal que nos dejará réditos en nuestra propia personalidad, porque sólo con nuestra actitud positiva y ejemplarizante podremos conformar un ambiente adecuado en la Institución y también proyectar el Conocimiento trascendente a nuestra familia.

Se podrá decir que es un camino largo y difícil, y ciertamente no es de resultados inmediatos.

Pero volvemos a afirmar que sus consecuencias serán altamente positivas y estimulantes tanto para cada uno como para la Institución Espírita y el futuro del Espiritismo.

3. CONCLUSIONES

Los espíritas debiéramos pasar de la especulación filosófica a la acción, de la teoría a la praxis con las herramientas que genera la experiencia, introduciendo en la práctica Espírita métodos sólidamente fundamentados, sin abandonar el sentido crítico ni el estudio permanente.

Se debieran crear en los Centros Espíritas estructuras específicas que permitan desarrollar métodos y técnicas de intercambio mediúmnico adaptados a cada realidad, pero con sólidas bases Kardecistas de disciplina y control.

Educar a la familia en el Conocimiento Espírita como base para el desarrollo de las Instituciones.

Creemos que será la forma de demostrarnos que es posible una nueva dinámica en la comunicación con el mundo espiritual, que seguramente estará

deseoso de intercambiar seriamente con personas estudiosas y con objetivos responsables.

Estudiar dentro de lo posible que CEPA sea el Organismo que promueva el estudio, análisis y concreción de Métodos Mediúmnicos que puedan ser adaptados a las diferentes realidades tendientes a mejorar la comunicación con el Mundo Espiritual.

Hemos querido responder con este aporte al llamado de este XVIII Congreso Espírita Panamericano, con la intención de revisar y revalorizar uno de los aspectos básicos de la Doctrina Espírita, que creemos necesita una nueva mirada de los Espíritas: La comunicación con el Mundo Espiritual.

Es un trabajo que deberá hacerse sin prejuicios, pero con mucha dedicación y compromiso, y con valores cuya sustancia tenga los ingredientes con los que trabajó Allan Kardec:

- **Apertura mental**
- **Compromiso personal e institucional**
- **Rigurosidad**
- **Método**
- **Disciplina**
- **Amor al conocimiento trascendente**
- **Análisis de los resultados**
- **Búsqueda de una mejora continua.**

BIBLIOGRAFÍA :

KARDEC, Allan - *EL LIBRO DE LOS ESPIRITUS*
_____- *EL LIBRO DE LOS MEDIUMS*
_____- *INSTRUCCIÓN PRÁCTICA SOBRE LAS MANIFESTACIONES ESPÍRITAS*
_____- *¿QUE ES EL ESPIRITISMO?*
_____- *OBRAS POSTUMAS*
_____- *VIAJE ESPÍRITA EN 1862*
GELEY, Gustavo - ESTUDIOS SOBRE LA REENCARNACIÓN Y LA MEDIUMNIDAD.
ROSSETTI, Norma - INICIACIÓN ESPIRITUAL
WEISS, Brian - LOS MENSAJES DE LOS SABIOS

(*) *Empresário, ex-dirigente juvenil espírita, ex-presidente e atual vice-presidente do CREAR-Conselho de Relações Espírita da Argentina, diretor da Sociedade Espiritismo Verdadero, de Rafaela-AR, presidente da Comissão Organizadora do XVII Congresso Espírita Pan-Americano.*

REPRESENTAR E ARGUMENTAR - PROBLEMATIZAÇÕES LINGUÍSTICAS EM TORNO DO TEXTO DE KARDEC

Dinorá Fraga da Silva (*)
Porto Alegre-RS, Brasil

Um texto produz informação e, mais que isso, sustenta valores que circulam em dada comunidade sociocultural, constituindo-se, pois, mais que lugar de representação de idéias, um lugar de comunicação. Pela construção da linguagem, conscientemente ou não, um autor persuade, convence, constrói crenças, estimula, desafia, intimida, seduz..... Assim, o texto é um lugar de influenciar e ser influenciado. O texto não é , então , neutro. É muito mais que conjunto de idéias, consideradas como "verdades." É um espaço de **construção** de idéias e de influência Isso é muito mais que espaço de circulação de informações. Escrever e ler, assim como falar e ouvir, são atos de comunicação, por isso são atos políticos e existenciais.

Para compreender esta proposta , feita pelos modernas teorias da linguagem, temos de refletir que um texto não é constituído só de palavras que referem tempo , espaço , seres e seus atributos. Este aspecto é construído pelas possibilidades que uma dada língua dispõe. Uma língua é sempre uma forma de ver o mundo e de influenciar outras pessoas. E isso se faz por jogos de construção de linguagem. Do ponto de vista das palavras, os textos reiteram, por um lado, significados já instituídos, dicionarizados, acumulados no tempo por uma comunidade lingüistica. Por outro lado, possuem mecanismos de criação para atualizar novos recortes de significados . Há uma tensão entre duas forças- uma, que tende a conservar, outra que tende a mudar. Nesta tensão, as mudanças vão ocorrendo, nos sistemas, sejam quais forem.

Em nosso caso, e com relação aos textos de Kardec, trata-se do sistema lingüístico. Só conservar ou só mudar produz linguagem ineficiente. O **predomínio da força de conservação** produz sentidos consensuais, desgastados, cheios de mesmice, de obsolescência. Palavras desgastadas por veicular idéias desgastadas. **O predomínio da força de mudança** gera novidade radical, cujos significados não são compreendidos pelos leitores, falantes de um dada língua. Esta é uma abordagem dialética do funcionamento da linguagem, própria de estudos mais atuais. A linguagem funciona na medida em que muda porque conserva e conserva porque muda.

Quando Allan Kardec insere na Introdução do Estudo da Doutrina Espírita, o item – Palavras Novas, coloca-se numa perspectiva segundo a qual uma palavra reflete uma idéia , que , por sua vez, reflete um certo modo de construir o conhecimento, próprio de uma época. . Uma nova idéia gera uma

nova palavra. Numa visão da modernidade, há o entendimento de correspondência, onde para cada idéia há uma palavra, e ler é decodificar, isto é, saber a correspondência entre idéias e palavras, propostas pelo autor e constituídas na cultura. Na época em que os textos da teoria espírita foram escritos, esta era a concepção de linguagem vigente.

A consciência da linguagem como comunicação e, logo, influência e espaço aberto para interpretações e de parceria na construção de sentido não era dada.. 'Para designar coisas novas são necessárias palavras novas" (Kardec,1999:p.9) Esta é a concepção corrente de então e que foi assumida por Kardec. Poder-se-ia inferir que o autor apresentaria um termo novo para uma idéia nova proposta por ele .onde haveria uma idéia inequívoca, dada por uma definição inequívoca. E ele o faz. Contudo, em sua competência de pensador, à frente de seu tempo, surpreende-nos. Já na busca da definição, ele gera um espaço aberto para a inserção das pessoas no compromisso de construir pensamento em relação a este novo conhecimento, na esteira de que estaria sendo dita a primeira palavra mas não a última. Diz-nos ele:

> "Diremos que a Doutrina Espírita ou o Espiritismo tem por princípio a **relação** (grifo nosso) do mundo material com os espíritos ou seres do mundo espiritual") idem, p. 10

A nova palavra não vem por uma linha etimológica, onde a partir de "spiritus" - definido, a partir do latim, como "ser imaterial e dotado de razão" (Real Academia, 1956).Ao invés de uma definição, temos a apresentação de um **campo** de ocupação deste novo conhecimento, cujo **objeto** de estudo (compreensão contemporânea de definição de ciência em seus diferentes tipos, se assim podemos falar- no caso, é ocupar-se da **relação.** Uma relação é sempre um campo aberto, inesgotável de semelhanças, diferenças, de problematizações e construções**.** Entendemos que, entre tantos momentos , este é um onde é colocado o caráter aberto, filosófico e investigativo do Espiritismo.

O esforço de como leitor do ano 2000, contribuirmos com Kardec, em seu propósito de atualização da teoria espírita, passa pela reflexão da construção do texto da obra kardequiana . É com este intento que apontamos uma contradição entre uma teoria nova que é apresentada por seu campo e objeto de estudos e o amarramento a uma abordagem de palavra como representação de idéias , visão esta que ele mesmo supera sem poder, no entanto, dar-se conta, devido ao panorama que regulava a ciência na época., panorama este que orienta a Introdução do Livro dos espíritos, enquanto teoria de linguagem explicitada :

> "Para designar coisas novas são necessárias palavras novas.: assim exige a clareza de uma língua, para evitar

> confusão que ocorre quando uma palavra tem múltiplo sentido" (idem, p. 10).

Esta posição sobre as palavras é bem do pensamento moderno. Uma palavra representa uma coisa, através de um conceito. Para cada conceito corresponde uma expressão lingüística, a palavra . Fala-se ou escreve-se a verdade toda vez que a palavra usada possuir uma relação de adequação entre o que se diz e um estado de coisas qualquer. Esta adequação é arbitrária e convencionalmente constituída. Não há um vínculo natural entre a palavra e o que ela designa. Uma vez denominada a idéia ou a coisa, a palavra passa a ter o poder de dizer "a verdade." Neste entendimento, conveniente para o pensamento moderno, da ciência e do desenvolvimento industrial, a palavra passa a funcionar como uma mercadoria. Os signos lingüísticos são mercadorias que circulam com valores únicos, que devem ser inequívocos para garantir, com eficiência, a circulação de bens de consumo.

Há um sentido político- econômico ao afirmar que mais de um significado para cada signo gera confusão. É a busca do regular , a busca da verdade, da certeza. Ora , como apresentar um campo novo de conhecimento pelo seu objeto e campo de interesse, defendendo, ao mesmo tempo que a inexistência de uma palavra para a mesma coisa gera confusão? . O campo da relação , como vimos, pressupõe abertura que envolve as pessoas no compromisso ou desafio de também construir estas relações .Isso envolve pessoas e grupos ativos , atuantes, construindo pela força da mudança, nuanças, acepções, variações de entendimento, a partir de significados construídos antes por uma dada comunidade sociocultural.

Kardec continua na direção aqui contestada

> " Uma outra palavra sobre a qual devemos igualmente nos entender(...) e que se torna objeto de muitas controvérsias **por falta de um significado que a defina com precisão determinada** '(o grifo é nosso) é a palavra alma (...) Uma língua perfeita em que cada idéia tivesse sua representação por um termo próprio, evitaria muitas discussões ; com uma palavra para cada coisa todos de entenderiam) idem, p.10.

Mais adiante , após discorrer sobre os diferentes sentidos da palavra alma, afirma:

> "sem considerar o mérito destas opiniões , considerando apenas o lado lingüistico da questão, diremos que as três aplicações da palavra alma , constituem três idéias distintas e

> que , para serem claramente expressas, cada uma precisaria ter um termo diferente" (ide, p. 10).

Depois de outras considerações, propõe o termo princípio vital. Esta concepção gera um leitor que busca no texto aquilo que já está, de antemão, dado, cabendo a ele, leitor, "beber na fonte", com cuidado para não errar ou desvirtuar o sentido do autor .Qualquer que seja este autor, ele tem poder de trazer o "melhor e mais verdadeiro" significado depositado no texto, que deve ser apreendido pelo leitor. Por certo, esta concepção de linguagem que aparece explicitada por Kardec não é compatível com o caráter aberto da teoria proposta, mas era a que vigorava. As teorias contemporâneas lhe permitiriam assumir uma construção marcadamente argumentativa, como característica do caráter de abertura do novo conhecimento, convocando-se o leitor a participar mentalmente, permitindo ou potencializando tomadas de consciência. Pensamos ser útil a apresentação de algumas idéias que orientam os estudos em linguagem mais atuais.

ARGUMENTAÇÃO, SIGNIFICAÇÃO E REFERÊNCIA

Os gregos se ocupavam de concepções que consideravam a passagem do sensível para o inteligível. As teorias vão-se desenvolvendo, ao longo do tempo, através de uma ou outra polaridade. No pólo sensível situa-se a possibilidade de representação do real, através do conceito, absorvido pelos signos. Tratar com a argumentação é romper com o modelo tradicional de signo, ligado ao nome e este ligado à função veritativa da linguagem. A representação de uma realidade, na argumentação é assumida como construção da linguagem , através dos efeitos de verdade. Há um parecer ser verdadeiro – apagam-se o uso dos pronomes eu e tu. Retiram-se expressões marcadamente coloquiais como aqui, ai, ontem, etc. Encontramos aí uma compreensão para os efeitos do texto construído como diálogo , no Livro dos Espíritos. A relação eu (Kardec) e tu (os espíritos) como interlocutores é um exemplo de conhecimento sendo constituído como interlocução-característica do conhecimento que não é dado enquanto revelação. O efeito é de proximidade, inclusão, construção humana, conhecimento com acessibilidade.

A questão da referência esteve sempre presente desde a diferença entre o inteligível e o sensível. Em Crátilo, ao perguntar a Hermógenes se o nome que damos aos objetos são próprios de cada um , Platão remetia ao falar falso e verdadeiro. Em certos diálogos , como Fedon e República, Platão falava do mundo das idéias e do mundo real. Logo, quando falamos sobre o mundo, não falamos sobre seres de carne e osso mas através de recortes mentais e de apreensão pelos sentimentos e valores. Falamos de uma presença vinda pela linguagem que já não é mais presença posto que a todo momento pelo viver,

sentir e pensar novos sentidos estão sempre sendo produzidos. A questão é pensar o que é o sensível. Uma estrela que vemos não é senão reflexo de uma estrela real .Enquanto entidade autônoma, estava localizada há milhões de quilômetros de distância, de tal forma que o tempo que sua luz levou para viajar no espaço até que fosse percebida, foi suficiente para sua desintegração. Seu efeito é real, sua existência é uma aparência.. De que sensível, então, o inteligível trata? Se a realidade para o ser humano é construída de modelos mentais, então a questão do falso e do verdadeiro pode ser problematizada. Tratar da linguagem, assumindo-a como processo de constituição de significados, que não se confundem com verdades, exige que consideremos uma concepção de linguagem que não esteja ligada apenas à concepção do nome, ao objetivo de designar coisas, mas ao de influenciar. Vejamos uma destas teorias que sustentam que a função da linguagem é influenciar. Trata-se da argumentação.

Oswald Ducrot é um lingüista francês que propõe a função da linguagem como argumentação. Para ele, a linguagem é sempre argumentação. Os atos de fala não têm a ver com verdade ou falsidade. . É o caso de um desejo ou de uma ordem, que alude a um mundo que não existe fora desta ordem ou desejo. Ducrot explica que a diferença entre realidade e sentido data do século XIII , quando se opunha entre as propriedades lógicas da linguagem, o "significatio" à "suppositio". O primeiro era definido como uma relação entre uma idéia, uma realidade fônica e uma coisa. Quando é afirmado "Sócrates é branco", a palavra se refere a um indivíduo. Ao afirmarmos "o homem é mortal", homem supõe uma relação a um conjunto de seres , entre os quais se encontra Sócrates. . A palavra homem não tem relação com Sócrates em sua natureza individual , mas em sua condição humana geral .As idéias não são os significados. Estes são resultados de construções particulares expressas e construídas por línguas particulares. Ë conhecido o episódio narrado por Humberto Eco , sobre seu livro Leitor in fábula. Querendo traduzi-lo para o inglês, encaminhou-o para um tradutor, falante de língua inglesa. Ao receber o livro traduzido, não reconheceu o livro que ele tinha escrito. Era outro texto. Ao passar para outra língua, o falante nativo não traduziu palavras, mas pelas palavras traduziu uma forma de organizar o mundo, característica, no caso, deste tradutor de Eco, do modo norte-americano de organizar o sentido do mundo, diferente do modo italiano. Não é devido, por exemplo, ao conceito universal de árvore que a palavra árvore, em português, aponta para um domínio diferente de si mesma. É devido a uma visão ocidental, brasileira, regional, etc. que se pode pensar em árvores particulares.

O sentido das palavras deve ser buscado no modus. Esta dimensão aparece marcada pelo tipo de verbos, pela pontuação e outros recursos da língua, que produzem efeitos de mobilização afetiva ou cognitiva sobre o leitor. Há um diálogo em Platão, chamado Laches, que trata sobre a coragem. A palavra coragem evoca um princípio de avaliação das ações humanas, onde ser corajoso é ser bom. Este princípio orienta o sentido dos enunciados. É como um regra que

está no interior dos enunciados , orientando-os. Assim , os enunciados convocam princípios avaliativos. Quando alguém afirma que ser elegante não é vão, há por parte de quem fala o assumir um valor comum - a elegância é uma qualidade. Este valor é assumido, a partir uma atitude cultural, segundo a qual , por exemplo, a aparência determina um estado de ser.. Outro exemplo- dependendo do momento político-econômico, se for recessão, orientado pelos princípios- **gastar não é bom ou gastar é bom,** dizer que alguém é sovina ou econômico tem diferença. Quem não gasta na recessão é econômico e, em períodos de abertura, é sovina. Assim como quem gasta será perdulário ou generoso, num caso ou noutro. É o caso das vitrines. A expressão "menos de..." orienta para o sentido de mais barato de acessível ,etc.

Entre os livros de Allan Kardec, particularmente, O Livro dos Espíritos nos apresenta exemplos de linguagem como argumentação .Na parte primeira, o sentido do texto é argumentativo, tanto de Kardec em relação aos espíritos, quanto destes, em relação a Kardec e, ambos, em relação ao leitor. O diálogo de Kardec com os espíritos se insere nas idéias que brevemente desenvolvemos.

Vejamos a pergunta 2: "O que devemos entender por infinito? Observemos que a pergunta não foi- O que é infinito? A expressão- **o que devemos entender por** autoriza subentendidos por parte do leitor, a partir do uso dos verbos **devemos** e **entender:**

- propõe o infinito como objeto do pensamento, uma idéia orientadora mais que um conceito;

- a palavra entendimento remete para atitude ativa, construção mental cuja responsabilidade é de quem entende, envolvendo elaboração, participação, no caso, de todos **autorizados pelo uso da terceira pessoa do plural - nós**

- verbo dever em **devemos entender**, faz parte da categoria de verbos modais, tipo particular de verbos, relacionados com a lógica modal , que é uma lógica do sujeito, assim como querer e poder,. Particularmente, neste caso, o verbo dever remete para o entendimento. Surge como uma instituição regulada pelo dever, criando uma obrigatoriedade do sujeito em relação ao entendimento. Novamente surge a dimensão do modus, antes referido.

A seguir , Kardec não pergunta – Deus é infinito?, mas- **Poderíamos** (grifo nosso) dizer que Deus é infinito? A resposta dos espíritos é exemplar, na linha do que estamos desenvolvendo- eles desafiam, convocam ao pensamento, provocam. O caminho para leitura neste caso é só um - o leitor ativo, envolvido numa hermenêutica de instauração do sentido, a partir de "uma resposta sem

resposta" dos espíritos , caracterizando a possibilidade apresentada por Kardec, como **definição incompleta, pobreza de linguagem, insuficiência para definir.**

A leitura exige um pensamento do tipo se x, então Y. Se a definição proposta por Kardec é incompleta, então....cabe a cada um ou a grupos (os leitores, os estudiosos) continuarem o pensamento, entrando no compromisso de construção da possível resposta que, como sabemos, evoluirá e mudará na medida de nossa evolução. Nem mesmo os espíritos se autorizam a dar **A** resposta. Há, sim, caminhos, produzidos pelos desafios de um pensamento expresso numa pergunta que é avaliada como incompleta e insuficiente.

Com Kardec, estamos todos chamados a contribuir para uma nova concepção de espiritualidade - o Espiritismo. Nossa tarefa é de continuarmos sua construção através de nosso pensamento que deve ser sensível, atual e, logo, afetivo e problematizador. **Querer, dever, pode**r para cada vez mais **sermos e sabermos** na trajetória de evolução de todos os seres da natureza, este é um grande e precioso desafio. Para além dos textos estas dimensões se atualizam em nossa relação com todos os planos da natureza que, em diferentes expressões nos convidam a leituras emancipadoras.

Assumir a argumentação como aspecto constituidor da linguagem implica assumirmos nossa relação com o texto, enquanto ato de leitura, como a ocupação dos espaços entre o pensamento manifesto no texto pelo autor e o pensamento em produção, pelo ato de leitura, do leitor. Uma atitude passiva, de entendimento do texto como um lugar de autoridade que institui uma determinada forma de saber, onde se espera que as pessoas prolonguem e reforcem a expectativa de referência do texto , problematizada neste trabalho, ou o lugar de levantamento de expectativas, constituidoras do suspense no espaço que vai do se ... ao então, que possibilita o aparecimento do sentido novo.

Bibliografia

DICIONÁRIO DE LA REAL ACADEMIA DE LA LENGUA ESPANHOLA. Real Academia espanhola. Madrid, 1956. 19. Ed. Espasa- Calpe. S.A

DUCROT, Oswald. Provar e dizer: leis lógicas e argumentativas. São Paulo, Global, 1981

_____ . Dizer e o dito. Campinas, Pontes, 1987

KARDEC, Allan. O livro dos espíritos: tradução de Renata de oliveira Barboza da Siva e Simone T. Nakamura Bele e Silva. São Paulo: Petit,1999.

PLATÃO. Crátilo. Lisboa. Sá d Costa,1963

(*) Educadora, Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade de São Paulo, Professora dos Cursos de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Espiritualidade da UFRGS, ex-diretora da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, autora de livros e artigos.

DINÂMICA DAS MUTAÇÕES DAS ESTRUTURAS MENTAIS

Jaci Regis (*)
Santos-SP, Brasil

1. PREÂMBULO

Em 1848, Karl Marx e Frederich Engel lançaram, em Paris, o Manifesto do Partido Comunista, com o propósito de inaugurar uma nova fase para a humanidade, redescobrindo o valor da pessoa comum e pretendendo destruir a sociedade burguesa, embora ambos fossem burgueses. Nesse Manifesto eles afirmaram, prenunciando as mudanças radicais que propunham **"***tudo o que é sólido se desmancha no ar , tudo o que é sarado é profanado e os homens finalmente são levados a enfrentar(...)as verdadeiras condições de suas vidas e suas relações com seus companheiros humanos***".**

O tempo era de propostas radicais para revolucionar, combater a injustiças, lutar pelo estabelecimento da ditadura do proletariado e uma sociedade sem classes sociais.

Marx criticou os filósofos que interpretavam mas não transformavam a sociedade. Era a filosofia da praxis, da atuação social.

Não importa se o sonho da sociedade comunista tenha aparentemente naufragado, mostrando que não basta uma excelente idéia, mas é preciso que existam pessoas capazes de, ética e eficientemente, colocá-la em prática. O que importa assinalar é que o mundo nunca mais foi igual, depois de Marx.

Em maio de 1855, o prof. Rivail começou uma nova e fascinante virada de sua vida. Diante dos fenômenos mediúnicos afirmou **"***vislumbrei naqueles fenômenos a chave do problema do passado e do futuro da Humanidade, tão confuso e tão controvertido, a solução daquilo que eu havia buscado toda a minha vida. Era, em suma, uma revolução total nas idéias e nas crenças existente."*

Allan Kardec, certamente, não pode ser classificado entre os filósofos mais prestigiados da era moderna, como Kant, Hegel e outros, que desenvolveram o pensamento filosófico com enunciados sobre o idealismo, a crítica da razão, o comportamento, na tentativa de descrever o ser e a razão das coisas.

Entretanto, a partir de princípios muito antigos e mais ou menos difundidos, e sob o amplo relacionamento com os Espíritos, ele elaborou uma doutrina filosófica de praxis. Uma doutrina de transformação moral objetiva, na prática da caridade benevolente e benemerente e no resgate dos princípios de comportamento, da ética, da moral de Jesus de Nazaré, num momento em que as igrejas cristãs davam mostras de exaustão do seu domínio na cultura ocidental.

Sem o viés partidário e ativista do marxismo, Kardec baseou o sucesso de sua doutrina no impacto revolucionário que a comprovação científica da imortalidade produziria sobre a sociedade, com profundas modificações estruturais no pensamento individual e coletivo.

De raciocínio positivista e cartesiano, temperado pelo humanismo pestalozziano, o professor Rivail sonhou e anteviu a vitória do Espiritismo, enquanto produtor de novas estruturas mentais das pessoas, a partir das bases da cultura ocidental.

Passados 143 anos do lançamento da doutrina, certamente a revolução kardecista não aconteceu, mas a semente lançada pelo Espiritismo germinou e germina continuadamente. Foi graças ao seu trabalho que criaram-se condições para o desenvolvimento das pesquisas psíquicas que envolveram sábios e investigadores de renome cultural e científico.

Embora não esteja consolidado na cultura, podemos dizer que o mundo nunca mais foi igual depois de Allan Kardec.

Aliás, Kardec jamais teve a veleidade de produzir a transformação social. Analisando as reformas e revoluções que se sucederiam, dentro do aforismo "os tempos são chegados", ele afirmou que "*O Espiritismo não cria a renovação social; a madureza da humanidade é que fará dessa renovação uma necessidade. Pelo seu poder moralizador, por suas tendências progressistas, pela amplitude de vistas, pela generalidade das questões que abrange, o Espiritismo é mais apto do que qualquer outra doutrina para secundar o movimento de regeneração, por isso é ele contemporâneo desse movimento"(A Gênese)*

Na verdade, Allan Kardec abriu uma nova visão da realidade humana, revelando a existência funcional de uma humanidade espiritual, movendo-se ora no plano extra físico, ora no plano físico, dando novo significado para a vida , livre do misticismo e das fantasias sobre a natureza humana.

> Porque essa será a base da nova sociedade mundial dos próximos séculos. Esta resultará do dinamismo das mutações, num leque de contribuições dos vários setores da cultura, a se entrelaçarem complementarmente numa nova ética – provavelmente uma composição da doutrinas de Jesus de Nazaré, Buda, Confúcio, Maomé e outros tantos semeadores de luzes, de todos os quadrantes.
>
> Para ajudar na construção desse novo momento é que Kardec quis preparar o Espiritismo.

2. TRABALHO DE KARDEC

"*A princípio, eu só tinha em vista instruir-me. Mais tarde, quando vi que aquelas comunicações um conjunto e tomavam as proporções de uma doutrina, tive a idéia de publicá-las para que todos se instruíssem*". Essas palavras de Kardec (Obras Póstumas - Minha Primeira Iniciação no Espiritismo) mostram como ele desenvolveu seu trabalho de elaboração da doutrina espírita.

É verdade que Kardec fez um trabalho solitário e pessoal.

Na biografia publicada na edição de maio de 1869, da Revista Espírita, a primeira não redigida por ele, o biógrafo afirma que **"***ele era só***!...."**. No discurso à beira do túmulo, Camille Flammarion, disse que ele **"***despertou rivalidades; fez escola sob uma forma um tanto pessoal...*" Na Revista de junho do mesmo ano, está a informação de que "*até hoje a Revisa Espírita foi essencialmente obra e criação do sr. Allan Kardec, como aliás todas as obras doutrinárias que ele publicou***."**

Ele começara a institucionalização do Espiritismo, em torno de sua pessoa, com a publicação da Revista Espírita, em janeiro de 1858 e com a fundação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, em abril do mesmo ano.

Sobre a Sociedade ele escreveu em 1º de janeiro de 1867*:"A sociedade de Paris foi um foco permanente de intrigas urdidas por aqueles que se diziam meus partidários e que, agradando-me na frente, me ultrajavam pelas costas".*

Comentando sua decisão de editar a Revista Espírita e tendo de fazê-lo sozinho e por sua conta ele disse *"Reconheci mais tarde que tinha sido uma felicidade eu não haver encontrado financiador, porque fiquei mais independente, ao passo que um estranho poderia ter querido impor-me suas idéias e sua vontade, entravando-me o andamento do trabalho. Sozinho não tinha que prestar contas a ninguém por mais pesada que fosse minha tarefa, com o trabalho".*

Assinalo esses fatos para que entendamos como surgiu a doutrina e o projeto que seu fundador tinha para seu desenvolvimento e consolidação.

3. PARADOXOS E NUANCES

É também verdade que Kardec teve dificuldade para explicitar claramente seu pensamento, não por falta de talento, mas de linguagem adequada.

Embora objetivo, o pensamento espírita que Allan Kardec desenvolveu, de modo algum é simplista. Ao contrário. Exige reflexão e não adesão de crença.

Mas, ao se tornar uma doutrina de fé raciocinada, o Espiritismo lançou seu primeiro paradoxo, pois quando se racionaliza para ser verdadeira, a fé já extrapola o conceito intuitivo que a define, cuja sentença mais apropriada é sem dúvida a "crê ainda que absurdo", pois a fé, enquanto fé não procura razões.

Da mesma forma, a sutileza das interfaces de pensamento são constantes no Espiritismo de Allan Kardec, como na frase abaixo, tirada do discurso de 2 de novembro de 1868:

> "*as reuniões espíritas devem ser feitas religiosamente, sem que se tome, por isso, como assembléias religiosas".*

Eis aí uma questão da Lógica. Se as sessões devem ser feitas religiosamente, logo, diria a lógica, são reuniões religiosas. Mas Kardec diz que não e que a nuança é bem caracterizada.Fazemos essas ponderações para mostrar que para entender e seguir o pensamento espírita é necessário tirocínio e estrutura mental capaz de perceber as nuances, viajar na busca de significados

específicos, em meio a um mar de palavras e expressões consagradas com sentido muito definido.

4. DIRETRIZES PARA O FUTURO

Na Revista Espírita de dezembro de 1868 Kardec publicou a Constituição do Espiritismo, depois reproduzida em Obras Póstumas. Nela ele estabelece uma série de diretrizes para o futuro da Doutrina.

O capítulo Dos Cismas, é uma firme diretriz para o futuro do Espiritismo.

Comentando esse capítulo J. Herculano Pires escreveu o seguinte**:** **"***Kardec reafirma, nesse trabalho, todas as posições fundamentais da Doutrina Espírita que a caracterizam desde o início: uma doutrina aberta, estruturada sobre a tríade científica da observação, da experimentação e da pesquisa, avessa ao dogmatismo e ao misticismo e, portanto, à estagnação, confiante na capacidade humana sempre crescente de conhecer e por isso mesmo infensa também ao dogmatismo materialista."*

Eis aí a questão, Kardec confiava na capacidade humana sempre crescente de conhecer . Ou seja, ele previu ou queria um tipo de adepto com a necessidade e a disponibilidade de conhecer, mudar, crescer.

Ele mesmo defrontou-se, durante a elaboração do Espiritismo, com muitas vertentes e linhas de pensamento que seguiam paralelas ao seu trabalho. Por isso, considerando que ele era o fundador da teoria espírita, declarou que tinha o direito de estabelecer as premissas da unidade da Doutrina.

Vejamos o que ele diz a respeito do caráter evolutivo do Espiritismo.

A AFIRMAÇÃO

"A Doutrina é imperecível, sem dúvida, porque se baseia nas leis da Natureza e porque, melhor que qualquer outra corresponde às legítimas aspirações dos homens. ***"***

FICAR DENTRO DE IDÉIAS PRÁTICAS

"Não sair do círculo das idéias práticas. Se é exato que a utopia de ontem muitas vezes é a verdade de amanhã, deixemos que o amanhã realize a utopia de ontem, mas não dificultemos a Doutrina com princípios que seriam considerados quimeras e rejeitados pelos homens positivos."

O PROGRAMA

"O programa da Doutrina só será invariável quanto aos princípios que passaram a verdades comprovadas; quanto aos outros, ela só os admitirá, como sempre tem feito, a título de hipóteses até que sejam confirmados. Se lhe demonstrarem que está errada em algum ponto, ela se modificará nesse ponto."

A RAZÃO

"No estado de imperfeição de nossos conhecimentos, o que hoje nos parece falso pode amanhã ser reconhecido como verdade, devido à descoberta de novas leis. Isto acontece na ordem moral como na ordem física. E é contra esta eventualidade que a Doutrina nunca pode estar desprevenida."

O PRINCÍPIO PROGRESSIVO

"O princípio progressivo que inscreveu em seu código será a salvaguarda de sua perpetuidade. E sua unidade será mantida precisamente porque ela não repousa sobre o princípio da imobilidade. A imobilidade, em lugar de ser uma força, torna-se causa de fraqueza e ruína para os que não seguem o movimento geral. Rompe a unidade, porque os que desejam ir para a frente separam-se dos que se obstinam em ficar para trás."

MUDANÇA NO TEMPO CERTO

"Entretanto, embora seguindo o movimento progressista, é mister fazê-lo com prudência e evitar entregar-se às cegas aos devaneios, utopias e novos sistemas. Importa fazê-lo a tempo, nem muito cedo, nem muito tarde e com conhecimento de causa."

AS DIRETRIZES

"Por ela não se deixar embalar por sonhos irrealizáveis no presente, não se segue que deva imobilizar-se. Apoiada exclusivamente em leis naturais, não pode variar mais do que essas leis, mas se uma nova lei for descoberta deve juntar-se aos demais."

"Não deve fechar-se a nenhum progresso, sob pena de suicidar-se. Assimilando todas as idéias reconhecidamente justas, de qualquer ordem que sejam, físicas ou metafísicas, nunca será ultrapassada, e esta é uma das principais garantias de sua perpetuidade."

Vejamos, em resumo, o que Kardec exige do Espiritismo:

- Não imobilizar-se
- Não sair do círculo das idéias práticas
- Não desdenhar nenhum progresso
- Assimilar todas as idéias reconhecidamente justas
- Seguir o movimento progressista com prudência para evitar entregar-se às cegas aos devaneios, utopias e novos sistemas. Importa fazê-lo a tempo, nem muito cedo, nem muito tarde e com conhecimento de causa.
- Apoiar a descoberta de novas leis tanto de ordem moral quanto física

5. CRÍTICA À PROPOSTA DE KARDEC

Não me deterei no exame dos processos indicados por Kardec para a manutenção da atualidade do Espiritismo. Outros o farão. Meu intuito é analisar

a validade e a possibilidade da proposta em si mesma. Isto é, o que significa criar uma doutrina cujas idéias possam evoluir, progredir, negar-se e reafirmar-se?

A proposta de Kardec é um projeto possível ? Será que é possível manter uma disponibilidade mental e existencial capaz de suportar as mudanças?

As diretrizes acima expostas mostram várias facetas do pensamento do fundador da doutrina.

Em primeiro lugar, ao afirmar que a doutrina evoluiria com as idéias reconhecidamente válidas, no campo físico como no moral, ele, de certa forma, desvincula esse progresso da sua anterior afirmativa de que as mudanças dependeriam da confirmação universal dos Espíritos.

Talvez o amadurecimento de seu convívio diário com os Espíritos e com os espíritas, o tenha convencido de que seria muito difícil universalizar o projeto mediúnico como base essencial do Espiritismo .

Por isso preferiu que a Doutrina se organizasse em núcleos, como espécie de "observatórios do mundo invisível", que produzissem idéias, pesquisas e propostas razoáveis e concretas. Daí olhar o desenvolvimento da ciência, quer dizer de todos os segmentos da cultura, como coadjuvantes ou mesmo produtores do progresso doutrinário. Isso porque percebeu que a velocidade das mudanças logo tornariam algumas proposições senão ultrapassadas, mas deficitárias.

Além disso, acreditou que a cada 25 anos, um quarto de século, haveria tanta mutação no conhecimento humano que a doutrina, em **congressos orgânicos,** analisaria o resultado das pesquisas e incorporaria as que fossem compatíveis e lastreadas. O espaço de 25 anos seria um período muito bom para que não se precipitassem mutações que não teriam a resistência do tempo ou que a pesquisa não validasse.

Pelos cálculos de Kardec, considerando que a elaboração do Espiritismo por ele proposta foi iniciada em 1857, já teríamos realizado 5 congressos constitutivos.

Essa possibilidade de reunir e debater os princípios doutrinários, humanizava a doutrina e a retirava da tutela total dos Espíritos , mas não desprezava ou descartava a participação deles. Ao contrário, pois os Espíritos são parte essencial da estrutura doutrinária. E isso porque, sendo os princípios do Espiritismo parte da natureza, evoluiriam com o conhecimento mesmo dos fundamentos da natureza, seja pelos desencarnados, seja pelos encarnados.

Daí ser válida a questão que levanto.

Kardec ao propor esse processo de atualização, teria em mente que as gerações de espíritas seriam formadas por pessoas capazes perceber, analisar e adquirir novos conhecimentos, adequá-los à doutrina, sem descaracterizá-la.

Em que tipo de adepto pensava ele?

Exigiu que este fosse suficientemente capaz de não se fossilizar e manter-se dinamicamente a par do progresso. Ou seja, não imaginava pessoas conservadoras, medrosas, sem ousadia.

E eu pergunto, Kardec não teria sido ingênuo? Não teria criado uma impossibilidade?

Vejamos as posições de J. Herculano Pires que, em sua obra Agonia das Religiões, diz, no Capítulo IX, intitulado "Dúvida e Certeza":

"No Espiritismo a dúvida é considerada como condição necessária à busca da verdade. Kardec a aconselha como método de controle das manifestações mediúnicas e de estudo dos princípios doutrinários. A crítica se torna, assim, elemento básico da filosofia e da prática espírita. Mas é evidente que deve ser exercida por pessoas que tenham condições de cultura e bom senso para criticar."

6. ESPIRITISMO BRASILEIRO

Tudo o que acima foi dito representa o ideal, o Espiritismo projetado por Kardec, mas não é o Espiritismo real, o que existe e influencia as pessoas.

Com a falência do movimento espírita na Europa e com a sua pouca repercussão na América, o Brasil é o lugar onde nominalmente ele floresceu.

Entretanto, desde o início, o movimento que se organizou em torno da doutrina, não resistiu à pressão da cultura brasileira. A criação do jornal Echo D'Além Túmulo, em 1863, por Luiz Olympio Telles de Menezes, na Bahia, mostra claramente essa tendência e a mistura que desde então cercou a doutrina no país.

É difícil imaginar que, tornado uma doutrina popular, a massa que acorreu aos Centros tivesse condições para entender o projeto audacioso que acima mencionei.

Movidos pelas suas convicções, os iniciadores do movimento espírita brasileiro, esquematizaram o pensamento espírita, simplificando-o para, de certa forma, adequa-lo ao modelo de culpa e castigo do cristianismo. Essa simplificação transformou o Espiritismo numa crença espiritualista baseada na lei de talião, mistificada como lei de causa e efeito, dentro de uma visão estrita e confessional. Todo o movimento se baseou nessa perspectiva de pagamento de dívidas do passado e a reencarnação passou a instrumento de punição divina.

Na verdade, podemos afirmar a existência de um "Espiritismo Brasileiro". Pois o Espiritismo real, que se instalou no Brasil, há de ser diferenciado como uma derivante do Espiritismo kardecista.

A doutrina propriamente dita, as idéias, ficaram para trás e, no vácuo dessa desistência, infiltraram-se com facilidade os conceitos do catolicismo e modos do protestantismo. Tanto que o livro básico do Espiritismo brasileiro é o Evangelho segundo o Espiritismo, que embora não sendo, como não é, um livro tipicamente religioso, mas uma análise prática de textos esparsos do Novo Testamento, foi tomado como um livro sagrado ou uma substituição espírita dos evangelhos canônicos.

É notório que as diretrizes de Allan Kardec, tanto no projeto 1868 quanto na Constituição, foram desprezadas. O Espiritismo tomou feição de movimento religioso, consolador, provedor de benefícios.

Esse imobilismo impede de ver que não existe uma dicotomia, um confronto entre o ser a divindade, como tem sido apregoado e estabelecido, mas que a criatura humana é parte integrante e inteligente da obra divina.

O Espiritismo brasileiro, na prática, mantém intacta a falsa compreensão que divide a vida entre o profano e o divino, que as religiões de todos os tempos acentuaram como forma de domínio e poder, uma vez que se situaram como intermediárias e provedoras da salvação, e do perdão divino. Para elas tudo de bom provém ou está no Além, lugar de julgamento.

7. ESPIRITISMO BRASILEIRO NÃO É REVOLUCIONÁRIO

Nesse contexto, o Espiritismo deixou de ser uma proposta revolucionária, para conformar-se com o papel de reformador de estruturas arcaicas, trabalhando sobre elas mesmas. Pois a visão espírita ficou muito parecida com a visão cristã comum ao embalar-se com promessas do profetismo, pelas quais a intervenção divina é que muda as coisas, retirando do ser humano a iniciativa e o mérito das transformações sociais e do pensamento.

Por fim, condenará o Espiritismo ao papel de espectador e não de agente ou pelo menos de agente coadjuvante , nas mudanças que se processam diariamente no cenário mundial.

Ao lado de pessoas de excelente capacidade intelectual, principalmente entre a elite de iniciadores, perfilaram-se milhares de criaturas de pouca cultura, sem uma estrutura mental positivamente progressista.

Mas tanto os intelectuais como os menos intelectuais, uniram-se no discursos evangélico e obscurantista que reduziu, afinal, o Espiritismo a uma religião ou quase religião porque, mesmo sem qualquer justificativa prática, continuaram afirmando-lhe os caracteres filosóficos e científicos.

Basta verificar a história do Espiritismo brasileiro para constatar que ele afastou-se do pensamento de Kardec, para criar um misto de kardecismo e evangelismo, engessando-se numa visão conservadora de homem e de mundo, sem desenvolver um processo dinâmico de entendimento progressivo..

O perfil do movimento e dos adeptos é bem específico.

Diz-se que a maioria "veio pela dor", que é elevada a única forma de redenção dos pecados praticados no passado. Substituiu-se o "pecado orignal"da Igreja, pelo "pecado originário do passado", no mesmo entendimento da Justiça Divina e da vida terrena.

A adepto virou crente. Ao iniciar-se no Espiritismo mantém praticamente sua estrutura mental adquirida nas religiões, pois aqui encontrou modificações apenas pontuais, dada a forma como o ensino e doutrina foram transmitidas e a maneira como as instituições foram criadas.

Uma clara perspectiva desse perfil pode ser encontrada na frase "**A vida é mais importante que a verdade"** que me foi dita pelo médium Francisco Cândido Xavier, transmitindo, segundo disse, idéia do Espirito André Luiz.

Nesse entendimento, manter a vida, física e mental das pessoa, consola-las, dar-lhes esperanças é muito mais importante do que fazê-las pensar, discutir idéias, recriar imagens e seguir o próprio caminho.

Manteve-se o mesmo sentido da brevidade e do peso da vida terrena, encarada como uma forma de castigo e de exílio.

Todo o esquematismo do Espiritismo brasileiro gira em torno dessa perspectiva para a vida terrena, mantendo o pensamento mágico e a posição de medo e obscurantismo diante da vida e da atuação da Lei divina.

Daí,a exaltação da mediunidade e a elevação dos médiuns à posição de sacerdotes e porta-vozes do divino, numa espécie não consciente de santificação dos mortos e de desprezo pelo esforço humano, uma vez que toda a sabedoria emanaria do Além.

Como no cristianismo, a vida terrena é considerada um "vale de lágrimas" e o que cada um deve fazer é sofrer suas dores, como prêmio divino para a redenção futura. A existência ficou, praticamente, sem outro sentido senão o de ressarcir dívidas, dada a quase eterna indisposição das criaturas para o bem.

Então, quando estamos tratando de atualizar a doutrina, na verdade estamos tentando reencontrar sua estrutura criada e pensada por Allan Kardec. É a partir daí que devemos encetar nosso esforço, o que em relação à maioria esmagadora do espiritismo brasileiro, representa recriar a doutrina.

8. DINÂMICA DAS ESTRUTURAS MENTAIS

Allan Kardec elaborou a Doutrina para um tipo de adepto capaz de mudar, de transformar, de aceitar o novo, sem desestruturar-se.

Uma exigência bastante difícil de ser aceita por um grande número, talvez a maioria das pessoas.

Porque, psicologicamente, as pessoas tendem a se acomodar, a ser conservadoras.

Cada pessoa, direi Espírito, para situar a construção dos conceitos através do tempo e encarnações, vai sedimentando conhecimentos e experiências Essa estrutura mental define a individualidade permanente, cerne, base, fundamento das personalidades que cada um de nós assume nas várias encarnações. E determina o perfil psicológico do ser.

É um processo complexo e desenvolve uma visão particular, um código com o qual o conjunto da vida é decodificado. Cria a própria e específica interpretação dos fatos, das idéias, a partir dessa maneira pessoal de olhar, sentir e perceber fatos e idéias.

As estruturas mentais se tornam, pois, consistentes, como fatores constitucionais do ser e vão sendo consolidadas:

a) pela força dos modelos culturais, insistentemente repetidos e mantidos, seja pela instituição familiar, pela classe social, pelos clãs, sobretudo pela crença religiosa, através processo evolutivo atemporal;

b) por convicções específicas que atendem à visão de mundo que cada um desenvolve por afinidades de afetos (perspectivas, sonhos) ou compensação (medos, angustias, etc.);

c) como forma de manter-se relativamente estável (mesmo na loucura) diante das incertezas naturais ou alucinadas.

Tais estruturas constitucionais, pertencem ao acervo espiritual e podem persistir encarnação após encarnação, com modificações pontuais, até que sejam abaladas por fatores variados.

Então, o abalo é assimilado ou rejeitado produzindo reações contraditórias:

a) às vezes as reações são violentas, agressivas, como recursos de salvaguarda da própria estrutura mental existente, surgindo condutas de confronto como medida de força e inibição da diversidade conceitual. São os choques religiosos, por exemplo, entre facções adversárias.

b) outras vezes, o ser desenvolve desvios conceituais, argumentação falaciosa para sustentar antigas convicções ou, também, pode simplesmente tornar-se indiferente negando-se a perceber os abalos da convicção nela permanecendo acomodado

c) não poucos entregam-se ao desalento e à descrença. Quando esse estágio move-se para uma busca de outras alternativas ou respostas, inicia-se um período de grande conturbação interior.

Abre-se um vazio existencial.

Medos, ansiedades estão na base desse processo de definição existencial. Mesmo nas mentes que possamos considerar razoavelmente sadias, subsiste, também, o medo de mudar.

A angústia do novo provoca um longo período de incertezas. Nem sempre a clareza de raciocínio é fator positivo no processo de mudança. Muitos apenas alcançam novo nível de acomodação mental. Refugiam-se numa determinada crença, seja espiritualista ou materialista e não chegam a elaborar uma nova visão de homem e de mundo.

Porque há uma diferença sensível entre a acomodação e a mudança. A mudança representa a descoberta, um novo caminho, um novo entendimento. A acomodação é uma forma sutil de manter as mesmas posições, com formas e modos meramente exteriores.

Além disso, a incerteza generalizada sobre as razões mais profundas da vida e a inevitabilidade da morte, desenham o quadro final desse complexo.

Mudar é, pois, um processo traumático.

Podemos, figurativamente, ilustrar esse processo na visão de uma árvore frondosa, cheia de folhas verdes no verão, que se desnuda e fica com galhos secos e nus, no outono e inverno, e que novamente refloresce e se enche de folhas verdejantes.

O primeiro momento é o tempo em que a pessoa está confiante e confortável com suas crenças, idéias, seu modo de ser.

O segundo momento é o tempo de transição, da dúvida, do questionamento, do abandono de crenças, idéias, acalentadas e muitas vezes muito sedimentadas.

O terceiro momento representa a recuperação das idéias, das crenças, em novo sentido, prisma e conceito.

Muitos temem o segundo momento, os galhos secos, a nudez das folhas, a exposição da alma ao incerto, à insegurança da transição e permanecem com suas velhas folhas, sem coragem, disposição ou necessidade de atravessar esse outono-inverno , esse trânsito da certeza para a incerteza em busca de novas certezas.

Entretanto, sem essa mutação a árvore fenece e não pode produzir flores e frutos. Duro é o discurso da mutação, da mobilidade conceitual.

Transcrevo as linhas de carta que recebi, num momento de transição de nossa vida espírita, de um ex-companheiro de doutrina, dotado de inteligência e trabalhador assíduo do movimento, ao se despedir, ausentando-se da luta que travamos:

"A revisão de valores que você tem comandado e que eu, em bem reduzida parte cooperei, ganhou um ritmo para mim acelerado, acima da minha capacidade de apreensão. Em alguns momentos, tudo isso tem me confundido a mente. O que era não é, o que valia não vale mais. Olhar para trás significa auto-acusação. Aí vem o desconforto duro, porque foram muitos anos de empenho, trabalho e crença, que chamamos ideal. E pôr outras coisas nesse espaço não tem sido fácil."

É preciso advertir que essa flexibilidade mental, que se permite examinar as contradições e ouvir as incertezas internas e não desestruturar-se com a queda de crenças, mitos e idéias a que se consagrou durante muito tempo, não tem uma relação objetiva com escolaridade.

Faço esse apontamento porque serão inevitáveis as críticas ao elitismo ou à ironia sobre os "doutores" e outros mecanismos de que se servem intelectuais que, não obstante, combatem a intelectualidade, supondo que os "simples" seriam excluídos, sendo que denominam "simples" os que não possuem condições mínimas de entendimento e, por isso, engrossam as fileiras dos freqüentadores e - pasmem! - de certos dirigentes dos centros espíritas.

Um pormenor importante nessa elucubração é que não se trata de pessoas "letradas" no sentido eufemístico ou pretensioso. Mas de pessoas capazes de refletir, de pensar e crescer, independente de títulos. É claro que, quando o país luta para livrar-se totalmente do analfabetismo, não seria a doutrina que louvaria a não-cultura.

É uma questão de amadurecimento e de assumir uma nova rota, quando a que se trilha se esgotou.

Friso isso porque muitos não evoluem, desiludem-se. Não crescem, abandonam o caminho. Não questionam profundamente; reclamam , mascarando o sofrimento e o medo de mudar.

O princípio do progresso das idéias inclui a negação simbólica para abrir espaço ao debate e à crítica, fertilizando as idéias.

Como afirmei, existe uma tendência à acomodação no processo de aprendizagem. E o progresso no que tange ao pensamento espírita é, sem dúvida, um processo de aprendizagem.

Como diria Mc Lhuan, referindo-se à escola dos tempos de mudança, que o aluno deveria saber aprender, desaprender e reaprender, dada a mutação constante dos fatores.

Na verdade, é preciso abrir um parêntese, para afirmar, segundo meu entendimento, que a mudança de paradigmas é um processo secular, enquanto a mudança dentro dos paradigmas é um processo de mutação constante. Ou seja, só se muda um paradigma quando este esgotou sua capacidade de aceitar a reciclagem das idéias, por estar saturado de obscurantismo ou cristalizado de tal maneira que não possibilita nenhuma forma de questionamento.

Nesse sentido, não creio que os paradigmas estabelecido por Kardec estejam superados, mas que permitem ainda uma reciclagem de linguagem e de sentido, sem perder as ligações originais.

Como, pois, definir o adepto do Espiritismo?

Kardec disse**:**

"*Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas más inclinações"* (O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo XVII, item 4).

Embora essa afirmativa tenha sido, quase sempre, entendida sob o aspecto moralista, verificamos que ela caracteriza o espírita como alguém que quer evoluir constantemente, inclusive moralmente.

Encontramos no O Livro dos Espíritos, uma análise interessante sobre o progresso.

779. O homem tira de si mesmo a energia progressiva ou o progresso não é mais do que o resultado de um ensinamento?

O homem se desnvolve por si mesmo, naturalmente, mas nem todos progridem ao mesmo tempo e da mesma maneira; é então que os mais adiantados ajudam os outros a progredir, pelo contato social.

780. O progresso moral segue sempre o progresso intelectual?

É a sua conseqüência, mas não o segue sempre imediatamente.

780-a. Como o progresso intelectual pode conduzir ao progresso moral?

Dando compreensão do bem e do mal, pois então o homem pode escolher. O desenvolvimento do livre arbítrio segue ao desenvolvimento da inteligência e aumenta a responsabilidade do homem pelos seus atos.

Nesses ensinamentos verificamos como o Espírito, ao longo de sua vida, desenvolve qualidades diferenciadas, retratando as estruturas psicológicas que constrói.

Idéias e sentimentos formam estruturas mentais, que são flexíveis ou inflexíveis, criando bloqueios a serviço da defesa do ser, sempre ameaçado pela incerteza e pelos acontecimentos.

Lembremo-nos que o ciclo nascimento, vida, morte, repetindo-se ciclicamente, é um processo de incerteza constante, até que o Espírito tenha plena e razoável compreensão de sua natureza e perceba a vida terrena como instrumento de sua ascensão, mas que não o reduz a um organismo.

Isso explica as dificuldades e as repetições dos mesmos sintomas, erros e idéias, vida terrena após vida terrena, porque nascer, viver, morrer, não representam, por si mesmos, rupturas estruturais. São condições necessárias para preparar o Espírito para essas rupturas, sob o impacto de descobertas, abalos de crenças e outros fatores externos que mobilizem motivações internas, único caminho para verdadeiras transformações das estruturas mentais.

Daí, a confirmação de que as mudanças são iniciadas na reelaboração de idéias, timidamente assumidas, para depois se tornarem reais, exigindo uma unidade de tempo.

Por isso, a diversidade de prontidão para mudar.

Alguns estão abertos a isso pela assimilação de experiências e porque encontraram um caminho de aplicação da liberdade de pensar e reelaborar.

Outros, retraem-se. Chegam, mesmo, a considerar novas idéias como sadias, excelentes para seus problemas e incertezas, mas titubeiam, hesitam e, muitas vezes, permanecem acomodados.

Por fim, há os que refutam, no momento em que vivem, qualquer possibilidade de mudar, mantendo inflexíveis suas estruturas e nem mesmo considerando a possibilidade de transformação.

O espírita que Kardec aspirava, precisa ensaiar a liberdade de pensar, suportar o medo da travessia, sem precipitação, mas sem relutância, num ritmo certo, pois as mudanças reais são amadurecidas e consubstanciadas.

Não é fácil, por vezes, fazê-lo.

Mas é inevitável fazê-lo.

9. CONTUDO, É PRECISO MANTER-SE ATUALIZADO

> Quando Galileu Galilei foi obrigado a desmentir-se publicamente sobre o movimento da Terra. Teria dito, entre dentes “mas se move...”. Também, diante da realidade do movimento espírita, muitos poderiam crer que o serviço ao próximo, a consolação que o Espiritismo dá, confere-lhe uma autoridade e uma aura de credibilidade que não pode ser mudada, sob pena de frustrar as milhares de pessoas que buscam nele a reposta para seus problemas e dores.

Esse raciocínio é um sofisma que, se aceito, reduziria o Espiritismo, num prazo relativamente curto, a uma seita marginal, alternativa, como muitas que surgem e desaparecem.

Embora a afirmação de que a “a vida é mais importante que a verdade” pareça justa, em termos do cotidiano, ela é inócua e injusta ao longo do tempo. Principalmente se pretender cercear a busca da verdade como não apenas desnecessária, mas como instrumento da vaidade.

O Livro dos Espíritos é claro.

O conhecimento da verdade fertiliza o sentimento. Senão, transformaremos o consolo da doutrina, em apelo à conformação, ao aceitar como determinação divina e, portanto, irrevogável, todos os acontecimentos da vida terrena.

Se não negarmos o sentido punitivo da lei de causa e efeito, acabaremos por nos tornarmos esquematicamente deterministas, sujeitos ao destino e às condições que nos cercam.

A conformação como sintoma de aceitação de que forças mais altas nos dominam, cercearia todo o esforço de progresso, que poderíamos definir como a descoberta de leis naturais desconhecidas e a construção de novas formas de convivência, conforto e bem-estar.

Isso também nos cega diante da realidade. A hanseníase, por exemplo, é doença que persiste nos países subdesenvolvidos e está erradicada dos países desenvolvidos. Para justificar esse atraso, poderíamos usar o velho estratagema de que os Espíritos que aqui reencarnam ainda "precisam" dessa prova, enquanto os que lá encarnam já não necessitam desse aguilhão. A assertiva é um sofisma porque os habitantes dos países desenvolvidos não apresentam um comportamento ético sublimado, nem suas sociedades estão longe do crime, dos erros e da violência.

Nesse, como em outros casos, não precisamos criar uma explicação engenhosa para "salvar" a Justiça Divina. Em primeiro lugar, as condições sanitárias são básicas para o desenvolvimento de certas moléstias. Além disso, não dispomos de todos os elementos para fazer um julgamento realista das modificações do comportamento humano.

Devemos lembrar que coexistem, no fim do século vinte, esplendores científicos, tecnologias de ponta, projetos quase fantásticos para a informática, viagens interplanetárias, estudos adiantados sobre a natureza do universo, com a crença nas grandes cidades e países do primeiro e de todos os mundos, no vudu, na cartomancia, nas adivinhações e exotismos de toda espécie.

Esses segmentos oferecem a fantasia e a magia que milhares de pessoas cultuam no frenesi de resolver seus problemas sérios ou fúteis, através de sortilégios, rituais e práticas primitivas.

O Espiritismo precisa também definir o papel dos Espíritos na Doutrina Espírita. Aliás, Allan Kardec deixou bem clara a variedade dos graus evolutivos dos desencarnados, eliminando o fascínio sobre um suposto domínio ou sabedoria dos "mortos". Como ele, não podemos, sem dúvida, desprezar a participação dos espíritos na atualização e no progresso do Espiritismo.

Afinal, a doutrina nos abre os horizontes de uma compreensão sem fronteiras entre a vida física e a vida extra física, no meio da qual estão os fenômenos da morte e do nascimento, ciclicamente.

Entretanto, essa comunhão deve ser feita sem deslumbramento e com recíproco respeito e compreensão dos fatores determinantes das estruturas mentais e morais de cada um.

O Espiritismo só tem, pois, um caminho se quiser contribuir para a mudança do processo vivencial humano: dinamizar idéias, pesquisar novos caminhos, ousar na procura de entendimento mais coerente com as idéias da Justiça divina e da própria existência de Deus, atuando positivamente no plano, na vida cotidiana, não apenas das pessoas, mas das coletividades

Kardec estabeleceu a forma dessa atualização que deve ser contínua e constante, sem pressa e sem atraso, no seu tempo, maduramente.

Nem utopias, nem prepotência.

Coerência e integração com a cultura em andamento.

Firmeza de princípios e flexibilidade de entendimento.

Fora disso cairá na repetição. Fechado ao progresso, imobilizando-se, ficará para trás, retendo em seu seio e alimentando suas fantasias, multidões retrógradas, sempre à espera da intervenção do oculto para fazer, por elas, o percurso que inevitavelmente terão de fazer, ainda que perdendo o ritmo e a oportunidade de crescimento.

10. DELIMITAR O CAMPO

Kardec pretendeu que o espírita tivesse a mente científica.

Explico-me. Não quer dizer que ele desejou que todos os espíritas fossem cientistas. Mas que tivessem a mente como se fosse um deles, ou seja, capaz de aceitar que sempre se pode encontrar novos caminhos, penetrar mais a fundo em todas as coisas.

Um dos males que obstam o desenvolvimento do Espiritismo, é a pressuposição de que ele tem respostas para todas as questões.

Dada a impossibilidade de analisar, com base, as variadas e surpreendentes ações humanas, restou a prepotência de que se tinha um esquema pronto, um manual de respostas acabadas para cada tipo de problema.

Esse estratagema só serve para tumultuar as idéias e dispersar o trabalho de expansão da idéia espírita.

Precisamos lembrar que Kardec enfatizou que era "preciso não sair do círculo das idéias práticas," ou seja, evitar utopias, sonhos e pretensões eufóricas.

Creio que o primeiro passo para criar adeptos capazes de atender às exigências do fundador da doutrina será delimitar o campo de atuação doutrinária. Quer dizer, escolher os tópicos, conhecimentos, em que a doutrina pode contribuir de maneira ponderável. Os conhecimentos humanos evoluíram de tal forma que o generalista, o que conhece tudo não sobrevive.

O perigo, quando se defende a abrangência ilimitada do interesse espírita, será o dispersar de energias e abrir campo para afirmações exóticas ou sem fundamentos lógicos e científicos.

Não será mais produtivo aprender, como espíritas, a reflexionar, a filosofar?

Deveríamos, talvez, definir o Espiritismo como uma forma de humanismo, uma filosofia humanista, que se debruça sobre as relações do ser humano consigo mesmo e com o outro. Nesse campo, teremos ampla

possibilidade de aprofundar nossos conhecimentos e pesquisas, pois isso envolve a natureza do ser em si mesmo, a comunicação mediúnica e a inserção do Espírito no processo evolutivo, a partir, naturalmente, da imortalidade.

Recordemos as palavras de Kardec:

O que hoje pode ser verdade amanhã pode ser mentira.

O imobilismo não faz parte do pensamento espírita.

Não rejeitar novas idéias e descobertas.

Para que incorporemos o progresso aos nossos princípios não precisamos e nem devemos rejeitá-los, nem enxertá-los com cientificismos ou misticismos, idéias espiritualistas ou esotéricas.

(*) Psicólogo Clínico, Presidente do Instituto Cultural Kardecista, de Santos, fundador e diretor do Jornal Abertura, presidente do Conselho Administrativo do Lar Veneranda, escritor, autor dos livros "A Mulher na Dimensão Espírita" (co-autoria), "Amor, Casamento e Família", "Comportamento Espírita", "Uma Nova Visão do Homem e do Mundo", "Caminhos da Liberdade", "Muralhas do Passado", Introdução à Doutrina Kardecista" e "A Delicada Questão do Sexo e do Amor"

LA VIGENCIA DE KARDEC NO ESTA EN DISCUSION

Jon Aizpurua (*)
Caracas, Venezuela

Una de las cuestiones más difíciles y delicadas que se han presentado en el Espiritismo desde sus propios inicios se relaciona con sus posibilidades para mantenerse actualizado frente a los avances que se producen continuamente en todas las áreas del conocimiento, y, al mismo tiempo, preservar los principios básicos que garantizan su identidad doctrinaria y constituyen la razón misma de su existencia. Identidad y cambio, son pues, los términos de una ecuación que exige una actitud abierta, equilibrada y prudente.

Una actitud, precisamente, como la que adoptó en su tiempo Allan Kardec, el ilustre fundador y codificador de la Doctrina Espírita, y es por eso, que la lectura de sus obras nos inspira tanta confianza y seguridad en la correcta orientación que él trazó, siguiendo además las pautas que le proporcionaron espíritus de altísima elevación moral e intelectual.

En *El Libro de los Espíritus* y demás textos que integran la Suma Kardeciana, encontramos de manera explícita los criterios que definen los rasgos progresistas de la naciente idea:

Doctrina evolutiva:
"El Espiritismo, avanzando con el progreso, nunca será rebasado, porque, si nuevos descubrimientos le demostrasen que está errado acerca de algún punto, él se modificará en ese punto y si una nueva verdad se revelase, él la aceptará"

Científica, filosófica y moral:
"El Espiritismo es a la vez una ciencia de observación y una doctrina filosófica. Como ciencia práctica, consiste en las relaciones que pueden establecerse con los espíritus; como doctrina filosófica, comprende todas las consecuencias morales que se desprenden de semejantes relaciones"

Abierta:
"El Espiritismo, so pena de suicidio no puede cerrar las puertas a ningún progreso"

Dinámica:
"La inmovilidad, en vez de ser una fuerza, se convierte en una causa de debilidad y rutina para quien no sigue el movimiento general; rompe la unidad, porque quienes desean ir hacia adelante se separan de los que se obstinan en quedarse atrás"

Racionalista:

"La fuerza del Espiritismo reside en su filosofía, en el llamamiento que hace a la razón y al buen sentido"

Arreligiosa:

"No teniendo el Espiritismo ninguna de las características de una religión, en la acepción usual de la palabra, no podía ni debía presentarse con un título sobre cuyo valor inevitablemente se habría equivocado. Es por eso, que simplemente se dice doctrina filosófica"

Universalista y fraterna:

"La fraternidad debe ser la piedra angular del nuevo orden social. Pero, no habrá fraternidad real, sólida y efectiva si no estuviese apoyada sobre una base indestructible; esta base es la fe; no la fe en tales o cuales dogmas particulares, que cambian con los tiempos y los pueblos se lanzan piedras porque, anatematizándose, mantienen el antagonismo, sino la fe en los principios fundamentales que todo el mundo puede aceptar: Dios, el alma, el futuro, el progreso individual indefinido y la perpetuidad de las relaciones entre los seres. Esta es la fe que da el Espiritismo y que será de ahora en adelante el centro en torno del cual se moverá el género humano"

Tales características, claramente puntualizadas en estas citas de Kardec, representan la mejor garantía de que el Espiritismo, no solamente vino en el momento oportuno, superando dialécticamente las carencias y errores tanto del materialismo como de la religión; sino que llegó para quedarse, mostrando a la humanidad un camino cierto hacia nuevos y superiores destinos.

Cerca de siglo y medio ha transcurrido desde que fue codificado, y en todo ese tiempo, rico en transformaciones sociales, científicas, intelectuales, culturales, económicas y políticas, los postulados básicos que definen al Espiritismo, lejos de resultar lastimados por el impacto de esos cambios, se han fortalecido, pues han aparecido nuevas evidencias que confirman su autenticidad y veracidad. Ahora, en la antesala del siglo XXI, con los nuevos enfoques de las ciencias naturales y de las ciencias sociales que han dado origen a concepciones emergentes como las que ofrecen la biología molecular, la física cuántica, la psicología transpersonal o la parapsicología, se está abriendo paso un nuevo paradigma del conocimiento que se define como holista, sistémico, dialéctico, ecológico y profundamente espiritualista. Un paradigma donde se representa al Universo como la cristalización del pensamiento y la voluntad de Dios, como un infinito sistema en continua evolución, y al hombre como una compleja unidad bio-psico-socio-espiritual. En ese paradigma, los principios fundamentales que integran el cuerpo doctrinario del Espiritismo: Dios, espíritu, supervivencia, reencarnación, evolución, mediumnidad y pluralidad de mundos habitados, se ubican con perfecta comodidad.

Si esto es así, ¿qué se debe entender, entonces, por actualización del Espiritismo? Pues, exactamente lo mismo que entendió y previó Kardec: mantenerlo siempre actual, de manos con el progreso y no a sus espaldas. Y eso es lo mismo que ya consideraron necesario pensadores de la estirpe de Léon Denis, Gabriel Delanne, Gustavo Geley, Ernesto Bozzano, Amalia Domingo Soler, Quintín López Gómez, Antonio Freire, Oliver Lodge, Cosme Mariño, Manuel Porteiro, Humberto Mariotti, Angelo Torteroli, Carlos Imbassahy, Herculano Pires, Deolindo Amorim, Soto Paz Basulto, Rosendo Matienzo Cintrón, Luis Zea Uribe, Ernesto Moog, Pedro Alvarez y Gasca, David Grossvater, Manuel Matos Romero, para mencionar solamente algunos de sus más insignes representantes en diversas épocas y naciones.

Actualizar el Espiritismo no implica, en forma alguna, la eliminación o la sustitución de ninguno de sus postulados centrales. Pero significa, eso sí, revisar la manera como son entendidos e interpretados, y adecuarlos a las nuevas conquistas del conocimiento científico. Encontramos numerosos temas y conceptos que apenas fueron insinuados en las obras kardecianas, y que requieren ser completados y desarrollados. La ciencia y sus aplicaciones tecnológicas han abierto rumbos que antes no existían y que el Espiritismo debe también incorporar. Y el lenguaje con que se comunican las ideas, con todas sus implicaciones semánticas y semiológicas, debe ser revisado, modificado y perfeccionado.

Eso, que es tan obvio y elemental, y que provoca tanto escozor a los espíritas de mentalidad conservadora y dogmática, ya lo hizo Kardec en su momento. En abril de 1857 publicó *El Libro de los Espíritus* conteniendo 501 preguntas y respuestas, y en 1860, dio a conocer la que sería la segunda y definitiva edición con 1018 cuestiones. ¡Había revisado diversas opiniones y más que duplicado el número de asuntos abordados! En 1858 publicó *Instrucción práctica sobre las manifestaciones espíritas*, y después tomó la decisión de no editar más esa obra y refundirla en *El Libro de los Médiums*. Tanto en sus libros como en la *Revue Spirite*, Kardec reconoce, con la honestidad que le caracterizaba, que en numerosas oportunidades se vio obligado a variar su opinión sobre ciertos temas e interpretaciones, e invita a los espíritas a actuar siempre de ese modo para evitar que la doctrina quede marginada del progreso en general.

Para nosotros está muy claro que se debe resguardar la integridad de la doctrina y la fidelidad a las directrices que fueron trazadas por la espiritualidad superior, y que se debe permanecer alerta ante las "innovaciones" de extrañas procedencias que han tratado de infiltrarla, presentándose a sí mismas como "revelaciones superiores", y que en verdad, nada aportan de interesante o constructivo, y por el contrario, introducen ideas absurdas y extravagantes que desacreditan a quienes las admiten.

La actualización del Espiritismo es un planteamiento y una actitud que se sintonizan plenamente con la letra y con el espíritu de las enseñanzas de su

ilustre Codificador. No otra cosa haría él en estos momentos y no otra cosa nos está reclamando que hagamos. Esta convicción nos mueve a expresar con firmeza y serenidad que la vigencia de Kardec no está en discusión, que su pensamiento es muy actual, y que el sentido dinámico y progresista de su obra es la mayor garantía de que siempre estará en sintonía con el progreso.

Es por eso, que la C.E.P.A. está convocando el XVIII Congreso Espírita Panamericano, que va a realizarse con gran éxito en octubre próximo en la hermosa ciudad de Porto Alegre, con la intención de comenzar a discutir sobre el tema de la actualización, inaugurando apenas un proceso que habrá de ser continuado en otros eventos, con la participación de todos los espíritas que aman esta hermosa doctrina y desean verla siempre fresca, dinámica y abierta.

La actualización del Espiritismo es una necesidad inaplazable y un desafío a la inteligencia, a la cultura y a la sensibilidad de los espíritas. Marchamos hacia ese proceso enarbolando la bandera de Kardec y sintiendo en nuestras almas la inspiración de ese mundo espiritual superior que orienta, anima e impulsa todo esfuerzo que contribuya a la superación de la humanidad.

(Artigo publicado na revista AMÉRICA ESPÍRITA, de março/2000)

(*)Psicólogo Clínico, economista, professor universitário, membro da Parapsycological Association, ex-Presidente da CEPA-Confederação Espírita Pan-Americana (1993/2000), Presidente Internacional do Movimento CIMA, da Venezuela, fundador e diretor da Revista Evolución, coordenador da Comissão de Relacões Internacionais da CEPA, conferencista, autor dos seguintes livros História de la Parapsicologia, Espiritismo, Magnetismo y Hipnosis, Fundamentos del Espiritismo,, Tratado de Espiritismo, El Espiritismo y la Creacion Poética e El Pensamiento Vivo de Porteiro.

A HORA E A VEZ DO SEGMENTO PADRÃO

Krishnamurti de Carvalho Dias (*)
Vila Velha-ES, Brasil

"...no seu sentido original atualizar sempre foi passar
de potência a ato, isto é, tirar do virtual para o real,
o que significa agir em lugar de apenas pensar."

Quando Rivail fez as instituições espíritas estas praticavam atos letivos, pedagógicos a saber:

- A S.P.E.E. Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que era um espaço cultural;
- A Revista Espírita que era "un journal d'estudes spirites"; e finalmente
- A Livraria que editou os seus livros;
- Foi no Brasil, e somente aqui, que se fugiu a esse padrão laico autoral e se quis torcê-lo para uma fantasia religiosa, com instituições visivelmente místicas e piedosas.

EXÓRDIO

1 - A gente espírita contempla perplexa o quadro a que chegamos, em que não se pode mais usar para ela o clássico apelido de "a comunidade", porque o que existe é de fato uma diversidade e até uma adversidade entre os dois blocos em que se repartiu a coletividade, um com o que se pode chamar de "viés religiosista" do conjunto versus o outro que já é de um "viés" não religioso.

Também o apelido de "o movimento" pode ter perdido o seu sentido, já que a coletividade agita-se internamente em movimentos brownianos, mas não avança em termos de incluir-se na sociedade geral, onde é visivelmente uma excluída, porque incompreendida, tal a confusão que se apossou dessa sociedade geral quanto à agremiação de adeptos. Afinal não se sabe exatamente o que será esta, se a propalada "religião espírita" que pratica o prestigioso e popular "culto espírita", ou se não é.

Nem comunidade, porque dividida internamente em facções de fato inconciliáveis, nem movimento, porque paralisada no tempo e sem ocupar espaços novos na sociedade, essa coletividade que, ainda, em meio a todas essas vicissitudes, se confessa e se proclama "espírita", tenta, até aqui, em vão, se articular.

Nos confrontos ácidos, ásperos, repassados de incompreensões e até de má vontade, longe estamos daquele ideal luminoso de Leopoldo Machado...

"... somos companheiros, amigos, irmãos,
a nossa alegria é bem do evangelho,
sempre ombro a ombro, sempre lado a lado,
mesmo entre perigos, daremos as mãos
como bons amigos, como bons irmãos..."

Bezerra de Menezes advertiu, enfático:

"Solidários somos união, mas, separados uns dos outros, não passaremos de meros pontos de vista, buscando fora aquilo que já está em nossas mãos..."

O que é esse "aquilo" que já está em nossas mãos?

2 - É o penhor de nossa reconciliação, de nossa unificação, de nossa reconquista de unidade original, devolvendo-nos o perdido estado de comunidade e de movimento: a identificação do que temos efetivamente de comum e o ímpeto solidário que nos leva a objetivos realmente comuns de pleno espalhamento de nossa cultura na sociedade.

Os dois blocos desavindos têm, cada qual, um “eslogã”, um apelo, que é sua bandeira particular.

O partido religiosista obstina-se em que o Espiritismo é tripartite, descrito por uma trilogia, de ciência, filosofia e religião. Já o partido não religioso (não o chamarei por enquanto de "laico" para evitar certa confusão semântica embutida nesse adjetivo) sustenta outro “eslogã” tripartite também, o de "ciência, filosofia e moral". Ambos são trinaristas, triplicistas, então, porque não há consenso? É porque, evidentemente, há uma discrepância, uma divergência no fim de cada trilogia: religião versus moral, isso impede a coincidência desse terceiro termo, logo, destrói a comunidade e estabelece a diversidade.

Todavia, a comunidade vive mesmo assim expressa naquele par ou dupla de conceitos iniciais da ciência e filosofia, este sim é um dado comum a ambos os empenhos. Não estão aí a comunidade e o consenso de que precisamos? Resta saber se ambos os lados estariam dispostos a abrir mão, (eu disse: ambos), dos respectivos terceiros termos, se o fizessem, restaria o binômio original, natural, puro, de ciência e filosofia, como uma aspiração comum presente desde já em ambos os pleitos.

Ciência e filosofia, por sinal, foi essa a tese autoral, o padrão kardequiano, o autor documentalmente jamais propôs que sua obra fosse alguma terceira outra coisa mais além dessas duas, o padrão autoral sempre foi binário, apenas bidigital portanto, jamais tripartite, nunca trinitário.

No padrão autoral o Espiritismo é figura bidimensional, sem triplicação nenhuma. Esta adveio foi da incapacidade dos adeptos de resistirem a uma verdadeira armadilha cultural, um engrama coletivo remotíssimo adquirido desde a fase dos pitecos, quando o homem tangido não sei por quais condicionantes evolutivas, fixou-se no três mito-mágico, místico-sagrado, como o numeral perfeito, cristalizando aí importantes quantificações.

É o trimurti bramânico de Brama-Shiwa-Vixnu, é ou são as famosas "tríades bárdicas" do celtismo-druidismo (que Rivail estremecia, mas pôs de lado, talvez para fugir ao engrama fatídico trinário), é o triunvirato romano; são as troicas da religiosidade egípcia, as trilogias políticas da franco-maçonaría, finalmente a maior trilogia da história leiga, a famosa e incendiária "liberté, fraternité, egalité" da Grande Revolução.

É a fraude histórica da "santíssima trindade", do símbolo de Nicéia, passando pelos três poderes de Montesquieu, este que retomou o rascunho dos Estados Gerais.

Enfim Zé-povo quando quer enumerar, não consegue passar do "Fulano, Sicrano, Beltrano", "do assado, frito e cozido", do isto, do aquilo, e mais outro, até o limite triplo irremovível nas cabeças como na retranca e o ferrolho das três dimensões espaciais, que Euclides fechou e só agora as simetrias de calibre, nas físicas de gauge, conseguiram, fora das vistas da humanidade, deles se evadir, puxando para um espaço-tempo decadimensional novo, em lugar do antigo espaço euclidiano só tridimensional. Engrama é isso: a fixação em algo que sobreleva a razão. (Nota 1)

A mais importante abertura, derrubando o férreo circulo trinitário desse engrama ancianíssimo, foi sem dúvida a contribuição genial de Leibnitz, rasgando à civilização a linguagem bidigital, donde saíram os tititis binários da Internet, a alacridade a dois bits dos satélites e sondas espaciais, o bip-bip dos computadores, o chilrear alegre da cibernética, da informática, robótica e da eletrônica.

Era o fim da Era trinitária-tríplice em termos de unidades de significação. E Rivail estava com Leibnitz. Seu padrão autoral é binário puro, só dois bits, os da ciência e filosofia, nada mais. O espírito está ou encarnado, se residente na biosfera e pois membro da biodiversidade; ou então permanece desentranhado na erraticidade, como desencarnado. Ao mesmo tempo, operava a maior redução conceitual, ao matar a idéia de morte, vista esta como um não-ser extinguindo a vida, proclamando em lugar desse dualismo falso, o monismo de vida só, sempre vida, com mais vida após a vida, passada esta em diferentes espaçotempos alternativos, no mundo corporal e/ou no dos espíritos, no que bem se pode chamar de " vida" e contravida, como fases alternas em que se decompõem binariamente a " hipervida" geral dos espíritos, seu existir perene, ininterrupto,

incessante, contrapostas entre si, ora de internação na biosfera e na biodiversidade ou então de erraticidade, mas sempre vida só, sem morte no meio ou no fim.

Nenhuma triplicidade aí, só dualismo, discurso binário, bidigital, esse o caráter puramente dual do Espiritismo, que não tem sido contemplado quando exposto a indevidas triplicações, onde qualquer terceiro termo soa falso, inautêntico, como uma coisa postiça.

Rivail abandonou o engrama, ancestralíssimo, do três fatídico, abraçando o binário, o bidigital revolucionário leibnitiziano, talvez por sua formação germanófona, pois além de tudo, "mais parecia um alemão", sublinha sua melhor biografa e tradutora, Anne Blackwell, isso até fisicamente, que dirá mentalmente.

Sua frase em que proclamou a supremacia da razão sobre a fé (no "O Evangelho Segundo Espiritismo") é toda de Leibnitz que já a dissera antes com outra redação, (Nota 2) Rivail apenas a repropôs, *mutatis mutandi*. Ao optar pelo modelo leibnitiziano, Rivail apontou o padrão de sua obra, que é o de um binômio, com o qual seguia os ventos racionais e então ainda muito futuros da modernidade apenas amanhecida, deixando as soturnas virações antigas de trimurtis, trindades, tríades e triplicidades mito-mágicas de antanho.

Ciência e filosofia perfazem cognição, a qual é cultura, no sentido de posse de erudição, dos refinos e picos de saber, de ilustração. Todavia, cultura, após o decesso de Rivail (isso já por volta de 1881, por aí) adquiriu um contra-sentido diferente, já passou a ser também qualquer conjunto de hábitos, de idiossincrasias, praxes ou mores que um povo, mesmo inculto, analfabeto, até selvagem e primitivo, sempre tem. As culturas ágrafas, não escritas, são as culturas desses primitivos, o que decerto não se confunde com a cultura naquele primeiro sentido que antes examinávamos, o sinônimo de ilustração, de posse de ciência e filosofia, arte, tecnologia, em graus elevados e desenvolvidos dos povos cultos, civilizados.

Se dissermos qualquer terceira coisa extra além daquele binômio rivailiano, se triplicarmos o padrão autoral no que quer que seja, estaremos complicando e criando dificuldades de compreensão.

Deolindo Amorim, para contrapor ao discurso religiosista da FEB, uma afirmação laica marcante de sua própria posição, fabricou a expressão de "cultura espirita" (no seu ICEB), estabelecendo o contraditório. Era "o culto espírita" de Chesnel versus a cultura espirita de Rivail, isto é, a cognição, marca inseparável da codificação. Mas já a agremiação, a coletividade dos adeptos (que também levam o mesmo nome que a codificação, de "o Espiritismo") em seus naturais estos de admiração e vivenciamento do que qualquer um bem entendia como sendo essa "cultura espírita", já demonstrava bem o perigo de se fixar essa expressão de Deolindo como um dado absoluto.

Se havia uma "cultura espírita", então corria-se o risco de assumir como Espiritismo, (ou seja como a cognição erudita espírita) o acervo de hábitos, isto é, de mores, o estoque moral portanto, dos adeptos, toda a espantosa babel que as pessoas, egressas das religiões, dos sincretismos, do materialismo, das formas esotéricas, vinham trazendo cá para dentro da coletividade, como sua bagagem natural, no atavismo, nas idiossincrasias dessa gente, que constituía sem dúvida a sua cultura pessoal, e se essa era a cultura "dos espíritas" então era essa "a cultura espírita como um todo" na visão dos antropólogos, sociólogos, da mídia, dos governos, então tome confusão entre o candomblé, a quimbanda, a umbanda, a santeria, o rustainguismo, o trincadismo, "el cordon", o afro-indigenismo dos recém chegados, tudo confundido com a codificação, numa confusão conceitual que não pode ser chamada lisamente mais de "a cultura espírita".

3 - É que há dois conceitos de cultura, como os há também de religião, e finalmente, também de espiritismo, moral, de laicismo. Essas palavras têm manifestamente, duplo (e até maior número de) sentido cada qual, não podem ser manejadas com desjeito, com descuidado, para descrever e designar a obra apenas científica e filosófica de Rivail, esta que não recepciona nenhuma triplicidade conceitual, não é descritível por nenhuma triplicidade conceitual, nenhuma triplicação.

Rivail nunca assumiu nada mais do que isso: os fatos, apenas os fatos, devidamente estudados, formaram a ciência espírita, da qual decorreu uma filosofia espiritualista, ponto final dessa gênese epistemológica. Tudo mais que daí por diante houvesse, ficou externo, exterior, a esse binômio, como parte das coisas que estão "do lado de fora" desse fechado âmbito interior do padrão autoral de só ciência e filosofia. Por isso a frase padrão kardequiana de definição de sua obra foi muito clara: "o Espiritismo é uma ciência e uma filosofia, que têm conseqüências morais", isto é, que afetam os mores, as praxes, os hábitos, a cultura, pois, da sociedade onde transita. E o binômio autoral faz isso. Se não pensarmos assim, não entenderemos a obra de Rivail. O Espiritismo só é a codificação, na definição-padrão autoral: ciência e filosofia, cognição codificada, isto é, passada de um estado original para outro, o que dá a Rivail o legítimo direito de ostentar o apelido de "o codificador", sem incidir, momento algum, na pecha de autor religioso de algum novo culto, tão pouco de legislador moralista.

Ele foi apenas o agente que tirou a cognição sobre as coisas do espírito, do estado primitivo de elucubrações soturnas, trazendo-a para o modo aberto, transparente, de saber racional. Onde o que se aprende incorpora-se à mente e passa a transformar os mores, os hábitos de pensar, dizer, fazer, mas todo mundo inventa, fantasia, que tal transformação moral seria só em termos últimos, dramáticos de sublimidade espiritual e santidade.

Qualquer aprendizado e cultura, no sentido crasso de cognição opera tal mudança. Para Rivail, "reconhece-se o verdadeiro espírita por sua transformação

moral", porque o seu conjunto de hábitos, seus mores (mos, moris, em latim era "hábitos", aquilo que se faz vulgarmente), passa a refletir a admissão dos novos conhecimentos espiriticos, sem nenhuma mudança dramática de personalidade.

4 - O que se chamava de moral, não passa de um adjetivo, um sinônimo corriqueiro de habitual, cultural, psicossocial, usual, costumeiro, isso é indisputável. Foi só na tendência a complicar, de modo pedante e sob a influência do sombrio religiosísmo, que o dado moral, ou seja, as constâncias de procedimento, se tornaram pasto do moralismo, do maniqueísmo, o macartismo, do fiscalismo, território de catões, comadres e candinhas, pudicões e cérberos patrulhadores da vida alheia.

A palavra moral hoje é um caso perdido de polissemia, tal como religião, cultura, laicismo e até "espiritismo" também.

Se dizemos "religião", estamos falando do culto ou do laço. Se ferimos moral, ou é o trio de adjetivos (moral, imoral, amoral) ou é o substantivo, é o código de feras disposições mandatórias, é o conjunto de regras aceitas por um grupo. Se dizemos " espiritismo" ou é a codificação ou então é a agremiação.

Para evitar confusões, Rivail avisadamente pediu que ninguém chamasse sua obra por esses apelidamentos.

5 - Também foi enfático, declaratório, rasgado, em dizer que não havia trazido (nem os espíritos com ele), "nenhuma moral nova", isto é, nenhum código moralista, próprio, seu, inédito, como um Zenão, um Epicuro, um Confúcio, mas tinha, sim, ido buscar a moral de outrem, preexistente, a do Cristo (não a decantada "moral cristã" que não é do Cristo e sim dos papados e concílios) e que essa moral crística é que perfumava a codificação, não como alguma terceira parte dela, porém, como um elemento daqueles admitidos dados adicionais, externos, as conseqüências morais que estão do lado de fora do âmbito formal da codificação.

Moral, adjetivamente, o Espiritismo sempre é, porque não é malsão, deletério, logo não é imoral nem amoral. Esse é o significado adjetivo da palavra, descritiva ou indicativa da área onde se dão as conseqüências do ensino e aprendizado espírita, que é o território dos mores populares.

O Espiritismo é cultura num sentido mas já não é mais no outro da mesma palavra. Cultura no sentido de erudição clássica, formal, isso ele é; já no de qualquer conjunto de hábitos de gente, com gostinhos, palpites, fantasias; substantivamente porem, já é a decantada " moral espírita" pois realmente isso ele não é, visto Rivail não ter produzido tal código.

Porque é um laço, não um culto, não se pode nem se deve chamá-lo de religião. Porque é moral, só adjetivamente, no sentido de influir nos mores, transformando-os, então não se segue que ele seja substantivamente uma Moral, um código rigorista, a diferença é essa.

6 - Já quando se diz que ele é laico, com isso afirmamos que não é religioso, então fatalmente só é um caso de....laicismo, mas o laicismo politicamente é a separação entre igreja e estado. Já por outra, laicismo é a convivência normal entre fés e credos religiosos, sem prevalência de nenhum. Complica que laicismo tornou-se também uma dessas doutrinas de estado contra cultos religiosos como no México, na Espanha republicana, em Portugal pós-monarquia, na Rússia comunista, na França de 89, e até no Brasil republicano. Não é pois palavra prestável para definir nossa posição. Não deve, pois, ser usada.

7 - Se Kardec se exorna com o luminoso título de "codificador" isso é exatíssimo. Romanos tinham ou rolos ou códigos a certa altura, quando se passava de um para outro dos formatos, isso era o *codificare*, era a *codificationem*, obra do *codificator*, o escravo letrado, culto, que fazia essa transposição. Passar de rolo a código, é a alma do que se chama de codificação, por isso Rivail recebeu esse cognome. Quem faz essa proeza, é um codificador, sem que tenha de ser visto como legislador moralista, jurídico ou iluminado de algum culto recém-inventado. Morse fez um código, tirando sentido e dando um fim novo ao bip-bip do telégrafo elétrico, esse código é tecnológico, não moralista. O mesmo com Louis Braille, permitindo aos cegos "lerem" com a ponta do dedos. Watson e Crick são autores do código genético, outro que não é moralista em nada.

8 - Estamos todos usando palavras más pelos seus sentidos múltiplos, que quando moduladas, confundem e abrem chance para espertas manobras de interessados em impor seus pontos de vista pessoais. É o caso de "doutrina", que para muitos é perfeita para descrever o Espiritismo. Só que não é. A obra de Rivail não é mais uma doutrina e sim uma entidade mais completa, é um continuum de ciência e filosofia. Mas doutrina virou nome de produtos ideológicos terríveis como o nazismo, o fascismo, o comunismo, o sadismo, o anarquismo, o terrorismo, o racismo, o sexismo, as piores distorções humanas.

Chamado de doutrina tão desenvoltamente pelos espíritas, que idéia faz a sociedade sobre a nossa cultura, quando a vê sentada no banco de réus da história ao lado de tão sombrios colegas? Não podemos mais continuar apelidando assim ao produto rivailiano.

9 - Quando Rivail tomou do termo "espiritismo" foi para tirá-lo da função inglória de nome de mera crença popular antiga em motores invisíveis e projetá-lo como a coisa nova cultural que ele ora havia produzido, a matéria dupla, binária de cognição, isso é codificar. Todavia quando essa cognição bate na

sociedade, desperta nesta ecos, repercussões e o povo divide-se a respeito. Uma parte fecha com o novo ismo e sustenta-o, religionando-se numa agremiação laica no puro sentido filosófico da palavra. Outra parte extrapola, fecha com a religiosidade e o misticismo mas ao fazê-lo sai do sentido profundo original laico da codificação

10 - Acontece que a codificação não tem passado, mas a agremiação sim. A codificação são só dados na maioria técnicos, já a agremiação são pessoas vivas, com gostinhos, humores, caprichos e radicalizações, pontos de vista opiniáticos, emoções, e pesados atavismos imemoriais adquiridos nos trâmites evolutivos.

Agremiação então é um feixe de segmentos de gosto, opinião preferência, que se formam livremente. È um tecido demográfico, conforme a vida pregressa desses membros vivos, que são gente, pessoas.

11 - Enquanto vivermos chamando por um nome só e mesmo a coisas diferentes e até contraditórias, não sairemos do impasse da perda de consenso. Temos de redefinir nossa linguagem.

A agremiação deveria ser a comunidade, porém não é. É a diversidade, pelos seus desencontros e desacertos em manejar linguagens contraditórias. Deveria ser o movimento, o que também não é, pois não vai para parte alguma, move-se só dentro e de si mesma.

12 - Abandonar o passado, eis a palavra de ordem, só por isso, o pomo de discórdias das trilogias, das palavras de duplo sentido ficará desativado.

13 - É que as pessoas ou estão ainda movendo-se no clima pesado dos dependenciamentos religiosos, isto é, desfrutam de sua liberdade "de religião" (o direito de cada qual ter uma, a sua, a que escolheu e que satisfaz, por enquanto ao seu ego) ou então já se libertou de tal dependenciamento e desfruta já do oposto, da liberdade "da religião" tendo se emancipado desse dependenciamento.

14 - Mas uma coisa é pensar em conformidade, em consonância com o padrão autoral da codificação e bem outra é inventar, fantasiar e discrepar dele. Rivail previa isso e pediu exatamente esse respeito mútuo, onde "ninguém deve constranger a consciência de ninguém". Se um se acha o certo, todos virão a "pensar como ele", mas se ele estiver errado, "acabará por pensar como os demais". Esse é o padrão kardequiano.

Dentro da agremiação reina a divisão em segmentos, uns assim e outros assado, ao sabor das idiossincrasias individuais. Mas dentro do Espiritismo enquanto codificação, no significado legítimo, original, autoral, está o padrão. Por vezes a agremiação abandona o padrão, esquece a codificação e projeta-se em largos desvios para fora desta. Mas há um segmento que não faz isso, que busca o padrão e observa-o, mantendo-se dentro de seus limites, sem os

extrapolar. É o que chamo de "o segmento padrão da agremiação", porque conserva-se nos limites da codificação.

15 - O importante é que todos no fundo pensamos o Espiritismo do mesmo modo padrão desejado por seu autor, pois eventuais acréscimos, adições, não passam de conseqüências morais, isto é, o fruto de traços externos, exteriores ao âmbito da codificação, encontráveis apenas na agremiação e em seus mores.

Apelo serenamente para o futuro: o programa agora é racionalizar, entender que o padrão autoral rivailiano é de fato apenas dual, não comportando nenhuma triplicação, posto que, já para fins de normativa para a agremiação, Rivail tivesse sido é tríplice na sua luminosa trilogia de "trabalho, solidariedade e tolerância", mas essas são duas coisas diferentes, que podem conviver e interagir, sem conflitar.

De coração desejo isso: que nos entendamos. Que nos procuremos, solidários, solícitos uns com os outros, embora as por vezes abissais diferenças que milênios de religiosismo e religiosidade, para uns, mas já apenas algumas décadas, só, até, de desconfessionalização e dessacralização para outros, terminaram por aprofundar, traçando um Canyon, uma calha, entre os dois contingentes.

PALAVRAS FINAIS

Total, absoluta é minha solidariedade com o pólo gaúcho e o santista do segmento padrão, bem como a minha identificação com a luminosa CEPA, cuja volta ao Brasil tive a felicidade de presenciar. Ofereço essas palavras como uma reflexão muito cordial e fraterna ao consenso dos meus amados confrades.

Nota 1) Quem define engrama é Henri Laborit, in "Deus não joga dados"; Editora Trajetória Cultural; 1º Edição - página nº: 66, Engrama: do grego en (em) e grama (caráter, traço) significa, em Psicologia, " marca deixada no cérebro por um acontecimento do passado individual ".

Nota 2) A citação da frase de Leibnitz sobre "Fé raciocinada", que Rivail com outra redação reproduziu, está no livro "Bases Científicas do Espiritismo" - Epes Sargent, edição da FEB; Página nº.175

"Nenhuma fé, diz Leibnitz, pode ser real ou inteligível, se não tiver a sua base na razão humana. A religião divorciada da razão do homem não pode firmar-se e sustentar-se."

(*) Bancário aposentado, expositor, articulista, autor dos projetos CINESP, TEVESP e DATESP, com utilização das mídias, cinema, Super 8, TV VHS e os primeiros Home Computers; autor de diversos livros espíritas, entre os quais "O Laço e o Culto", "O Nascimento da Morte", "Toques de Obsessão", "A Descoberta do Espírito", "Roustaing" e "2 Ensaios". Desencarnou em Vitória-ES, no dia 02.01.2001, semanas após sua participação no Congresso da CEPA.

FRATERNIDADE COMO PARADIGMA DA IDENTIDADE ESPÍRITA

Luiz Signates (*)
Goiânia-GO, Brasil

RESUMO

Numa rápida análise socio-filosófica da questão da identidade no espiritismo, procura-se demonstrar que a vinculação do auto-reconhecimento espírita exclusiva ou principalmente a conteúdos de um sistema de crenças, por mais bem fundamentado, pode acabar efetuando rupturas nos parâmetros éticos do espiritismo, gerando, com isso, uma contradição própria das esferas religiosas tradicionais. Propõe-se, como alternativa, a vinculação prioritária da identidade espírita a parâmetros éticos que possam, num quadro de emergência pós-metafísica da filosofia social, ser garantidos de forma universalista. Nesse sentido, defende-se que a opção mais viável na atualidade é a adoção de uma concepção procedimental da fraternidade, em termos de uma ética alteritária.

Palavras-chaves: espiritismo, identidade cultural, religião, ética

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende discutir o problema pragmático da identidade cultural espírita nos dias de hoje. Para isso, situa-se num quadro histórico em que as instituições consideradas centrais e grupos intelectuais do movimento se preocuparam em definir o que é e o que não é espírita, a fim de fundamentar as políticas de aproximações e distanciamentos em relação a grupos e práticas as mais diversas, que se inserem na realidade vivida da cultura espírita ou que a permeiam de algum modo no âmbito da sociedade. Em seguida, realiza-se uma análise dessas opções, a partir de uma filosofia da ética pragmática, procurando saber a consistência e as contradições implicadas nesses procedimentos e, com isso, poder verificar as condições de possibilidade de uma proposta ética coerente com a natureza e os objetivos do Espiritismo.

Inclui-se ainda este texto numa série de pesquisas e estudos[19] que o autor vem desenvolvendo nos últimos anos, no âmbito do que tem sido denominado uma "sociologia de movimento espírita", a partir da qual se tem buscado construir indicativos para uma teoria social espírita. Metodologicamente, o intento é claramente o de ultrapassar uma discussão exclusivamente "doutrinária", referenciada em textos consagrados, e, estabelecendo um franco diálogo com alguns dos principais postulados das ciências humanas e sociais,

[19] Justifica-se, desta forma, a contínua remissão a outros textos de nossa autoria, os quais, brevemente, esperamos disponibilizar em forma de livro, no qual o pensamento que temos desenvolvido possa ser apresentado ao debate nos meios científico e espírita, para o devido apuro na interlocução intelectual e no confronto com as experiências práticas sobre as quais faça sentido.

buscar uma compreensão sócio-histórica e cultural do espiritismo. Acredita-se que, abordada historicamente, a movimentação do pensamento espírita deixa melhor entrever as possibilidades e limites de uma formulação sociológica vinculada ao espiritismo.

1. A questão da identidade no espiritismo

A prática espírita brasileira forjou, durante o século 20, dois parâmetros definidores da identidade espírita. Primeiramente, o conceito de *pureza doutrinária*, como parâmetro orientado a vincular a identidade espírita, em termos de conteúdos de crença, aos textos de Kardec. E, em seguida, elegeu a questão da *ritualidade* (ou a pretensão de seu oposto, já que o espiritismo se insere claramente em uma busca anti-ritualista), em uma ótica específica, como parâmetro identitário pragmático de definição de diferenças.

Esses dois referenciais devem ser compreendidos dentro de um quadro histórico de contexto, situado, a meu ver, no período em que se dá o processo de consolidação institucional do espiritismo brasileiro, que começa no final da década de 1940, com o Pacto Áureo, e culmina na atualidade com a consolidação das federativas estaduais. No caso, foram, por um lado, a constatação de um déficit de conhecimento doutrinário em médiuns cujas práticas não se afinavam à certas condições pressupostas, e, por outro, o problema fronteiriço das religiões afro-brasileiras, com o qual o projeto iluminista espírita não pôde conviver, restando-lhe efetuar processos explícitos ou não de exclusão, para os quais as noções purista e anti-ritualista serviram como justificação ideológica.

Tais condições foram o cadinho onde se forjou no espiritismo brasileiro o modelo hegemonicamente praticado de luta pela defesa identitária definida como fidelidade ideológica a textos e práticas considerados legítimos. É a análise ética não propriamente desse modelo, mas das práticas em que ele implica, o problema que passamos a analisar.

2. Identidade como fidelidade ideológica

Uma identidade é definida como fidelidade ideológica quando o vínculo de pertencimento à comunidade onde essa identidade é assumida se define a partir da adesão a certas crenças, contidas em textos legitimados, e a certas práticas, resguardadas por rituais específicos. Trata-se do modo generalizado de construção das identidades religiosas, referenciadas em textos e rituais sacralizados, como também, mais recentemente, de identidades partidárias e associações ideológicas. Desenvolvidas dessa forma, tais identidades diferem, por exemplo, daquelas definidas pela territorialidade, como as identidades regionais e nacionais, bem como daquelas delimitadas pela convivialidade social, como as identidades culturais vinculadas a tradições.

A discussão identitária é antiga no interior do espiritismo brasileiro. Sua emergência se dá nas primeiras décadas do século vinte, como reação à sincretização do espiritismo a elementos da cultura afro-brasileira, no momento histórico de surgimento da umbanda, no Rio de Janeiro. À parte do juízo, muito

comum nos próprios textos antropológicos herdados do século 19, das culturas negra e indígena como "primitivas", que é assumido por inteiro pelo evolucionismo espírita dos textos fundadores (ver, por exemplo, Kardec (1890, p. 155-185), a luta contra a "confusão entre espiritismo e umbanda" se dá especificamente a partir da argumentação ideológica.

Nasce então o conceito de "pureza doutrinária", definido como fidelidade ideológica aos textos de Allan Kardec, sob o argumento de que somente as idéias por ele definidas são passíveis de se auto-denominarem espíritas, e também fidelidade às práticas legitimadas institucionalmente, sob o argumento de que por se referenciarem naqueles textos, são técnicas racionais, criando-se, com isso, condições para que as que não se adeqüem a tais parâmetros sejam definidas como rituais e, por isso, não são espíritas. Assim se caracteriza a identidade espírita, historicamente construída como fidelidade ideológica.

A identidade espírita, quando assim definida, acaba inserindo o debate espírita num patamar dogmático, que, como veremos, primeiro, tende a extinguir a viabilidade de todo e qualquer debate não orientado à reafirmação do instituído, no plano teórico e, no âmbito prático, tende a converter o espiritismo em um sistema mais importante do que o seu entorno social e histórico (em outras palavras, como o lugar e o clímax do próprio processo de transformação humana). Em princípio, nada há de suspeitoso ou problemático nisso, até porque esta é exatamente a configuração de todos os sistemas de crença do mundo. Em outras palavras, esse é um dos sinais que tornam possível identificar sociologicamente um movimento de idéias como uma religião organizada, no sentido mais tradicional do termo.

O problema, colocado pelo escopo teórico pragmatista deste trabalho, é em quê se pode converter – ou se tem de fato convertido – a prática do espiritismo e de suas relações com o mundo, a partir desse pressuposto.

Duas *tendências* são historicamente comuns e empiricamente observáveis, inclusive no movimento espírita: por um lado, no âmbito cognitivo, a tendência a fechar o sistema compartilhado de conhecimento para o novo, impermeabilizando-o a atualizações; e, por outro, num sentido pragmático, as práticas vividas em comum tendem a buscar padronizações rituais que possibilitem a auto-identificação em regime de coerência dogmática. Ambas estas situações, obviamente, fornecem critérios para processos institucionais de inclusão e exclusão, sendo, por isso, fonte potencial de geração de conflitos no seio do movimento em questão.

Como se disse, não seria este um problema sequer abordável, caso a proposta evidenciada no discurso espírita não fosse contraditória em relação a ambos esses sentidos. Inclusive por um critério dogmático – que considere os textos de Kardec não apenas como atos fundadores, mas como cânones ou critérios de verdade (essa é, aliás, é a passagem que distingue metodologicamente a dogmatização) – o dogmatismo é clara e energicamente recusado pelo próprio Kardec (1868, p. 45), ou seja, há uma *recusa dogmática do dogmatismo*. Assim também a ritualização, que é em todos os termos

enfaticamente colocada como uma negação prática da identidade espírita, por definição.

Uma pergunta intermediária poderia ser indagar como essa contradição é empiricamente possível. A resposta, relativamente simples, e trabalhada mais detalhadamente em outros textos, seria: pela via da construção de um discurso ideológico[20] operado em dois sentidos. Primeiro, o do escondimento da dogmatização, que se dá pela formação de um discurso tecno-cientificista confirmatório do espiritismo, sem que uma prática efetivamente científica seja sequer cogitada (Signates, 1998a); e, segundo, o do escondimento da ritualização, que ocorre por uma afirmação tecnicista dos ritos espíritas consagrados (Signates, 1999a). Ou seja, a saída espírita tem sido, infelizmente, pseudo-científica[21], mas extremamente eficaz para justificar as práticas que se escondem por detrás dos discursos.5

E que práticas são essas? Dividimo-las em três: práticas de inclusão, de relacionamento e de exclusão. A primeira e a última se estabelecem por normas e ritos de admissão, passagem e exclusão executados pelas instituições espíritas; e, a segunda, nas condições de relacionamento do movimento espírita com a sociedade. As práticas de inclusão priorizam processos de formação dogmática e treinamento ritual, e as de relacionamento privilegiam formatos publicitários dirigidos à conversão social; nestas duas, as razões que orientam as intencionalidades são mais ou menos explícitas, operando-se o escondimento ideológico apenas no que respeita às naturezas dogmática e ritualizante (o que difere singularmente o espiritismo do quadro religioso tradicional, que assume explicitamente ambas estas características).

Já as práticas de exclusão não são de forma alguma explicitadas, exigindo por isso uma explicação adicional à meramente ideológica: a ausência, por um lado, na dinâmica do movimento espírita, de fóruns públicos de manifestação e solução de potenciais conflitivos (espaços legitimados de discussão autocrítica e instâncias judiciárias), compensada, por outro lado, pela presença de uma contínua negação do conflito[22], em nome da busca pela harmonia e a paz – o que não seria problemático se não remetesse os conflitos existentes para espaços paralelos e de bastidores ou não o transformasse em frustrações e preconceitos contínua e silenciosamente realimentados. Tal contexto vincula-se às formas

[20]Trabalha-se aqui com o conceito "forte" de ideologia (Bobbio, 1983, p. 585), definido como forma discursiva de ocultação ou escondimento, orientada para a legitimação de uma prática que não pode ser explicitamente assumida pelo grupo social ou pela facção que nele detém o poder, sem a quebra de seus vínculos de pertencimento e poder.

[21] A expressão "pseudo-científica" neste ponto não pretende, evidentemente, expressar uma postura cética em relação à subjetividade espiritual, que é o objeto de estudo por excelência de um esforço científico marcado pela preocupação tipicamente espírita, e sim enfatizar um tipo de argumentação que utiliza o linguajar científico, mas que é, na verdade, metodologicamente dogmático, ao não se fundamentar em pesquisas que justifiquem essa caracterização.

[22] Esta possibilidade explicativa, o autor a deve à professora e pesquisadora Gina Gleydes, pedagoga e espírita de Goiânia.

pelas quais as excluísses são praticadas: principalmente por meio de esquecimento temporário ou definitivo do sujeito, pelo qual se passa a esperar que ele próprio assuma o ostracismo que o sistema não pode explicitamente promover, ou, pelo contrário, que ele enfim se adeqüe à norma vigente.

Nem sempre, contudo, isso é possível. Há numerosos exemplos, na história do espiritismo, de dissidências que atingiram o status de movimentações coletivizadas e, nesses casos, as práticas de exclusão assumiram um teor público, que, ou são resolvidas com a saída definitiva do movimento dissidente do âmbito da identidade espírita, como é o caso da exclusão das tradições religiosas negras, ou, quando não são absorvidas pelas instâncias oficiais – seja por assumi-las, seja por desaparecerem -, perduram longamente em forma de conflito, muitas vezes rotuladas como "movimentos paralelos".

O contraste ético entre o projeto espírita e tais práticas é flagrante. O modelo ideológico de identidade espírita coloca adeptos e instituições entre duas opções, ambas eticamente ruins: ou se mantém uma prática de tipo perlocucionário, na qual as reais intenções de exclusão e violência ideológica precisam sempre ser escondidas por detrás de uma fraternidade hipócrita, ou se apela para a denúncia aberta contra as diferenças a serem excluídas, abandonando de vez – e em nome da verdade doutrinária pressuposta – a busca da fraternidade como elemento definidor da identidade espírita.

É, pois, numa forma de repensar a prática espírita segundo esse modelo, que passamos à parte propositiva deste trabalho, que busca estudar as condições de possibilidade de construção, no espiritismo, de uma identidade não mais fixada em parâmetros ideológicos, e sim em parâmetros procedimentais, isto é, uma identidade definida como ética de procedimento.

3. Identidade como ética de procedimento

Definir a identidade espírita como ética de procedimento significa assumir que ser espírita implica um tipo de fazer, um modo de viver e relacionar-se, um interagir com os outros e consigo, tornando-se no mínimo secundária a questão dos conteúdos de crença. Essa definição traz consigo pelo menos duas vantagens: primeira, uma vantagem cognitiva, ao abrir a teoria espírita para o diálogo com instâncias científicas e filosóficas, na medida em que os conteúdos de crença deixam de ser tratados de forma dogmática. E, segunda, uma vantagem pragmática, ao vincular o espiritismo a condições democráticas de relacionamento, já que a questão do pertencimento tenderia a se transferir de âmbitos conceituais para procedimentos práticos em uma perspectiva relacional.

Há, contudo, riscos vinculados a essas vantagens. O risco cognitivo, de fragmentar o sistema espírita de conhecimento em alternativas teóricas mutuamente excludentes; e o risco pragmático de se converter a ética espírita em moralismo prático, pela cristalização ritual da identidade (o que deixa entrever que a centralização da questão da identidade no âmbito procedimental pode significar abandono do dogmatismo sem o abandono do ritualismo). Na verdade, esses riscos não estão ausentes do modelo de identidade como ideologia – muito

pelo contrário, eles existem ali de forma problemática. A fragmentação cognitiva ocorre em forma de conflito que tende a ser resolvido por processos de exclusão por meio de rupturas desumanizantes (o sistema de crença é considerado mais importante do que as pessoas, justificando, assim, excluí-las para mantê-lo), e o ritualismo, como vimos, faz parte intrínseca do modelo identitário fundado na fidelidade ideológica.

É preciso, pois, saber evitar esses riscos, sem retornar à perspectiva identitária de padrão ideológico. Eis o problema que este trabalho busca resolver, recorrendo, para isso, à sugestão de que se construa a idéia da identidade espírita vinculada não a qualquer ética procedimental, e sim a uma ética de fraternidade, definida de forma específica como ética de alteridade ou de diálogo e convivência com a diferença (trabalhamos, com detalhes, a noção ética de diferença, a partir de Lévinas, em outros textos; ver Signates, 1998b e 1998c).

Essa definição da fraternidade a partir da diferença significa uma ruptura teórica de caráter pós-metafísico[23]. Em outras palavras, significa romper com o paradigma da fraternidade como união de "irmãos", definidos estes como "iguais", o que, no plano analítico das identidades culturais, quer dizer que os pertencentes à identidade não são redutíveis a algumas características simples ou que os laços de pertencimento se dão exclusivamente por semelhanças ou mesmidades abstratamente constatadas. A redução dos outros a aspectos que se presumem como comuns ou idênticos é uma reivindicação metafísica, pois implica condicionar a relação a um parâmetro que não existe empiricamente, isto é, significa negar a heterogeneidade constitutiva dos homens. Em termos de metodologia filosófica, isso quer dizer hipostasiar no plano lógico uma igualdade que só é possível ser pensada no âmbito da ética e, mesmo nesse caso, em condições de complementaridade com a idéia de diferença.

Tentemos explicar melhor. As sociedades modernas definem suas associações pelo princípio da semelhança ou pela igualdade de interesses. Chamamos a isso "ética de sindicato", critério pelo qual o princípio de identidade se constrói pela singularização de características que são vividas em comum e, a partir delas, justifica-se a união. A fraternidade, assim caracterizada, torna-se ideal de uma espécie de família constituída unicamente por irmãos, subsumidos como iguais entre si, que, por conseguinte, recusa a complexidade do mundo à volta e, nesse sentido, desenvolve mecanismos internos de proteção e de exclusão das diferenças. O modelo de identidade por fidelidade ideológica é, sem dúvida, um caso típico desse tipo de vínculo social.

A ética de fraternidade com a qual este texto busca trabalhar rompe com as limitações dessa forma de vida. A constatação de que a sociedade mundial se globaliza rapidamente, desfazendo fronteiras e complexificando as comunicações

[23] Sobre o pensamento pós-metafísico, ver Habermas (1988), especialmente a referência explícita aos conteúdos semânticos inspiradores da linguagem religiosa, à página 61. A possibilidade de uma apreensão pós-metafísica do espiritismo, a aventamos rapidamente em Signates, 2000. E, sobre a noção de fraternidade relacionada à ética de alteridade, tratamos em Signates, 1998b e 1999.

a partir do desenvolvimento das tecnologias, leva ao reconhecimento de que as culturas e identidades tendem a estar em relação umas com as outras de forma inexorável. O pensamento ainda predominante de que o mundo caminha para uma "aldeia global", no sentido de haver uma única cultura homogênea, a da "comunidade mundial", é excessivamente ingênua para ser verdadeira, na medida em que nega a possibilidade de que as heterogeneidades se reproduzam e emerjam como conflitos. Não há, pois, uma única globalização, mas "globalizações", que se caracterizam por estarem ancoradas em "localizações"[24]. O mundo globalizado é um mundo de identidades em conflito e se uma nova ética não surgir, garantindo relações capazes de superar processos e intenções de dominação e poder, a tendência é a guerra sem fim, a mundialização do sofrimento e da infelicidade humanas pelo aprofundamento das injustiças e desigualdades.

Essa nova ética, portanto, não poderá, necessariamente, ser uma ética de negação das diferenças, e sim de convivência pacífica (mesmo que não harmoniosa) com elas. Deve ser, de forma imprescindível, uma ética de respeito ao outro, de recusa da exclusão mas de recusa também da inclusão autoritária. A fraternidade possível, ante esse quadro, não pode ser a que toma o eu como referencial e exige do outro que escolha entre a adesão e o ostracismo, e sim aquela que toma a relação pacífica como referencial e admite a diferença do outro como constitutiva da própria relação. Trata-se, pois, de uma ética da alteridade, dentro da qual nem o outro me elimina a identidade e nem eu o elimino na sua. Uma identidade assim só pode ser procedimental, isto é, definida pela própria diferença pragmática, ou, melhor dizendo, pela própria capacidade prática de conviver com as diferenças. Eis o que sugerimos seja assumido pelos espíritas como vínculo identitário.

Supera-se, assim, a metafísica da igualdade, que, num plano lógico, é o inverso da diferença, mas que, num plano ético só pode ser pensado como igualdade do direito de ser diferente, ou seja, igualdade e diferença em termos éticos são conceitos complementares. Apenas num plano lógico a igualdade é o contrário de diferença. No plano ético, o contrário de igualdade é desigualdade e o contrário de diferença é indiferença[25] (ver fig. 1). A pretensão metafísica é justamente hipostasiar a lógica na ética, negando a heterogeneidade humana pela idealização reducionista dos homens a características específicas, recortadas para marcar identidades e fronteiras.

---

[24] Sobre a questão da multiplicidade das globalizações, em relação à comunicação, ver Ramos (1995).

[25] Com essa formulação teórica, pensamos poder responder de forma suficiente às preocupações enunciadas por Flávio Pierucci, em seu livro *Ciladas da Diferença* (1999). Nesta obra, o prestigiado sociólogo enuncia sua preocupação com a necessidade de a adoção do conceito de diferença não implique em abandono da reivindicação pela igualdade, no âmbito da luta por direitos.

Fig. 1

	Corte Lógico	
Corte Ético	IGUALDADE	DIFERENÇA
	DESIGUALDADE	INDIFERENÇA

Uma ética da diferença não é de forma alguma estranha à formulação do pensamento espírita, pois encontra-se solidamente proposta nos textos fundadores do cristianismo e do espiritismo, conforme procuramos demonstrar em trabalho apresentado no Congresso Espírita Brasileiro, realizado recentemente em Goiânia (Signates, 1999), o que demonstra que há espaço inclusive para uma discussão teológico-doutrinária dessa ética, se esse for o caso.

Há, contudo, quem acuse essa ética de ser utópica, irrealizável e não encontrar evidências empíricas de sua possibilidade. Abstraindo o direito à utopia, que não pode ser negado ao ser humano, sob pena de reduzi-lo ao que não é (um ser que não sonha), ainda assim é possível contestar o argumento acusador. Uma ética da alteridade não apenas é realizável, como é uma exigência indeclinável dos tempos atuais, conforme demonstramos ao analisar o processo de globalização pelo qual passamos. Além disso, há, sim, ao contrário do que podem pensar os críticos, evidências empíricas de sua realização, que podem ser encontradas nas situações de altruísmo e nas vivências de movimentos e líderes pacifistas, dentre os quais destacamos, pela impressionante atualidade, as figuras de Mohandas Gandhi e Francisco Cândido Xavier.

Identificada por uma ética de alteridade, a idéia sobre ser espírita tenderia, pois, a ser definida como *capacidade de conviver com diferenças*, que, naturalmente, se expressariam sob duas formas básicas: diferenças de conteúdos de crença e diferenças de práticas, sendo que tal capacidade seria pragmaticamente evidenciada na existência do diálogo, no que se relacionar aos conteúdos de crença, e da convivência pacífica, no que disser respeito às práticas.

Para que haja diálogo, é preciso que os interlocutores não absolutizem suas verdades assumidas; a ética do diálogo é ética de alteridade somente na medida em que se estabelece como disponibilidade para aprender. E, para que haja convivência entre diferenças práticas, é necessário que o antiritualismo se estabeleça não como "exclusão de rituais", como é comum vermos no meio espírita, e sim como "abertura ritual", no sentido de não dar aos ritos qualquer importância e, nesse sentido, aceitá-los como se apresentem, interpretando-os como formulações culturais e centralizando a prioridade da atenção para o aspecto procedimental, isto é, para os conteúdos de sentimento e sinceridade

partilhados em suas práticas; a ética da convivência é, destarte, ética de alteridade na medida em que se estabelece como liberdade de pensamento e heterogeneidade ritual.

Tais procedimentos abandonam, por completo, as pretensões de purismo de conteúdos e de homogeneização ritual, abandonando, por conseguinte, os argumentos ideológicos vinculados a tais pretensões e, portanto, tornando prescindíveis os escondimentos da dogmatização (por relativizar a pretensão de verdade ao confiná-la em espaços de interpretação historicamente situados e sempre passíveis de discussão, atualizáveis inclusive a partir de critérios científicos e filosóficos) e da ritualização (por desistir da afirmação tecnicista de quaisquer ritos como não ritos, ao aceitá-los como ritos e apenas como tais, deixando a cada grupo espírita a liberdade de praticá-los como acharem melhor, desde que as exigências éticas de aceitar a diferença e as mudanças nela implicadas sejam mantidas e, sempre que possível, continuamente renovadas pela prática da reflexão e do diálogo).

Uma pergunta continuamente reiterada nesse processo de pensamento é: como ficam os processos institucionais dentro desse modelo ético? Evidentemente, a exigência fundamental é de que as instituições não se configurem como hierarquias de poder e exclusão, e sim como instituições abertas, protetoras da liberdade e criadoras de atmosferas relacionais de fraternidade. Para isso, abandonam-se as práticas de exclusão, democratizam-se as de inclusão e busca-se um tipo de relacionamento comunicativo com a sociedade. Especifiquemos cada uma dessas condições.

A democratização das práticas de inclusão significa criar, em primeiro lugar, no espaço institucional, lugares onde os conflitos sejam passíveis de solução includente e alteritária. Nesse sentido, é preciso fazer mais do que se limitar a um modelo representacionalista de democracia, isto é, é necessário uma democracia participativa e radical, na qual sequer se admita a ditadura das maiorias (exceto, é claro, nos raros casos limites de urgência ou catástrofe, nos quais os imperativos da ordem e da eficácia sejam mais relevantes do que os da liberdade e da paciência). Em outras palavras, é preciso combinar procedimentos consensualistas a situações de pluralidade, em que nem o consenso signifique extinção da pluralidade, nem a manutenção da diversidade elimine a possibilidade do consenso.

Para isso, uma cultura do entendimento das razões alheias deve ser constantemente cultivada, a fim de que os consensos sejam possíveis sem perda de identidades que redundem em exclusões. Num quadro institucional assim, toda insatisfação deverá mobilizar o grupo no sentido de que novos espaços sejam criados e toda adesão deverá ser estimuladora para a manifestação de novas diferenças. Assim, novos espaços abrigam novas diferenças, que conduzirão a renovações de espaços e diferenças, num processo constante e sempre inacabado de evolução, que, por abrigar liberdades e desencadear criatividades, pode certamente ser contido num conceito espírita, eticamente

enriquecido, de "evolução espiritual" – no sentido de aperfeiçoamento do quadro ético-relacional – dos indivíduos e grupos envolvidos.

Uma questão que nos parece séria é a de que, para isso, talvez seja sempre preferível que as instituições sejam pequenas, em termos de quantidade de membros. Essa preocupação tem fundamentos na filosofia social. Os processos de racionalização da vida, numa perspectiva weberiana, que redundaram na substituição dos mecanismos de entendimento pelos meios dinheiro e poder[26], derivam em grande sentido da crescente complexificação da sociedade. Em outros termos, quanto mais complexa a organização social, menos ela poderá dispensar sistemas de poder e de profissionalização e burocratização das relações, para se manter. Resulta, pois, que instituições menores podem com mais facilidade criar e preservar climas de liberdade, simplicidade e criatividade para seus membros, sendo, portanto, sugestivo que a instituição se multiplique, isto é, dê lugar a outras, em caso de ampliação quantitativa de seus membros.

O abandono das práticas de exclusão exige a existência de fóruns legítimos de resolução de conflitos de forma não violenta. Nas sociedades atuais, há dois tipos de instâncias com esse papel: os espaços públicos de discussão e legitimação, como os conselhos e assembléias, e as instâncias judiciárias. Não cogitamos, no movimento espírita, dessa segunda opção, que, de certo modo, funda-se num tipo de representacionalismo cuja opção é retirar dos interlocutores a capacidade de solução de conflitos, delegando essa competência a um espaço que lhes é exterior e supostamente mais legítimo. Além disso, não é raro tais instâncias se constituírem em esferas de sustentação das formas vigentes de poder. Por essa razão, a opção espírita é o aperfeiçoamento das esferas públicas, que podem aparecer de modo formalizado (em conselhos e assembléias) ou não, em estímulo a reuniões, seminários e atividades em conjunto, na qual os conflitos sejam expostos e tratados de forma a serem superados por novos consensos.

É nesses espaços de vivência democrática que a cultura de fraternidade pode ser construída. Uma cultura de fraternidade não pode, contudo, ser criada por decreto, ou por decisão de líderes, e sim pela vivência pragmática e efetiva da alteridade, da aceitação do outro, em suas diferenças. Cada agrupamento desenvolverá sua cultura própria e ela estará relacionada com suas possibilidades e seus limites. Jamais será integralmente vivida e conviverá sempre com o risco do retorno a condições de dogmatização e ritualização que podem dar azo a movimentos de exclusão. Saber trabalhar as patologias da comunicação, sempre que surjam será uma das tarefas criativas da sabedoria dos grupos.

Por conviverem dentro de um ambiente institucionalizado, haverá igualmente o risco sempre presente de hierarquização e profissionalização (concessão aos meios poder e dinheiro/técnica para simplificar a complexidade crescente das idiossincrasias carreadas pelo aumento de membros, pela

[26] Sobre a questão da substituição do meio linguagem pelos meios dinheiro e poder, na racionalização do mundo da vida, ver Habermas, 1981. Sobre a aplicação dessa interpretação à realidade espírita, ver Signates, 1997.

instabilidade subjetiva de cada um deles e, também, pela própria natureza do regime democrático), para além das situações de urgência, nas quais tais meios são imprescindíveis. Saber o que fazer com os surtos de autoritarismo e demandas de interesse são também desafios postos à criatividade comunicativa do grupo. Em todas essas situações de crise, a sabedoria do grupo aparecerá na intensificação da capacidade de repensar as crenças e procedimentos rituais, a fim de elevar as relações a parâmetros de mais fraternidade. Em outras palavras, sabedoria será abrir o grupo para aprender com a adversidade que se apresenta, qualquer que ela seja.

E, em todos os sentidos, a cada ganho prático de fraternidade constatado nas vivências, o grupo deve reforçar a consciência de que se tornou efetivamente espírita. De que espírita é sempre essa capacidade vivencial, realizada no diálogo sobre conteúdos e na convivência ativa em relação às diferenças práticas. A identidade espírita, desta forma, livre o quanto possível das contendas dogmáticas e das exclusões rituais, saberá absorver diferenças pela experiência da fraternidade constantemente reinventada e ampliar espaços de aprendizado e experimentação, gerando benefícios espirituais em forma de amor e alegria cada vez mais crescentes.

Bibliografia de referência

BOBBIO, Norberto (1983) **Dicionário de política**, Vol. 1. Brasília : UnB, 1994.

HABERMAS, Jürgen (1981) **The theory of the communication action** (V. 2). Boston : Beacon Press, 1996.

_____ (1985) **O discurso filosófico da modernidade**. Lisboa : Dom Quixote, 1998.

_____ (1988) **Pensamento pós-metafísico**. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1990.

KARDEC, Allan (1868) **A gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo**. Rio de Janeiro : Feb, 1978.

_____ (1890) **Obras póstumas**. Rio de Janeiro : Feb, 1975.

PIERUCCI, Antonio Flávio (1999) **Ciladas da diferença**. São Paulo : Editora 34.

RAMOS, Murilo C. (1995) **Os processos de globalização e mundialização: tecnologias, estratégias e conteúdos**. Aracaju-SE : Intercom : III Colóquio Brasil-França.

Bibliografia complementar produzida pelo autor e citada no texto

SIGNATES, Luiz (1997) *A fraternidade substituída*. In: Revista Espírita Allan Kardec, Ano IX, n. 34, Abril-Junho/1997. Goiânia : Editora Espírita Paulo de Tarso. (p. 28-29)

_____ (1998) *Espiritismo e ritos*. In: Revista Espírita Allan Kardec, Ano X, n. 40, Outubro-Dezembro/1998. Goiânia : Editora Espírita Paulo de Tarso. (p. 25-26)

_____ (1998a) *Ciência como ideologia do espiritismo*. Goiânia : Original.
_____ (1998b) *O conceito de solidariedade*. In: Aurora. Internet (http://www.alternex.com.br/~solidario/j.html).
_____ (1998c*) Os espíritas na Internet: interatividade e alteridade no jogo das identidades culturais*. Recife : XXI Congresso Brasileiro de Pesquisadores da Comunicação/GT Comunicação e Religiosidade, setembro/1998. (paper)
_____ (1999) *Espiritismo e ética comunicativa: a fraternidade como fundamento da teoria social espírita.* Goiânia : I Congresso Espírita Brasileiro, 1º.-3/10/1999. (paper)
_____ (1999a) *Espiritismo, comunicação e ética: ensaio de teoria social espírita (texto resumo).* Goiânia : Originais.
_____ (2000) *O papel do intelectual espírita*. São Paulo : original

(*) Jornalista, professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Goiás, especialista em Políticas Públicas de Comunicação, mestre em Comunicações pela Universidade de Brasília, doutorando em Comunicações e Artes pela Universidade de São Paulo, expositor, escritor, ex-presidente da Fundação Espírita de Pesquisas Científicas (FEPESCI), membro do Conselho Superior do Instituto de Comunicação Social Espírita – ÍCONE, vice-presidente de Comunicação Social da Federação Espírita do Estado de Goiás.

CENTRO ESPÍRITA: OS CINCO FATORES CRÍTICOS PARA UMA REFORMA ESTRUTURAL

Mauro de Mesquita Spínola (*)
São Paulo-SP, Brasil

RESUMO

Este trabalho apresenta as bases para uma revisão estrutural dos centros espíritas na atualidade, que permita a eles traçar seus caminhos vinculados e comprometidos com o próprio desenvolvimento do Espiritismo, além de se caracterizarem socialmente de forma clara. São apresentados os cinco fatores críticos para esta revisão: a mediunidade, os estudos e pesquisas, a relação com a sociedade, o poder e a integração com outros centros espíritas.

Palavras-chave: centro espírita, mediunidade, pesquisa espírita, espiritismo e sociedade, poder

1. INTRODUÇÃO

É necessário — e é possível — realizar uma revisão estrutural dos centros espíritas na atualidade, que permita a eles traçar seus caminhos vinculados e comprometidos com o próprio desenvolvimento do Espiritismo, além de se caracterizarem socialmente de forma clara. Isso hoje não ocorre. Viso com este estudo contribuir para essa revisão.

Parto da constatação de que os centros espíritas vivem hoje uma dificuldade de identificação, gerada sobretudo pelos confrontos entre sua estrutura, a leitura do Espiritismo e a modernização cultural e moral da sociedade. Tanto como casa do Espiritismo quanto como célula social o centro ainda busca uma definição mais precisa.

Este texto apresenta de forma sucinta os principais conceitos e propostas apresentados no livro "*Centro espírita: uma revisão estrutural*"[27], lançado em 1997 pelo CPDoc – Centro de Pesquisa e Documentação Espírita.

Desconhecimento do Espiritismo nos centros, sincretismo, assistencialismo, cultos exteriores e religiosismo, grandeza física, clientelismo, proselitismo e isolamento cultural são alguns dos aspectos contrastantes entre a estrutura de grande parte dos centros e a proposta do Espiritismo. A identificação desses pontos contribui para uma crítica aos centros espíritas modernos. Entre todos, o mais importante é o desconhecimento do Espiritismo.

[27] Mauro de Mesquita SPINOLA. *Centro espírita*: uma revisão estrutural.

Dificuldades

A análise da estrutura do centro espírita e as possíveis propostas que dela possam advir esbarram em várias dificuldades. Eis algumas delas:

a) É difícil definir centro espírita. É muito grande a heterogeneidade existente entre os grupos e como conseqüência surgem dúvidas: o que estaríamos analisando? a que e a quem estaríamos propondo?

b) Em muitos centros espíritas vive-se hoje um período de discussão e revisão estrutural. Há também a criação de novos grupos, com estruturas alternativas e claramente diferentes das existentes. Os resultados são apenas preliminares e não há indícios de tendências generalizadas.

Qual é o objetivo dos centros espíritas? Impossível encontrar uma resposta válida para todos os grupos. Com certeza esse objetivo varia segundo fatores culturais, a ponto de podermos encontrar dois centros espíritas com objetivos (e portanto atividades) completamente diferentes. Num centro, maior ênfase é dada aos conhecimentos do Espiritismo, num outro se dá maior valor à prática da mediunidade, num terceiro as pessoas se dedicam prioritariamente ao atendimento de necessitados, num quarto centro a cura é o maior objetivo, e assim por diante.[28]

Apesar daqueles esforços, uma análise do panorama atual nos mostra uma grande miscelânea, o que torna impossível responder, com base no que se vê, a questão "*o que é o centro espírita*?" Estabelecer um modelo seria muito difícil; analisar e propor, impossível.

Para estabelecer um modelo teríamos que optar por uma conceituação mais precisa de centro espírita, assumindo algumas de suas características. Esse modelo viabilizaria a análise e a elaboração de propostas.

Faço, portanto, com o objetivo de poder continuar esse trabalho, um exercício de modelamento.[29] O seu principal objetivo é estabelecer uma referência conceitual que sirva de base para a estruturação de uma casa espírita ou mesmo para a reestruturação de uma casa já existente. São critérios básicos a considerar na avaliação e na organização dessas casas.

Um modelo

O modelo não toca no problema de organização administrativa e financeira do centro, mas estabelece diretrizes para que essa organização, qualquer que seja, se volte para os objetivos de tornar o centro uma casa do Espiritismo. São três os seus componentes: as pessoas, o relacionamento do centro com o Espiritismo e a estrutura de poder, como descrevemos a seguir:

---

[28] Mauro de Mesquita SPINOLA. O centro espírita e a sociedade. Em: Autores diversos. *Espiritismo e sociedade*. p. 60.

[29] Ibid., p. 59-61.

CENTRO ESPÍRITA: MODELO CONCEITUAL
O centro espírita é uma associação de pessoas
O centro espírita é comprometido com o Espiritismo
Não existe no centro espírita hierarquia estática e restritiva

a) *O centro espírita é uma associação de pessoas encarnadas, de homens*. Poderia, por opção, abranger também os espíritos desencarnados nessa associação, já que os centros espíritas contam, em geral, com a participação ativa dos espíritos. Os motivos pelos quais não farei isso são:

a.1) Considero que o centro espírita é organizado e dirigido por homens, tendo espíritos desencarnados como convidados. Desta forma, qualquer estudo relativo à estrutura, atividades, métodos, prioridades e orientação doutrinária em um centro passa necessariamente pelo comportamento dos homens que o compõem.

a.2) As atividades do centro espírita, incluindo as reuniões mediúnicas, são organizadas e dirigidas por homens. As propostas relativas a essas reuniões devem se dirigir, pelo menos num primeiro momento, a eles.

a.3) São os homens que participam da vida social, contexto em que está inserido o centro.

b) *O centro espírita é comprometido com o Espiritismo*. Esse compromisso se concretiza através do estudo de livros espíritas, incluindo necessariamente as obras de Allan KARDEC, e adequação das diversas atividades aos conceitos e métodos próprios da doutrina.

c) *Não existe no centro espírita hierarquia estática e restritiva*. O efeito mais importante dessa estrutura é a igualdade para aprender, praticar e influir.

Um centro espírita aberto à participação integral de pessoas interessadas em aprender e contribuir, e comprometido com o aprendizado e desenvolvimento do Espiritismo será o modelo, para os centros espíritas modernos, que adotarei a partir daqui. Mas caberia perguntar: *como será o centro espírita do futuro*?[30]

[30] Éder FÁVARO e outros. A estrutura dos centros espíritas de Kardec aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 14.

A estrutura proposta

Uma reflexão sobre a estrutura dos centros espíritas exige a identificação dos elementos que compõem essa estrutura. Assumo que são os seguintes:

ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO CENTRO ESPÍRITA
Mediunidade
Estudos e pesquisas
Relações com a sociedade
Poder
Integração com outros centros espíritas

Neste trabalho não são tratados, de forma sistemática, os aspectos de organização e administração do centro espírita. Há alguns livros e apostilas que tratam do assunto. *O centro espírita*, de Wilson GARCIA, sintético e objetivo, é um livro de valor.[31]

Entre os autores pesquisados, dediquei especial atenção aos dois que deram contribuições mais significativas para o estudo da estrutura do centro espírita até agora: Allan KARDEC e José Herculano PIRES. Em toda a extensão do texto eles são citados, sobretudo em suas respectivas obras *O livro dos médiuns*[32] e *O centro espírita*.[33]

O livro dos médiuns, publicado em 1861, continua sendo referência obrigatória para formação, avaliação e dinamização dos grupos. Reputo grande importância a este livro no contexto da obra de KARDEC. Se em *O livro dos espíritos* encontramos a apresentação da doutrina como um todo, constituindo-se por isso no mais abrangente trabalho seu, é no entanto em *O livro dos médiuns* que passamos mais claramente a conhecer a sua maneira de trabalhar, o método kardequiano. E é esse método que referenda toda a sua obra. Marco maior da lucidez de KARDEC, esse compêndio ainda não esgotou seus recursos de aplicação.

O livro de José Herculano PIRES *O centro espírita* se propõe a apresentar um estudo sobre as origens, o sentido e a significação do centro espírita. É um trabalho poderoso, que capta conceitos importantes, identifica distorções e propõe um modelo, mas não escapa ao envolvimento de algumas idéias já cristalizadas. Não me proporia a tentar fixar de forma precisa a função do centro, como faz Herculano, sobretudo porque é difícil trabalhar com uma "verdade"

31 Wilson GARCIA. *O centro espírita*.
32 Allan KARDEC. *O livro dos médiuns*.
33 J. Herculano PIRES. *O centro espírita*.

que não é praticada. Mas concordo com ele quando constata que a função e a significação do centro são desconhecidas, só ficando uma dúvida: alguém conhece completamente?

2. A MEDIUNIDADE

O Espiritismo está histórica e metodologicamente vinculado à mediunidade. Ele nasceu e cresceu a partir do estudo dos fenômenos mediúnicos. Sem a mediunidade o Espiritismo simplesmente não existiria. A mediunidade é o elemento mais importante da estrutura do centro espírita pois concretiza o mundo dos espíritos, objeto principal de estudo do Espiritismo.

2.1 - O que é mediunidade?

> *"Mediunidade é a faculdade humana, natural, pela qual se estabelecem as relações entre homens e espíritos."* [34]

KARDEC dedicou grande importância à mediunidade e à comunicação com os espíritos. O relato que fez do início de suas pesquisas mostra isso:

> *"Compreendi, logo à primeira vista, a importância das pesquisas que iria fazer. Vislumbrei naqueles fenômenos a chave do problema do passado e do futuro da Humanidade, tão confuso e tão controvertido, a solução daquilo que eu havia buscado toda a minha vida."*[35]

Com o tempo fortaleceu ainda mais a convicção que a mediunidade deve ser estudada e praticada com seriedade. O sua principal obra sobre o assunto, *O livro dos médiuns,*[36] foi lançada em 1861 em substituição a uma outra de mesma natureza, *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas,*[37] que havia sido lançada em 1858, pois considerou que esta não era suficientemente completa.[38] Nos seus estudos, dedicou especial atenção à psicografia, pois percebeu que a escrita "*tem a vantagem de assinalar, de modo mais material, a intervenção de uma força oculta e de deixar traços que se podem conservar, como fazemos com nossa correspondência*".[39] Essa sua preocupação esclarece, em parte, o caráter que atribuía à mediunidade: um forte instrumento de comunicação com o invisível, tanto quanto de documentação.

Para KARDEC era necessária uma conceituação precisa de "mediunidade" (e "médiuns"), além de uma classificação detalhada dos fenômenos. Foi o que

---

34 J. Herculano PIRES. *Mediunidade: vida e comunicação:* conceituação de mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais. cap.I, p. 11.

35 Allan KARDEC. Extratos "in extenso" do livro das previsões concernentes ao Espiritismo: manuscrito feito com especial cuidado por Allan Kardec. Em: —. *Obras Póstumas*. parte 2, p. 220.

36 —. *O livro dos médiuns*.

37 —. Instruções práticas sobre as manifestações espíritas. Em: —. *Iniciação espírita*. p. 175-299.

38 —. Introdução. Em: —. *O livro dos médiuns*. p. 13.

39 —. Da psicografia. Em: Ibid, parte 2, cap. XIII, item 152, p. 190.

fez.[40] Um ponto delicado referia-se à questão: quem é médium? Resolveu-a da seguinte forma: todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos espíritos é, por esse fato, médium, mas, usualmente, assim só se qualificam aqueles em que a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva.[41] Estudando esse problema mais recentemente, CRAWFORD chamou de "*estática*" a mediunidade natural, que todos possuem, e "*dinâmica*" a mediunidade ativa. José Herculano PIRES apresenta também as denominações de "*mediunidade generalizada*" e "*mediunato*", respectivamente.[42]

Esse continua sendo um dos pontos mais delicados no trato da questão mediúnica, pois toca no problema da necessidade de dedicação do médium à mediunidade. É muito comum a frase: "*você é médium*", por vezes emitida numa primeira entrevista, ser utilizada como instrumento de proselitismo. Penso que essa postura deve ser reavaliada, mesmo que se constate a presença de mediunidade ativa (caracterizada, ostensiva, mediunato). Não está demonstrado que os médiuns necessitam se dedicar ao centro espírita "*para não sofrer perturbações*".

Há ainda um outro ponto em que o conceito de mediunidade generalizada toca: o do caráter de graça ou provação atribuído à mediunidade:

> *"O conceito de mediunidade que vigora entre nós, na maioria esmagadora dos centros, é espantosamente ambivalente e portanto contraditória. Afirma-se ao mesmo tempo que a mediunidade é uma graça e uma provação, que os médiuns são espíritos grandemente faltosos, não obstante adorados como enviados de Deus. Os que estudam seriamente a Doutrina logo percebem a falsidade desse conceito. A mediunidade é uma faculdade natural da espécie humana, como todas as demais faculdades."* [43]

A atitude de adoração, adulação ou até louvação de médiuns tem como causa principal a falta de reflexão sobre o papel da mediunidade.

2.2 - As reuniões mediúnicas

Nas reuniões mediúnicas realizam-se os contatos com espíritos no centro espírita. Qualquer processo de análise ou revisão envolve necessariamente essas reuniões. De acordo com o modelo proposto elas devem consagrar conceitos e métodos próprios do Espiritismo.

---

40 Allan KARDEC. Instruções práticas sobre as manifestações espíritas - Vocabulário espírita. Em: —. *Iniciação espírita*. p. 182-216.

—. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XIV-XVI, p. 195-236 e cap. XXXII, p. 478-480.

41 —. Dos médiuns. Em: *O livro dos médiuns*, parte 2, cap. XIV, item 159, p. 195.

42 J.Herculano PIRES. *Mediunidade: vida e comunicação:* conceituação de mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais. cap.II, p 18.

43 —. O centro e a comunidade. Em: *O centro espírita*. p.18.

Quando KARDEC classificou as reuniões mediúnicas como frívolas, experimentais e instrutivas,[44] buscou identificar as "condições especiais" em que as reuniões sérias devem ser realizadas, destacando a necessidade de participação de pessoas sérias e o intuito de se instruir.

A uniformidade de objetivos e sentimentos, só possível com um número pequeno de participantes, ganha aqui um significado vital.[45] Mesmo os centros espíritas que optam por crescer necessitam cuidar para que as reuniões mediúnicas não inchem e portanto não percam esse caráter.

Seria possível estabelecer critérios generalizados? Creio que alguns, sim. A começar pela busca de aperfeiçoamento e instrução. As reuniões mediúnicas que perpetuam os seus objetivos, métodos, médiuns e até comunicações podem estar perdendo a oportunidade de contribuir para o aprimoramento técnico e moral dos participantes e do próprio Espiritismo. Essa observação vale também para chamadas reuniões de assistência, que discutirei adiante, onde estrutura e personagens costumam se cristalizar no centro espírita.

Duas das características de um trabalho sério são a regularidade e a continuidade, pois a experiência mostra que a participação dos espíritos é também regular. No entanto, KARDEC alerta que, "*se bem os Espíritos prefiram a regularidade, os de ordem verdadeiramente superior não se mostram meticulosos a esse extremo. A exigência de pontualidade rigorosa é sinal de inferioridade, como tudo que seja pueril*." [46]

Quando estudou a influência do meio, KARDEC colocou que "*uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante das de seus membros e formam como que um feixe*". Como conseqüência, apresenta as "*condições mais favoráveis para uma Sociedade que aspira granjear a simpatia dos bons Espíritos*", entre elas: perfeita comunhão de vistas e sentimentos, cordialidade recíproca, desejo de se instruir e melhorar, recolhimento e silêncio respeitosos, e outras.[47] No trato com espíritos perturbadores, propôs "enérgica resistência", envolvendo prece, caridade e atenção.[48]

Há um ponto sobre o qual pairam dúvidas na organização de reuniões mediúnicas: a validade de se evocar espíritos. Largamente utilizado e defendido por KARDEC, esse método foi fundamental em suas pesquisas.[49] Nos relatos constantes do livro *O céu e o inferno*, por exemplo, é grande o número de casos

---

44 —. Das reuniões e das sociedades espíritas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, itens 324-329, p. 413-418.

45 Ibid., parte 2, cap. XXIX, itens 332, 334 e 335, p. 420-423.
Éder FÁVARO e outros. A estrutura dos centros espíritas de Kardec aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 3.

46 Allan KARDEC. Das reuniões e das sociedades espíritas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, item 333, p. 421.

47 Ibid., itens 331 e 341, p. 419 e 427-428.
—. Da influência do meio. Em: —. *O livro dos médiuns*. p. 285-288.

48 —. Das reuniões e das sociedades espíritas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, item 340, p. 426-427.

49 —. Das evocações. Em: —. *O livro dos médiuns*, cap. XXV, p. 338-368.

estudados com uso de evocações. EMMANUEL, através da mediunidade de Francisco C. XAVIER, recomenda que as evocações não sejam utilizadas "em caso algum".

A idéia de EMMANUEL é generalizada entre os centros, e é no mínimo estranha. A maior dificuldade em potencial — a de identificação dos espíritos — também foi sentida e estudada por KARDEC.[50] A organização de reuniões mediúnicas em geral, e os trabalhos de pesquisas, em particular, requerem um novo estudo desses conceitos. Senão estaremos correndo o risco de obedecer a proibições bíblicas com a justificativa única de que não estamos preparados.

O preparo contínuo dos médiuns para a realização de suas tarefas requer a elaboração de um processo de desenvolvimento da mediunidade, também chamado de educação mediúnica. Não é mais admissível deixar que a "prática" ou a "vida" ensinem por si mesmo. KARDEC colocou a necessidade de desenvolvimento, estudando sobretudo a mediunidade psicográfica.[51] Há, basicamente, dois aspectos no desenvolvimento do médium:[52]

(1) a prática, que envolve a necessidade de aperfeiçoamento técnico,

(2) a aplicação, que abrange a compreensão da influência moral e intelectual que exerce sobre as comunicações, da melhor maneira de aplicar seu potencial e das dificuldades e cuidados que a atividade mediúnica envolve.

Em termos de aplicação, é fundamental que a formação de médiuns leve em consideração o seu papel nas comunicações. O animismo, fenômeno observado por KARDEC e outros pesquisadores, requer um estudo aprofundado no processo de desenvolvimento da mediunidade, pois o seu desconhecimento tem levado ora a confusões e enganos em relação a comunicações, ora a preconceitos descabidos em relação a médiuns. Adoto a conceituação utilizada por Alexandre AKSAKOF,[53] em que animismo e mediunidade não se excluem. Segundo ele podem ser identificados os seguintes tipos de fenômenos:

a) *anímicos não mediúnicos*, que envolvem exteriorizações do próprio ser através dos sonhos, do sonambulismo, da telepatia, da clarividência no espaço e no tempo, da telecinesia, da telemnesia, da psicometria etc.

b) *anímicos mediúnicos*, que envolvem participação de pessoas vivas em fenômenos mediúnicos tais como psicografia, psicofonia, aparições etc.

c) *espíritas* (necessariamente mediúnicos), que envolvem participação de pessoas desencarnadas.

---

50 Allan KARDEC. Da identidade dos espíritos. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIV, p. 315-337.

51 —. Da formação dos médiuns - Desenvolvimento da mediunidade. Em: Ibid., cap. XVII, itens 200-218, p. 237-249.

52 Ibid., itens 200-217, p. 237-249.

53 Alexandre AKSAKOF. A hipótese dos espíritos. Em: —. *Animismo e Espiritismo*. v. II, cap. IV, p. 226-404.

Essa classificação foi também adotada por Ernesto BOZZANO.[54] Segundo ela, o médium que transmite mensagem de seu próprio espírito, quando em estado de emancipação, realiza um fenômeno anímico mediúnico. KARDEC estudou esse caso e concluiu que esse assunto é sutil e delicado, necessitando muitas observações e meditações antes de se concluir qualquer coisa sobre a natureza de determinado fenômeno. Concluiu também que é generalizada e natural a influência do médium nas comunicações.[55] Isso nos leva à necessidade de rever duas posições: por um lado, o descuido na identificação dos fenômenos mediúnicos de natureza anímica e, por outro, o preconceito em relação a médiuns que apresentam características anímicas, confundindo-os com charlatães.[56]

Todas essas considerações, se não resolvem, pelo menos levantam aspectos relevantes na estruturação das reuniões mediúnicas.

A revisão estrutural das reuniões mediúnicas tem base teórica sólida para ser realizada nos centros espíritas. Envolve antes de mais nada uma definição mais objetiva do papel da mediunidade e a valorização das atividades de formação de recursos humanos. O ponto mais importante é a mudança de visão dos dirigentes, médiuns e freqüentadores de uma forma geral: a mediunidade deixa de ser um sacerdócio para ser um instrumento de trabalho e pesquisa, deixa de ser uma expiação para ser uma das mais ricas manifestações da natureza humana.

O aprimoramento das reuniões mediúnicas é decisivo para o centro. Quanto mais voltadas para o próprio desenvolvimento do Espiritismo, maior impacto trarão à feição e à estrutura da casa espírita.

3. ESTUDOS E PESQUISAS

Os espíritas em geral consideram que o caminho de continuidade do Espiritismo e dos próprios centros está nas atividades de estudos e pesquisas. Apesar disso elas ainda buscam seu lugar ao sol, pois faltam medidas objetivas. Neste item estudo essas atividades e suas perspectivas.

3.1 - A base do centro

Os estudos e as pesquisas são o sustentáculo do centro. As diversas atividades do centro são embasadas e orientadas por eles. As pessoas tomam contato com o Espiritismo, criam, desenvolvem e substituem atividades baseadas neles. No entanto, isso não tem sido verdade na grande maioria dos nossos centros reais, por razões culturais diversas.

---

54 Ernesto BOZZANO. *Animismo ou Espiritismo? Qual dos dois explica o conjunto dos fatos?*

55 Allan KARDEC. Do papel do médium nas comunicações espíritas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XIX, item 223, p. 259-266.

56 Alexandre SECH. Animismo e mediunismo. Em: Autores diversos. *Encontro com a cultura espírita*. p. 174-176.
Francisco Cândido XAVIER. *Nos domínios da mediunidade*. cap. 22, p. 209-215.
Martins PERALVA. *Estudando a mediunidade*. cap. XXXVI, p.186-190

Embora reconhecida como fundamental por dirigentes e freqüentadores de todas as casas, poucas vezes se encontra um centro espírita em que as atividades de estudos e pesquisas sejam colocadas como as mais importantes. Muitas vezes a necessidade salvadora de "praticar a caridade" (dar roupas e alimentos, dar passes, atender pessoas e espíritos) substitui o peso do conhecimento espírita, que daria certamente uma grande contribuição para libertar as pessoas de seus maiores problemas existenciais.

Allan KARDEC chegou a propor uma estrutura para as reuniões, baseado na experiência da ***Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas***. Nota-se a preocupação básica com estudos e pesquisas:

"Os trabalhos de cada sessão podem regular-se conforme se segue:
1a Leitura das comunicações espíritas recebidas na sessão anterior, depois de passadas a limpo.
2a Relatórios diversos. - Correspondência. - Leitura das comunicações obtidas fora das sessões. - Narrativa de fatos que interessem ao Espiritismo.
3a Matéria de estudo. - Ditados espontâneos. - Questões diversas e problemas morais propostos aos Espíritos. - Evocações.
4a Conferência.-Exame crítico e analítico das diversas comunicações. - Discussão sobre diferentes pontos da ciência espírita."[57]

A proposta de KARDEC sugere que:
(1) estudos e pesquisas são as atividades básicas da sociedade,
(2) o nosso principal objeto de estudo é a mediunidade,
(3) podemos utilizar as próprias comunicações obtidas na casa como instrumentos de aprendizado e pesquisa.

Para os grupos que não possuíssem médiuns, KARDEC propôs também que realizassem estudos diversos.[58]

Em relação à pesquisa, em particular, é necessário, antes de tudo uma desmistificação da palavra. Denomino pesquisa a todas as atividades do centro que envolvam um trabalho de elaboração humano.[59] Assim sendo, a mais simples reunião mediúnica pode realizar pesquisa, bastando para isso que adote uma metodologia de trabalho e um conjunto de técnicas para aplicá-la, sempre na busca de conhecer algo mais.

O maior exemplo que tivemos neste sentido veio do próprio KARDEC. As diversas obras da codificação apresentam exemplos da postura de KARDEC em relação à pesquisa mediúnica. Para ele era muito clara a diferença entre o seu papel e dos espíritos: ele era o pesquisador, enquanto os espíritos, médiuns e

---

[57] Allan KARDEC. Das reuniões e das sociedades espíritas - Das sociedades propriamente ditas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, item 346, p. 430-431.

[58] Allan KARDEC. Das reuniões e das sociedades espíritas - Das sociedades propriamente ditas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, item 347, p. 431-432.

[59] —. Caracteres da revelação espírita. Em: Allan KARDEC. *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*, cap. I, itens 13-15, p. 15-16.

fenômenos eram objetos de pesquisa. Cabia a ele planejar, conduzir e avaliar continuamente os resultados da pesquisa (este era o trabalho de elaboração humano, necessário em qualquer pesquisa).

Uma estrutura baseada em estudos e pesquisas traz problemas a serem enfrentados. O primeiro se refere à necessidade de restrições à freqüência e à integração de novos participantes.[60] São atividades que exigem intensa participação das pessoas, assiduidade e amadurecimento dos grupos de trabalho. Se pessoas novas e inexperientes entram e saem de um grupo continuamente, é muito difícil fazê-lo progredir e dar uma contribuição real. O processo de integração de novas pessoas necessita de critérios claros que envolvem seu conhecimento prévio de Espiritismo, seus vínculos com o centro e com o grupo de estudo, sua idade, seus interesses etc. O estabelecimento desses critérios só trarão realmente algum problema se forem mantidas as velhas idéias de grandeza do centro e da necessidade de conquistar freqüentadores a qualquer custo.

Os novos participantes se integram aos poucos e recebem recursos para se aperfeiçoarem e se prepararem para atividades mais elaboradas, através de cursos, palestras e seminários. Só não podemos cair na armadilha do catecismo, que estabelece passos rígidos e predeterminados para se atingir algum estágio. O centro espírita possui uma estrutura aberta ao crescimento e à participação. Há pessoas que com pouco tempo mostram-se preparadas para novos desafios: já leram vários livros, compreenderam os pontos fundamentais da doutrina e têm interesse pelo trabalho. Elas não podem ficar enterradas em cursos infindáveis antes de começar a contribuir.

Outro problema se refere à integração de crianças e jovens nas atividades, que numa estrutura moderna, deve ser a maior possível. As crianças e, em menor escala, os jovens, compartilham o mundo com uma visão diferenciada. São preocupações, interesses, formas de abordagem diferentes e que podem receber, por parte do centro espírita, espaço próprio para sua expansão. Qualquer que seja o campo de visão a contribuição do Espiritismo é muito grande, porque toca no que todos temos de mais profundo: nossa capacidade de ser, existir e crescer. É fundamental, no entanto, identificar os pontos comuns e as oportunidades de convivência para aprendizado conjunto. Através de sua participação em atividades integradas os jovens têm contribuído para que os estudos ganhem espaço nos centros.[61]

3.2 - Critérios necessários para uma estrutura baseada em estudos e pesquisas

A criação de uma estrutura baseada no conhecimento envolve alguns critérios necessários para lhe dar consistência:

a) *Os estudos e pesquisas devem levar em consideração os contextos histórico, cultural e social.*

---

60 Jaci RÉGIS. O centro espírita no século XX. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 10.

61 Jaci RÉGIS. O centro espírita no século XX. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 11.

b) *O material de estudos deve ser consistente e abrangente*.

c) *As reuniões devem possuir uma estruturação didática.*

d) *Os participantes de cada grupo devem estar integrados em termos de trabalho e relacionamento*.

A mudança de caráter dos centros espíritas tem nos estudos e pesquisas sua mola mestra. Se por um lado está na mediunidade a pedra de toque — podendo-se afirmar que só as alterações metodológicas da maneira como esse tema é tratado realmente caracterizariam um novo centro — cabe por outro lado ao trabalho de estruturação dos estudos e pesquisas espíritas no centro o papel de iniciar ou consolidar todo o processo de revisão.

Dar importância ao estudo não se resume a dedicar quinze minutos de cada reunião à leitura de um livro, como se fosse apenas uma atividade acessória. Trata-se de colocá-lo no centro do processo de estruturação e crescimento do centro, criando, avaliando e orientando as demais atividades.

No que se refere à pesquisa, em particular, cabe uma palavra sobre a documentação. O registro de planos, procedimentos e resultados é uma característica dos grupos de pesquisa sérios, que visam se aperfeiçoar sempre e ainda deixar sua contribuição.

A preparação de recursos humanos e a reunião de materiais adequados constituem-se nos dois melhores instrumentos para a colocação dos estudos e pesquisas como base do centro espírita.

4. CENTRO ESPÍRITA E A SOCIEDADE

Todos os espíritas concordam que as relações entre o centro espírita e a sociedade são necessárias, mas em que forma? Recebendo as pessoas aflitas, aconselhando-as e curando-as? Assistindo a pobres? Salvando as almas? Divulgando o Espiritismo? Ou fazendo, por outro lado, campanhas para políticos espíritas? Penso que nenhuma dessas atividades resolve, por si só, a questão.

É certo que já existem hoje características marcantes nas relações sociais do centro espírita, entre elas:

(1) a busca dos centros espíritas por pessoas de diversos matizes, geralmente à procura de um amparo às suas dores,

(2) a assistência social realizada pelos espíritas,

(3) a ligação dos médiuns com a comunidade, através dos serviços que prestam no centro ou nos atendimentos fora dele, e o reconhecimento do seu papel social.[62]

Uma revisão dessas relações deve partir de uma reflexão sobre os seguintes pontos:

---

62 J. Herculano PIRES. O centro espírita e a comunidade. Em: —. *O centro espírita*. cap. III, p. 18.

(1) a necessidade de abandonar o proselitismo e o clientelismo, caracterizados sobretudo pela intenção de prender as pessoas ao centro,

(2) a necessidade de estudar, acompanhar e discutir a evolução cultural e moral da sociedade, ao invés de simplesmente ignorá-la e se afastar dela,

(3) a importância de estudar, formar uma visão crítica, buscar e propor caminhos reais para uma evolução da sociedade, sobretudo no que se refere a suas injustiças e desigualdades.

Existe uma falsa idéia de que a sociedade tem algo a buscar no centro e este nada tem a receber dela. Esse conceito, que aparece ora implícita, ora explicitamente, distorce e reduz a inserção social do centro. Uma coexistência viva e claramente assumida, uma troca bilateral ativa, uma busca em comum, são características desejáveis para uma revisão dessas relações.

4.1 - Defesa do Espiritismo

Defender o Espiritismo é — ainda — uma das tarefas principais do centro espírita. Há três preocupações nessa área: os ataques de adversários, as distorções geradas por muitos adeptos e as confusões que se fazem com outras doutrinas espiritualistas.

Quanto aos ataques, é certo que não vivemos mais o período que KARDEC identificou como "de luta".[63] No Brasil, onde a história também registra momentos difíceis para os espíritas, o respeito e reconhecimento social pelo Espiritismo são hoje inquestionáveis, a menos de setores mais reacionários ainda existentes em alguns meios religiosos. Há também uma crescente adesão a conceitos adotados pelo Espiritismo, como a imortalidade, a comunicabilidade dos espíritos e a reencarnação. Tudo isso faz com que hoje as relações com os adversários sejam outras. Não cabem mais os debates emocionais. Mas não procede, por outro lado, o descuido e a omissão. É de responsabilidade dos centros espíritas esclarecer a comunidade, sempre que possível, sobre os ataques, principalmente quando se baseiam em casos isolados de charlatanismo. Para José Herculano PIRES a defesa do Espiritismo não prescinde da energia e da virilidade:

> *"Propagou-se no meio espírita, através de mensagens mediúnicas, tendendo a um masoquismo de cilícios e autopunições, a estranha idéia de que a virilidade só pertence aos cultores da violência. Voltamos assim ao sistema igrejeiro dos rebanhos de ovelhinhas inocentes devoradas por lobos famintos sem qualquer possibilidade de defesa. Entregues a essa idéia derrotista, o meio espírita abastardou-se a ponto de até mesmo recusar-se a defender a Doutrina aviltada pela ignorância travestida de bondade e doçura."* [64]

As confusões que ainda existem entre Espiritismo e outras doutrinas precisam ser desfeitas. Uma contribuição importante à elucidação dessa questão foi dada por Delindo Amorim em sua obra *O Espiritismo e as doutrinas*

---

63 Allan KARDEC. Período de luta. Em: —. *Revista espírita*. v. 6, ano 1863.

64 J. Herculano PIRES. *O centro espírita*. p. 21.

espiritualistas,[65] onde mostra as diferenças entre o Espiritismo e doutrinas com os quais chega a ser confundido, tais como a umbanda, o candomblé e a cabala. Entendo que a principal diferença é metodológica, embora haja também diferenças conceituais importantes. O centro se firma como espírita não só por adotar as obras de Allan KARDEC, mas sobretudo por assumir sua metodologia de abordagem das diversas questões.

As distorções geradas no âmbito do próprio movimento espírita merecem atenção especial. São as que têm causado maiores prejuízos. O centro espírita comprometido metodológica e conceitualmente com o Espiritismo age em sentido contrário a essas distorções e realiza, desta forma, a maior entre todas as tarefas de defesa social da doutrina.

4.2 - O centro espírita para o homem[66]

O Espiritismo rompe com as doutrinas que vendem a salvação depois da morte. Não promete nada, não sugere adesão involuntária, não se mostra como único caminho. Oferece a sua luz sem pedir subordinação, substitui a obediência cega pela atuação consciente e entrega a cada um a responsabilidade pela própria vida. Liberta o homem.

A liberdade que o Espiritismo oferece é baseada no conhecimento. Compreendendo o significado da vida e a verdadeira natureza de si mesmo, o homem começa a dar passos seguros, deixa de ser joguete das circunstâncias e traça o seu próprio caminho.

É claro que isso não é uma receita de liberdade, pois cada um que se encontrar com o Espiritismo reagirá a seu modo. Uns darão mais voltas, hesitarão mais, serão mais vagarosos ou passarão por maiores conflitos, enquanto outros encontrarão com maior facilidade seus próprios caminhos de libertação. Mas para todos o Espiritismo traz a liberdade em potencial. Cada um que o aproveite a seu modo.

O centro espírita é a casa do Espiritismo e deverá canalizar o potencial libertador da doutrina. Para conseguir isso, deverá antes de tudo ver as pessoas como indivíduos diferentes entre si, com capacidades morais-intelectuais, anseios, preocupações e problemas diferentes. Ao contrário do que fazem os templos religiosos, o centro espírita não pode se propor a uma massificação de idéias e comportamentos. Cabe a ele manter, é bem verdade, um certo zelo com a doutrina, defendendo sua autenticidade, seu caráter racional, e evitando desvios, infiltrações ou distorções, mas não é possível conceber um centro realmente espírita que distribua a todos uma interpretação particular do Espiritismo. Estaria boicotando a doutrina, desviando os objetivos do grupo e escravizando as pessoas.

O Espiritismo visa o homem. O centro espírita é um dos meios de atingi-lo. O homem do centro espírita transformará a si mesmo e à sociedade se tiver o

---

65 Deolindo AMORIM. *O Espiritismo e as doutrinas espiritualistas*.

66 Este texto é uma adaptação de outro escrito em 1986, que faz parte do artigo: Mauro de Mesquita SPINOLA. O centro espírita e a sociedade. Em: Autores diversos. *Espiritismo e sociedade*. p. 59-66.

Espiritismo como instrumento. Se o centro espírita inverte essa relação, isolando-se da vida real e exigindo do homem que abandone seu mundo, está traindo os próprios objetivos do Espiritismo. A "paz" que oferece, "não encontrada lá fora", é uma versão disfarçada da fuga que incentiva. Não vai contribuir para construir ou libertar nada.

O centro espírita é feito para o homem, não o contrário. O homem do centro espírita vai ver o seu dia-a-dia como a continuidade de um movimentado processo evolutivo. Passará a compreender o significado revolucionário da imortalidade e o verdadeiro sentido da vida que vive. Compreenderá as relações entre os mundos material e espiritual, as mudanças de estado entre encarnação e desencarnação e as influências mútuas entre o livre arbítrio e a lei de causa e efeito. Entenderá o caráter transitório da vida atual, que não pode ser analisada fora do contexto da eternidade, mas ao mesmo tempo valorizará esta vida. Afinal, dentro do vai-e-vem da evolução, que momento não é importante?

O homem do centro espírita valoriza o momento em que vive porque sabe que a vida não é uma farsa. Tudo que está aprendendo e realizando é fundamental. Compreende e valoriza a vida após a morte, mas não vive em função dela, pois sabe que o entendimento das relações entre as vidas atual e futura só tem significado se contribuir para entender a realidade de sua existência atual. O momento que vive é, para ele, enquanto vive, o mais importante, pois é quando está preparando, ou realizando, a grande arrancada.

4.3 - A sociedade como tema de estudo

A sociedade é um dos mais importantes e interessantes objetos de estudos e pesquisas no centro espírita. Marginalizados na maioria dos grupos, devido à tradição politicamente conservadora do movimento, os temas sociais tendem a encontrar seu lugar nos estudos à medida que a própria sociedade se democratiza.

Tem sido até agora com certa dificuldade que algumas pessoas ou grupos têm tentado trazer para o movimento espírita um estudo e uma discussão mais aberta da sociedade e seus problemas, à luz do Espiritismo. Nos anos 80, por exemplo, alguns encontros de jovens do Estado de São Paulo se propuseram a debater a questão social e foram fortemente criticados por isso. O mesmo aconteceu com o **ENSASDE - *Encontro Nacional sobre o Aspecto Social da Doutrina Espírita***, realizado em 1985 (Santos), 1987 (São Paulo) e 1989 (Salvador). Reunidos nesses encontros exclusivamente para analisar a questão social, diversos espíritas produziram extenso material de pesquisa e abriram espaço para uma maior abertura a essa temática nos centros espíritas.

A posição de KARDEC em relação a isso é claríssima. Chega a sugerir que sejam discutidas as matérias dos jornais:

> *"A par das obras especiais, formigam os jornais repletos de fatos, de narrativas, de acontecimentos, de rasgos de virtudes e de vícios, que levantam graves problemas morais, cuja solução só o Espiritismo pode apresentar, constituindo isso ainda um meio de se provar que ele se prende*

a todos os ramos da ordem social." [67]

O próprio *O livro dos espíritos* apresenta, na sua terceira parte, um estudo vigoroso das leis morais, que tocam em vários aspectos da vida social, tais como a distribuição de riquezas, a liberdade, a justiça, a família, o trabalho e outros.[68] Um estudo sério dessa parte do livro básico do Espiritismo não prescinde da reflexão e do debate social, bem como da busca de caminhos para os homens, para a comunidade em que vivem e para a sociedade como um todo. Nesse sentido uma contribuição importante foi dada por Aylton PAIVA com seu livro *Espiritismo e política*,[69] onde encontramos um estudo das leis morais sob o enfoque da análise social e política.

O estudo espírita da sociedade se baseia em dois conceitos fundamentais:

(1) o homem é um espírito encarnado, e vive em cada momento toda a sua história espiritual,

(2) as relações que estabelece condicionam em grande parte o seu desenvolvimento.

Para entender o homem e a sociedade não é suficiente enxergá-lo como indivíduo em evolução espiritual, pois o homem não é apenas um produto de si mesmo, da mesma forma que a sociedade não é apenas uma soma ponderada de homens. Também grosseira seria a redução do homem a um produto do meio.

Tratar abertamente da temática social e política nos centros espíritas, como proponho, é uma atitude que ainda encontra resistências. Os dirigentes adotam em geral uma interpretação conservadora da doutrina, baseando-se num suposto caráter "apolítico" do Espiritismo e dos centros. Autores conceituados também fazem coro. É um engano, pelo simples motivo de que não há conceito, atitude, grupo ou pessoa apolítica. Não discutir política, por exemplo, é uma atitude política, no sentido de que evita a reflexão sobre todo um conjunto de problemas do homem e da sociedade, como se fossem irrelevantes.

O grande pensador espírita argentino Manuel PORTEIRO deixa muito claro que o Espiritismo não pode ser um instrumento de conivência com a injustiça:

> *"Dedicando o Espiritismo a resolver somente problemas metafísicos, próprios da velha escolástica, somente à investigação do além-túmulo, preso à velha moral das religiões, que ensina a respeitar falsos direitos e injustos privilégios, como coisas absolutamente necessárias e de acordo com a justiça divina e causalidade moral de cada ser, perde seu caráter de ciência integral e progressiva e, em vez de ser um ideal humano, propulsor do progresso e das causas nobres, aberto a toda iniciativa de bem-estar social, a toda tendência renovadora e libertária, torna-se, em mãos de*

---

67 Allan KARDEC. Assuntos de estudo. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, item 347, p. 431-432.

68 —. As leis morais. Em: —. *O livro dos espíritos*. parte III, p. 305-426.

69 Aylton Guido Coimbra PAIVA. *Espiritismo e política*.

espíritos limitados, numa doutrina retrógrada e conservadora, numa arma formidável para abater consciências e conter todo impulso generoso que tenda a estabelecer um novo regime social, mais justo e conforme as exigências do progresso." [70]

4.4 - Atuação social

A conscientização não tem um fim em si mesma. Visa relacionar a teoria com a prática, a idéia com a realidade. Se o centro espírita der ao homem a chance de conhecer o Espiritismo e se conscientizar de seu papel individual, estará também contribuindo para a ação. Para KARDEC a conscientização é decisiva:

"A aspiração por uma ordem superior de coisas é indício da possibilidade de atingi-la. Cabe aos homens progressistas ativar esse movimento pelo estudo e a aplicação dos meios mais eficazes." [71]

Realmente, a atuação social consciente e determinada é uma conseqüência natural do estudo da sociedade. E é também uma forma de buscar na realidade social vigente subsídios para esses estudos.

Em que termos essa atuação pode ser feita pelos espíritas individualmente e pelos centros como grupos? Aqui, mais uma vez, não cabem regras, mas quero discutir essa questão.

Cabe aos homens conscientes, cada um a seu modo, contribuir para que a sociedade progrida, não simplesmente "fazendo a sua parte", mas buscando influenciar para que novos e cada vez melhores rumos sejam traçados. Apenas um exemplo: na ótica espírita a educação de boa qualidade é uma condição importante para o progresso material e espiritual. Os pais espíritas são orientados nos centros a valorizarem a educação. A luta por uma melhoria na educação pública, que não é uma preocupação só dos espíritas, passa a ser também um desafio para esses pais, juntamente com muitos outros.

No plano individual não cabe colocar limites aos campos de atuação. Deixando a apatia e a passividade de lado, cada um vai buscar seus campos e formas próprias, de acordo com o que sabe e busca. Isso tem relação com uma posição de KARDEC em *O livro dos espíritos*:

"Por que, no mundo, os maus, tão freqüentemente, sobrepujam os bons em influência?

- Pela fraqueza dos bons; os maus são intrigantes e audaciosos, os bons são tímidos. Quando estes o quiserem dominarão."[72]

Em relação à atuação social do centro espírita, como grupo, é necessário ter alguns cuidados:

---

70 Manuel S. PORTEIRO. *Espiritismo dialéctico*. p. 57.

71 Allan KARDEC. Liberdade, igualdade e fraternidade. Em: —. *Obras póstumas*. parte 1, p. 193.

72 Allan KARDEC. Felicidade e infelicidade relativas. Em: —. *O livro dos espíritos*. parte IV, cap. I, questão 932, p. 431-432.

(1) Lembrar sempre que o compromisso primeiro do centro espírita é com o Espiritismo, ou seja, a difusão e o desenvolvimento da doutrina. Engajar diretamente o centro nas lutas sociais só tem sentido se não forem esquecidas as áreas próprias da doutrina.

(2) As preocupações com o poder temporal, inevitáveis nas lutas sociais, podem ofuscar os objetivos maiores a que o Espiritismo se propõe em relação ao homem e à própria sociedade.

(3) A política partidária, com suas campanhas eleitorais e interesses contrastantes de partidos e pessoas, poderá, em momentos de descuido, engajar o centro espírita em interesses outros que nada têm a ver com o Espiritismo.

Havendo equilíbrio e firmeza doutrinária, tenho certeza de que nenhum desses prejuízos ocorrerá.

Qualquer que seja a forma e o grau de atuação de cada um, espíritas e grupos espíritas — tanto quanto o próprio Espiritismo — possuem um compromisso com a vida, a cidadania e a democracia. A luta pela valorização do homem como ser integral e pela construção de uma sociedade para todos é tarefa também dos espíritas.

Algumas dessas atividades, além de outras mais, podem contribuir para a própria manutenção da sede do centro, muitas vezes um pesado ônus para seus sócios.

A tradicional apatia do centro espírita em relação à organização social tende a desaparecer. O homem moderno não se conforma mais com conceitos abstratos de "bem", "mal", "amor" e "caridade", busca o que realmente significam. Abrindo as suas portas para a sociedade, com seus problemas, angústias e anseios, o centro espírita talvez deixe de ser uma ilha de tranqüilidade no mar tempestuoso para ser o remo que faltava ao navegador.

5. PODER NO CENTRO ESPÍRITA

No modelo apresentado, ressaltei a importância de não existir no centro hierarquia estática e restritiva. A manutenção de pessoas ou grupos por períodos longos no poder é uma causa freqüente de cristalização de idéias e criação de mecanismos de defesa do poder já estabelecido. Aquele modelo deixa bastante claro também que é dos homens a responsabilidade pela definição dos rumos do centro, não dos espíritos.

5.1 - Mandatos divinos

A principal causa da centralização de poder no centro espírita tem sido a alegação de existência de mandato conferido pela "espiritualidade superior". Dirigentes, médiuns e espíritos, em geral visando o melhor para suas casas espíritas, acabam por estabelecer critérios e procedimentos de fechamento do poder. O periódico espírita *Espiritismo e Unificação* realizou um estudo sobre o poder no movimento espírita que identifica esse problema:

"Nos nossos meios, a revelação mediúnica tem sido usada como instrumento para avalizar ou determinar um tipo de mandato divino, seja ele

circunscrito a um centro, a um médium ou dirigente, seja, em maior amplitude, através de determinadas organizações federativas. Todos alegam possuir um certo poder divino, que lhes teria sido dado pela Espiritualidade Superior.

"A ignorância generalizada do Espiritismo, mesmo nos meios mais dinâmicos, voltados, quase sempre, para o fator místico, se traduz no fascínio que a mediunidade exerce. Sem dúvida, esse fascínio é uma clara acepção de Poder. O médium, nos nossos meios, extravasa o sentido de medianeiro, de intercomunicador, para se transformar em autoridade, capaz de dominar não somente um núcleo específico, mas projetar-se por toda a coletividade. Um exemplo típico é que certos médiuns se transformam em oráculos e muitos nada fazem sem consultá-los e suas opiniões já não são analisadas, mas ao contrário são ordenações infalíveis.

"Por isso identificamos o Poder clássico fluir, sem esforço, no médium-principal, que aconselha e dita ordens como verdades irrecorríveis; podemos constatá-lo no Guia Espiritual que domina grupos, não permitindo iniciativas dos encarnados; ou verificamos no presidente perpétuo, no "dono do centro".[73]

Médiuns, dirigentes e espíritos assumem muitas vezes papéis messiânicos e de infundada autoridade nos centros, sem que haja qualquer motivo para se atribuir a eles rótulos diferenciadores. Em momentos de divergência ou discordância, invocam sua autoridade divina para impor suas posições. É bem verdade que essas são atitudes humanas compreensíveis, mas é necessário que a estrutura do centro não as incentive.

Médiuns, dirigentes e espíritos possuem papéis relevantes no centro, é importante frisar. O que deve ser evitado é o seu endeusamento, a mistificação e o engrandecimento imotivado de suas funções, que prejudicam a eles e ao grupo. É indisfarçável a posição desconfortável dos dirigentes e dos médiuns-principais que a todos têm que amparar, aconselhar, e em todos os momentos têm que apresentar as soluções finais para cada assunto. Uma situação que eles, juntamente com seus seguidores, criaram.

Não pode ser esquecido também que o poder existe, sendo um espaço a ser ocupado. É sempre possível identificar, numa estrutura de poder centralizado, aquele ou aqueles que o exercem, por um lado, e aqueles que, apaticamente, se permitem ficar longe dele. Alguns até reclamam, mas não ocupam seu espaço. Seria muito difícil nesses casos identificar nos “vilões autocráticos” a causa

---

[73] O PODER e o movimento espírita. p. 5-6.

Os termos "médium principal" e "dono de centro" designam, respectivamente, o médium supostamente mais importante no centro (incumbido, geralmente, de receber as comunicações do espírito orientador — guia — do grupo) e o dirigente que ocupa continuamente as funções de presidente e coordenador das atividades da casa. Essas figuras existem, sob diversas formas, em vários grupos.

única da centralização. Por trás de um dono de centro existe muitas vezes uma história de dedicação e luta solitária por uma causa.

5.2 - Critérios para abertura

Num processo de abertura à participação é fundamental que os princípios espíritas e os objetivos básicos do centro sejam respeitados. Aqueles que não o conhecem ou que ainda não mostraram condições para aplicá-los não estão preparados para assumir funções relevantes. Um caso que presenciei em São José dos Campos ilustra a importância desse cuidado: um grupo numeroso de freqüentadores de um centro de umbanda da cidade começou a freqüentar um centro espírita, por recomendação de seu guia, que disse que deveriam conhecer Allan KARDEC. Logo se tornaram sócios e, por discordarem de alguns procedimentos da direção lançaram uma chapa de oposição. Venceram as eleições seguintes.

Existem mecanismos inerciais utilizados por vários grupos espíritas para evitar essas situações. Um exemplo é a criação de um quadro de sócios efetivos, no qual só ingressam sócios que freqüentam a sociedade há um certo tempo e que demonstram seu conhecimento do Espiritismo. Esses sócios, e só eles, participam das Assembléias, podendo eleger e ser eleitos a cargos da diretoria.

Na ***Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*** havia restrições à participação, só sendo aceitos aqueles que demonstravam conhecer os princípios básicos do Espiritismo ou que desejavam se instruir, entre outras exigências. Além disso reservava-se o direito de limitar, se conveniente, o número de associados livres e dos sócios titulares.[74]

Para aperfeiçoar e democratizar as relações entre as pessoas no centro espírita deve-se partir da constatação de que o poder é um elemento real e necessário nos diversos grupos e instituições, não podendo ser diferente nos centros.

A criação de um centro espírita aberto e dinâmico, com ampla liberdade de crescimento, é um desafio para todos os seus participantes. É sobretudo nessa área que se torna importante a preparação sistemática de recursos humanos. Aos poucos os interessados vão se preparando para dar maiores vôos, dentro de suas características.

As relações de poder serão tratadas também no próximo item, que enfoca o movimento espírita.

6. INTEGRAÇÃO ENTRE CENTROS ESPÍRITAS

Integrar sem interferir na individualidade de cada grupo. Reunir para intercâmbio de idéias e informações. Realizar atividades voltadas para objetivos comuns. Estes são os principais objetivos da integração entre centros espíritas. Apesar de ser indiscutível sua necessidade, a integração entre centros ainda

---

74 Allan KARDEC. Regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXX, artigos 3º e 6º, p. 436-437.

busca seu caminho de realização. É que também aqui pesam as relações de poder, e num grau muito maior.

Na *Revista espírita* de janeiro de 1862, Allan KARDEC convidou os grupos espíritas a participarem do desenvolvimento da doutrina, através de três textos:[75]

(1) "*Publicidade das comunicações mediúnicas*", em que discute as alternativas para publicação do número cada vez maior de comunicações e referenda a criação da "*Biblioteca do mundo invisível*" pelos Srs. Didier & Cia., com essa finalidade,

(2) "*Controle do ensino espírita*", no qual apresenta a conformidade do ensino dos espíritos como o melhor critério para garantir sua autoridade e informa que a Sociedade de Paris encaminhará a partir daquela data diversas questões doutrinárias para serem estudadas pelos grupos que com ela se correspondem, por correspondência particular ou por intermédio da *Revista*,

(3) "*Questões e problemas propostos aos vários grupos espíritas*", com seis questões a serem estudadas e discutidas, sempre baseadas em comunicações de espíritos, uma delas com a incrível afirmação de que "*nenhum Espírito humano pode manifestar-se ou comunicar-se com os homens*".

Estava dada então a tônica da integração que desejava para os grupos e o tipo de participação que cada um poderia ter: caberia a cada um deles contribuir para que as questões em aberto fossem resolvidas. Posteriormente, em dezembro de 1868, apresentou na própria Revista a "*Constituição transitória do Espiritismo*", com proposta de continuidade do Espiritismo e criação de um comitê central de coordenação.[76]

Começo com essas lembranças para ressaltar um ponto que se perdeu no movimento espírita brasileiro. Em geral, quando se fala em movimento espírita, integração ou unificação, esquece-se o desenvolvimento do Espiritismo, através da pesquisa e do intercâmbio de informações, possivelmente a principal contribuição que se poderia tirar dessa união. E era exatamente essa a maior preocupação de KARDEC.

É sobretudo nesse sentido que a integração se faz necessária. Mas ela pode trazer outras contribuições, como o aperfeiçoamento dos próprios centros a partir do intercâmbio que estabelecem. Um grupo espírita que mantenha contato com outros que têm objetivos análogos terá sempre material para aperfeiçoar seu conhecimento, seus métodos e seus resultados.

---

[75] Allan KARDEC. Publicidade das comunicações espíritas. Controle do ensino espírita. Questões e problemas propostos aos vários grupos espíritas. Em: —. *Revista espírita*. v. 5, ano 1862, p. 11-20.

[76] —. Constituição transitória do Espiritismo. Em: Ibid., v. 11, ano 1868, p. 367-392.

O mesmo texto, ampliado, pode ser encontrado em:

—. Constituição do Espiritismo - exposição de motivos. Em: —. *Obras Póstumas*. parte 2, p. 288-319.

Esse é o pano de fundo. Sem ele o movimento espírita se torna fórum para questões menores e palco para disputas de poder.

Os grupos espíritas tendem a se diversificar cada vez mais. A integração entre eles não poderá ser suportada mais por uma sistemática massificante e de caráter global. Uns buscarão intercâmbio para seus estudos e pesquisas, outros organizarão cursos de preparação. Outros ainda, trocarão idéias sobre formas de aplicar o passe e de realizar a assistência social. As grandes instituições unificacionistas poderão manter o seu papel se aprenderem a conviver com a divergência e buscar o que há de comum. Mas independentemente delas, os grupos procurarão cada vez mais seus pares para com eles crescer. Ao contrário do que muitos pensam, pode estar aí o caminho de libertação do Espiritismo, pois ele não pertence a nenhuma dessas instituições.

7. CONCLUSÃO

Para que realizar uma revisão estrutural do centro espírita? O primeiro e grande motivo para revisar é adequar o centro espírita à sua finalidade maior: estudar, pesquisar, desenvolver, consolidar e difundir o Espiritismo, tendo como base a obra de Allan KARDEC. Mais do que um simples pano de fundo, mais do que uma motivação ou orientação, o Espiritismo precisa ser o objetivo primeiro do centro espírita, já que este é a casa daquele. O Espiritismo é ao mesmo tempo a base e meta do centro espírita. Como base, direciona e dá subsídios para a estruturação das diversas atividades. Como meta, estabele-ce parâmetros para definir quais são as atividades que permitem ao centro melhor contribuir com o Espiritismo, sem desviar os seus esforços para outros objetivos.

Busquei neste trabalho apresentar a base conceitual e os meios para a realização desta tarefa. Sintetizo agora, de forma mais sistemática e objetiva, algumas propostas para implementação das melhorias necessárias.

7.1 - A base conceitual já existe

A base conceitual do centro espírita — o Espiritismo — foi desenvolvida inicialmente por Allan KARDEC. Além de nos apresentar informações sobre o mundo dos espíritos e a discussão filosófica das diversas conseqüências da imortalidade e da reencarnação, a sua obra nos forneceu um método de trabalho.[77] É sobretudo neste método que está baseado o centro espírita. Adotando-o, o centro torna-se porta voz, duplicador e continuador do trabalho de KARDEC.

Não é espírita o centro que:

- não tem por base a obra de Kardec;
- não utiliza o método de KARDEC no trato da mediunidade;
- utiliza conceitos e métodos que confrontam com as propostas

[77] Allan KARDEC. Introdução - II - Autoridade da doutrina espírita. Em: —. *O evangelho segundo o Espiritismo*. p. 11-18.
—. Caracteres da revelação espírita. Em: —. *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. cap. I, itens 12-18, p. 15-18.

de Kardec.

7.2 - O modelo proposto serve de base para a reestruturação

O modelo conceitual apresentado é simples o suficiente para se adaptar a diferenças e transformações culturais, mas oferece restrições à manutenção de conceitos, estruturas, métodos e costumes ainda vigentes nos centros espíritas. Exige uma revisão estrutural que priorize o compromisso com o Espiritismo e a libertação de estruturas arcaicas de poder. A discussão crítica e contínua da estrutura necessária para implementar e consolidar este modelo num centro espírita pode contribuir para que seja estabelecido um caminho seguro e direcionado para o aprimoramento.

7.3 - Uma opção diferente

Como foi visto no início, é grande a variedade de faces dos grupos que se autodenominam espíritas. Assim sendo, a opção estritamente espírita — sem desvios doutrinários e sem outros objetivos que dispersem as ações perdendo o foco principal — pode ser vista como uma opção "diferente". Sem dúvida, poderá ser considerado diferente da maioria o centro espírita que:

- tem no estudo a sua base;
- realiza pesquisa espírita;
- aplica o método de KARDEC no trato com a mediunidade;
- não distribui passes "à granel" em todas as suas reuniões;
- não trata qualquer pessoa que procura o centro como doente, e não a encaminha desde o início para uma "entrevista" e um tratamento espiritual;
- apresenta-se como uma casa de estudos e não como um hospital; evita dizer, logo no primeiro contato com uma pessoa que procura o centro, que ela "*é médium e precisa desenvolver a mediunidade para se livrar de suas perturbações*";
- está voltado para o homem e não obriga o homem a estar voltado para o centro, como se este fosse um fim em si mesmo;
- discute abertamente a contribuição do Espiritismo nos diversos temas que afetam o homem moderno; contextualiza o estudo espírita;
- é dirigido por um grupo representativo de pessoas; não é dirigido por espíritos ou pelos médiuns que transmitem suas orientações;
- comunica-se, troca idéias e integra-se com outros grupos, mas propõe a integração como instrumento de crescimento do Espiritismo;
- na integração com outros grupos não se subordina a idéias e práticas massificantes (não focadas nos objetivos principais do Espiritismo e do centro espírita), luta contra as distorções e a inércia.

  O centro que adota esta opção poderá ser único num bairro ou mesmo numa cidade, às vezes isolado, sem ter com quem trocar idéias. É fundamental evitar este isolamento, aproximando-se e mantendo contato contínuo com grupos afins, mesmo que geograficamente distantes. Poderá ter menos

freqüentadores que os demais da região e alguns de seus freqüentadores, que prefeririam vê-lo recebendo muitas pessoas, talvez questionem. Poderá ser acusado de não praticar a caridade e tudo o mais, mas estará oferecendo um produto diferenciado: o Espiritismo. E esta certeza basta.

7.4 - Por onde começar?

Esta dúvida pode aparecer. Tanto há para fazer que não se sabe como planejar, iniciar e conduzir um processo de revisão estrutural. Para responder a esta questão podemos fazer analogia à tarefa de subir uma grande escada: o que temos a fazer é começar, dar o primeiro passo. Temos a direção a seguir (os conceitos espíritas) e possuímos instrumentos poderosos (livros, pessoas, grupos afins para trocarmos idéias). Portanto, só temos que começar.

Qual é o objetivo do centro espírita? Esta é a primeira questão a ser respondida por todo grupo espírita que desejar iniciar ou rever suas atividades. A partir dessa reflexão será possível criar, desenvolver, excluir, modificar ou aperfeiçoar as diversas atividades, para que se adeqüem aos objetivos estabelecidos. Um critério é básico para todas: que firmem o compromisso do centro com o desenvolvimento, a aplicação e a divulgação do Espiritismo.

É claro que não há um único caminho. Busquei identificar neste livro os principais critérios para realizar este trabalho. Citei também as principais referências encontradas na literatura sobre o assunto. Mas o caminho propriamente dito depende das características e da estratégia de cada centro. Rediscutidos os objetivos, o processo se desdobra de forma planificada.[78]

Uma atividade que passa a ser fundamental é a gestão do processo de estruturação, que garantirá a sua implementação. Para realizá-la, podem ser obtidas algumas lições dos estudos de organização de empresas, que costumam trabalhar com objetivos, métodos e resultados precisos. Muitos estudos e experiências sobre a Gestão da Qualidade Total aplicados em diversas organizações fabris e de serviços no mundo todo podem também ser aproveitados na gestão do centro espírita, aplicando-se de acordo com os objetivos específicos a que se propõe o centro.

Referências bibliográficas

AKSAKOF, Alexandre. *Animismo e Espiritismo*. Trad. C. S. 3ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1978. 2 v.

Autores diversos. *Encontro com a cultura espírita*. Matão, SP, O Clarim, set 1981. v. 1.

Autores diversos. *Espiritismo e sociedade*. São Paulo, ENSASDE, 1986.

[78] Os textos de KARDEC que apresentam de maneira mais objetiva as diretrizes para a estruturação do centro espírita são "Das reuniões e das sociedades" e "Regulamento da sociedade parisiense de estudos espíritas", ambos de *O livro dos médiuns:*

Allan KARDEC. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX e XXX, p. 413-444.

AMORIM, Deolindo. *O Espiritismo e as doutrinas espiritualistas*. 4ª ed. Curitiba, Livraria Ghignone Editora, 1984.

ANDRADE, Hernani Guimarães. *Morte, renascimento, evolução:* uma biologia transcendental. 3ª ed. São Paulo, Pensamento, 1985.

BOZZANO, Ernesto. *Animismo ou Espiritismo? Qual dos dois explica o conjunto dos fatos?* Trad. Guillon Ribeiro. 3ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1982.

CARVALHO, Antonio Cesar Perri de. Mudanças estruturais dos centros e grupos espíritas de KARDEC aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. Águas de São Pedro, SP, 22-24 ago 1986. *Anais*. s.n.t.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de. *O que é Espiritismo:* 2ª visão. São Paulo, Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos, v. 146).

DIAS, Krishnamurti de Carvalho. *O laço e o culto*: é o Espiritismo uma religião? Santos, SP, DICESP, jun 1985.

FÁVARO, Éder; DEL CHIARO Filho, Amilcar; PALAZZI, Roberto. A estrutura dos centros espíritas de KARDEC aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. Águas de São Pedro, SP, 22-24 ago 1986. *Anais*. s.n.t.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Orientação ao centro espírita*. 2ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1980.

GALGANO, Alberto. *Calidad total*. Diaz de Santos.

GARCIA, Wilson. *O centro espírita*. 2ª ed. São Paulo, USE Editora, set 1990.

KARDEC, Allan. *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Trad. Vítor Tollendal Pacheco. 13ª ed. São Paulo, LAKE, 1981.

—. *Iniciação espírita*. Trad. Joaquim da Silva Sampaio Lobo, rev. anot. J. Herculano Pires. 10ª ed. São Paulo, EDICEL, 1986.

—. *Obras Póstumas*. Trad. Sylvia Mele Pereira da Silva, intr. e anot. J. Herculano Pires. 2ª ed. São Paulo, LAKE, 1979.

—. *O evangelho segundo o Espiritismo*. Trad. Salvador Gentile. 12ª ed. Araras-SP, Instituto de Difusão Espírita, nov 1980.

—. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 62ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1985.

—. *O livro dos médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 48ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1983.

—. *Revista espírita*. Trad. Júlio de Abreu Filho. São Paulo, EDICEL, 12 v. (Sem ano de publicação).

—. *Viagem espírita em 1862*. Trad. e pref. Wallace Leal V. Rodrigues. Matão, SP, O Clarim, 1968.

LAUFER Jr., Aírton; FRANÇA, Cosme Valtenis de. *O poder no movimento espírita do Brasil*. Monografia de licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais. Curitiba, PUC, 1990.

LUCIA, Reinaldo di. Passes: discussão e propostas. Em: SBPE - SIMPÓSIO BRASILEIRO DO PENSAMENTO ESPÍRITA, 3. Santos, SP, 3-6 set 1993. *Anais*. Santos, Licespe, 1993.

MACHADO, Ubiratan. *Os intelectuais e o Espiritismo*: de Castro Alves a Machado de Assis. Rio de Janeiro, Antares, 1983.

MAIN, Jeremy. *Guerras pela qualidade*: os sucessos e fracassos da revolução da qualidade. Trad. Outras Palavras Consultoria Linguística. Rio de Janeiro, Campus, 1994.

MANUAL do divulgador do livro espírita. Araras, SP, Divulgador do livro espírita.

MARTINS, Celso. *A obsessão e seu tratamento espírita*. 2ª ed. São Paulo, EDICEL, 1983.

MESSIAS, Carlos Roberto de. *Contribuições sobre o movimento espírita brasileiro*. Apresentado no CPDoc - Centro de Pesquisa e Documentação Espírita, Santos, SP, 26 fev 1989.

O PODER e o movimento espírita. 2ª ed. Santos, DICESP, fev 1982.

PAIVA, Aylton Guido Coimbra. *Espiritismo e política*. Santos, DICESP, set 1982.

PERALVA, Martins. *Estudando a mediunidade*. 5ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1971.

PERES, Ney Prieto. *Manual prático do espírita*. 4ª ed. São Paulo, Pensamento, 1988.

PIRES, J. Herculano. *Mediunidade: vida e comunicação:* conceituação de mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais. 7ª ed. São Paulo, EDICEL, 1987.

—. *Obsessão. O passe. A doutrinação*. 3ª ed. São Paulo, SP, Paidéia, 1985.

—. *O centro espírita*. São Paulo, Paidéia, jan 1980.

—. *Parapsicologia hoje e amanhã*. 5ª ed. São Paulo, EDICEL, 1977.

PIRONDI, Ciro. Influência do Espiritismo na evolução do homem contemporâneo. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. Águas de São Pedro, SP, 22-24 ago 1986. *Anais*. s.n.t.

PORTEIRO, Manuel S. *Espiritismo dialéctico*. Buenos Aires, Editorial Vitor Hugo, 1960. p. 57.

RÉGIS, Jaci. O centro espírita no século XX. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. Águas de São Pedro, SP, 22-24 ago 1986. *Anais*. s.n.t.

SHIBA, Shoji; GRAHAM, Alan; WALDEN, David. *A new american TQM*: four practical revolutions in management. Prod, 1993.

SPINOLA, Mauro de Mesquita. Leitura contextualizada do conhecimento espírita. Em: ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ASPECTO SOCIAL DA DOUTRINA ESPÍRITA, 3. Salvador, BA, mar 1989. *Anais*. s.n.t.

SPINOLA, Mauro de Mesquita. *Centro espírita*: uma revisão estrutural. São Paulo, CPDoc, 1997.

—. Centro espírita: uma revisão estrutural. Em: SBPE - SIMPÓSIO BRASILEIRO DO PENSAMENTO ESPÍRITA, 3. Santos, SP, 3-6 set 1993. *Anais*. Santos, SP, Licespe, 1993.

UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Relatório da comissão nomeada pelo CDE da USE, em 13 de setembro de 1987, para apurar denúncias feitas contra a UME de Santos*. São Paulo, USE, 22 mai 1988.

VIEIRA, Waldo. *Conduta espírita*. Ditado pelo espírito André Luiz. 4ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1971.

XAVIER, Francisco Cândido. *Coragem*. 2ª ed. Uberaba, CEC, 1973. p. 17-18.

—; VIEIRA, Waldo. *Desobsessão*. Ditado pelo espírito André Luiz. 4ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1979.

—. *Nos domínios da mediunidade*. Ditado pelo espírito André Luiz. 12ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1983.

—. *O consolador*. Ditado pelo espírito Emmanuel. 7ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1977.

(*) Engenheiro eletrônico, doutor em engenharia de computação, professor universitário, membro do CPDoc, Diretor do Centro de Estudos Espíritas José Herculano Pires, de S. Paulo, autor do livro Centro Espírita – uma revisão estrutural, presidente da Comissão Organizadora da XIV Conferência Espírita Pan-Americana.

O LAÇO ESPÍRITA – É PRECISO RENOVÁ-LO. AS BASES DO ECUMENISMO APLICÁVEIS AO MOVIMENTO ESPÍRITA

Milton Rubens Medran Moreira (*)
Porto Alegre-RS, Brasil

1. INTRODUÇÃO

Espiritismo e Espírita – O que é? Quem é?

Decorridos quase 150 anos desde que Allan Kardec sistematizou o Espiritismo, pode-se ainda reputar como aceitável o fato de a maioria das pessoas, mesmo naqueles países onde é relativamente forte o movimento espírita, não saber exatamente o que seja e o que não seja o Espiritismo, e, em conseqüência, que características e que convicções podem definir alguém como **espírita**.

A proposta kardequiana, formulada em meados do Século XIX, inaugurou um novo paradigma de conhecimento claramente revolucionário, envolvendo conceitos fundamentais das ciências, das religiões, da filosofia e da sociedade. Processá-los intelectualmente de formas a identificar com clareza aqueles elementos essenciais capazes de delimitar os conceitos **espiritismo** e **espírita** não se torna tarefa fácil para quem não mergulhar fundo na ampla proposta de Kardec e dos Espíritos que com ele metodizaram a nova proposta.

A amplitude da proposta espírita exige um meticuloso exame e a vivência plena de seus conteúdos para que ela seja minimamente entendida e conceituada. Quem olha de fora o Espiritismo, com muita facilidade, incorrerá no erro de tomá-lo por coisa que não é. Disse isso, com toda a clareza, Allan Kardec na sua famosa refutação ao artigo do Abade Chesnel,: *" O artigo publicado por vós em L'Univers, relativamente ao Espiritismo, contém vários erros que importa retificar e que, sem a menor dúvida, provêm de um incompleto estudo da matéria".* (1). Ou seja, para saber o que é o Espiritismo há que estudá-lo. Olhá-lo pelo lado de fora, como o fez o padre parisiense, leva facilmente à deturpação de seu conceito. Quem, por exemplo, visualizá-lo unicamente sob o enfoque do fenômeno que ele terminou por popularizar, o da comunicação com os espíritos, será, com facilidade, conduzido a crer estar diante de uma seita iniciática que reedita antigas práticas egípcias ou primitivos rituais indígenas. Ou o definirá simplesmente como prática de necromancia, como costumam fazer os crentes de algumas religiões. Quem não atentar para o caráter universal e perene de sua moral, calcada na lei natural, poderá interpretá-lo simplesmente como uma nova agrupação religiosa, ditando

normas comportamentais que deverão distinguir seus profitentes dentre os demais. Quem não vislumbrar no caráter holístico de suas concepções acerca do homem, do mundo e do universo uma proposta paradigmática revolucionária, não verá naquilo que denominamos *ciência espírita* mais do que um despropositado amontoado de pseudo conceitos científicos, relegando-a ao mesmo nível da ufologia, da astrologia, da quiromancia, da numerologia ou do ocultismo.

> ***É claro que o Espiritismo transcende a isso tudo. Mas, isso é claro apenas para quem vivencia por inteiro sua ampla realidade. Quem está de fora, notadamente raciocinando sob o velho paradigma mecanicista, dificilmente resistirá à tendência de situá-lo simplesmente como mais uma religião, ou uma seita. Quando muito, uma filosofia de vida que distingue seus seguidores da maioria das outras pessoas. Isso se não situá-lo simplesmente no amorfo e multifacetado seio dos movimentos "new age".***

Entretanto, se, de certa forma é aceitável que pessoas alheias ao Espiritismo tenham extremas dificuldades de delimitar seu conceito e entender suas propostas, o mesmo não se pode dizer relativamente aos espíritas. Aqueles que têm atividade identificada com segmentos do movimento espírita mundial deveriam ter como programa prioritário a uniformização de critérios mínimos para identificar **quem é** e **quem não é** espírita. Essa preocupação deveria anteceder a qualquer esforço denominado **unificacionista**, cujo objetivo central tem sido, entre nós, o fortalecimento organizacional de seu movimento, a partir de uma estrutura estratificada de poder. A verdadeira unificação dá-se precisamente pelo concordância em torno de princípios básicos e fundamentais e que, por isso mesmo, se tornem capazes de criar um vínculo comum a todos os espíritas: o **laço**, referido por Kardec, em seu conhecido Discurso de Abertura.

Não se trata de buscarmos um conceito fechado, sectário. Pelo contrário, nossa preocupação deve ser a da abrangência, definindo, dentro dos critérios mais amplos permitidos pela pluralidade de visões possíveis de Espiritismo, o perfil mínimo que identifica o espírita.

Enfim, a questão que se apresenta é esta: o que identifica minimamente o verdadeiro espírita?

Esqueçamos, por ora, do conhecido axioma de Allan Kardec: *"Reconhece-se o verdadeiro espírita por sua transformação moral e pelo esforço que faz para dominar suas más inclinações"* (2). Essa afirmação diz com as transformações naturais que deve experimentar aquele que optou pela doutrina espírita como roteiro de sua vida. A questão é anterior a esta: quais são os princípios básicos da doutrina espírita, aqueles indispensáveis para compor um corpo doutrinário, e que, aceitos, identificam uma pessoa como espírita?

Parece ao autor deste trabalho que o movimento espírita mundial vive, hoje, uma necessidade precípua de definir isso, exatamente para que a **unidade espírita**, já tão comprometida, não termine por se esfacelar completamente.

É que são freqüentes na história do movimento espírita tentativas de **exclusão** de pessoas ou grupos espíritas sob a alegação, expressa ou velada, de que, por assumir determinadas posturas, **já não mais são espíritas**. No atual momento histórico, todos o sabem, a divisão entre **laicos** e **religiosos** tem trazido à tona essas questões.

A bem de verdade, é preciso referir que os grupos que passaram a ser conhecidos como **laicos**, ou seja, aqueles que defendem não ser o Espiritismo uma **religião**, mas, uma **ciência** de cujo conhecimento defluem conseqüências **filosóficas**, capazes de conduzir a uma **moral** de caráter universal e assectário, não têm se expressado nesses termos ou demonstrado, mesmo veladamente, qualquer propósito excludente relativamente ao grupo dominante, que é o que defende o aspecto tríplice de ciência-filosofia-religião do Espiritismo.

Mesmo dentre os religiosos, há um respeitável número de líderes e pensadores que não colocam as coisas nesses termos de inconciliabilidade entre as duas correntes ou de impossibilidade de convivência de ambas as tendências num mesmo movimento. Entendem que essa é uma questão menor, plenamente superável ante a coincidência de pontos de vista no que diz com os princípios básicos kardequianos. É de se destacar, entre estes, o ex-presidente da Federação Espírita do Espírito Santo e autor do livro "Conscientização Espírita", Gélio Lacerda da Silva, que tem propugnado pela união de todos os espíritas verdadeiramente kardecistas, entendendo que *"na área de adjetivação do Espiritismo, caminha-se em terreno movediço, porque há controvérsias. Espíritas religiosos e laicos defendem seus pontos de* ***vista baseados em Kardec****, prova evidente de que o assunto é contraditório, passível de contestação"* (3). Da mesma forma, o Dr. Ildefonso do Espírito Santo, eminente líder espírita do Estado da Bahia, cuja Federação Espírita estadual já presidiu, sendo atualmente presidente de seu Conselho de Administração, que, sobre a questão religião ou não-religião e acerca das conseqüências disso no movimento espírita, assim escreveu: *"A polêmica existente no meio espírita parece-nos perfeitamente dispensável. Ele (*o Espiritismo*) pode ser considerado uma religião ou não, a depender da pessoa, das necessidades, das carências de cada um. Aqueles que vêem nas conseqüências morais do Espiritismo, a motivação para sua edificação espiritual, para sua ascensão, muito bem. Pode aceitá-lo como tal, sem maior questionamento, sem querer arrebanhar os outros, com patrulhamentos e imposições."* (4)

Mas, os patrulhamentos e imposições a que se refere o Dr. Ildefonso, no caso, partindo de pessoas e instituições espíritas que julgam *conditio sine qua non* o conceito de religião no Espiritismo têm, de fato, prejudicado enormemente a consecução de um clima fraterno e minimamente civilizado no

movimento espírita brasileiro e também de outros países da América Latina e, já, com alguma repercussão também entre os espíritas da Europa.

A título de exemplo desse tipo de atitude, reportamo-nos a artigo recentemente escrito por Josué de Freitas, intitulado *"Os Laicos e a Doutrina Espírita"* e que se encontra inserido em jornal virtual de home-page mantida pelo Grupo Espírita Bezerra de Menezes, de São José do Rio Preto. Nele, após uma análise (bastante parcializada, aliás) acerca de alguns posicionamentos dos denominados **laicos**, o autor, sem rodeios, declara que *"são gritantes as divergências entre os* ***espíritas*** (por ele assim considerados apenas os **religiosos** e **cristãos**) *e os* ***laicos***. E que, por isso, os **laicos** *"deveriam fundar sua própria seita"*, ajustada ao fim que, segundo o articulista, é por eles perseguido: *"uma ação de intelectuais afins, com a intenção de criar um novo grupo de idéias, utilizando a filosofia espírita como trampolim para teses encontradas nas ciências sociais e políticas"*. E que, como não se ajustam ao Movimento Espírita *"que fundem uma seita para agregar seus simpatizantes"*. (5)

Em outro artigo do mesmo autor, sob o título de *"Laicos, Cultura e Sabedoria"*, o articulista estende sua condenação a uma entidade confederativa como um todo, declarando*: "A Confederação Espírita Panamericana* (sic) *– CEPA, não é um organismo legitimamente espírita. Seu caráter laico foi desvirtuado por pessoas que se deixaram levar pela vaidade e pelo espírito do falso saber. Só é verdadeiramente espírita os adeptos* (sic) *que aceitam o Espiritismo como Consolador prometido por Jesus ..."* (6).

Vê-se, assim, que há uma clara proposta de cisão, a partir da **exclusão** de pessoas e grupos que, segundo um ponto de vista, se dizem espíritas, mas não o são. Essa proposta, entretanto, faz-se ainda mais grave e preocupante quando, ao invés de partir, simplesmente, de um articulista, em nome próprio, ou de um grupo, provém de um organismo federativo.

E isso, exatamente, foi o que começou a acontecer no Brasil, no ano de 1994, a partir de uma circular em que a C.E.P.A. formulava um convite ao movimento espírita brasileiro de adesão àquela Confederação, especialmente dirigido àqueles grupos e instituições que comungassem com seus postulados. Na oportunidade, a Federação Espírita Brasileira, em editorial de sua revista oficial, entendeu tratar-se de uma *"intervenção indevida"* da C.E.P.A. no movimento espírita brasileiro (7) . Reagiu, depois, mais vigorosamente ainda em outro editorial intitulado *"O Joio e o Trigo"*, onde defende a idéia de que não devem*, "os espíritas sinceros, os espíritas cristãos"* , ali comparados ao trigo da parábola evangélica, misturar-se com o joio, que seriam os espíritas identificados com a Confederação Espírita Pan-Americana: *"A vigilância torna-se imperiosa, especialmente diante desses imprudentes companheiros que prejudicam enormemente a Doutrina e seu movimento. Há que se aprender a conviver com eles, assim como o trigo que cresce com o joio, sem contudo se misturar"*. (8).

Bem mais recentemente, foi a Federação Espírita do Rio Grande do Sul que, declinando de convite formulado à sua Diretoria pela Comissão Organizadora deste Congresso para se fazer presente ao mesmo, se utilizou do episódio para enviar circular a todas as suas casas filiadas comunicando sua recusa ao convite, recomendando o não-comparecimento ao evento, em caráter representativo, e aproveitando o episódio para alertar suas instituições filiadas no sentido de *"não mais cederem espaço em suas tribunas aos expositores vinculados ao Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (CCEPA) e à Confederação Espírita Pan-Americana (CEPA), entidades que semeiam insistentemente idéias contrárias aos princípios doutrinários, negando o aspecto religioso da Doutrina Espírita e opondo-se aos ideais do Cristianismo"* (9).

Ora, dizer, em documento oficial, que uma confederação espírita opõe-se a princípios doutrinários do Espiritismo e, por isso, recomendar às casas espíritas não convidarem para suas tribunas pessoas pertencentes àquela Confederação ou instituição a ela filiada é, claramente, afirmar que se está diante de pessoas não-espíritas. Mais do que isso: pessoas e instituições que esposam *idéias contrárias* àquilo por eles entendido como o verdadeiro Espiritismo.

2. DESENVOLVIMENTO DO TEMA

Ecumenismo – o grade exemplo da comunidade cristã.

As citações feitas acima, e que são apenas algumas das tantas que se vêm utilizando na última década no Brasil, deixam claro estar vivendo o Movimento Espírita, hoje, situação muito semelhante à vivida pelo Cristianismo até meados do Século XX, quando, após séculos de escaramuças entre protestantes e católicos, estes, mais numerosos, principalmente na América Latina, resolveram atacar aqueles exatamente negando-lhes o qualificativo que ambos os grupos religiosos, em permanente disputa, tinham em comum, o de se considerarem *cristãos*. Quem o diz é um estudioso das relações catolicismo-protestantismo, ao escrever: *"Por isso, entre os católicos romanos procurava-se espalhar a idéia de que os protestantes não eram cristãos, mas pessoas pagãs, perigosas, más e heréticas"* (10).

Foi precisamente esse estado de radicalização e de hostilidade que conduziu os cristãos à consciência de que algo deveria ser feito para reconduzi-los à unidade. Podemos hoje avaliar que um dos acontecimentos mais positivos do Século XX foi, certamente, esse movimento surgido na comunidade cristã do mundo que ganhou vulto precisamente em meados do século e ao qual se deu o nome de **ecumenismo**.

Etimologicamente, ecumenismo vem do grego *oikoumene*, derivado do substantivo *oikós* (casa, habitação) e do verbo *oikein* (habitar). O termo já fora usado por Heródoto com o sentido de casa habitada. Mais tarde, a palavra

passou a designar terra conhecida, referindo-se, inicialmente, ao Império Helênico e, depois, ao Império Romano. O Cristianismo terminou por lhe dar uma amplitude maior, ou seja, todas as terras então habitadas e conhecidas: *"O evangelho do reino será proclamado em toda a* ***oikoumene*** (palavra normalmente traduzida como "mundo"), *em testemunho de todas as gentes, e, então, virá o fim"*. (11).

Modernamente, o termo foi usado pela primeira vez no ano de 1919, por um dos precursores do atual movimento ecumênico das igrejas cristãs, o arcebispo luterano Nathan Söderblom, de Uppsala, Suécia, em artigo em que lançou a idéia da criação de um "Conselho Ecumênico de Igrejas". É a partir daí que, pisando em terreno movediço, enfrentando-se dificuldades partidas principalmente do grupo dominante, o católico romano, que esse movimento começa uma caminhada em busca da unidade cristã. Assim, em 1927, reuniu-se em Lausana, Suíça, a Primeira Conferência de "Fé e Constituição". Fizeram-se presentes 394 delegados pertencentes a 108 igrejas diferentes. O curioso disso, como assinala o padre Jesús Hortal é que dele "*os católicos estavam completamente ausentes, por determinação da Santa Sé, que achou a conferência incompatível com o conceito católico de Igreja."* (12). Houve mais uma dessas reuniões, em agosto de 1937, em Edimburgo, na Escócia, onde foi aprovada uma moção para a constituição do Conselho Mundial das Igrejas, que seria a grande instituição a implementar essa tarefa difícil de buscar uma unidade de uma Igreja que, desde seus primeiros séculos, sofrera dissenções e cismas, primeiro entre Oriente e Ocidente e, no Século XVI, com a mais séria de todas, que foi a Reforma Protestante, gerando período de grandes tensões e até de lutas armadas, marcando profundamente toda a história do Ocidente.

Os anos que decorreram entre a decisão da criação do CMI e sua efetiva fundação, em 1948, foram marcados por dificuldades enormes à sua implementação, principalmente pela superveniência da 2ª Guerra Mundial. Só em 22 de agosto se instalaria em Amsterdã, Holanda, a Assembléia Constitutiva do Conselho Mundial de Igrejas à qual compareceram 350 delegados, representantes oficiais de 147 Igrejas, provenientes de 44 países. É, novamente, o jesuíta brasileiro Hortal que registra em seu livro sobre o assunto: *"em virtude de recusas anteriores, a Igreja católica romana não tinha sido convidada oficialmente. Houve, porém, convites a diversos teólogos católicos, a título pessoal. Mas o Santo Ofício, em 5 de junho de 1948, publicou uma severa advertência (monitum) proibindo a participação de católicos em reuniões ecumênicas, de acordo com o que estava disposto no Código de Direito Canônico de 1917. Mesmo assim, alguns sacerdotes católicos participaram da Conferência de Amsterdã, na qualidade de jornalistas."* (13).

A partir de então, as Assembléias Gerais do CMI têm se realizado, geralmente, de sete em sete anos, cada vez com mais ampla participação. Para nosso breve estudo, convém se faça o registro da participação da Igreja Católica Apostólica Romana nessa caminhada. Segundo, ainda, o autor acima citado, somente na 3ª dessas Assembléias, em Nova Déli, no ano de 1961,os católicos romanos se fizeram presentes, mediante o envio de cinco "observadores

oficiais". Já na Quarta Assembléia, em Uppsala, Suécia, em 1968, a Igreja Romana, que acabara de celebrar o Concílio Vaticano II, que dera ênfase à questão do ecumenismo, fez-se presente com quinze observadores delegados e um certo número de hóspedes oficiais. Na mesma oportunidade, Paulo VI transmitiu uma mensagem ao presidente da Assembléia.

De lá para cá, o movimento ecumênico impulsionado pelo CMI tem tido um crescimento extraordinário. E a Igreja Católica, embora sem integrar oficialmente o dito Conselho, participa de suas reuniões e, no seu âmbito interno, estimula a unidade dos cristãos. Entretanto, como ainda assinala Padre Hortal, tem ela uma visão que difere fundamentalmente de todas as outras igrejas cristãs que buscam essa unidade. Para compreender isso, diz, "*é preciso levar em conta a eclesiologia católica. Como sabemos, de acordo com o Credo niceno constantinopolitano, a verdadeira Igreja de Cristo deve ser una, santa, católica e apostólica. A teologia católico-romana sempre afirmou que essas notas se cumprem, de fato, numa Igreja concreta – a católica romana. Por isso, embora não atinjam ainda a plenitude elas não são um dom simplesmente escatológico. Ainda mais, se não houvesse uma Igreja com essas características, teria falhada a promessa de Cristo, de permanecer sempre conosco até o fim dos séculos. A afirmação da continuidade da única Igreja de Cristo na comunidade universal que se reconhece unida a Roma não é, pois, fruto de um imperialismo religioso, mas exigência da própria fé na promessa do Senhor. Se Cristo edificou uma Igreja sobre a rocha e se as portas do inferno não prevaleceram contra ela, essa Igreja deve estar, de fato, presente em algum lugar"* (14) .

Essa posição deixa bem claro que a Igreja romana deseja, sim, essa união. Mas não esconde que, por suas convicções doutrinárias, pretende uma **unificação** em torno de sua estrutura organizacional e hierárquica. Qualquer semelhança com o movimento espírita e seu processo de **unificação** não há de ser mera coincidência. No plano religioso, a questão da predestinação em que se sentem envolvidos determinados organismos, a partir da interpretação de certos tipos de **revelação**, é algo tão forte que tem o poder de impor a seus dirigentes a plena e firme convicção de que fora de se seio não há salvação. Sentem-se, e, diga-se de passagem, com toda a honestidade, depositários de uma missão da qual não lhes parece justo e nem lícito abdicar em favor de uma nova estrutura.

Há, entretanto, uma diferença que convém assinalar: a Igreja demonstra já ter superado estágios históricos que, ao contrário, o movimento espírita sequer está preparado para enfrentar. Vivemos, claramente, aquele momento, assinalado no breve esboço histórico acima, em que a Igreja ainda proibia o comparecimento às assembléias ecumênicas e o Santo Ofício advertia aqueles que ousassem contrariar a proibição. Não fomos capazes, sequer, ainda, de iniciar o diálogo entre as correntes espíritas. A questão da unidade não pode sequer ser discutida, ainda, no movimento espírita.

Que bela lição o Cristianismo está dando ao Espiritismo! Principalmente àquela vertente do Espiritismo que se diz cristã e imbuída da missão de reviver o Cristianismo primitivo!

A Busca da Base Comum

Neste final do Século XX, pode-se, sem dúvida, apontar o movimento ecumênico cristão como um dos mais importantes acontecimentos do século. Em apenas 50 anos floresceu, cresceu e permitiu o surgimento de uma sólida ***identidade comum*** que parte, inicialmente, do mútuo reconhecimento de que todos os membros das igrejas cristãs são ***cristãos***. Esse é o fruto primeiro de um esforço que superou, como já se referiu neste trabalho, período marcado por um clima eminentemente hostil em que o movimento dominante, o católico, atingia todas as demais denominações com a pecha de que eram maus, hereges e, portanto, ***não-cristãos***.

O primeiro trabalho, pois, foi da busca da *identidade* comum dos cristãos. Esse objetivo foi alcançado na Assembléia Geral do CMI de Nova Déli, em novembro/dezembro de 1961, na qual, como já se referiu, pela primeira vez a igreja romana se fez presente através de "observadores oficiais". Ali, cristãos de todas as denominações, representando 198 igrejas, do Oriente e do Ocidente, dos blocos ortodoxos, católicos e protestantes, produziram um documento histórico, do qual, em linhas gerais, pode-se deduzir que são reconhecidas como *cristãs* todas as pessoas que reunirem os seguintes requisitos:

a – terem sido batizadas em nome de Jesus Cristo;

b – confessarem o nome de Jesus Cristo como único Senhor e Salvador;

c – aceitarem o dogma da Santíssima Trindade: Deus-Pai, Deus-Filho e Deus-Espírito Santo;

d – Pregarem o mesmo Evangelho.

Essas bases fundamentais capazes de definir se uma Igreja é, efetivamente, cristã e, em conseqüência, seus membros e seguidores o sejam também, estão mais claramente definidas em um documento que é a base constitutiva do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC), uma associação de igrejas cuja Assembléia Constitutiva teve lugar em Porto Alegre, RS., de 17 e 18 de novembro de 1982 e que tem, no plano restrito do território brasileiro, a mesma finalidade do CMI: a busca da unidade cristã. O documento aprovado na capital gaúcha assim se expressa:

"O Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil é uma associação fraterna de Igrejas que confessam o Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador, segundo as Escrituras e, por isso, procuram cumprir sua vocação comum para a glória do Deus Uno e Trino, Pai, Filho e Espírito Santo, em cujo nome administram o Santo Batismo. O amor a Deus, a confissão de fé comum e o compromisso com a missão impulsionam as Igrejas-membros a uma comunhão cristã mais profunda e um testemunho comum do Evangelho no Brasil, no exercício do amor e serviço ao povo. Respeitadas as diferentes concepções eclesiológicas, as Igrejas-membros se reconhecem convocadas por Cristo à unidade de sua Igreja, na certeza da atuação do mesmo Cristo e do seu Espírito nelas e através delas".

Um conhecimento mínimo que se tenha do movimento cristão e de sua história irá nos atestar sobre as imensas diferenças doutrinárias existentes entre as diversas religiões cristãs. Diferenças às vezes bastante profundas, como, por exemplo, a célebre questão entre a fé e as obras, que foi uma das mais radicais ao

tempo da Reforma: para os cristãos romanos, as boas obras podem levar à salvação, para os protestantes somente a fé salva. Ou a questão da predestinação defendida pelos protestantes, em contrapartida à visão do livre-arbítrio, admitido pelos católicos. O próprio destino da alma após a morte, questão teológica das mais importantes para qualquer religião, oferece divergências entre católicos e protestantes. Os primeiros defendem a sorte imediata a ser ditada a cada alma, por ocasião da morte: ou o céu de bem-aventurança eterna (que pode ser antecedido do purgatório), ou a imediata condenação, eterna também, ao inferno. Já para os protestantes, a alma, separada do corpo, irá dormir até o dia do Juízo Final quando, de posse do corpo que teve na Terra, receberá o veredicto final de condenação ou salvação. Dessa questão resulta outra, doutrinariamente relevante a distinguir católicos e protestantes: aqueles, que defendem a possibilidade da conquista imediata do céu após a morte, têm seus santos e bem-aventurados, para os quais oram, prestam cultos e fazem promessas. Já os protestantes não prestam culto senão a Deus, pois não concebem um céu onde vivam santos, antes do Juízo Final. E também não fazem preces em favor dos mortos, que "dormem" e serão definitivamente julgados no fim dos tempos.

Isso tudo, sem se falar nos cultos, nos sacramentos diferenciados e inúmeras outras "concepções eclesiológicas" que, simplesmente, ficaram de fora da discussão, em favor de um bem maior: a unidade naquilo que entenderam básico e fundamental para alguém ser considerado *cristão*.

E os espíritas ?

A brevíssima digressão histórica que acima se fez mostra com clareza, porque o Espiritismo não cabe dentro do conceito de *cristão* ou de *cristianismo*. Um respeitável movimento de idéias hoje contando, já, com 2.000 anos de existência, foi, paulatinamente, mesmo à custa de disputas internas não apenas no plano das idéias ou da fé, mas também fundadas em posições sociais e políticas, definindo sua abrangência. Embora tenham sido diversas as tentativas para centralizar no campo da moral, do procedimento pessoal, o conceito de *cristão*, o que terminou vingando como definidor dessa condição foi a fé em um dogma religioso: **o que declara ser Jesus Cristo pessoa integrante de uma trindade divina e único capaz de salvar o homem após a morte**. Quem não aceita esse dogma e não tiver sido **batizado** por uma das Igrejas que o pregam **não é cristão**. Ora, esse é um conceito que, nós outros, devemos respeitar. Não caberá a nós, que temos concepções filosóficas totalmente divorciadas dessa linha de pensamento construída ao longo de 20 séculos, nos arvorar a dar outra definição do que seja **cristianismo** e de quem seja **cristão**. Nossa eventual insistência em nos dizermos cristãos gera neles indignação tão justa quanto a nossa, quando, por exemplo, um umbandista ou um seguidor da "santeria" praticada no Caribe se diz espírita.

Ora, diferentemente do Cristianismo, Espiritismo, mesmo reconhecendo no homem Jesus de Nazaré o sistematizador da mais perfeita moral já oferecida à Humanidade, não o identifica como Deus. Tampouco o vê como único salvador. Nem mesmo defende que o conhecimento específico de

sua doutrina seja indispensável à salvação. Aliás, sequer inclui em seus ensinamentos o conceito salvacionista. Substitui-o pela noção evolucionista que alcança toda a humanidade, como lei da qual ninguém se pode furtar.

Há, assim, um abismo entre a doutrina cristã, tal como foi sendo definida historicamente, e o Espiritismo, embora haja plena coincidência entre a mensagem moral e libertadora de Jesus de Nazaré e a concepção ético-moral adotada pelo Espiritismo como necessária ao processo evolutivo do homem, em qualquer quadrante e cultura.

Não sendo, pois, o Espiritismo uma religião cristã, não cabia às igrejas cristãs integrá-lo nesse movimento ecumênico. Isso torna absolutamente improcedente e destituída de qualquer racionalidade a queixa que às vezes se ouve de alguns espíritas, lamentando o fato de o Espiritismo não integrar esse importante movimento desencadeado no Século XX, embora seja popularmente visto, em quase toda a parte onde existe, como mais uma religião cristã. Até porque, equivocadamente, assim ele tem se definido publicamente.

Essas questões que, aliás, envolvem divergências internas mostram ser de todo conveniente que o movimento espírita, a exemplo do que fez o cristianismo, promova, nesta etapa de sua caminhada, um movimento com os mesmos objetivos e a partir de seus próprios fundamentos básicos. Há que se definir os requisitos fundamentais para que alguém tenha o direito de se dizer **espírita** e a prerrogativa de ser por seus irmãos reconhecido como tal.

Como não somos uma religião e não constituímos uma igreja, permaneça longe de nós qualquer idéia de outorga de um certificado ou a constituição de um selo a marcar indelével e inquestionavelmente essa condição, como o é o batismo para os cristãos. Nem é de ser exigido qualquer procedimento iniciático, litúrgico ou sacramental que outorgue essa condição. O que parece importante, sim, é expressarmos, com clareza, os **requisitos conceptuais básicos** para que alguém, em qualquer parte do mundo, pertencendo ou não a esta ou aquela instituição, possa se dizer espírita, sem oposição dos demais espíritas do mundo. Sem os anátemas tantas vezes apontados por Kardec como obstáculos ao avanço do Espiritismo no mundo.

Tampouco se está propondo uma estrutura hierárquica única e verticalizada para congregar os espíritas. Estes, por definição, são homens livres, que chegaram às suas convicções graças a uma vocação livre-pensadora, dinâmica, progressista, questionadora e assectária. Associar-se-ão a partir de suas afinidades, livremente, em organismos que visam a cooperação mútua no progresso da ciência e da ética. Nelas não deve haver lugar para imposições dogmáticas ou autoritárias, mas apenas uma discreta vigilância no sentido de que aquelas conquistas expressas em postulados básicos, comprovados e unanimemente aceitos pela comunidade espírita mundial, não sejam deturpadas ou desviadas. Tarefa, aliás, que Kardec atribuiu aos Congressos Espíritas, juntamente com a de agregar a seu corpo doutrinário os novos conhecimentos revelados pela ciência.

3. CONCLUSÃO

Refazendo o laço

E que princípios serão esses a definir a condição de **espírita**?

No seu famoso *Discurso de Abertura*, pronunciado por Allan Kardec no dia 1º de novembro de 1868 na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, o fundador do Espiritismo definiu-os com clareza meridiana, assim :

"Crer num Deus todo-poderoso, soberanamente justo e bom; crer na alma e em sua imortalidade; na preexistência da alma como única justificação do presente; na pluralidade das existências como meio de expiação, de reparação e de adiantamento moral e felicidade crescente com a perfeição; na equitável remuneração intelectual; na perfectibilidade dos seres mais imperfeitos; na conseqüenciabilidade do bem e do mal , conforme o princípio: a cada um segundo as suas obras; na igualdade da justiça para todos, sem exceções, favores ou privilégios para nenhuma criatura; na duração da expiação limitada pela imperfeição; no livre-arbítrio do homem, que lhe deixa sempre a escolha entre o bem e o mal; crer na continuidade que religa todos os seres passados, presentes e futuros, encarnados e desencarnados; considerar a vida terrestre como transitória e uma das fases da vida do Espírito, que é eterna; aceitar corajosamente as provações, em vista do futuro mais invejável que o presente; praticar a caridade em pensamentos, palavras e obras na mais larga acepção da palavra; esforçar-se cada dia para ser melhor que na véspera, extirpando algumas imperfeições de sua alma; submeter todas as crenças ao controle do livre exame e da razão e nada aceitar pela fé cega; respeitar e não violentar a consciência de ninguém; ver enfim nas descobertas da ciência a revelação das leis da natureza que são as leis de Deus" (16).

No Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (CCEPA), discutimos bastante a questão da busca de um conceito sintético de Espiritismo quando tratamos de elaborar o que chamamos de nossa *Carta de Princípios*. Ali terminamos por materializar os seguintes princípios como sendo *os Fundamentos do Espiritismo*:

1 - *A existência de Deus como "inteligência suprema e causa primária de todas as coisas".*

2 - *A evolução compreendida como lei geral a que tudo o que existe está submetido. .*

3 – *A preexistência, sobrevivência e comunicabilidade do espírito que, depois do que chamamos morte, conserva todas as suas faculdades intelectuais, morais e volitivas. .*

4- *A pluralidade das existências e dos mundos habitados como instrumentos do processo evolutivo. .*

5 - *A lei de causa e efeito como disciplinadora da evolução no mundo físico e no mundo moral, tornando o homem responsável pelos seus atos e arquiteto do seu destino*.

São, pensamos, princípios básicos, fundamentais, constitutivos do que Maurice Herbert Jones, presidente do CCEPA, denomina o *Espiritismo mínimo* e cuja aceitação integral caracteriza o homem espírita, em qualquer quadrante do globo. Acrescer a esses conceitos outras concepções, como o fizeram os *espíritas evangélicos*, os *roustainguistas*, os *ubaldistas*, os *ramatizistas*, os *trincadistas*, etc., se constituirão em iniciativas a serem assumidas pelos respectivos grupos que as adotam e que, em hipótese alguma, poderão querer vincular seus conceitos particulares ao Espiritismo, enquanto ciência, filosofia e moral expressas nos fundamentos básicos acima expostos. Esses fundamentos constituem justamente aquele ***"laço que deve unir todos os Espíritas"***, conforme assinalou Kardec no seu Discurso de Abertura (17), num raciocínio unificador e verdadeiramente **ecumênico** , no sentido mais moderno do termo.

Como conseqüência natural desses princípios básicos que constituem a ciência e a filosofia espírita, o homem espírita há de ser reconhecido, como o disse Kardec, *por sua transformação moral e pelo esforço permanentemente empregado para debelar suas imperfeições*. Será, dessa forma, a *moral espírita* o fruto a atestar a excelência da árvore que o produziu, sem que precisemos conceituá-la como moral *cristã* ou *evangélica*, ou *budista*, ou *muçulmana*, ou, ainda, qualquer outro adjetivo que lhe possa sugerir restrição ou rejeição por parte de algum segmento cultural ou religioso humano.

Sob um certo aspecto, o conceito kardequiano, que buscamos sintetizar acima, restringe uma concepção que, historicamente, já foi admitida como de Espiritismo e que tentou inserir Kardec não como o autêntico fundador do Espiritismo, mas apenas como a figura principal de uma de suas tendências. É bastante conhecida a concepção anglo-saxônica que excluía a idéia da reencarnação. Por algum tempo, a Federação Espírita Internacional – FEI – buscou congregar todos os "espíritas", reencarnacionistas ou não. A evolução do pensamento espírita, no entanto, tende a fortalecer e universalizar a idéia das vidas sucessivas. No atual momento histórico, parece não mais fazer sentido admitir um Espiritismo não-reencarnacionista, por duas razões: uma, porque a reencarnação é parte integrante e fundamental da obra de Allan Kardec, que foi quem cunhou os termos "espiritismo" e "espírita", não sendo justo, assim, estender o conceito de espíritas a grupos ou pessoas que recusam algo que é central na filosofia codificada por Allan Kardec e pelo movimento de idéias por ele fundado; outra, porque, presentemente, mesmo nos países de cultura anglo-saxônica, a reencarnação é conceito em alta, principalmente nos Estados Unidos onde muitas entidades pertencentes ao ali chamado "New Spiritualism" progressivamente passam a admitir a tese reencarnacionista. E é justamente nos Estados Unidos, embora fora dos meios espíritas, que a idéia da reencarnação

mais se tem desenvolvido, especialmente a partir de contribuições advindas da área da Psicologia e da Psiquiatria.

Mas, sob o ponto de vista do Espiritismo da Escola Francesa que deu origem às concepções espíritas latino-americanas, os pressupostos acima são bastante abrangentes. Neles, cabe, tranqüilamente, a inclusão tanto dos espíritas e das instituições que defendem o caráter religioso do Espiritismo, como, também, dos que o vêem como uma doutrina laica e livre-pensadora. O mais importante, entretanto, é que, a partir da uniformidade desse conceito, não haverá terreno para afirmações do tipo: "quem não considera o Espiritismo uma religião não é espírita" ou "quem não aceita o Espiritismo como o cristianismo redivivo não é espírita". Conceitos dessa natureza, mesmo que baseados em autores respeitáveis, ou presentes em algumas idéias reproduzidas nas obras de Kardec, **não são essenciais** à doutrina espírita.

Como exemplo muito expressivo disso, temos a questão de se considerar o Espiritismo a Terceira Revelação Divina. Ora, esse é um conceito meramente acessório, que pode satisfazer a uma análise linear do desenvolvimento dos princípios que adotamos, tendo por enfoque apenas as três tradições que desembocaram na cultura ocidental: o judaísmo, o cristianismo e, finalmente, como queremos que seja, a proposta espírita, tentando fazer sua síntese. Entretanto, os princípios espíritas, tais como formulados acima, têm caráter universal e sua aquisição, necessariamente, não terá que obedecer a um esquema que passe pelas experiências históricas judaicas e cristãs. É um direito de qualquer espírita, principalmente, hoje, em tempos de cultura globalizada, questionar essa visão que se tornou estreita. Nem por isso, perderá ele a condição de espírita. Ao contrário, estará reconhecendo nas idéias espíritas o caráter de universalidade, dimensionando-as, corretamente, como leis naturais, aplicáveis a todas as culturas, em qualquer tempo e espaço.

Enfim, como destacou, com muita propriedade, o presidente da Confederação Espírita Pan-Americana, Dr. Jon Aizpúrua, em memorável conferência pronunciada na sede da União das Sociedades Espíritas de São Paulo, na noite de 16 de agosto de 1997, nós, espíritas, latino-americanos, podemos nos orgulhar de mantermos uma quase completa unidade de pensamentos. Nossas discordâncias (e delas a que parece mais aguda, hoje, é a existente entre laicos e religiosos) não vão além de 10% das questões doutrinárias espíritas. E, como se procurou demonstrar neste trabalho, essas divergências não abrangem questões essenciais, substantivas, mas acessórias e adjetivas.

Ora, se concordamos, seguramente, em 90% do universo de nossas questões doutrinárias, a pequena margem de discordâncias, de forma alguma, justificaria as divisões existentes em nosso meio. Muito menos as grosseiras agressões que, às vezes, têm ocorrido. Preocupante seria, sim, se um grupo espírita se declarasse ateu. Ou se, entre nós, alguém negasse a mediunidade ou a

reencarnação. Aí não seria nada produtivo integrarmos um mesmo movimento. Forçoso demais seria termos que nos reconhecer mutuamente como seguidores de uma mesma filosofia.

Na verdade, os cristãos e suas igrejas convivem com quadro de discordâncias muito mais dramático do que o nosso, envolvendo questões doutrinárias fundamentais. Apesar disso, foram inteligentes e hábeis o bastante para promover esse extraordinário movimento ecumênico que os qualificou como grupo, aproximou-os como irmãos e atraiu credibilidade social e política às suas ações conjuntas.

Por quê nós, espíritas, não podemos fazer o mesmo? Temos imensamente muito mais facilidade para fazê-lo. A doutrina que professamos não nos autoriza a intitularmo-nos donos da verdade. Ao contrário, deve nos infundir o espírito de humildade que permite mudanças de pontos de vista e o dever da solidariedade e da tolerância que propiciam a fraternidade.

Essa proposta não implica em qualquer sugestão de institucionalização de organismo central e unificador do movimento. As instituições existentes são suficientes para agregar os espíritas, dentro de suas concepções particulares. É muito natural que nos unamos, segundo nossas afinidades. Mas, se formos capazes de, todos, nos tolerarmos, dialogarmos, num clima que sugira uma verdadeira fraternidade, mesmo com algumas divergências, estaremos crescendo como um todo e facilitando, inclusive, a busca de uma unidade mais ampla de pensamento e ação.

Em todo o movimento, sempre haverá posições mais ou menos conservadoras. Mais ou menos progressistas. Essa é uma lei da vida. Tão natural que Kardec a formulou, desdobrando-a em duas LEIS MORAIS e igualmente importantes no processo dialético de crescimento do homem: a Lei de Conservação e a Lei de Progresso. É no embate dessas duas forças da natureza que propiciamos o crescimento conjunto e harmônico.

Se desejamos um mínimo de união, precisamos agir com um mínimo de respeito.

E se sonhamos com uma verdadeira UNIFICAÇÃO, precisamos, urgente, estabelecer as bases fundamentais em torno das quais seja possível a UNIÃO de todos os espíritas.

BIBLIOGRAFIA:

01 – KARDEC, Allan – "Refutação a um Artigo de L'Univers", Revista Espírita, Maio
1854.
02 – KARDEC, Allan – "O Evangelho Segundo o Espiritismo", Cap.XVII, 4.
03 – SILVA, Gélio Lacerda da – Artigo "Carta aberta ao presidente da CEPA", boletim "Cepa Brasil", maio/2000.
04 – ESPÍRITO SANTO, Ildefonso do – "Repensando o Movimento Espírita no Brasil",
Editora Minêmio Túlio – São Paulo, SP.
05 – FREITAS, Josué de – Artigo publicado no site WWW.novavoz.org.br , sob o título de "Os Laicos e a Doutrina Espírita".
06 – IDEM - No mesmo site, artigo publicado em 26.2.99.
07 – Editorial da Revista "Reformador", em setembro de 1994.
08 – Editorial da Revista "Reformador", em novembro de 1994.
09 – Ofício Circular n. da FERGS às suas casas federadas.
10 – HAUCK, J.F. "A Igreja na Emancipação" in *História da Igreja no Brasil*, tomo II/2, p.128.
11 – MATEUS, Evangelho, Cap. 24, vers.14.
12 – HORTAL , Jésus de. "E Haverá um só Rebanho", Edições Loyola.
13 – IDEM – Idem, Idem.
14 – IDEM – Idem, Idem, cap. "A Caminhada Ecumênica da Igreja Católica no Século XX".
15 – "Base e Estatuto do CONIC, 1983, São Paulo, Edições Paulinas, p.7.
16 – KARDEC, Allan. , Revista Espírita, Dezembro 1868.
17 – IDEM, idem.

(*) Advogado, jornalista, procurador do Estado aposentado, Presidente da Confederação Espírita Pan-Americana (2000/04), diretor de Comunicação Social do CCEPA, editor do Jornal OPINIÃO, ex-diretor da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, conferencista, articulista, autor do livro "Se Todos Fossem Iguais...".

ESPIRITISMO: REVELAÇÃO OU DESCOBERTA?

Reinaldo Di Lucia (*)
Santos-SP, Brasil

1. INTRODUÇÃO

O que é necessário para que uma pessoa possa afirmar-se espírita? Basta freqüentar um Centro, assistir palestras, tomar passe e nada mais? É necessária a presença em reuniões de estudo, acompanhando, ainda que calada, as exposições ali oferecidas? É preciso que participe de reuniões mediúnicas, desenvolvendo uma mediunidade, muitas vezes indesejada? É necessário crer em Deus, na imortalidade do espírito, na reencarnação, na pluralidade dos mundos habitados? Umbanda é espiritismo? É possível a um católico, protestante ou muçulmano tornar-se espírita, sem abandonar sua religião originária, e continuando a freqüentar a igreja, o templo ou a mesquita?

Este gênero de dúvidas, mais comum que podemos imaginar no movimento espírita brasileiro, tem sua origem em duas características que a doutrina espírita apresenta: por um lado, a pretensão de tratar – científica ou, ao menos, racionalmente – de um mundo tradicionalmente abordado pela religião, o mundo dos espíritos, das inteligências incorpóreas. Por outro, toda uma gama de indefinições características do espiritismo: é ciência, filosofia ou religião? Prioriza o conhecimento ou somente a práxis? Busca a evolução contínua do espírito ou a salvação do homem? Faz pesquisa, procurando atualizar seus conhecimentos ou aguarda a revelação de verdades pela "espiritualidade superior"?

A causa raiz da existência de tais dúvidas é o desconhecimento do real caráter da doutrina espírita. Por mais que o próprio Kardec tenha buscado defini-la, dando-nos ciência daquilo que ele desejou ao traze-la ao mundo, as diversas modificações que sofreu, principalmente no Brasil, tornaram difícil esta caracterização. Ademais, como já disse alhures o grande filósofo espírita brasileiro Herculano Pires, o espiritismo é um grande desconhecido, principalmente pelos próprios espíritas. Assim, ainda que Kardec tivesse conseguido defini-lo com precisão, é provável que o movimento espírita, mesmo assim, o desconhecesse.

Torna-se, então, urgentemente necessária uma revisão do caráter da doutrina espírita, para que possamos, num primeiro momento, resgatar o pensamento originário de Kardec, para, depois, avaliarmos se este pensamento está de acordo com o pensamento da comunidade espírita atual.

Esta discussão é particularmente importante no momento presente, em que toma corpo, com o advento do Congresso Espírita Pan-americano, a questão

da atualização do espiritismo. Ao colocar o tema de seu congresso sob a forma interrogativa ("*Deve o espiritismo atualizar-se?*"), a Confederação Espírita Pan-americana (CEPA) oficializa um debate que já acontece, de forma mais ou menos velada, há muito tempo: estará o espiritismo desatualizado? Em caso positivo, como fazer para atualizá-lo, a fim de que ele não perca o trem da história?

Parece indubitável que o espiritismo precisa, de alguma maneira, passar por revisões periódicas, a fim de manter-se, como quando de sua fundação, alinhado com os conhecimentos científicos vigentes. Como veremos no decorrer deste texto, o próprio Kardec assim o estruturou. Não bastasse isto, os continuadores da obra de Kardec, reunidos após a morte do mestre, reconheceram a necessidade de atualizar sua obra:

"No Congresso Espírita e Espiritualista Internacional de 1890 os delegados declararam que, de 1869 para cá, estudos desenvolvidos haviam revelado coisas novas e que, conforme o ensino preconizado por Allan Kardec, alguns dos princípios do Espiritismo, nos quais o mestre tinha baseado seus ensinamentos, deviam ser revisados e postos de acordo com os progressos da ciência em geral nestes vinte anos."[79]

Tal revisão nunca saiu. Por diversos motivos, que não cabe analisar aqui, o espiritismo em França foi decrescendo em importância, intensidade e presença, tornando-se pálida sombra do movimento pujante que existia na segunda metade do século XIX. Trazido para o Brasil, país onde conquistou milhões de adeptos, cristalizou-se a tal ponto que a própria Federação Espírita Brasileira (FEB) não admite a revisão de seus princípios:

> *"9. Todavia, o Conselho Federativo Nacional não reconhece em nenhuma pessoa ou instituição, como também em nenhuma assembléia ou congresso, qualquer autoridade ou direito para alterar ou modificar, a qualquer título, os princípios fundamentais e ensinos do Espiritismo, contido nas obras básicas de Allan Kardec, e desaprova toda e qualquer iniciativa no sentido dessa alteração ou modificação, uma vez que a Doutrina Espírita é de autoria dos Espíritos Superiores e não de homens, como bem testemunhou o próprio Codificador."*[80]

Aparentemente, repete-se neste final de século XX a divisão do movimento espírita brasileiro do final do século passado. Àquele tempo, os "espíritas científicos", liderados pelo prof. Afonso Angelo Torterolli, contrapunham-se aos "espíritas místicos", cujo expoente era o médico e político Bezerra de Menezes. Estes últimos tornaram-se hegemônicos no movimento espírita brasileiro. Hoje, os que propõem a atualização doutrinária, normalmente denominados "laicos" por não aceitarem o aspecto religioso do espiritismo, ainda

[79] KARDEC, A. *Obras Póstumas*. 1ª. ed. São Paulo: LAKE, 1975. p. 325.

[80] Mensagem do Conselho Federativo Nacional ao Movimento Espírita Brasileiro, de Novembro de 1999.

são minoria absoluta quando comparados àqueles ligados às federativas tradicionais, capitaneadas pela FEB e pelo Conselho Federativo Nacional (CFN).

A principal acusação que se faz aos que defendem a atualização doutrinária é a de anti-espíritas, na medida que eles admitem a possibilidade de algo das obras de Kardec e de seus continuadores, encarnados ou desencarnados, estar em desacordo com o nível atual de conhecimentos humanos, e, assim, não ser a verdade absoluta. Como poderia a espiritualidade superior, que "ditou" a revelação espírita a Kardec, estar errada?

Entretanto, a discussão é bem mais profunda que esta simples divisão em duas facções. Entre os próprios pensadores que defendem a possibilidade de atualização da teoria espírita não há consenso sobre o que poderia ser atualizado. Tem-se uma vaga noção que há um conjunto de princípios "secundários" que são passíveis de atualização, mas que os princípios básicos, "centrais", não deveriam ser mexidos, pois isto causaria a ruína do edifício doutrinário espírita.

Há ainda, o problema da caracterização epistemológica do espiritismo. O principal questionamento sobre o chamado tríplice aspecto da doutrina foi, até hoje, centrada na questão religiosa. É o espiritismo uma religião? O certo é que, por ser sensivelmente difícil definir o que é religião, em função da etimologia incerta da palavra, esta pergunta está sujeita a interpretações pessoais, o que torna a discussão, no mínimo, inócua.

Mas poucos questionam o caráter científico ou filosófico do espiritismo. Pode ele ainda ser chamado de ciência? Para respondermos a isto, é necessário haver um consenso sobre o que é uma ciência. E, como veremos no decorrer deste texto, não há absolutamente este consenso. A ciência, essencialmente, é tão ou mais controvertida que a religião. Com relação à filosofia, o consenso é um pouco maior, mas também aí encontram-se problemas, na medida que as academias não reconhecem ao espiritismo o direito de ser colocado como filosofia.

A questão, portanto, é saber o que constitui o cerne doutrinário, aquilo que, em não existindo, descaracterizaria a tal ponto o espiritismo que este pereceria. E, ao mesmo tempo, caracterizá-lo epistemologicamente, de modo a poder avaliar o seu método e, se necessário, atualizá-lo também.

Dizem alguns pensadores espíritas que esta discussão não só não é necessária como também é impossível de ser realizada. Se nem os filósofos da ciência estão de acordo sobre aquilo que a constitui, para que os espíritas deveriam gastar seu tempo com esta discussão? Melhor seria, dizem eles, que os espíritas continuassem a produzir conhecimento, sem se preocupar com esta questão.

Entretanto, fica a dúvida: como poderia o espiritismo produzir um conhecimento válido sem que fossem discutidas e, na medida do possível, consensadas as bases em que tal conhecimento se produziria? Como validar, sem

esta discussão, as novas descobertas espíritas, o saber discutido com os desencarnados?

Esta, entretanto, não é tarefa fácil, nem tampouco pode ser realizada por uma só pessoa. Deve ser fruto de uma ampla discussão entre todos os espíritas que desejarem participar dela, de um acordo mínimo sobre a característica epistemológica do espiritismo e, se necessário, da definição de um novo paradigma, talvez um paradigma espírita, em que não se "reinvente a roda", mas também não se ignore as peculiaridades do método e do objeto de estudo da ciência espírita.

O objetivo deste trabalho é, entretanto, bem mais modesto. Trata-se de uma introdução a este problema, discutindo uma tese de Kardec que, apesar de um tanto polêmica, é basal na compreensão da caracterização epistemológica do espiritismo: a sua conceituação como revelação, tal como foi enfocado por Kardec no primeiro capítulo de *A Gênese*.

Procurar-se-á demonstrar que, a partir de um ponto de vista mais ou menos comum na ciência atual, tal caracterização não se sustenta. A principal conclusão é que, uma vez que o espiritismo pode ser chamado, de fato, de ciência, sua discussão epistemológica é imprescindível.

2. ESPIRITISMO VISTO POR ALLAN KARDEC

Discutir espiritismo, atualmente, é uma tarefa árdua. Isto principalmente porque, apesar do desejo manifesto da maioria absoluta das entidades, federações e confederações no sentido de uma unificação do pensamento espírita em torno de um único conceito, a realidade do movimento espírita é plural: há quem o queira religião, e quem o prefira ciência; há quem o veja salvacionista, e quem o deseja engajado; há quem o diga elitista, e quem o defenda de massa. Enfim, há, praticamente, espiritismo para todos os gostos.

De uma coisa, porém, não pode furtar-se quem o quer discutir. O fato de que, qualquer que seja o caminho que se deseje dar para o espiritismo a partir de agora, o seu início depende, fundamentalmente, de como seu fundador o pensou – neste caso, o professor e pensador francês Allan Kardec. Assim, temos que iniciar nossa avaliação do espiritismo buscando qual caráter Kardec quis imprimir a esta doutrina nascente.

De toda sua vasta obra espírita (que não se resume, como querem alguns, a cinco livros básicos, que já foram chamados, muito erroneamente, de *pentateuco espírita*), observa-se que Kardec caracterizou o espiritismo de três modos distintos:

a) Como ciência positiva:

Um dos principais problemas que Kardec enfrentou no início da divulgação da doutrina espírita foi como torná-lo aceito pela comunidade científica da época. Isto porque, na época em que se deu a conhecer (meados do

século XIX), vivia-se o auge do positivismo[81]. E, para este modo de pensar, qualquer conhecimento que não derivasse da observação positiva de fenômenos patentes não merecia chamar-se sequer conhecimento, muito menos ciência. Assim, para definir o espiritismo como ciência positiva, Kardec relaciona alguns argumentos.

Em primeiro lugar, o espiritismo baseia-se em fatos, não sendo, portanto, mera especulação intelectual. Toda a estruturação da ciência espírita foi feita a partir da observação do fenômeno mediúnico em ação, e da conseqüente discussão com os espíritos produtores do fenômeno sobre temas diversos, discussão esta provocada por Allan Kardec. É graças a isso que Kardec afirmará, na *Gênese*, que a elaboração do espiritismo foi fruto do trabalho do homem.

"É, pois, resultado da observação, numa palavra, uma ciência; a ciência das relações entre os mundos visível e invisível; ciência ainda imperfeita, mas que diariamente se completa por novos estudos e que, tende certeza, tomará posição ao lado das ciências positivas*. Digo* positivas*, porque toda ciência que repousa sobre fatos é uma ciência positiva, e não puramente especulativa".* [82]

Em segundo lugar, o método empregado é estritamente o método experimental: a análise e a observação dos fatos. Kardec não se cansa de afirmar que a doutrina espírita não surgiu a partir de hipóteses pré-concebidas, de idéias a priori estabelecidas sobre a existência dos espíritos e a possibilidade de comunicação entre encarnados e desencarnados. Ao contrário, nas primeiras vezes em que assistiu ao fenômeno, Kardec era francamente cético em relação a esta tese. A modificação dessa sua (des)crença foi se dando a partir do contato com o fenômeno e da eliminação das demais hipóteses explicativas:

"Foi ali que fiz meus primeiros estudos sérios sobre espiritismo, mais pelas observações que pelas revelações. Apliquei à nova ciência, como sempre fizera, o método da experimentação". [83]

Outra razão é o procedimento, indutivo, que concordava plenamente com o método científico empregado à época. Da observação direta dos casos (análise dos particulares), inferia-se a causa geral, as leis fundamentais do fenômeno (conclusões gerais):

"Jamais utilizei teorias preconcebidas; observava atentamente, comparava e deduzia as conseqüências. Através dos efeitos procurava chegar às causas pela dedução (sic) e encadeamento lógico dos fatos, só admitindo uma conclusão como válida quando esta conseguia resolver todas as dificuldades da questão". [84]

---

[81] Positivismo: escola filosófica cujo principal pensador foi Auguste Comte (1798-1857), e que caracterizava-se pela subordinação da imaginação e da argumentação à observação. O espírito positivo, segundo Comte, instaura as ciências como investigação do real, do certo e do indubitável, do precisamente determinado e do útil.

[82] KARDEC, A. *Revista Espírita*, nov. 1864. São, Paulo: Edicel, [s.d.]. p. 323.

[83] KARDEC, A. *Obras Póstumas*. 1ª. ed. São Paulo: LAKE, 1975. P. 220.

[84] *Idem, ibidem*, p. 220.

Finalmente, definiu critérios de validação, isto é, meios de confirmar o resultado obtido, adequados ao método proposto. No caso do espiritismo, primeiramente empregava a razão, não aceitando como verdadeiro nada que seu raciocínio não pudesse aceitar. Mas, ciente da fragilidade da razão como único método de validação, adaptou o critério de repetição dos experimentos, propondo que um dado conceito fosse emitido por vários espíritos diferentes, através de médiuns distintos. Chamou a isso *concordância universal dos espíritos*, método até hoje pouco entendido no meio espírita:

"Só a concordância lhes pode dar a consagração, pois nisto está o único e verdadeiro controle do ensino dos espíritos. Eis porque estamos longe de aceitar como verdades irrecusáveis tudo quanto ensinam individualmente; um princípio, seja qual for, para nós só adquire autenticidade pela universalidade do ensinamento, isto é, por instruções idênticas, dadas em todos os lugares, por médiuns estranhos uns aos outros, sem sofrer as mesmas influências, notoriamente isentos de obsessões e assistidos por Espíritos esclarecidos". [85]

b) Como ciência filosófica:

A denominação de ciência positiva traz, em seu bojo, alguns problemas. Como chamar de positiva a uma ciência cujo objeto de estudo é algo imponderável e com vontade própria? Kardec sentiu este problema, e, em sua obra, afirma a ciência espírita como uma *ciência filosófica*:

> *"Talvez nos contestem a denominação de ciência, que damos ao espiritismo. Ele não teria, sem dúvida e em nenhum caso, as características de uma ciência exata, e precisamente nisso está o erro dos que pretendem julgar e experimentar como uma análise química ou um problema de matemática; já é bastante que seja uma ciência filosófica. Toda ciência deve basear-se em fatos; mas estes, por si sós, não constituem a ciência; ela nasce da coordenação e da dedução lógica dos fatos: é o conjunto das leis que os regem. Chegou o espiritismo ao estado de ciência? Se se trata de uma ciência acabada, sem dúvida será prematuro responder afirmativamente; mas as observações já são hoje bastante numerosas para permitir pelo menos deduzir os princípios gerais, onde começa a ciência."* [86]

A ciência espírita, então, pode ser caracterizada como uma ciência filosófica na medida que não tem as mesmas características que uma ciência exata. Ao mesmo tempo, diferentemente das ciências exatas, a partir das observações da ciência espírita definem-se não somente as leis que regem determinados fenômenos, mas toda uma cosmovisão. De fato, esta é a grande contribuição nova que o espiritismo trouxe ao mundo: a concatenação dos princípios fundamentais numa visão de mundo distinta, muito mais racional e consoladora que as já existentes.

---

[85] *Idem*, *Revista espírita*. São Paulo: Edicel, [s.d.]. P. 68.
[86] *Idem, ibidem*, janeiro de 1858, p. 2.

Finalmente, a ciência espírita pode ser chamada de filosófica graças à possibilidade intrínseca de levar a uma discussão ética, axiológica e escatológica.

c) Como revelação:

Na parte final de sua obra, Kardec passa a considerar que o espiritismo possui, também, um caráter de revelação. Entendendo este termo a partir de sua raiz etimológica:

> *"**Revelar**, do latim '**revelare**' cuja raiz é '**velum**', véu, significa literalmente **sair de sob o véu**, figuradamente, fazer conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. Em sua acepção vulgar, a mais geral, é empregada no sentido de qualquer coisa ignorada que é esclarecida, de qualquer idéia nova que nos põe a par daquilo que não sabíamos."* [87]

Para Kardec, o caráter essencial de uma revelação é o de uma verdade, uma vez que, não sendo verdadeiro, não se trata de um fato: conseqüentemente, não é uma revelação. Aqui está sendo usado o sentido grego da palavra verdade – *aletheia*, a verdade como des-velamento.

Entendendo-se desta forma, todas as possíveis transmissões de um conhecimento verdadeiro podem ser consideradas revelações. Não só o cientista, que traz ao mundo (revela) leis oriundas de suas pesquisas, mas também o professor, que mostra (revela) a seus alunos algo que eles desconhecem é um revelador. Entretanto, enquanto aquele revela suas próprias descobertas, este último revela algo que aprendeu de outrem. O cientista é, pois, um revelador primário, e o professor, um revelador secundário.

Assim, Kardec entende a própria ciência como uma revelação – a revelação dos mistérios da natureza:

> *"Sob este ponto de vista, todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da Natureza são revelações, e se pode dizer que há para nós uma revelação incessante (...) Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier são reveladores."*. [88]

Kardec diferencia, entretanto, a revelação teológica da científica: enquanto aquela exige uma aceitação absoluta, sem contestação (uma vez que o caráter essencial da revelação divina é o da eterna verdade – e como contestar a verdade eterna?), esta última é obtida pelos homens, a partir de seus estudos e pesquisas – são, assim, passíveis de discussão. A verdade teológica é dogmática; a verdade científica, por racional, não o é.

O espiritismo é, para Kardec, uma revelação científica:

---

[87] *Idem*, *A gênese*. 17ª edição. São Paulo: LAKE, 1994. p 10.
[88] *Idem, ibidem*, p. 10.

> *"O espiritismo, fazendo-nos conhecer o mundo invisível que nos cerca e no meio do qual vivíamos sem o saber, as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam e, por conseguinte, o destino do homem depois da morte, constitui verdadeira revelação, na acepção científica da palavra.".* [89]

Mas, mais que isso, ele participa também da revelação divina, na medida que seu aparecimento foi providencial (obra dos espíritos) e não o resultado da iniciativa e do desígnio premeditado do homem. Reconhece, entretanto, que a elaboração da doutrina é responsabilidade humana:

"Numa palavra, o que caracteriza a revelação espírita é que sua origem é divina, que a iniciativa pertence aos Espíritos e que a sua elaboração é o resultado do trabalho do homem.". [90]

Ainda assim, Kardec relaciona o espiritismo como a terceira das grandes revelações da humanidade. A primeira delas teria sido a de Moisés, que teria revelado ao mundo o conhecimento de um Deus único, soberano Senhor e Criador de todas as coisas, lançando os fundamentos da verdadeira fé. [91] A segunda, a do Cristo, que revelou a vida futura e o destino do homem após a morte; sua pedra angular é a nova visão de Deus, como um pai amoroso. Finalmente, o espiritismo, partindo das palavras de Cristo, desenvolve e explica suas verdades, explicitando aquilo que não poderia ser dito há dois mil anos atrás. É assim, tomando um termo bíblico, o Consolador prometido.

O que diferencia esta terceira revelação das anteriores é que esta tem um caráter coletivo, não estando centralizado em um único revelador. Kardec assim não se arvora em revelador da nova doutrina, mas assume seu papel de cientista: o organizador dos fatos que são revelados pelo mundo espiritual, e o elaborador da filosofia espírita.

O principal caráter que é dado ao espiritismo pelo seu fundador é o progressista: para ele, a doutrina espírita cresce incessantemente com o aumento do conhecimento humano:

> *"Marchando com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro num ponto, modificar-se-á nesse ponto; se uma nova verdade se revelar, aceitá-la-á".* [92]

3. A CIÊNCIA EM CRISE

[89] *Idem, ibidem*, p. 15.
[90] *Idem, ibidem*, p. 15.
[91] *Idem, Ibidem*, p. 19.
[92] *Idem, ibidem*, p. 37.

Se quisermos caracterizar epistemologicamente o espiritismo, e, mais ainda, se o desejarmos uma ciência, temos que primeiramente entender o que quer dizer este conceito. Talvez a primeira causa das grandes divergências que encontramos entre os espíritas seja o uso de um mesmo termo com os mais diversos significados ou, pior ainda, a significação incorreta de muitos termos.

O primeiro conceito que pode ser traduzido como ciência no ocidente vem (como não podia deixar de ser) da filosofia grega. Em grego, ciência é *episteme*, e pode ser entendida como *o conhecimento teórico das coisas por meio de raciocínios, provas e demonstrações, de conceitos necessários e universais* (em oposição a *empeíria*, experiência, que deu origem à palavra empiria).[93]

O primeiro grande filósofo a ter uma episteme é Sócrates. Sua ciência

"(...) visa a encontrar as definições universais e necessárias das coisas, ou a essência universal delas, fazendo desta um conceito, uma idéia da razão." [94]

Já para Aristóteles, toda ciência investiga os princípios, causas e natureza dos seres que são seu objeto de estudo – filosofia e ciência seriam, assim, uma só coisa. Essa idéia (que, a rigor, perdurou até o final do século XIX) continuou durante toda a Idade Média, com as naturais distorções impostas pelo dogmatismo religioso católico. Neste período já apareciam pensadores dispostos a fazerem uma ciência mais empírica, experimental (como, por exemplo, Roberto Grosseteste e Roger Bacon). Ainda que em parte movidas pelas tradições esotéricas da alquimia e da magia, algumas idéias desta época são até hoje evocadas como é o caso do conceito conhecido como *navalha de Ockhan*.[95, 96]

A ciência moderna, nos moldes como a conhecemos hoje, iniciou-se no século XVII, com o advento do renascimento e da Idade Moderna. Seus principais artífices intelectuais, teóricos foram Francis Bacon, na Inglaterra, e René Descartes, na França, e a principal novidade foi a reformulação do método.

Bacon, influenciado pelo espírito de seu tempo, defendia uma aplicação prática da ciência, a serviço do progresso e, em última análise, a serviço do homem. Repetia sempre que "saber é poder" e imaginava a ciência como um meio para que o homem, conhecendo a natureza, viesse a dominá-la. Para isso, segundo ele, a experimentação era imprescindível, e só se podia chegar ao conhecimento verdadeiro através dela.

Descartes, por outro lado, via na razão o método mais seguro para alcançar o conhecimento verdadeiro. Grande sistematizador do método racional,

---

[93] CHAUÍ, M. *Introdução à história da filosofia – dos pré-socráticos a Aristóteles*. Vol. 1. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p 348.

[94] *Idem, ibidem*, p. 145.

[95] Este conceito pode ser expresso pelo axioma: "O que é feito com menos hipóteses é feito inutilmente com mais", isto é, deve-se, em ciência, preferir sempre as explicações mais simples.

[96] TARNAS, R. *A epopéia do pensamento ocidental*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p 222 e 518.

que se opunha ao empirismo de Bacon (uma vez que os sentidos podem enganar-nos, o que nossa razão, desde que com um método seguro, não faz), deu prosseguimento ao embate entre empiria e razão que, pode-se dizer, iniciou-se na Grécia clássica, entre Platão e Aristóteles.

Deve ficar claro ainda que somente esta estrutura teórica não teria sido o bastante para que a ciência pudesse formar-se tal como hoje a conhecemos. Para tanto foi necessário o aparecimento de pesquisadores que, partindo dessas idéias teóricas, dessem vida a conhecimentos que se mostrassem válidos e, principalmente, auxiliassem o homem em seus problemas imediatos (técnica) e mediatos (conhecimento do Universo). No início da ciência, estes pesquisadores foram representados por Galileu Galilei e Isaac Newton, até hoje reconhecidos como dois dos maiores cientistas que o mundo conheceu.

Foi a partir do trabalho destes quatro gênios, e de outros que os sucederam, que o método científico pode vir à tona. É consenso entre os cientistas, apesar de não o ser entre os historiadores e filósofos da ciência, que o método científico é o substrato sem o qual nenhuma ciência é possível.

O método científico ainda hoje vigente (apesar das dificuldades que vem enfrentando desde o início do século XX), chamado de *Newtoniano-Cartesiano*, apresenta, de modo geral, quatro características claramente definidas:

- **A experimentação**, através da qual se pode comprovar ou não as previsões feitas a partir da hipótese básica, e que permite a repetição por qualquer cientista convenientemente aparelhado.
- **A universalidade**, isto é, a confirmação dos experimentos em diversos locais por diversos cientistas.
- **O critério de falseabilidade**, que permite que uma teoria possa ser *falseável*, isto é, que seja possível delinear um experimento no qual, em se tendo uma resposta negativa, a hipótese básica possa ser rejeitada.
- A quantificação**, que permite uma delimitação precisa do "até onde" podemos considerar válida a hipótese. A partir da definição do princípio da incerteza, esta quantificação passou a incluir, necessariamente, *critérios estatísticos*.**

Estas quatro características, que definem estruturalmente aquilo que se conhece como método científico, foram sendo buriladas ao longo do tempo e, no decorrer destes quatro últimos séculos, demonstraram ser suficientemente robustas para que os homens pudessem, com razoável dose de acerto, não só descobrir mais e mais acerca do mundo mas também (e principalmente) ter um meio de verificar a correção de suas descobertas.

O método científico também evoluiu no decorrer do tempo. Seu formato atual pode ser descrito da seguinte forma:

- Descobrimento do problema;
- Colocação precisa do problema;
- Procura de conhecimentos relevantes;
- Tentativas de solução;
- Obtenção de novas idéias ou dados;

- Obtenção de uma solução;
- Investigação das conseqüências da solução;
- Comprovação da solução;
- Correção das hipóteses, teorias e procedimentos.

Toda nossa tecnologia foi assim obtida. O homem atual usufrui muitas benesses e conforto graças à aplicação deste método. Em contrapartida, muitos pensam que grande parte dos problemas da Terra também são originados na aplicação deste método:

> *"A questão crucial é que, como não se fez acompanhar de uma evolução na consciência correlata, o progresso científico-técnico revelou-se incapaz de solucionar o problema básico-humano, transmutando-se mesmo iatrogenicamente, numa enorme e constante ameaça à própria vida da humanidade."*[97]

O processo de obtenção de conhecimentos pelo uso deste método é chamado de indutivismo, pois parte, tal como Bacon e Aristóteles, da observação dos casos particulares para chegar às leis gerais que regem o fenômeno. E, ao contrário do que se poderia supor a partir da robustez deste método, há na história da ciência sérias críticas a ele, praticamente desde sua concepção moderna.

A primeira e principal crítica ao indutivismo foi feita par David Hume, já no século XVIII, e baseia-se na assertiva que o salto teórico da indução não se fundamenta em qualquer certeza teórica ou experimental, mas, simplesmente, na crença pessoal: não se pode ter absoluta certeza que, uma vez que uma dada observação tenha ocorrido um certo número de vezes, ela irá ocorrer novamente. Hume chamou isto de argumento circular da indução: usa-se o próprio método indutivo para justificar a indução como método:

> *"Uma afirmação universal assegurando a validade do princípio de indução é aqui inferida de várias afirmações singulares registrando bem-sucedidas aplicações passadas do princípio. O argumento é portanto indutivo e assim não pode ser usado para justificar o princípio de indução. Não podemos usar a indução para justificar a indução. Esta dificuldade associada à justificação da indução tem sido tradicionalmente chamada de 'o problema da indução'".* [98]

Contemporaneamente, dois outros pensadores reforçaram esta mesma crítica, usando novas argumentações. Um foi Bertrand Russel. Sua principal crítica é que a indução é um processo psicológico, e não lógico, na medida em que, para que ela se concretize, é necessário que se imagine uma certa ordem subjacente, isto é, que a natureza comporte-se segundo uma ordem dada e que bastaria descobrir o padrão desta ordem para encontrar as leis que regem os fenômenos.

---

[97] CREMA, R. *Introdução à visão holística: breve relato de viagem do velho ao novo paradigma*. São Paulo: Summus, 1989. p. 25

[98] CHALMERS, A. F. *O que é ciência afinal?* 1ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 38.

Outro foi o filósofo da ciência Karl Popper. Popper leva as afirmações de Hume ao extremo, e afirma que não há meios racionais de se obter generalizações. Assim sendo, o princípio de indução não se justifica racionalmente, e, portanto, é criticável como método científico.

Estas críticas teóricas ao modo "tradicional" de se fazer ciência, aliadas aos problemas práticos que foram colocados ao paradigma científico vigente a partir da formulação da física moderna fez com que a moderna filosofia da ciência buscasse outros caminhos possíveis.

4. MÉTODO E MÉTODOS: A CIÊNCIA HOJE

Em função das críticas apontadas ao modelo de ciência vigente desde o início da Idade Moderna, uma disciplina começou a tomar corpo durante o decorrer do século XX – a Filosofia da Ciência. Sua proposta, de modo geral, é discutir o estatuto de cientificidade e propor novas alternativas. Ela não é, porém, uma disciplina homogênea – como, de resto, nenhum ramo da filosofia o é. Várias teorias sobre a ciência e sua metodologia foram sendo expostas, a pergunta *"O que é a ciência?"* acabou tomando um caminho significativamente mais complexo, e diversas teorias sobre como se faz ciência vieram à tona[99]:

A que, de alguma forma, parece ter tido uma aceitação mais ampla foi a de Karl Popper. Ele considera que a ciência não tem como buscar a comprovação, isto é, a verificabilidade não é possível. Sua proposta é que uma teoria deve ser considerada científica se for *falsificável*, isto é, se permitir, a partir de experimentação ulterior, que ela possa ser refutada.

Uma outra teoria muito bem aceita foi proposta por Thomas S. Kuhn. Nela, parte-se do princípio que a ciência se faz suportada por estruturas básicas reconhecidas por toda a comunidade científica, sobre as quais constroem-se as diversas hipóteses. Tais estruturas são chamadas *paradigmas*, e definem-se como:

> *"Considero 'paradigmas' as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência".* [100]

Esta seria a *ciência normal*. Quando os fatos que não mais são explicados pelas teorias da ciência normal (chamados *anomalias*) acumulam-se, ocorre uma mudança de paradigma – uma *revolução científica*. O ciclo então recomeça.

Mas há também outras teorias, menos conhecidas que estas, mas tão ou mais interessantes, que mostram todas as imensas possibilidades da atual

---

[99] As explicações sobre as diversas teorias existentes na filosofia da ciência não pretendem ser, sequer, um resumo. Não faz parte do escopo deste trabalho esta explicação. Seu único objetivo é pontuar essas teorias para fundamentar a argumentação posterior e, ao mesmo tempo, estimular o leitor à busca de melhores explicações, que podem ser encontradas na bibliografia recomendada.

[100] KÚHN, T.S. *A estrutura das revoluções científicas*. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1995. Debates 115. p. 13.

filosofia da ciência. Dentre estas, duas se destacam: o *anarquismo metodológico* de Paul Feyerabend e os *programas de pesquisa* de Imre Lakatos.

Feyerabend considera que a posição do positivismo lógico, pensando o conhecimento em sentido antimetafísico com fundamentação empirista, na verdade é um obstáculo ao progresso e impõe uma cristalização dogmática em nome da experiência. A melhor alternativa é o que ele chama de *pluralismo teórico* – construir e usar teorias e métodos alternativos e reciprocamente substitutivos ao invés de um único ponto de vista ou uma única visão e experiência. Em sua obra mais radical, *Contra o método*, Feyerabend afirma:

> *"Esta pluralidade de teorias não deve ser considerada como um estado preliminar do conhecimento, a substituir-se, no futuro, por uma Única Verdadeira Teoria. O pluralismo teórico vem aqui assumido como* ***fator essencial*** *de qualquer conhecimento que se proclame objetivo".*[101]

Já Lakatos, baseado na história dos descobrimentos científicos e na dependência da observação em relação à teoria, propõe que os conceitos obtêm seus sentidos muito mais pelo papel que desempenham numa teoria que pelas experimentações pelas quais passa. A partir daí, Lakatos vai propor um modelo de ciência estruturado a partir de um *núcleo central irredutível*, isto é, uma hipótese teórica muito geral que constitui a base a partir da qual desenvolve-se um *programa de pesquisa*. Tal núcleo é resguardado por um *cinturão protetor* (hipóteses auxiliares explícitas que suplementam o núcleo, entre outras). O núcleo deve ser suplementado para explicar e prever novos fenômenos.

O que se pode perceber é que não há absolutamente consenso sobre aquilo que se entende por ciência. As propostas iniciais e, até certo ponto, ingênuas do indutivismo estrito não são mais a garantia única da cientificidade de uma proposta que se pretenda científica.[102]

Mas alguns conceitos ainda são consensuais na academia. Por exemplo, o que diz que a existência de método é fundamental na formulação científica:

"Todas as ciências caracterizam-se pela utilização de métodos científicos; em contrapartida, nem todos os ramos de estudo que empregam estes métodos são ciências. Dessas afirmações podemos concluir que a utilização de métodos científicos não é da alçada exclusiva da ciência, mas não há ciência sem o emprego de métodos científicos".[103]

---

[101] FEYERABEND, P. Contro il metodo. In ABBAGNANO, N. *Storia della filosofia*. Vol. 8. Milão: TEA, 1993. p. 339. (tradução livre).

[102] Como pode o espiritismo pretender-se ciência se não há um consenso na academia sobre o que é a ciência? Uma forma é o próprio espiritismo redefinir estes conceitos e buscar seu espaço na academia, ainda que seja sob uma forma inteiramente nova. O campo está aberto, e a discussão epistemológica do espiritismo precisa fazer-se sem demora. Isto será melhor discutido na Conclusão.

[103] LAKATOS, E.M. e MARCONI, M. de A. *Metodologia científica*. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1991. P. 39.

Deve-se ter em mente, entretanto, que o método indutivo não é o único existente. Na esteira das diversas teorias sobre a ciência, surgiram outras tantas propostas metódicas. Como exemplo pode-se citar o *método hipotético-dedutivo*, proposto por Popper:

- Conhecimento prévio
- Lacuna, contradição ou problema
- Conjecturas, soluções ou hipóteses
- Falseamento
- Análise dos resultados
- Refutação ou corroboração

Há, também, uma diferença entre o *método* e os *métodos*. Entende-se por método a abordagem mais ampla, em nível de abstração mais elevado, dos fenômenos da natureza e da sociedade. Tem-se assim os *métodos de abordagem*, discriminados em *indutivo, dedutivo, hipotético dedutivo e dialético*. Por sua vez, os *métodos de procedimento* são as etapas mais concretas da investigação. São adequados aos diversos objetos de estudo característicos de cada ciência em particular.

Diversos métodos de procedimento são sistematicamente empregados nas ciências sociais, algumas vezes mais de um em paralelo; por exemplo:

- Método histórico (Boas);
- Método comparativo (Tylor);
- Método monográfico (Le Play);
- Método estatístico (Quetelet);
- Método tipológico (Weber);
- Método funcionalista (Malinowski);
- Método estruturalista (Lévi-Strauss);

5. ESPIRITISMO: REVELAÇÃO OU DESCOBERTA?

Em função de tudo o que foi dito, pode-se retornar à questão central deste trabalho: a caracterização epistemológica básica da doutrina espírita. Será o espiritismo uma revelação, tal como foi proposto por Kardec em *A Gênese*? Ou, apesar de não haver concordância sobre o conceito, poder-se-á chamá-lo de ciência?

Ora, independentemente do que se queira considerar uma revelação, sua principal característica, como já demonstrava Kardec, é a de ser possuidora da Verdade. Não é objeto deste trabalho a discussão sobre o significado de verdade, mas não se pode fugir de uma ligação básica: a verdade deve estar, de alguma forma, ligada ao real, seja ele imanente ou transcendente ao sujeito. Assim, se em um dado instante algo que se imaginava real deixa de o ser, não mais pode ser considerado verdadeiro. Portanto, se este conhecimento se supunha obtido a partir de uma revelação, não o era.

A conseqüência imediata disto é a completa inutilidade da pesquisa sobre conhecimentos revelados. Ou eles são verdadeiros, e nenhuma pesquisa os mudará, ou são passíveis de alteração, e cai por terra sua característica de revelação. Pesquisa e revelação são mutuamente excludentes.

Busca o espiritismo o estatuto de possuidor de uma Verdade eterna, indiscutível, dogmática? **Não, em absoluto!** Mais de uma vez, no decorrer de sua obra, Kardec deixa clara a assunção das teses ali expostas como teorias, provisórias portanto e passíveis de modificações com o avanço do conhecimento humano:

> *"Tudo isto não passa de uma teoria mais racional que a outra. Mas já não é bastante ser uma teoria que a razão e a ciência não contradizem? Além disso, ela é corroborada pelos fatos e tem a sanção da lógica e da experiência".* [104]

Do ponto de vista filosófico, como se pode entender o espiritismo? Ou, por outra, desenvolveu-se ele como contraposição a um dado sistema filosófico prévio? Surgiu como antítese dialética a uma tese anterior? **Novamente, não!** Mesmo quando considerado uma filosofia, a doutrina espírita apresenta-se como uma conseqüência lógica de uma cosmovisão particular, delineada a partir da demonstração empírica da sobrevivência do ser pensante:

> *"Vislumbrei naqueles fenômenos a chave do problema do passado e do futuro da Humanidade, tão confuso e tão controvertido, a solução daquilo que eu havia buscado toda a minha vida".* [105]

O espiritismo não é, então, um continuador das idéias expostas por reveladores anteriores a ele. Não se funda em revelações anteriores para, a partir daí, criar sua própria doutrina. Deriva, quase que inteiramente, dos fatos observados.

Mais ainda. A filosofia espírita não se furta ao debate. Não pretende convencer usando a fé, a crença e nem mesmo o argumento de autoridade. Pretende impor-se, sim, mas pela força da razão. Não possuindo dogmas, ou verdades indiscutíveis, é, em todo seu conjunto, suscetível de ser discutida e criticada.

Tais considerações levam a uma conclusão peremptória: **o espiritismo não é uma revelação**, na acepção usual deste termo. Mas, poderá ser chamado de ciência?

Atualmente, esta é uma afirmação que parece difícil de sustentar-se. O espiritismo hoje não possui programas de pesquisa, não se preocupa com a corroboração de suas teses, não desenvolve conjecturas para confirmação posterior, nem mesmo propõe uma discussão metodológica. Apesar das muitas concepções distintas de ciência existentes, ele não se encaixa em nenhuma delas.

Mas, quando de seu surgimento, apresentava diversas características eminentemente científicas. A principal delas é que é inteiramente baseado em fatos, e sua pesquisa se deu sob a forma do mais puro positivismo: os fenômenos

---

[104] KARDEC, A. *O livro dos médiuns*. 18ª. ed. São Paulo: LAKE, 1994. p. 19.
[105] *Idem*, *Obras Póstumas*. p. 220.

existiam previamente, apresentavam-se a qualquer um que quisesse vê-los, e foi calcada nestes fatos que se desenvolveu a doutrina espírita.

Seu objeto de estudo é o mesmo que, hodiernamente, é pesquisado pelas ciências humanas ou sociais: o ser pensante, em suas diversas manifestações particulares ou coletivas. Às dimensões características dessas ciências, o espiritismo agrega mais uma: a dimensão não-física, o chamado *mundo dos espíritos*.

Finalmente, torna-se claro que, apesar de ainda não efetivamente realizada, a discussão epistemológica do espiritismo pode levar até mesmo ao estabelecimento de um novo paradigma científico, que se poderia chamar de paradigma espírita, de interlocução possível com os paradigmas emergentes do holismo e das formas mais independentes das ciências ditas humanas. Pode-se então dizer que o **espiritismo possui, nitidamente, um caráter científico**.

A conclusão da argumentação é inevitável: **O ESPIRITISMO É UMA DOUTRINA CIENTIFICAMENTE FUNDAMENTADA, DE CUJAS OBSERVAÇÕES INFEREM-SE CONSEQÜÊNCIAS DE CARÁTER EMINENTEMENTE FILOSÓFICO, ESPECIALMENTE NO CAMPO ÉTICO. ASSIM, É DESCOBERTA, NÃO REVELAÇÃO!**

6. CONCLUSÃO

O caminho está aberto. Considerando-se que o caráter do espiritismo é o de uma ciência, e não o de uma revelação, compreende-se a famosa afirmação de Kardec que *se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro num ponto, modificar-se-á nesse ponto*. O espiritismo é uma idéia em construção; é, portanto **atualizável**.

Não se deve insistir na tese da revelação. Os diversos sentidos que se dão a esta palavra só confundem, nada explicam. Esta observação é feita não por espírito de contradição, mas a bem da clareza das idéias. Até porque, para muito poucos, o termo remete a uma explicação tão límpida quanto a de Canuto Abreu:

> *"Mas o 'fato' que dá ao Espiritismo seu caráter 'científico', é o da 'comunicabilidade' dos Espíritos conosco e, não, a Doutrina Espírita em seus princípios fundamentais. Importa pois, na passagem em estudo, não se confundir 'Revelação Espírita' (no sentido científico da palavra 'revelação' com 'Doutrina Espírita' (na acepção extensiva do termo 'doutrina' ou conjunto de princípios fundamentais dum sistema). A 'Revelação Espírita', no passo em estudo, é* causa*, como 'advento'; enquanto 'Doutrina Espírita' é* efeito*, como instrução. Logo: Revelação Espírita é uma coisa e Doutrina Espírita outra coisa. Eis, no meu parecer, a 'dificuldade essencial'".* [106]

O processo de atualização da doutrina espírita, entretanto, não deve ser feito apressadamente, afoitamente. É necessário que exista um método, para que

[106] ABREU, C. *O primeiro Livro dos Espíritos de Allan Kardec 1857*. São Paulo: Ismael, 1957. p. xxiii.

esta atualização seja realmente um programa, e não um mero esforço pontual a ser realizado por alguns "iluminados". O crescimento do espiritismo e sua evolução são uma tarefa a ser feita em conjunto, não apenas por alguns expoentes intelectuais.

A título de contribuição, proponho um possível caminho a ser seguido neste processo:

- Criação de grupos de trabalho transdisciplinares, que incluam várias disciplinas, num ambiente de troca sinérgica dos conhecimentos específicos de cada um;
- Definição de uma linguagem comum, que sirva de substrato no qual a troca dos conhecimentos seja possível;
- Estabelecimento de um (ou mais) métodos e respectivos critérios de validação;
- Delimitação dos campos de pesquisa – não se pode atirar em todos os alvos possíveis;
- Construção de pontes com as demais formas de conhecimento, evitando isolar o espiritismo em seu próprio mundo;
- Realização das pesquisas;
- Relatos das pesquisas e resultados;
- Apresentações e discussões, em fóruns apropriados a este fim;
- Ciclo PDCA, isto é, a realimentação e o reinício de todo o processo.

7. BIBLIOGRAFIA

1. ABREU, C. *O primeiro Livro dos Espíritos de Allan Kardec 1857*. São Paulo: Ismael, 1957. 176 p.
2. ABRANTES, P. (org.) *Epistemologia e cognição.* 1ª ed. Brasília: Editora UnB, 1993. 226 p.
3. ALVES, R. *Filosofia da ciência.* 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. 210 p.
4. ANDERY, M.A. et altrii. *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica.* 7ª ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo: EDUC, 1996. 436 p.
5. BACHELARD, G. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento.* 1ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. 314 p.
6. BELO, F. *Epistemologia do sentido.* 1ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991. 624 p.
7. BOHR, N. *Física atômica e conhecimento humano.* 1ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998. 140 p.
8. BONDI, H. *Conjetura e mito na física.* 2ª ed. Brasília: Editora UnB, 1997. 53 p.

9. CAPRA, F. *O tao da física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental.* São Paulo: Cultrix, [s.d.]. 274 p.
10. CARRILHO, M.M. *A filosofia das ciências – de Bacon a Feyerabend.* 1ª ed. Lisboa: Presença, 1994. 75 p.
11. CHALMERS, A. *A fabricação da ciência.* 1ª ed. São Paulo: UNESP, 1994. 185 p.
12. _____. *O que é ciência, afinal?* 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. 225 p.
13. CHAUÍ, M. *Introdução à história da filosofia – dos pré-socráticos a Aristóteles*. Vol. 1. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 389 p.
14. CHRÉTIEN, C. *A ciência em ação.* 1ª ed. Campinas: Papirus, 1994. 268 p.
15. COSTA, N. C. A. *O conhecimento científico.* São Paulo: Discurso Editorial, 1997. 277 p.
16. CREMA, R. e BRANDÃO, D.M.S. (orgs.). *Visão holística em psicologia e educação.* 2ª ed. São Paulo: Summus, 1991. 195 p.
17. _____. (orgs.). *O novo paradigma holístico: ciência, filosofia, arte e mística.* 2ª ed. São Paulo: Summus, 1991. 160 p.
18. CREMA, R. *Introdução à visão holística.* 3ª ed. São Paulo: Summus, 1989. 133 p.
19. DELACAMPAGNE, C. *História da filosofia no século XX.* 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. 308 p.
20. EPSTEIN, I. *Revoluções científicas.* Col. Ensaios, nº 126. 1ª ed. São Paulo: Ática, 1988. 144 p.
21. ÉVORA, F.R.R. (org.) *Século XIX: o nascimento da ciência contemporânea.* 1ª ed. Campinas: UNICAMP, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, 1992. 439 p.
22. FEYERABEND, P. Contro il metodo. In ABBAGNANO, N. *Storia della filosofia*. Vol. 8. Milão: TEA, 1993. 477 p.
23. _____. *Límites de la ciencia*. Explicación, reducción y empirismo. Barcelona: Paidós, 1989. 155 p.
24. FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.* 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 405 p.
25. FREIRE-MAIA, N. *A ciência por dentro.* 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1990. 262 p.
26. GLEISER, M. *Retalhos cósmicos*. 1ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1999. 193 p.
27. HAWKING, S. *Buracos negros, universos-bebês e outros ensaios.* 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. 144 p.
28. HEISENBERG, W. *Física e filosofia.* 3ª ed. Brasília: Editora da UnB, 1995. 158 p.
29. HENRY, J. *A revolução científica e as origens da ciência moderna.* 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 149 p.
30. HESSEN, J. *Teoria do conhecimento.* 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 177 p.

31. HORGAN, J. *O fim da ciência: uma discussão sobre os limites do conhecimento científico.* 1ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. 363 p.
32. JAPIASSÚ, H. *Psicanálise: ciência ou contraciência?* 2ª ed. Rio de Janeiro: IMAGO, 1998. 264 p.
33. _____. *Introdução ao pensamento epistemológico.* 7ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992. 202 p.
34. _____. *Introdução à epistemologia da psicologia.* 3ª ed. Rio de Janeiro: IMAGO, 1982. 175 p.
35. KARDEC, A. *O livro dos médiuns*. 18ª. ed. São Paulo: LAKE, 1994. 421 p.
36. _____. *Obras póstumas*. 1ª. ed. São Paulo: LAKE, 1975. 326 p.
37. _____. *Revista espírita*. 12 vols. São Paulo: Edicel, [s.d.].
38. _____. *A gênese*. 17ª edição. São Paulo: LAKE, 1994. 400 p.
39. KUHN, T.S. *A estrutura das revoluções científicas.* 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. 257 p.
40. LAKATOS, E.M. e MARCONI, M.A. *Metodologia científica.* 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1991. 249 p.
41. LAKATOS, I. *Pruebas y refutaciones*. 1ª Ed. Madrid: Alianza, 1978. 197 p.
42. _____. *História da ciência e suas reconstruções racionais*. Lisboa: Edições 70, 1978. 175 p.
43. LEITE, M. da C. et altrii. *Pensar a ciência – colóquio para professores de Filosofia realizado na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa em setembro de 1984.* 1ª ed. Lisboa: Gradiva, 1988. 169 p.
44. LEX, A. *Pureza doutrinária.* 1ª ed. São Paulo: FEESP, 1988. 100 p.
45. LOSE, J. *Introdução Histórica à filosofia da ciência*. Col. O homem e a ciência, vol. 5. 1ª ed. São Paulo: EDUSP, 1979. 229 p.
46. LUNGARZO, C. *O que é ciência.* Coleção primeiros passos nº 220. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 87 p.
47. LUZ, M. T. *Natural, racional, social: razão médica e racionalidade científica moderna.* 1ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1988. 152 p.
48. MOLES, A.A. *As ciências do impreciso.* 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. 371 p.
49. O'HEAR, A. (org.) *Karl Popper, filosofia e problemas.* 1ª ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. 352 p.
50. OLIVA, A. (org.) *Epistemologia: a cientificidade em questão.* 1ª ed. Campinas: Papirus, 1990. 225 p.
51. OMNÈS, R. *Filosofia da ciência contemporânea.* 1ª ed. São Paulo: UNESP, 1996. 319 p.
52. PEREIRA, O. *O que é teoria.* Coleção primeiros passos nº 59. 10ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 91 p.
53. PESSIS-PASTERNAK, G. *Do caos à inteligência artificial.* 1ª ed. São Paulo: UNESP, 1993. 259 p.
54. POPPER, K. *A lógica da pesquisa científica.* 6ª ed. São Paulo: Cultrix, 1996. 567 p.

55. _____. *Poscritto alla logica della scoperta scientífica.* 1ª ed. Milão: Il. Saggiatore, 1994. 429 p.
56. _____. e LORENZ, K. *O futuro está aberto.* 2ª ed. Lisboa: Fragmentos, [s.d.]. 118 p.
57. SAGAN, C. *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro.* 1ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. 442 p.
58. SAINT-SERIN, B. *A razão no século XX.* 1ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Editora UnB, 1998. 256 p.
59. SÃO MARCOS, M. P. *Filosofia Espírita – tomo II*. 1ª ed. São Paulo: FEESP, 1997. 139 p.
60. SCHLICK, M., CARNAP, R. e POPPER, K. *Coletânea de textos.* Col. Os Pensadores. 1ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1975. 403 p.
61. SOKAL, A. e BRICMONT, J. *Imposturas intelectuais – o abuso da ciência pelos filósofos pós-modernos.* 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. 316 p.
62. TARNAS, R. *A epopéia do pensamento ocidental*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 586 p.
63. THUILLER, P. *De Arquimedes a Einstein: a face oculta da invenção científica.* 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 257 p.
64. TINOCO, C.A. *Parapsicologia e ciência: origens e limites do conhecimento parapsicológico.* 1ª ed. São Paulo: IBRASA, 1993. 188 p.
65. WEIL, P., DÁMBROSIO, U. e CREMA, R. *Rumo à nova transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento.* 2ª ed. São Paulo: Summus, 1993. 175 p.
66. WEIL, P. et altrii. *Mística e ciência.* 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991. 122 p.
67. WEINBERG, S. *Sonhos de uma teoria final: a busca das leis fundamentais da natureza.* 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. 246 p.

(*) Engenheiro químico, especialista em gestão da qualidade, delegado da CEPA em Santos-SP, membro do CPDoc-Centro de Pesquisa e Documentação Espírita, ex-Presidente e atual Diretor de Pesquisas do Centro Espírita Allan Kardec, de Santos-SP.

A DOUTRINA DOS ESPÍRITOS: CONSTRUÇÃO DE ALLAN KARDEC

Sandra Jacqueline Stoll (*)
Curitiba-PR, Brasil

Na história do pensamento ocidental o século XIX figura como um período decisivo de enfrentamento entre duas formas de representação de mundo: a religiosa e a científica. A hegemonia da segunda não se impôs, porém, sem resistências seja por parte da Igreja Católica, seja por parte de novos movimentos, os quais agrupados em torno do rótulo do "espiritualismo" investiram criticamente contra as conquistas materiais e filosóficas da modernidade. Nesse contexto é que o Espiritismo de Allan Kardec ganha relevância: embora inserindo-se no campo doutrinário, reivindica para si o estatuto de ciência. Procedimentos de caráter experimental e a discussão de um dos principais temas em voga no campo científico - a questão da evolução - colocaram-no no cerne do debate da época. Evidenciar esse caráter contextual da doutrina espírita e a participação de Allan Kardec na construção desta constituem os objetivos deste trabalho.

Para tanto sugiro uma incursão comparativa em torno de dois livros que levam a assinatura de Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos*, cuja primeira edição data de 1857, e *A Gênese*, publicado em 1868. Escolha que se justifica pelo fato de nestas obras se poder observar mais claramente como Allan Kardec inscreve o texto "dos espíritos" no contexto do debate da época. Trata-se, portanto, de demonstrar como foram por ele construídas as relações entre a doutrina espírita e a ciência tomando-se como mote o tema da evolução.

VERSÕES DE UMA MESMA TEORIA

> "*Procedi com os espíritos como teria feito com os homens*: [...] *observar, comparar, julgar, essa foi a regra invariável que me impus*" (...). *Apliquei* [...] *o método experimental, não aceitando teorias preconcebidas. Observava atentamente, comparava e deduzia as conseqüências; dos efeitos procurava elevar-me às causas, pela dedução e encadeamento dos fatos* [...] *Foi assim que procedi,* (*como*) *em meus trabalhos anteriores*" (Kardec [1890]1995:205 e 204)

A citação acima, de Allan Kardec, explicita o procedimento adotado pelo autor no tratamento dos dados fornecidos "pelos espíritos". Depois de dois anos

o material coletado já assumira, segundo ele, a proporção de um livro.[107] Sistematizado e organizado por temas, sob a forma de perguntas e respostas, *O Livro dos Espíritos*, foi publicado em 1857. Allan Kardec alega que a sua participação na elaboração deste se resume à apresentação formal dos dados: "[...] *foi da comparação e da fusão de todas as respostas", coordenadas e classificadas* (*por temas*) *que surgiu o formato dessa publicação*"([1890]1995:206). Na introdução do seu primeiro livro, descreve-se o procedimento adotado com mais detalhes: "*Nada contém* (esse livro) *que não seja a expressão do pensamento* (dos espíritos) *e que não tenha por eles sido examinado. Só a ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação*" resultam de criação sua ([1857]1997: 49).

Não é, porém, o que se constata relendo suas principais obras. Estas evidenciam que a participação de Allan Kardec na elaboração da doutrina espírita foi muito mais extensa e significativa. A abertura d'*O Livro dos Espíritos* deixa claro, por exemplo, que o nome *Espiritismo* é uma escolha de Kardec[108]. Esta escolha, no entanto, não apenas normatiza relações preexistentes. Por meio desse ato semântico, o Espiritismo se destaca do *Espiritualismo* moderno sem, contudo, constituir um movimento independente, o que lhe permite reivindicar, de um lado, parceria; de outro, a definição de uma identidade própria.

O Espiritismo se apresenta como sendo, ao mesmo tempo, uma ciência, uma filosofia e uma doutrina. Esse perfil, no entanto, como se pretende aqui demonstrar, não lhe foi atribuído "pelos espíritos" e, sim, por Allan Kardec. É o que deixa transparecer a leitura das obras que constituem o "pentateuco",[109]

---

[107] Além dos dados colhidos diretamente, por meio da participação pessoal de sessões mediúnicas, Allan Kardec fez uso de material transcrito em cinqüenta cadernos, contendo o registro de cinco anos de "comunicações diversas". Esse material lhe foi entregue por freqüentadores de sessões mediúnicas para que se promovesse a sistematização das informações. Este foi, segundo Henri Sausse, o ponto de partida de suas pesquisas junto "aos espíritos" (Kardec [1859] 1983: 18).

[108] Na Introdução *d'O Livro dos Espíritos* lê-se: "*Para designar coisas novas são precisos termos novos*[...] *Os termos espiritual, espiritualista e espiritualismo têm uma significação bem definida;* [...] *O espiritualismo é o oposto do materialismo; quem quer que acredite haver em si mesmo alguma coisa além da matéria é espiritualista; mas não segue daí que creia na existência dos espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível* [...] *Diremos, pois, que a doutrina espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os espíritos ou seres do mundo invisível*" (Kardec[1857] 1995:13).

[109] A exemplo da Bíblia, constituída de cinco Evangelhos, dos vários livros escritos por Allan Kardec se destacam cinco obras, tidas como a base da doutrina, sendo por isso designadas como o "pentateuco" espírita. São elas: *O Livro dos Espíritos* (1857), que

denominação dada aos livros que compõem a base doutrinária do Espiritismo. Nestas o que se observa é que as mensagens atribuídas "aos espíritos" não conformam, por si mesmas, um *corpus* doutrinário, isto é, um sistema articulado de pensamento. O que se deve, em larga medida, ao modo como a doutrina foi constituída. Como salienta o próprio Kardec, as informações por ele coligidas provêm de espíritos diversos, que lhe foram repassadas por intermédio de vários médiuns.[110] Esse consórcio de vários personagens, vivos e mortos, com vistas à produção de um consenso com relação a certos temas, funda os preceitos doutrinários do Espiritismo na experiência individual, portanto, fragmentária. As estratégias adotadas por Allan Kardec, seja na compilação dos dados, seja na apresentação textual destes, têm basicamente o intuito de dar-lhes unidade. Como ele próprio declara, "[...] *incumbe ao observador formar o conjunto*, *colecionando e conferindo* [...] *documentos que tenha recolhido*" (Kardec [1890]1995: 205; destaque meu). A leitura mais sistemática de suas obras revela, no entanto, que a comparação, compilação e organização temática das informações coletadas não resume o seu trabalho, como ele próprio sugere. Essas foram as estratégias adotadas no tratamento dos dados. Mas, o que efetivamente dá organicidade aos textos é a discussão que se faz dos dados fragmentariamente apresentados. E esta não é realizada "pelos espíritos" e, sim, por Kardec. N'*O Livro dos Espíritos*, por exemplo, ao final de certos capítulos, ele insere algumas páginas que sintetizam as idéias apresentadas. Constituindo quase um texto à parte, Allan Kardec retoma os temas propostos, discutindo-os a partir daqueles que eram os referenciais do debate da época: a tradição bíblica, de um lado; as descobertas científicas da época, de outro.

N'*O Livro dos Espíritos*, a sua obra inaugural, a idéia de Deus e a formação do universo são os temas de abertura. Ao contrário, porém, de outras cosmogonias descritas em livros religiosos, o que se lê n'*O Livro dos Espíritos* não é o relato de um mito de origem. Também não se trata de uma "revelação" divina a um mensageiro qualificado, seja ele um messias ou um profeta.[111] Já às

---

introduz os temas básicos da doutrina; *O Livro dos Médiuns* (1861), que descreve, classifica e normatiza a prática mediúnica; *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), que retoma os Evangelhos visando fundamentar os temas doutrinários espíritas como a tese da imortalidade da alma, da reencarnação etc.; *O Céu e o Inferno* (1865), discute as noções cristãs do destino pós-morte e apresenta depoimentos "dos espíritos" sobre o "momento de passagem" e a vida na "erraticidade"; *A Gênese* (1868), retoma o tema das origens do Universo, da Terra e do homem e os analisa à luz da doutrina espírita.

[110] Lê-se em *Obras Póstumas* a respeito o que segue: "[...] sempre que se me oferecia ocasião, aproveitava para propor perguntas que me pareciam espinhosas. Foi assim que *mais de dez médiuns* prestaram a sua assistência ao trabalho"(Kardec[1890]1995:204; destaque meu).

[111] Allan Kardec afirma em *A Gênese* que as comunicações "dos espíritos" ocorreram "com permissão divina". Razão pela qual considera a doutrina espírita como "divina na origem", embora "de iniciativa dos espíritos" ([1868]1982:20).

primeiras páginas o leitor se defronta com uma seqüência de perguntas e respostas. "*Que é Deus?*", solicita a primeira. Resposta: "*Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas*". Pergunta 4: "*Onde se pode encontrar a prova de sua existência*?" Resposta: "*Num axioma que aplicas às vossas ciências. Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e vossa razão responderá*". Pergunta 37: "*O Universo foi criado, ou existe de toda a eternidade, como Deus*?" Resposta: "*É fora de dúvida que ele não pode ter feito a si mesmo. Se existisse, como Deus, de toda a eternidade, não seria obra de Deus*". Pergunta 38: "*Como Deus criou o Universo*?" Resposta: "[...] *pela sua Vontade. Nada caracteriza melhor essa vontade onipotente do que estas belas palavras da Gênese – "Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita*". Pergunta 43: "*Quando a Terra começou a ser povoada*?" Resposta: "*No começo tudo era caos; os elementos estavam em confusão. Pouco a pouco cada coisa tomou o seu lugar. Apareceram então os seres vivos apropriados ao estado do globo*". Pergunta 50: "*A espécie humana começou por um único homem*?" Resposta: "*Não, aquele a quem chamais de Adão não foi o primeiro, nem ó único na Terra*". Pergunta 53: "*O homem surgiu em muitos pontos do globo*?" Resposta: "*Sim e em épocas várias, o que também constitui uma das causas da diversidade das raças. Depois, dispersando-se os homens por climas diversos e aliando-se os de uma a outras raças, novos tipos se formaram*". Continuação da mesma pergunta: "*Estas diferenças constituem espécies distintas*?". Resposta: "*Certamente que não; são todos de uma mesma família. Porventura as múltiplas variedades de um mesmo fruto são motivo para que deixem de formar uma mesma espécie*?"(Kardec [1857]1995: 51,52,64, 65, 67 e 68).

O modo formal e "objetivo" de formulação das perguntas, bem como a impessoalização e generalização das respostas não deixa dúvidas quanto à inspiração de Allan Kardec nos moldes positivistas da prática científica da época. Esta, porém, serviu-lhe mais do que como modelo de investigação. As teorias, ou melhor, certas correntes do pensamento científico da época foram por ele apropriadas como critério de validação das informações "dos espíritos". Um dos melhores exemplos é um texto de sua autoria, de três páginas, inserido ao final do terceiro capítulo d'*O Livro dos Espíritos,* com o seguinte título: *Considerações e Concordâncias Bíblicas concernentes à Criação*. Neste, Allan Kardec discute o mito de Adão e Eva, respaldado nas descobertas recentes da Geologia e da Arqueologia, duas disciplinas então récem-criadas, que revolucionaram os conhecimentos da época com relação à história da humanidade. Allan Kardec se manifesta a propósito do tema nos seguintes termos:

> *Diz a Bíblia que o mundo foi criado em seis dias e (define) a época de sua criação há quatro mil anos, mais ou menos, antes da era cristã* [...] *a ciência* [...] *prova o contrário. A história da formação do globo terráqueo está escrita em caracteres irrecusáveis no mundo fóssil, achando-se provado que os seis dias da criação indicam tantos outros períodos, cada um de, talvez, muitas centenas de milhares de anos* [...] *Dever-se-ia daí*

> *concluir que a Bíblia é um erro? Não. A conclusão a tirar-se é que os homens se equivocaram ao interpretá-la* [...] *em vez de executada milagrosamente por Deus em algumas horas, se realizou, sempre pela sua vontade, mas* (conforme) *as leis da Natureza, em alguns milhões de anos* ([1857]1997: 70-71).

O confronto da tradição bíblica com as recentes descobertas científicas é uma perspectiva de reflexão que define o cenário cultural da época. A citação acima evidencia o engajamento de Allan Kardec no contexto desse debate. A sua posição difere radicalmente, porém, da postura assumida então pela Igreja Católica. Ao contrário desta, Allan Kardec não refuta as descobertas científicas:

> *Contra a evidência não há raciocínios possíveis*, diz ele. *Pode dar-se que, de um momento para outro, se adquira a certeza material da anterioridade da raça humana* [...] *desde que se achem vestígios da existência do homem antes da grande catástrofe* (o Dilúvio), *provado ficará, ou que Adão não foi o primeiro homem, ou que sua criação se perde na noite dos tempos* [...] *Forçoso será aceitar-se esse fato, como se* (aceitou) *o do movimento da Terra* [...] ([1857]1997: 72).

Kardec não descarta, contudo, a idéia da Criação, sustentada pela tradição bíblica. Busca, portanto, por uma posição conciliatória, que pode ser resumida da seguinte forma: ele mantém a idéia da criação divina do homem, porém, incorporando a possibilidade de se repensar a *datação de sua origem*. Postura que, como ele próprio explicita, não implica o questionamento da autoridade da Bíblia e, sim, da sua interpretação. Ou seja, no que se refere às origens do universo e da humanidade, o texto bíblico, segundo ele, deve ser lido como metáfora. Argumenta nesse sentido: "[...] *Muitas descobertas já fizeram surgir dúvidas a tal respeito. Pode dar-se que, de um momento para outro, se adquira a certeza material da anterioridade da raça humana e então se reconhecerá, a esse propósito*, [...] (que) *o texto bíblico encerra uma figura*". Ou seja, "*os seis dias da Criação indicam* [...] *períodos, cada um de, talvez, muitas centenas de milhares de anos*" (*idem*:71-72).[112]

A publicação d'*O Livro dos Espíritos* (1857) antecede em dois anos o lançamento da obra que viria consolidar o novo paradigma científico da época, *A Origem das Espécies*, de Darwin. Portanto, nesse primeiro livro de Allan Kardec, a idéia de uma origem comum a todas as raças humanas, defendida pelos monogenistas, não se coloca. A hipótese soava absurda:

> [...] *o exame fisiológico demonstra haver, entre certas raças, diferenças constitucionais mais profundas do que as que o clima é capaz de determinar. O cruzamento das raças dá origem aos tipos intermediários* [...] *mas não os cria; apenas produz variedades*. *Ora, para que tenha*

[112] Esse mesmo argumento é reiterado num livro posterior, *A Gênese* (cap.XI).

havido cruzamento de raças, preciso era que houvesse raças distintas. Como, porém, se explicará a existência delas, atribuindo-se-lhes uma origem comum e, sobretudo, tão pouco afastada? Como há de se admitir que, em poucos séculos, alguns descendentes de Noé se tenham transformado a ponto de produzirem a raça etíope, por exemplo? Tampouco admissível é semelhante metamorfose, como a hipótese de uma origem comum para o lobo e o cordeiro [...] *Tudo, ao invés, se explica, admitindo-se: que a existência do homem é anterior à época em que* [...] *se pretende que ela começou; que diversas são as suas origens* [...]" (Kardec [1857]1995: 72 e 73).

O argumento de Kardec reproduz a visão científica dominante à época. Entre 1850 e 1870 a *poligenia* era a tese que predominava nos círculos científicos da Europa e América (Leach,1982:68) Essa corrente do pensamento evolucionista do século XIX reunia os pensadores que, fiéis à versão bíblica, acreditavam que a humanidade tinha se originado de uma fonte comum. Daí a possibilidade de se pensá-la como una. Porém, as diferenças físicas existentes entre as raças humanas, adaptadas a climas e meio-ambientes diversos, eram tidas como indício de criação independente.

Por permanecer fortemente arraigada à versão bíblica, a concepção poligenista não teve tantos detratores, tendo sido incorporada inclusive por algumas doutrinas religiosas da modernidade, dentre elas o Espiritismo. Endosso que se justifica pela possibilidade que essa teoria oferecia de se conciliar a idéia da Criação com o tema da evolução, então em pauta. N'*O Livro dos Espíritos,* como já sinalizado, essa tese é apresentada nos primeiros capítulos da obra. Mas não apenas nestes. Quase ao final do livro, a pergunta 690 retoma o tema: "*Do ponto de vista físico são de criação especial os corpos da raça atual, ou procedem de corpos primitivos, mediante a reprodução*?" Resposta: "*A origem das raças se perde na noite dos tempos. Mas como todas pertencem à unidade da família humana, qualquer que tenha sido o tronco de cada uma, elas puderam aliar-se entre si e produzir tipos novos*" (*idem*:333).

A publicação em 1859 do livro de Darwin, *A Origem das Espécies*, veio consolidar a tese oposta, a *monogenia*, concepção que postula não apenas a unidade da espécie, mas, também, a origem comum de todas as raças humanas. "O impacto da publicação dessa obra foi tal que a teoria de Darwin passou a constituir uma espécie de paradigma da época, diluindo antigas disputas", afirma Schwarcz (1993: 54). Refere-se à autora ao campo científico. No campo religioso a adoção das novas idéias também ocorreu, porém, implicando em diferentes modos de acomodação. No Espiritismo, por exemplo, observam-se algumas mudanças na postura de Allan Kardec com relação ao tema. N'*O Livro dos Espíritos*, como se viu acima, a idéia da humanidade como criação divina é reafirmada, porém, a idéia de uma origem comum das raças apresenta-se-lhe como inconcebível. Em *A Gênese* (1868), volume publicado nove anos depois do lançamento de *A Origem das Espécies*, Kardec retoma a discussão sobre o tema, reproduzindo em parte a estrutura temática do primeiro livro. Neste último,

contudo, dedica maior espaço à apresentação das recentes informações científicas relativas às origens do universo e da humanidade. Diante destas, modifica-se a sua posição pessoal com relação à certas idéias sustentadas no primeiro livro. Ocorre, portanto, uma atualização de certos pressupostos da doutrina espírita em razão da incorporação de idéias que traduziam o pensamento das novas correntes que vinham conquistando hegemonia no campo científico. Esse trabalho de revisão da doutrina é de Allan Kardec: é ele quem acompanha de perto o debate em torno das descobertas científicas da época, no intuito de promover a atualização da doutrina "dos espíritos". Posição que defende de forma explícita na medida em que constantemente, nas suas obras, afirma ter a pretensão de manter o Espiritismo aberto às novas descobertas científicas. Nesse livro, *A Gênese*, sua manifestação nesse sentido é das mais enfáticas: "*Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado*", diz ele, "*porque se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará*" ([1868]1982:44-45).

A acomodação ao novo paradigma não se afigurava, porém, tão fácil. As novas teorias da evolução exigiam a renúncia à idéia da origem divina do universo, bem como ao lugar especial que se atribuía ao homem na Criação. Segundo o novo paradigma, a humanidade, como as demais espécies animais, tinha as suas origens e evolução regidas pelas leis da Natureza. Allan Kardec apresenta sucintamente essa idéia às primeiras páginas desse seu livro, *A Gênese*: "[...] a Ciência moderna", diz ele, "de observação em observação, chegou à concepção *de um só elemento gerador* de todas as transformações da matéria"([1868]1982:22; grifo no original). Essa idéia aparece com mais ênfase num capítulo dedicado especificamente ao tema das origens da humanidade. Neste lê-se o que segue: "[...] *Acompanhando-se passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior. Visto que são idênticas às dos outros corpos as condições do corpo do homem, química e constitucionalmente; visto que ele nasce, vive e morre da mesma maneira* (que aqueles), *também nas mesmas condições que os outros se há ele de ter formado*" (*idem*: 204; grifo no original).

Sua reticência ao novo paradigma se explicita algumas páginas adiante. Referindo-se à hipótese da origem animal do homem, Allan Kardec afirma: "*Da semelhança que há, de formas exteriores entre o corpo do homem e do macaco, concluíram alguns fisiologistas que o primeiro é apenas uma transformação do segundo. Nada há aí de impossível* [...] *Fique bem entendido* (contudo*) que aqui se trata unicamente de uma hipótese*" [...] (*idem*: 212).

Kardec trabalha, porém, com a plausibilidade dessa hipótese. Em *A Gênese*, repensa a história da humanidade, descartando, finalmente, a idéia da Criação. O surgimento do homem na Terra, como pretendiam as correntes evolucionistas hegemônicas à época, aparece neste livro descrito como um *fenômeno natural*: "[...] *tem o homem de se resignar a não ver no seu corpo material mais do que o último anel da animalidade na Terra. Aí está o*

inexorável argumento dos fatos, contra o qual seria inútil protestar"([1868]1982: 204; grifo no original).

Mas não são todos os pressupostos das novas teorias evolucionistas que Allan Kardec efetivamente endossa. Sua reticência se manifesta explicitamente com relação à questão da origem das raças humanas. Como explicitam as citações acima, da versão monogenista, ele endossa a hipótese de que estas possam ter tido uma *origem natural.* Mas, não única. O seu comentário é explícito nesse sentido: "[...] *Do ponto de vista fisiológico, algumas raças apresentam característicos tipos peculiares, que não permitem se lhes assinale uma origem comum. Há diferenças que evidentemente não são simples efeitos do clima, pois que os brancos que se reproduzem nos países dos negros não se tornam negros* e (vice-versa) [...]" ([1868]1982: 227). Donde conclui:

> *Há-se, pois, de considerar que as raças negras, mongólicas, caucásicas como tendo origem própria, como tendo nascido simultânea ou sucessivamente em diversas partes do globo* [...] *Os caracteres fisiológicos das raças primitivas constituem indício evidente de que elas procedem de tipos especiais. As mesmas considerações se aplicam, por conseguinte, assim aos homens como aos animais, no que concerne à pluralidade dos troncos* (*idem*:227)

Essa idéia de uma origem diferencial das raças humanas é própria da versão poligenista. Portanto, o que Allan Kardec sustenta é uma combinação de idéias que se sedimentam em versões concorrentes do evolucionismo: de um lado, defende a tese corrente entre os *monogenistas* de que a humanidade teria uma origem única (a princípio divina; depois natural); de outro, mantém o argumento dos *poligenistas*, quanto à pluralidade de origem das raças que conformam o gênero humano.

Essa síntese produzida por Allan Kardec particulariza a versão espírita do tema, inserindo-o, de forma particular, no contexto do debate da época. Essa discussão, no entanto, é no conjunto da doutrina acessória. Mas serve como parâmetro para se problematizar, nos mesmos moldes, a origem e a evolução dos espíritos, questões que introduzem a temática doutrinária propriamente dita: o destino pós-morte, a reencarnação e a vida "na erraticidade". São esses os temas tratados nos demais capítulos d'*O Livro dos Espíritos*. Apresentados da mesma forma, por meio de perguntas e respostas, em torno destes temas Allan Kardec também tece considerações, nem sempre pontuais. Em textos curtos, inseridos ao final de alguns capítulos, comenta e contrapõe as idéias apresentadas "pelos espíritos" à tradição bíblica e outros sistemas religiosos (a teosofia, a magia, o xamanismo, etc).[113] O diálogo com a ciência nestes também é uma constante. Da

[113] Sobre os temas propriamente doutrinários encontra-se ao longo de todo *O Livro dos Espíritos* comentários pontuais do autor. No final de alguns capítulos, porém, há textos mais longos, de sua autoria. Dentre eles se destacam: "Hierarquização dos Espíritos"; "Materialismo"; "Considerações sobre a Pluralidade das Existências"; "Ensaio Teórico da

perspectiva temática, a questão comum que se apresenta é a evolução. O Espiritismo entende o "progresso espiritual" como condição inerente à natureza humana: "[...] Deus criou todos os espíritos simples e ignorantes [...] (a fim) de os fazer chegar progressivamente à perfeição".[114] Definição que remete à idéia de destino comum. Em *A Gênese* a formulação nesse sentido é clara: "[...] *todas* (as almas) *têm o mesmo destino e alcançarão a mesma meta* [...]".[115] A linearidade é, portanto, outra de suas características: "[...] *todos se tornarão perfeitos*", dado que *"[...] a marcha dos espíritos é* (sempre) *progressiva, jamais retrograda*".[116] Essa concepção do processo de evolução como uma lei remete à formulação das ciências naturais. No entanto, o Espiritismo se distancia destas na medida que sujeita o funcionamento do processo da evolução ao exercício do livre arbítrio: "[...] *o homem se desenvolve por si mesmo, naturalmente. Mas, nem todos progridem simultaneamente e do mesmo modo*".[117] A tensão entre essas duas forças é, portanto, o que define a concepção espírita da evolução – um processo nico, porém, desigual – , idéia que reproduz, apesar do modo particular de construção, a visão que postulavam as correntes dominantes do pensamento científico da época.

O que singulariza o Espiritismo nesse momento, portanto, é o modo como se produziu a acomodação das informações "dos espíritos" a idéias, modelos e princípios que têm origem em outro campo – o da ciência. Essa articulação foi sendo construída por Allan Kardec em meio ao processo de coleta das informações "dos espíritos" e do desenrolar do embate entre correntes diversas do pensamento científico.

> Esse movimento, essa construtividade da doutrina que aflora de uma leitura comparativa das obras mencionadas, evidencia que a participação de Allan Kardec na constituição da doutrina é muito mais extensa do ele próprio sugere. Não diríamos, portanto, como é de senso comum, que ele é apenas o codificador da doutrina. O estatuto de ciência que se atribui ao Espiritismo é uma criação sua. Portanto, uma interpretação pessoal. Essa sua interpretação, porém, foi assumida como inerente à manifestação "dos espíritos", dando origem ao mito de que o Espiritismo seria, na sua versão original, efetivamente científico.

Sensação nos Espíritos"; "Resumo Teórico do Sonambulismo, do Êxtase, da Dupla Vista" e o "Resumo Teórico do Móvel das Ações Humanas" (Kardec [1857]1997).

[114] Kardec – *O Livro dos Espíritos*, p.95.

[115] Kardec – *A Gênese*, p.29.

[116] Kardec – *O Livro dos Espíritos*, p.131.

[117] *Idem, ibidem*: p.363.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KARDEC, Allan - *O Livro dos Espíritos*. São Paulo: LAKE, [1857]1996.
_____ *A Gênese.* Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, [1868]1982.
_____ *Obras Póstumas.* São Paulo: LAKE, [1890]1995.
_____ *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, [1859]1993.

LEACH, Edmund - "Selvagens e civilizados: uma espécie ou muitas?" In: *A Diversidade da Antropologia*. Lisboa, Edições 70, 1982.

SCHWARCZ, Lilia - *O Espetáculo das Raças.* São Paulo: Cia das Letras, 1993.

(*) Professora universitária da Universidade Federal do Paraná, doutoranda, seu contato com o Espiritismo ocorreu em função do preparo de sua tese de doutorado.

TEORIAS DA COMUNICAÇÃO E PROCESSOS COMUNICATIVOS COMO INSTRUMENTOS DE ATUALIZAÇÃO DO ESPIRITISMO

Wilson Garcia (*)
São Paulo-SP, Brasil

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho temos por objetivo discutir a percepção do conhecimento espírita a partir da perspectiva da comunicação, considerando como relevante a idéia do Espiritismo como uma ruptura no plano da espiritualidade humana e a ruptura em si mesma como uma visão capaz de aprofundar a formação de uma consciência espírita. Em vista disso, adotamos como premissas básicas que: 1 – os caminhos da percepção da doutrina espírita passam pela visão do Espiritismo como uma ruptura cultural; 2 – a consciência espírita é uma conseqüência da percepção da doutrina.

2. FATORES QUE EXPLICITAM A ADESÃO À CULTURA DE MASSA E SE OPÕEM À PROPOSTA KARDEQUIANA DE POPULARIZAÇÃO

Não há como deixar de constatar que o Espiritismo, como um movimento inserido no contexto da sociedade brasileira, acha-se nos dias atuais definitivamente vinculado à cultura de massa e, por conseqüência, em estreita ligação com a indústria cultural. Daí porque estabelecer juízo de valor sobre essa realidade torna-se um imperativo decorrente de qualquer estudo que venha a ser tentado no sentido de verificar a consistência dessa realidade. O estudo, contudo, não pode deter-se em atitudes comprometidas com juízos preestabelecidos e nem pode perder-se em generalidades que em nada colaboram para apontar rumos e possíveis soluções para problemas que são, em si mesmos, decorrentes da própria ambigüidade que se apresenta. Conhecer as razões pelas quais se construíram os caminhos implica em saber também sobre que perspectivas a atualidade do Espiritismo se assenta. Um conhecimento dessa ordem, contudo, se é possível alcançar, demandará um esforço de análise extremamente complexo, de tal ordem que nos parece de início impensável. Contudo, não é menos verdadeiro que é perfeitamente alcançável um nível de saber que possibilite pelo menos teorizar com uma certa consistência, tendo por base dados intuitivos que se somam a outros oriundos de informações já disponibilizadas.

Trabalha-se hoje no Espiritismo com quantidades. Milhões de adeptos passou a significar um valor cuja mensuração, se não alcança os níveis qualitativos em termos culturais, compreende pelo menos uma possibilidade muito expressiva de realizações em diversos outros níveis. O matemático, por exemplo: milhões de adeptos implica milhares de centros espíritas, milhares de

títulos de livros, centenas de editoras, dezenas de federações, multiplicidade de cursos, inumeráveis palestras e assim por diante. Não que os números em si signifiquem um mal, mas que são significativos para o tipo de abordagem que pretendemos desenvolver. Para atender a esses números cada vez maiores parece que será preciso uma outra quantidade de números também crescente, dentro de uma organização por si mesma desorganizada para esse fim. Ou seja, a instituição espírita conhecida por "movimento" jamais foi pensada em nível de estruturação para um atendimento massivo eficiente, e parece mesmo que não comporta essa eficiência na razão direta de que não se pode ser eficiente quando se deseja massificar o conhecimento em toda a sua complexidade.

O panorama do Espiritismo atual permite que se observe a existência de uma relação de fatores que sugerem a sua vinculação estreita com a cultura de massa. Dentre esses fatores podemos destacar:

a) nos mais de seis mil centros espíritas existentes no país, há um espectro que vai das casas quase familiares às organizações de atendimento massivo. Há, portanto, os que se reduzem a uma dezena de pessoas em suas reuniões até os que recebem milhares de pessoas numa mesma noite. Em termos exatos e concorrendo diretamente com as religiões massificadas, onde se destacam atualmente as neopetencostais, encontramos centros minimamente organizados para atender num mesmo espaço algo em torno de cinco mil pessoas em cada sessão;
b) a existência de organizações que assumem a sua destinação massiva, abrindo espaço para atendimento "espiritual" e ensino teórico para enormes quantidades de seres, chegando mesmo a oferecer cursos em salas que comportam mais de 500 pessoas ao mesmo tempo e adotando a aplicação de passes em série;
c) editoras preocupadas em atender a demanda crescente de um mercado composto em grande parte por consumidores com pressa, através de oferecimento de livros-produto tipo "fast food", renováveis e renovados em estreita observância às normas deste tipo de cultura;
d) médiuns e autores sempre prontos a suprir esse mercado, segundo uma perspectiva assentada na idéia da "caridade-esclarecimento", em que se misturam o ideal e o processo de simplificação-superficialização do conhecimento;
e) criação de eventos qualificados como "mega", claramente comprometidos com a qualidade (quando reúnem os intelectuais mais destacados) e a quantidade;
f) um esforço cada vez maior para alcançar e até mesmo dominar os *mass media* e assim poder falar para a população que compõem o universo geográfico nacional.

Todos esses fatores juntos não são, de fato, suficientes para caracterizar a existência de uma "cultura de massa espírita", desde que também não seria isso necessário, mas fornecem a medida da vinculação do movimento, expresso através da concentração de interesses e do atendimento às exigências da industria cultural, resolvendo até mesmo o sentido capitalista presente nessa indústria,

cujo objetivo último se denomina lucro. O que parece existir é a realização dos desejos de propagação doutrinária segundo os mesmos critérios e sentidos que dominam a cultura de massa presente na sociedade, o que de certa forma se explica pela própria vinculação do adepto-espírita com a cultura na qual está inserido. O anseio de universalização da doutrina parece poder-se expressar única e exclusivamente através dos mecanismos privilegiados pela sociedade, com mais forte razão quando se tem por certo que há uma urgência, uma luta contra o tempo, uma necessidade mesmo de não se deixar ultrapassar por possíveis concorrentes colocados no mesmo espaço social, mas que não disporiam de conhecimentos tão eficientes quanto os espíritas para o atendimento às necessidades do espírito imortal.

Os meios de comunicação de massa reúnem em si mesmos todos os elementos necessários para atingir-se os fins desejados. Em todo esse jeito massivo de raciocinar uma única condição encontra uma considerável barreira, mas que se coloca como necessária de ser vencida: a econômico-financeira. Desde que os objetivos são superiores e as intenções nobres, fica cada vez mais claro que é possível conquistar os meios, pois são eles que fornecerão as condições necessárias para atender o ideal de A. Kardec in "Obras Póstumas": "Dois elementos hão de concorrer para o progresso do Espiritismo: o estabelecimento teórico da doutrina e os meios de a popularizar" (p. 307). Não parece justo, entretanto, interpretar o anseio de A. Kardec, manifesto na popularização, por uma vinculação com a massificação, seja porque isso daria origem a uma ambigüidade, seja porque a massificação não contém as condições necessárias para o "estabelecimento teórico" pretendido. Os *mass media* tornam popular até uma certa medida, por permitirem que o povo se informe acerca de algo, mas não são instrumento adequado para o estudo teórico, única forma pela qual pode o Espiritismo de fato ser apreendido. É neste ponto que a ambigüidade se faria presente, uma vez que A. Kardec estaria pretendendo aquilo mesmo que, por formação e experiência, sabia não ser possível.

A massificação do Espiritismo, à medida que se aprofunda, se expressa ainda pela grande quantidade de editoras de livros num universo de leitores que, segundo os dados estatísticos, não atingiria dez por cento da população brasileira. Os números parecem se contradizer, já pelo crescimento da vendagem dos títulos que melhor atingem as massas, já pelo interesse editorial em obter o privilégio do lançamento de obras de gênero semelhante. Aqui, também, haverá de se aprofundar o estudo que vincula o interesse editorial com a indústria do lucro. De fato, nos últimos vinte anos o número de editoras intituladas espíritas mais que triplicou no Brasil, em parte pela grande facilidade legal de produzir e comercializar livros no país, aliando-se aí outros fatores: a "descoberta" do mercado do livro espírita por profissionais do setor, o forte conteúdo divulgacional dominante na mentalidade interna, amplamente difundido a partir de estímulos do tipo emmanuelino: "a maior caridade que podemos fazer com o Espiritismo é a sua própria divulgação", as possibilidades de geração de receitas para obras assistenciais, entre outros. A ênfase, parece-nos, centra-se todavia na disposição mesma de popularização para a qual o caminho mais curto e mais

atraente é a massificação, que origina também os clubes do livro e os inclui no projeto com agentes altamente ativos do processo, com grande poder decisório na definição dos títulos a serem editados e posteriormente entregues ao público. Os caminhos da massificação convergem os interesses de editores e clubes de livro, que assim se aliam para o mesmo fim.

Após o *boom* dos livros de A. Luiz que, entretanto, entendemos pertencerem à fase pré-massificação, quando as condições para esta não poderiam ser preenchidas senão por alguns de seus elementos posteriormente presentes, assiste-se hoje à projeção das obras de cunho nitidamente populares, encomendadas e até mesmo disputadas com avidez pela indústria cultural, cabendo aos clubes de livro a função de contraponto, atuando sobre os preços para tornar as obras acessíveis ao maior número de leitores-sócios possível e oferecendo a condição ideal para que possam ser produzidas em escala compatível com as exigências do mercado. O conteúdo atende a ambos os lados, ou seja, a maioria das obras é produzida para consumo rápido, devendo os livros-produto ser substituídos sucessivamente por outros e assim cumprirem sua função.

As condições de massificação encontram seu complemento nos cursos doutrinários destinados a um público tão grande quanto indisponibilizado à percepção do conhecimento espírita, pelas condições a que é submetido no processo de ensino-aprendizado, e nas reuniões públicas segundo o modelo prece-palestra-passe-prece, em que se objetiva o atendimento do maior número com o menor esforço. Funcionam como elemento contrário ao aprendizado muito mais as condições inadequadas que propriamente o conteúdo dos cursos, mesmo considerando devam ser estes objeto de análise crítica em decorrência do modelo pedagógico e dos critérios didáticos utilizados pelas instituições que os oferecem.

3. O CENTRO COMO MEIO E MENSAGEM AO MESMO TEMPO

A construção do centro espírita é historicamente a trajetória de um processo de fixação de uma mensagem que se confunde com o meio pelo qual ela transita. Tanto teoricamente como em termos práticos, o centro se erige de forma clara como a consubstanciação da mensagem, seja quando o analisamos em termos do local, o prédio onde funciona e toda a cultura que representa, bem assim o que é de fato em nível de expressão do pensamento do Espiritismo. A cultura que ali se formou é já o referencial de uma mensagem que de alguma forma é buscada e absorvida pelo indivíduo, mesmo que ali não se apresente ele com a intenção expressa ou objetiva de receber tal mensagem. Ela ali está, constituída pela interação entre o receptor primeiro, os dirigentes e demais colaboradores, com a preponderância das lideranças mais fortes, que afinal são aquelas que de fato definem o perfil e o conteúdo da mensagem. Se a idéia vigente é a do local onde se pratica uma crença através de formas estabelecidas e comunicadas segundo um código comum, não apenas a mensagem verbalizada mas fundamentalmente aquela que está implícita nas práticas e nos códigos não-

verbais representa o que de fato inicialmente será contatado. Assim, o centro é a mensagem de uma doutrina de conhecimento ou de uma outra doutrina de simples crença, mas também podendo ser a doutrina mista, que une as duas coisas ao mesmo tempo.

O centro se apresenta, pois, como um meio estratégico para o Espiritismo. Já o indivíduo, ali, não será o freqüentador ou simples adepto, mas aquele que faz do local a extensão de si próprio, mesmo quando sua relação com o centro se restrinja ao superficial, e ainda quando haja um certo distanciamento que tornem os contatos com o centro apenas ocasionais. O estudo da construção desse meio e de como funciona como mensagem surge como de importância para a compreensão dos propósitos nomeados como doutrinários que ali se estabelecem. Ainda que não se queira, há de se perceber que há qualidades a serem percebidas como presentes segundo uma forma particular de interpretar o conhecimento, daí podendo-se concluir pela superficialidade ou pela profundidade deste. O ser mensagem não confere nenhum qualificativo negativo em princípio, como também nenhum positivo. O fato relevante é que seja percebido que o local funciona tanto como meio quanto como mensagem, o que define um quadro de profunda importância para a análise do centro. O indivíduo no centro está implicado com a mensagem e não simplesmente na posição de mero receptor, seja este indivíduo parte do poder que ali se estabelece ou não. A implicação se aprofunda na medida em que a cultura presente expressa e reflete a dos indivíduos, entendo-se esta como a somatória da cultura anterior com a do conhecimento espírita adquirido ou resultante da relação do receptor com a mensagem.

Em termos claros, se a mensagem está vinculada à cultura em que o espiritual significa a religião, vista em seus contornos definidos pela cultura dominante (anterior ao estabelecimento da doutrina), o meio refletirá obviamente isto e se constituirá então na nova mensagem imposta e aceita, que afinal assim será difundida de diversas maneiras. O meio, portanto, forneceria os elementos para uma análise da forma e do conteúdo da mensagem que o centro é e que pretende passar, derivando daí a possibilidade de uma crítica mais precisa sobre ele e sobre os indivíduos nele. A questão da ética se encaixa, muito bem, a partir deste ponto, mas deve ser tratada em sua abrangência às relações entre indivíduos no centro e em termos de um questionamento acerca do que é ético na mensagem e na forma como está formulada. Por exemplo, será ético construir uma mensagem de tal ou qual ordem de idéias e com tal ou qual qualidade, com certo grau de convencimento dos indivíduos no centro? Mas este questionamento só terá sentido a partir da aceitação de que o meio é mensagem e também uma constituição dos receptores, caso contrário ficará sem efeito.

4. O PARADIGMA ESPÍRITA PELA ÓTICA DA DESCONTINUIDADE CULTURAL

Os estudos teóricos da comunicação são instrumentos com um certo grau de eficiência para a análise do Espiritismo em sua ordenação de movimento

imbricado no social, bem como para proporcionar o descortinamento de um número de possibilidades de mudanças ou reconstrução. A observação, contudo, nos leva à percepção de que a doutrina estruturada por A. Kardec está continuamente sendo reconstruída pelos indivíduos no centro e fora dele, a partir mesmo de uma forma pessoal de interpretar. Uma questão que se tem colocado com ênfase é a que está centrada na percepção de que o conhecimento espírita sofre sérios problemas quando escapa das obras ditas básicas para as novas formulações teóricas e, especialmente, para o mundo das práticas, em que o centro espírita se torna o local por excelência. Uma das maneiras de romper com isto seria o estudo do Espiritismo no seu aspecto paradigmático, tanto o do paradigma que oferece uma nova condição referencial como aquele que estabelece uma ruptura no próprio conhecimento e, portanto, no plano cultural. Não se trata de uma ruptura de tal ordem que levasse ao abandono de toda a cultura formulada até então, por ser esta condição totalmente ilógica, mas de uma intersecção do pensamento humano de forma a proporcionar outras vertentes para a própria noção de verdade, assim como ocorre e ocorreu em outras áreas do conhecimento.

A partir do Espiritismo temos uma outra formulação para o espiritual em sua relação com o material, com tal qualidade de conteúdo que provoca uma inevitável cisão, alterando não apenas a estética do simbólico mas a noção mesma dos significados e significantes. O Espiritismo é, portanto, uma ruptura, mas não uma ruptura isolada, sem maiores conseqüências ou relações com o contexto sócio-cultural do século XIX. Trata-se de um fato dentro de outros fatos de igual grau de importância, uma vez que preenchem certas condições sem as quais o Espiritismo não teria sentido. Assim, por exemplo, tendo-se por referencial o ano de 1850, é que se encontra o racionalismo cartesiano em seu ponto de maior ebulição do pensamento filosófico e da construção da ciência moderna, ao mesmo tempo em que se realizam cisões no plano das artes e da consciência social. Na primeira ocorre a quarta ruptura, com a ascensão do Modernismo, e na segunda a tomada de consciência da profundidade da Revolução Industrial, como assinalado por Domenico De Masi (p. 45): "A consciência de que foi *toda* a sociedade que mudou só aflora em torno de 1850. É, então, que se começa a falar não mais somente de indústrias, mas de "sociedade industrial", e percebe-se a *globalidade* da mudança de época que acabou de acontecer". Neste contexto é que o Espiritismo se coloca como uma Ruptura Espiritual, e o ponto de ruptura é exatamente "O Livro dos Espíritos", embora, dentro mesmo da concepção formulada por A. Kardec, uma nova ordem de coisas deve ser concebida para o que se convencionou por espiritual e material, termos até então referenciando coisas distintas, distantes, mas agora devendo ser apreciados em toda a sua complexidade e inseparabilidade. A ruptura no plano do espiritual sinaliza, contudo, uma profunda alteração cultural, nos diversos níveis possíveis, mas com ampla influência na percepção do sentir, pensar e teorizar religioso, do sagrado e até mesmo do sentido melhor para o processo de dessacralização.

Se já não é mais possível abordar o espiritual dessintonizado do material, importa reordenar o pensamento a partir dos novos conceitos e de uma linguagem específica, assentado no exemplo kardequiano que abandona o termo genérico "espiritualismo" para colocar em seu lugar "espiritismo", não por ser de qualidade superior mas por proporcionar uma melhor condição de comunicabilidade do novo conhecimento, desvinculado que está de qualquer construção cultural. A ruptura surge então explicitada e ao mesmo tempo como um convite para aprofundar o processo de distanciamento de certos elementos da cultura vigente, processo esse necessariamente intelectual e implicitamente dialógico, uma vez que pode ser aperfeiçoado através de um consenso coletivo permanente. O fio condutor do pensamento é agora outro, com a lógica a depender de um saber que não pode ser formulado senão com os elementos disponíveis a partir da construção teórica de A. Kardec feita com base no pensamento dos comunicantes espirituais. Dada a inexequibilidade de estruturar a doutrina apenas ou essencialmente a partir de terminologia inteiramente desvinculada, a noção fundamental de ruptura deve constituir a base para a interpretação dos princípios que se vai encontrar, bem como dos elementos comuns ao Espiritismo e outras doutrinas, como Deus, Espírito e Matéria e seus agregados, tais sejam céu, inferno, justiça divina etc. Uma vez que o pensamento é outro não se pode manter a mesma lógica ou os mesmos raciocínios na interpretação dos elementos comuns, por se apresentarem como incompatíveis.

Neste ponto, o rompimento cultural-religioso se impõe de maneira sólida, sendo sua realização um dos caminhos possíveis para alcançar a percepção de quanto está o Espiritismo comprometido com uma nova visão da vida, em sua amplitude, no seu aspecto global, por alguns autores designada "cósmica". Dentro dessa perspectiva é que se posiciona J. Herculano Pires ("Kardec é Razão", p.121): "A nossa doutrina não é uma realidade, entranhada nas estruturas atuais. É um arquétipo carregado de futuro, um vir-a-ser que se projeta precisamente no que ainda não é, na rota das aspirações em demanda. Confundi-la com as estruturas peremptas deste momento de transição e querer sujeitá-la às normas e modelos do que já foi é tentar prendê-la no círculo vicioso dos abortos culturais".

5. O RECEPTOR COMO PEÇA IMPORTANTE NO CENÁRIO DA COMUNICAÇÃO ESPÍRITA

"O único conhecimento verdadeiro é aquele que adquirimos por nós mesmos, devido às apostas em que investimos (seu desejo de aprender, sua vontade de juntar sua experiência, sua maneira de desempenhar sua vida)". A constatação de Edgar Morin (p. 193), já quase um lugar-comum no livro universal dos saberes, é utilizada aqui intencionalmente para uma consideração de ordem fundamental para o tipo de análise que desejamos: a do indivíduo no centro e fora dele, mas essencialmente em seu contato com o saber específico da

doutrina espírita. Consideramos relevante observar o receptor em sua abrangente porque complexa relação com este saber, dentro do sentido mesmo colocado por Maria Tereza Cruz (p. 59), segundo o qual "a questão fundamental [agora, neste tipo de estudo] não é então a de decidir qual é o detentor do sentido – se o texto, se o sujeito – mas a de saber como é que texto e sujeito se constituem, e de que modo o sentido os atravessa". Vale o exemplo de conhecido escritor espírita que certa ocasião manifestou sua intensa preocupação em escolher a palavra "certa" para o sentido que pretendia em sua escritura, cabendo perceber que tinha de certa maneira a consciência da posição complexa ocupada pelo receptor, mas por outro lado não considerando o fato de que, fosse qual fosse o seu texto, o receptor se colocaria frente ao texto não como o sujeito vazio de sentidos, passivo, senão que com sua cultura, entendendo esta cultura na amplitude posta por E. Tylor (in Laraia, p. 24): "Este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade".

O sujeito espírita no centro, segundo uma realidade específica em que o meio é fortemente mensagem, e fora do centro, em que meios e mensagens têm outras características, mesmo que diante de conhecimentos tomados como princípios fundamentais do saber específico, produzirá sentidos particulares como resultado de sua interação com textos, imagens e comunicações orais. Os assim denominados princípios básicos permitem, como realmente tem sido observado, um consenso em torno do núcleo do conhecimento doutrinário. Assinale-se, contudo, que os princípios gerais não se sustentam sem suas partes e estas não são eficientes sem a idéia contida naqueles, cabendo, portanto, estender esta consideração para o que alertou Pascal, ao considerar ser absolutamente impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, assim como conhecer o todo sem conhecer as partes. É assim que a tese da reencarnação, por exemplo, só adquire sentido quando vista pelas suas particularidades, mas é nas particularidades que está submetida inteiramente ao sentido do receptor. Deus, como idéia genérica, é o criador, mas sua percepção cognitiva depende essencialmente do texto e do contexto em que é analisado. Algo como "a teoria na prática é outra" pode servir de pressuposto aqui, desde que se veja por "prática" não apenas o que se faz realmente com as mãos, mas tudo aquilo que resulta dessa interação do sujeito com a obra. Qual é o produto da leitura do Livro dos Espíritos? – pode-se questionar. A resposta será aquela que melhor esclarecer o conteúdo que resulta do ato da leitura. Avançando, pode-se fazer questionamentos outros: o que resulta da mensagem expressa pelo meio, o centro? Como se relaciona com ela o indivíduo? De que forma ela é sugerida (através da estrutura física do centro, pelos aspectos subjetivos aí colocados e pelas resultantes das relações humanas proporcionadas, consideradas as ideologias)? A ênfase está em verificar que "não se assinala a presença do receptor para fazer dele um mero decodificador do sentido original ou intencional da obra" (Cruz, p. 62) ainda que a intenção esteja presente ou até mesmo pela presença da intenção, mas para deslocar a percepção para o fato de que o sentido de uma interação possibilita instrumentalizar ações comunicativas

para que outros sentidos possam também ser alcançados e até mesmo alterados. Seja porque a doutrina não é algo acabado, seja pelo fato de ser desejável aperfeiçoá-la e até mesmo para que as deficiências da massificação sejam superadas com um certo grau de eficiência.

Uma outra intenção pode ser verificada ainda: o eixo da crítica que se faz às deficiências perceptivas, que geram desvios e se aliam para tal fim algumas vezes a fatores éticos e morais individuais, muito do gosto do salvacionismo implícito nas religiões-de-igreja, desloca-se porque adquire um outro sentido ao permitir uma compreensão predisposta a respeitar as diferenças e até mesmo a utilizá-las para uma caminhada solidária. Uma proposta que encontra em E. Morin uma justificativa pertinente (p. 136, citando Heráclito): "Juntem aquilo que concorda e aquilo que discorda, aquilo que está em harmonia e aquilo que está em desacordo". Porque a concórdia e a discórdia formam o tecido do *complexus*".

A preocupação não é também e apenas uma crítica da recepção para uma compreensão pura e simples da sua estética, mas o conseguir capacidades que permitam intervir com eficiência ética no processo, numa ação solidária ampla. Sendo o Espiritismo uma contribuição cultural, torna-se imperioso considerar o imbricamento desta com a cultura de que o indivíduo é portador, em suas diversas vertentes, e considerar também até que ponto a supressão de certas realidades, que o Espiritismo necessariamente provoca, encontra disposições e condições nos indivíduos para se aprofundar, sem que a perda da referência conduza a danos psicológicos. Ou se preocupações dessa ordem não passam de conjecturas repletas de um subjetivismo sem possibilidades de comprovação.

BIBLIOGRAFIA

Cruz, Maria Teresa. **A Estética da Recepção e a Crítica da Razão Impura** in Revista de Comunicação e Linguagens, Lisboa, junho, 1986.
Eco, Umberto. **Obra Aberta**. Perspectiva, São Paulo, 1976.
Emmanuel & *Xavier*, Chico. **Fonte Viva**. FEB, Rio de Janeiro, 5ª, 1972.
Garcia, Wilson. **Kardec é Razão**, Edições USE, São Paulo, 1998.
Garcia, Wilson. **Nosso Centro, Casa de Serviços e Cultura Espírita**. USE, São Paulo, 1999.
Hell, Victor. **A Idéia de Cultura**. Martins Fontes, São Paulo, 1989.
Kardec, Allan. **Obras Póstumas**, FEB, Rio de Janeiro, 12ª, 1964.
Laraia, Roque de Barros. **Cultura, um Conceito Antropológico**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 12ª, 1999.
Lima, Luiz Costa. **Teoria da Cultura de Massa**. Paz e Terra, São Paulo, 12ª, 2000.
McLuhan, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. Cultrix, São Paulo, 1979.
Martelli, Stefano. **A Religião na Sociedade Pós-moderna**. Paulinas, São Paulo, 1995.
Martin-Barbero, Jesus. **De los Medios a las Mediaciones**, G. Gili, México, 1987.
Masi, Domenico De. **O Ócio Criativo**, Sextante, Rio de Janeiro, 2000.
Morin, Edgar & *Moigne*, Jean-Louis Le. **A Inteligência da Complexidade**. Peirópolis, São Paulo, 2000.
Orozco, Guillermo. **La Audiencia Frente a la Pantalla**, in Dialogos de la Comunicación, n. 30, FELAFACS, 1990.
Wolf, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Editorial Presença, Lisboa, 5ª, 1999.

(*) Jornalista, escritor, publicitário, editor, empresário das áreas de comunicação e jornalismo, foi Diretor e Conselheiro da Federação Espírita do Estado de São Paulo, Vice-Presidente da Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas, fundador e Diretor da Editora Correio Fraterno do ABC, Presidente da Associação dos Jornalistas Espíritas do Estado de São Paulo, Vice-Presidente da Associação Espírita Anália Franco. Autor com as seguintes obras publicadas: O Centro Espírita, O Corpo Fluídico, Médicos Médiuns (opúsculo), O Centro Espírita e suas Histórias, Você e os Espíritos, Cairbar Schutel, o Bandeirante do Espiritismo (com Eduardo C. Monteiro), Vinicius - Educador de Almas, (com Eduardo Carvalho Monteiro), Você e o Passe (com Wilson Francisco), Uma Janela para Kardec, Você e a Obsessão, Kardec é Razão, Entre o Espírito e o Mundo, Você e a Reforma Íntima, Nosso Centro - Casa de Serviços e Cultura Espírita, Mensagens de Saúde Espiritual. *Atualmente é Assessor de Imprensa da AJE-SP, Vice-Presidente da Sociedade Espírita Anália Franco, de São Paulo, Diretor da Editora Eldorado Espírita de São Paulo.*

UM NOVO MOVIMENTO ESPÍRITA: A EXPERIÊNCIA DO INSTITUTO DE INTERCÂMBIO DO PENSAMENTO ESPÍRITA DE PERNAMBUCO

Yolanda Polimeni de Araújo Pinheiro (*)
Recife-PE, Brasil

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa apresentar uma nova forma de atuação do Movimento Espírita calcada na experiência do Instituto de Intercâmbio do Pensamento Espírita de Pernambuco – IPEPE, que atua em consonância com a proposta de Allan Kardec, estabelecida na Codificação, cujos resultados são surpreendentes, pela repercussão no meio espírita e não espírita.

Não se tem a pretensão de dizer que este é o melhor modelo de estudar, pesquisar, divulgar e praticar o Espiritismo, em toda sua dimensão, mas, sem dúvida, trata-se de um modelo moderno, que coloca o Espiritismo em pé de igualdade com as outras ciências e artes, demonstrando os pontos de ligação daquele com estas, especialmente introduz a concepção espiritual no estudo das ciências humanas, a ética espírita e as conseqüências morais decorrentes das atitudes do homem.

Ressaltamos que quando falamos em novo movimento espírita, queremos realçar uma atuação até então inexistente no movimento espírita brasileiro restrito às casas espíritas, já que este voltava-se exclusivamente para os espíritas, **sendo um** movimento essencialmente endógeno, enquanto que o IPEPE propõe um movimento exógeno.

A divulgação desta metodologia e sua adoção em diversas partes do Brasil e do exterior (Pernambuco, São Paulo, São José do Rio Preto - SP, Minas Gerais e USA) é a melhor forma de aperfeiçoá-la, o que por certo ocorrerá, força da lei do progresso.

Assim, estamos abertos à troca de experiências e informações, já que o fim colimado é a contribuição eficiente e eficaz na transformação social, culminando na felicidade do homem.

2. O MOVIMENTO ESPÍRITA

O movimento espírita brasileiro desenvolveu-se sob a égide do aspecto religioso da Doutrina Espírita, abstraindo-se, em sua quase totalidade, do aspecto científico, ressalvados casos isolados de alguns pesquisadores e estudiosos. Deixando de lado, por não ser objeto do presente trabalho, a discussão quanto ao caráter religioso ou não do Espiritismo, o que pretendemos demonstrar é que houve um distanciamento do movimento espírita da sociedade como um todo e,

particularmente, da sociedade acadêmica. Não buscando absorver os avanços científicos verificados nos mais variados ramos da ciência humana, a fim de aperfeiçoar a sua estrutura organizacional e desenvolver estudos e pesquisas dentro de seu campo próprio de observação, nem oferecendo à sociedade informações resultantes de seus estudos e pesquisas, seja por uma divulgação ineficiente e ineficaz, numa linguagem desatualizada e em descompasso com o avanço científico e tecnológico, seja por timidez nas iniciativas dessa natureza, seja, enfim por uma postura preconceituosa, que rejeita liminarmente toda idéia que venha de encontro aos postulados Espíritas, hipótese esta em que não se efetivam estudos aprofundados nas questões correspondentes, o que poderia levar a novas teses ou inserir na estudada novos elementos que viessem aperfeiçoá-la, o movimento espírita estacionou no seu aspecto científico.

O movimento espírita pernambucano se encontrava com esta feição, antes do início de uma grande reestruturação em busca da cidadania (ddd-c), quando surgiram discussões com vistas a promover o intercâmbio do pensamento espírita com **todas** as áreas do conhecimento humano, objetivando contribuir de forma mais decisiva para o progresso do homem, das ciências, da sociedade, promovendo a cidadania e a paz.

3. O INTERCÂMBIO DO PENSAMENTO ESPÍRITA

Por que intercambiar o pensamento espírita?

Intercambiar significa transitar por uma via de mão dupla, dando e recebendo, trocando informações, o que resulta no enriquecimento de todos.

O que é objeto de intercâmbio? O pensamento espírita.

O Espiritismo é uma ciência interdisciplinar, pois que se relaciona com tudo o que diz respeito ao homem físico e moral, e à ordem social, o que foi afirmado por Allan Kardec nos seguintes livros: O Que é o Espiritismo, cap. I, Segundo Diálogo, pág. 65, 30ª edição, FEB; O Livro dos Médiuns, I Parte, cap. II, item, 13, pág. 32, 60ª edição, FEB; e A Gênese, cap. I, pág. 22, 28ª edição, FEB.

Seguindo esta linha de raciocínio, não há como tratar do Espiritismo, em todos os seus aspectos, sem considerar os diversos ramos do conhecimento humano, buscando absorver do conhecimento científico as informações indispensáveis à evolução da ciência espírita, já que esta não está pronta e acabada, mas se constrói dia-a-dia. Neste sentido, Allan Kardec foi taxativo ao afirmar que o Espiritismo não dava a última palavra mas caminharia lado a lado com a ciência terrena.

Neste passo, imperioso desenvolver um movimento espírita com vistas a interligar o pensamento espírita com a sociedade.

Antes de mais nada é pertinente registrar que as ciências humanas têm muito a oferecer ao movimento espírita. Técnicas e meios para melhorar a divulgação da Doutrina Espírita e para promover estudos e pesquisas da ciência Espírita, além de nos propiciar vários conhecimentos, não nos permitindo

mergulhar em um temerário fanatismo. De outro lado, constata-se que o Espiritismo, estudando e apreciando a dimensão espiritual do homem, a realidade dos mundos espirituais e o intercâmbio entre estes mundos e o mundo material, tem uma contribuição valiosa para o desenvolvimento das ciências humanas.

3.1. As ciências oficiais

As ciências oficiais têm alcançado grande desenvolvimento e algumas avançam na velocidade da luz, à exemplo da engenharia genética.

A descoberta do DNA, com identificação/diagnóstico precoce de doenças, a clonagem, a escolha do sexo da criança pelos pais, são descobertas que precisam de análise à luz do Espiritismo. Afinal, como explicar a lei de causa e efeito, se o feto pode ser submetido a tratamento, inclusive cirúrgico, na vida intra-uterina? Como fica a programação reencarnatória de pais e filhos, com a escolha do sexo? A questão ética diante da manipulação genética tem ocupado espaço em debates jurídicos e médicos. Qual a proposta espírita? Estes são alguns poucos exemplos para mostrar a importância da construção de uma ponte entre a ciência oficial e o Espiritismo.

3.2. A atuação espírita na sociedade

Por longos anos adotou-se uma postura omissa em relação aos fatos sociais sob o argumento de que nossa parte é cuidar da nossa transformação interior esclarecendo os de boa vontade. Indiscutivelmente, essa é tarefa nossa. Mas a par disso temos que olhar o que se passa em torno de nossos passos, descobrir as causas de tantas mazelas sociais e os meios de auxiliar no processo de mudança social.

A participação do Espírita na sociedade, seja através da política partidária, seja através de organizações governamentais ou não, em campanhas, passeatas, etc., é uma demonstração de consciência coletiva, de cidadania.

Parece-nos falsa a postura "pacífica" do espírita que não participa de uma passeata em defesa dos direitos humanos, ou de uma greve por melhores salários e condições de trabalho para o trabalhador. Essa é a posição de quem não está disposto a correr riscos de desagradar, que se esconde sob a bandeira da omissão mascarando-a de pacifismo.

O verdadeiro espírita tem consciência de sua missão na Terra, que consiste, além da melhoria própria, contribuir para o melhoria das instituições sociais.

4. O IPEPE – UMA EXPERIÊNCIA

O IPEPE tem demonstrado ser possível fazer Espiritismo fora da casa espírita, mediante a participação dos espíritas em diversas atividades, oferecendo-nos uma experiência ímpar.

A título de exemplo, enumeramos a realização de debates em hospitais, faculdades, livrarias e colégios, apresentação de projetos de lei e utilização da Internet.

4.1. Organização Estrutural

O IPEPE está estruturado em coordenadorias e é dirigido por um colegiado composto pelos representantes das coordenadorias que o compõe, que são de duas naturezas: administrativas, com o papel de cuidar da administração da instituição e seus eventos, como a Coordenadoria geral, financeira, administrativa e a de comunicação e eventos, e coordenadorias específicas, que estão vinculadas aos diversos segmentos do conhecimento humano, hoje em número de seis.

4.2. As Coordenadorias específicas

Coordenadoria da Área de Saúde – CAS; Coordenadoria da Área Jurídica – CAJ; Coordenadoria da Área de Educação – CAED; Coordenadoria da Área Sócio-Política – CASP; Coordenadoria da Área de Ciências Humanas – CACH; Coordenadoria da Área de Meio-Ambiente - CAMA.

Em seu início o IPEPE só contava com as três primeiras coordenadorias acima relacionadas. As demais surgiram posteriormente, e não há fixação de número mínimo ou máximo. A criação de novas coordenadorias específicas estão condicionadas apenas ao surgimento de pessoas interessadas em aprofundar estudos em determinados seguimentos.

Embora o caráter específico destas coordenadorias, dentro de determinada área do conhecimento/atividade humana, não há a exigência de formação acadêmica, delas podendo participar qualquer pessoa, de qualquer grau de instrução ou formação, desde que tenha interesse nos assuntos correspondentes.

Também não se tem uma proposta elitista no sentido separatista, excludente, mas não se pode estudar a Ciência Espírita senão como se estuda qualquer ciência, com seriedade e aprofundamento.

5. INTERNET

A Internet representa a democratização da informação e do conhecimento humano. Através dos mecanismos que oferece, é possível o debate entre pessoas de todas as partes do mundo. A diversidade cultural, religiosa, econômico-financeira, de cada sociedade, coloca o indivíduo num ângulo de análise da vida sob o aspecto físico e moral, da sociedade e de suas relações, muito próprio, vislumbrando situações que em outra posição talvez não lograsse perceber. Eis porque a troca de experiência somente propicia o enriquecimento de todos.

Assim, o IPEPE decidiu atuar na Internet, através de Home Page, de lista de debates, de canal de reuniões *on line*, e por fim, através de informativo virtual.

a) Home Page

A home page coloca à disposição de qualquer usuário da rede, uma série de informações acerca do Espiritismo e do movimento espírita. Nela são publicados artigos sobre os mais variados assuntos, produzidos por estudiosos de diversos estados do Brasil, ou do exterior; notícias acerca de suas realizações e eventos, através das quais, além de se atualizar, as pessoas têm a oportunidade de saber o que, quando e onde estão acontecendo, para participarem, se quiserem, além de fotos e dados históricos de Pernambuco.

b) Lista de debates

Através de e-mail's pessoas de diversas partes do mundo, trocam informações e debatem assuntos ligados ao Espiritismo. Atualmente participam desta lista pessoas de 14 países (USA, Noruega, Japão, Suíça, Uruguai, Argentina, Paraguai, Chile, Portugal, Espanha, etc.) e de todos os Estados brasileiros.

c) Grupos de Trabalho

Os Grupos de Trabalho – GT, visam desenvolver projetos, reunindo pessoas que tenham interesse pela área em estudo, através de reuniões realizadas no canal IPEPE. Tem a vantagem de promover o encontro de pessoas de diversas localidades, em dias e horários previamente marcados, somando experiências e conhecimentos numa construção coletiva, que ao final será divulgada na home page, para que todos tenham acesso.

d) IPEPAPO

Oportunidade de debate virtual "*on line*", com o objetivo primordial de promover a integração dos membros da lista IPEPE-DEBATES, propiciando maior conhecimento e estreitando laços de amizade.

6. CONCLUSÃO

O Instituto de Intercâmbio do Pensamento Espírita de Pernambuco – IPEPE, apresenta-se-nos como uma experiência de relevante interesse para o movimento espírita, que entra numa nova fase de divulgação e atuação, mostrando que é possível ao Espírita **intercambiar** o Espiritismo em qualquer área de sua atuação, já que não está dissociado da vida, mas a integra plenamente.

Revelando leis da natureza, o Espiritismo traz, indiscutivelmente, elementos que precisam ser considerados pela ciência terrena, malgrado sua resistência e seus preconceitos. Esta consideração somente será dada na medida em que os estudiosos espíritas façam a ligação entre uma e outra, mostrando que há situações e fenômenos inexplicáveis pela ciência oficial à falta de análise do componente espiritual. Este componente precisa ser **dialogado** de forma coerente e mediante uma metodologia científica, embora o método próprio da ciência Espírita se diferencie das demais. Nunca, porém de forma amadorística e descomprometida com os novos conhecimentos e a tecnologia.

Outrossim, as conseqüências morais resultantes de nossas ações, demonstradas pelo Espiritismo com a lei de causa e efeito, ora estudada pela terapia de vivências passadas, leva a sociedade a repensar sua postura ética.

No momento em que há uma grande preocupação com a ética na engenharia genética, dando margem a inúmeras discussões no campo da bioética, tanto no aspecto médico, quanto legal, a ética Espírita apresenta-se como uma alternativa para a sociedade.

Quem poderá dizer que não é tarefa do Espiritismo apresentar propostas como as de emenda ao anteprojeto de lei do Código Penal, acima transcrito? Quem pode dizer que o Espiritismo nada tem a ver com política e com as questões sociais, quando os bolsões de miséria crescem assustadoramente, crescendo a criminalidade, a prostituição e os vícios de toda sorte?

O Espiritismo, tem sim, a ver com todas as questões de ordem social, com tudo o que diz respeito ao homem e a sua vida material, pois que esta é instrumento de seu progresso espiritual.

O IPE – Intercâmbio do Pensamento Espírita é uma forma de realizar o progresso intelectual e moral, integrando o homem espírita na sociedade em que se insere, alertando-o para suas responsabilidades para com essa sociedade, porque se o Espiritismo é bom, não deve ficar apenas entre as quatro paredes do Centro Espírita, mas mostrar-se ao mundo, dando e recebendo, crescendo e fazendo crescer.

O IPEPE, foi o pioneiro nesse intercâmbio, porém, já não é o único, não será o melhor, até porque acreditamos na futura constituição de um conselho nacional (quiçá internacional) de IPE's, para a permanente troca de idéias, culminando no crescimento da qualidade desse intercâmbio.

(*) Juíza do Trabalho, fundadora e coordenadora integrante do IPEPE-Instituto de Intercâmbio do Pensamento Espírita de Pernambuco.

PARTE I I

APÊNDICE

TEMA CENTRAL DO XVIII CONGRESSO DA C.E.P.A.
"DEVE O ESPIRITISMO ATUALIZAR-SE?"

DECLARAÇÃO DE INTENÇÕES

Com as declarações a seguir, a CEPA deseja aclarar seus propósitos com respeito à escolha do Tema Central, tendo em vista que, embora possua uma posição firmada sobre o assunto, coerente com o pensamento do Codificador, está ciente da existência de posicionamentos diferentes, no movimento espírita, os quais respeita, acreditando, por isso, que a apresentação do tema central na forma interrogativa sugere o debate amplo, mas sereno, sobre o assunto:

1. Em hipótese alguma, a CEPA alimenta o propósito de, no ano 2000, em um único congresso, efetuar a revisão pontual da Doutrina Espírita.
2. É indiscutível a atualidade de partes importantes e fundamentais da obra de Kardec, não superadas pela Ciência, que serão, óbvia e plenamente, reafirmadas pelo Congresso.
3. Os organizadores do Congresso entendem que atualizar o Espiritismo é torná-lo atual, situá-lo na época em que vivemos, torná-lo presente e atuante em todos os setores do pensamento humano.
4. Em hipótese alguma, sob pena de violação de direitos autorais, podem ser alterados os textos ou expressões das obras de Allan Kardec, como os de qualquer autor. Já as idéias, concepções e teorias expostas nas obras da Codificação e nas que lhe são complementares, como o próprio fundador do Espiritismo afirmava, não sendo mais do que a expressão do conhecimento dos seus autores, subordinadas ao contexto de uma época, são passíveis de revisão e de atualização.
5. Não serão objeto de discussão, neste Congresso, os postulados básicos do Espiritismo - Deus, Imortalidade, Comunicabilidade, Reencarnação, Mundos Habitados, Evolução. Todavia, poderão ser questionados conceitos e interpretações a eles referentes expressos na literatura espírita por autores encarnados ou desencarnados ou que se tornaram correntes entre os espíritas.
6. Embora os congressos da CEPA possuam amplo caráter deliberativo, este não tomará deliberações no que concerne ao conteúdo doutrinário das propostas, exposições, teses e/ou trabalhos que ali forem apresentados. Estes se constituirão em subsídios para novas pesquisas, experimentos e estudos, em áreas específicas, por parte de pessoas e/ou instituições, com a participação dos Espíritos, cujos resultados e conclusões retornarão ao debate em futuros simpósios, seminários, congressos, etc.

UM CONGRESSO COMO QUERIA KARDEC

A preocupação de Allan Kardec em torno da atualização do Espiritismo está expressa, principalmente nos seguintes trechos de sua obra:

"O Espiritismo, avançando com o progresso, jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro acerca de um ponto, ele se modificará nesse ponto; se uma verdade nova se revelar, ela a aceitará." (A Gênese, Cap. I - Caráter da Revelação Espírita).

"O terceiro ponto, enfim, é inerente ao caráter essencialmente progressivo da Doutrina. Pelo fato de ela não se embalar com sonhos irrealizáveis, não se segue que se imobilize no presente. Apoiada tão-só nas leis da Natureza, não pode variar mais do que estas leis; mas, se uma nova lei for descoberta, tem ela que se pôr de acordo com essa lei. Não lhe cabe fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de se suicidar. Assimilando todas as idéias reconhecidamente justas, de qualquer ordem que sejam, físicas ou metafísicas, ela jamais será ultrapassada, constituindo isso uma das principais garantias da sua perpetuidade." (Obras Póstumas - Constituição do Espiritismo - Dos Cismas)

"Não será, pois, invariável o programa da Doutrina, senão como referência aos princípios que hoje tenham passado à condição de verdades comprovadas. Com relação aos outros, nãos os admitirá, como há feito sempre, senão a título de hipóteses, até que sejam confirmados. Se lhe demonstrarem que está em erro acerca de um ponto, ela se modificará nesse ponto." (Obras Póstumas - Constituição do Espiritismo - Dos Cismas)

"O princípio progressivo, que ela inscreve no seu código, será a salvaguarda da sua perenidade e a sua unidade se manterá, exatamente porque ela não assenta no princípio da imobilidade." (Obras Póstumas - Constituição do Espiritismo - Dos Cismas)

"Serão estas as atribuições principais da comissão central: 1°...; 2° O estudo dos novos princípios, suscetíveis de entrar no corpo da Doutrina; 3° ... 15° A convocação dos congressos e assembléias gerais." (Obras Póstumas - Constituição do Espiritismo - Comissão Central)

Por outro lado, no Capítulo I de "A Gênese" – Caráter da Revelação Espírita – Kardec afirma que *"a doutrina não foi ditada completa, nem imposta à crença cega; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os espíritos põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações." "Numa palavra, o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina sua origem e da iniciativa dos espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem."*

É sustentada por essas idéias que a CEPA acredita ser este "um congresso como queria Kardec".

CARTA DE PORTO ALEGRE

Declaração Final do XVIII Congresso Espírita Pan-Americano

Espíritas de diversos países, reunidos em Porto Alegre, nos dias 11 a 15 de outubro de 2000, no XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, convocado para examinar o tema central "*Deve o Espiritismo Atualizar-se?"*, decidem fazer a seguinte Declaração:

Considerando:

1. Que é evidente a atualidade dos postulados básicos do Espiritismo sistematizados e explicados na obra de Kardec;

2. Que o caráter essencialmente progressista do Espiritismo, afirmado pelo próprio Allan Kardec exige, para sua vigência e garantia, um processo constante de atualização;

3. Que os estudos e investigações realizados por autores espíritas posteriores a Kardec representam aportes muito valiosos para a atualização de sua obra e do pensamento espírita em geral;

4. Que, sob nenhuma circunstância ou hipótese, podem ser alterados os textos ou expressões das obras de Allan Kardec, como de qualquer outro escritor;

5. Que a C.E.P.A., em razão de seu compromisso exclusivo com o Espiritismo genuinamente kardecista, vem expandindo, de maneira crescente e sustentada, sua presença em todo o mundo,

Concluem:

1. Com respeito à temática central, que sim, o Espiritismo deve atualizar-se permanentemente e consideram altamente conveniente e impostergável levar avante um amplo processo de análise e reflexão em torno do pensamento espírita, à luz dos avanços conquistados pela ciência e demais campos do conhecimento humano.

2. Para realizar com todo o êxito esse processo, o Congresso convida todos os espíritas a participar desse esforço que não pode ser considerado como exclusivo patrimônio da C.E.P.A. ou de qualquer outra entidade espírita nacional ou internacional.
3. O Congresso propõe a realização de seminários, conferências e congressos dedicados a estudar o tema da atualização doutrinária,

dentro da maior liberdade de idéias e de expressão e em amplo clima de pluralidade e fraternidade.

4. Em atendimento à solicitação de delegações de outros continentes, apoiam a decisão tomada pela Assembléia Geral relativa à nomeação de uma Comissão Internacional que deverá elaborar um projeto que contemple a criação de um organismo intercontinental, identificado com os ideais da C.E.P.A., que busque a união do movimento espírita mundial e some esforços para a difusão do Espiritismo em todas as nações.

Finalmente, concordam em colocar como texto final desta resolução, mensagem recebida psicograficamente por uma participante no Congresso, que confirma a simpatia dos espíritos desencarnados para com o esforço da C.E.P.A. na sua relação com o movimento espírita. Trata-se de uma comunicação firmada pelo ilustre escritor argentino Manuel S. Porteiro:

"Nota a nota compõe-se a sinfonia. Assim, no grande concerto da vida universal, cada nota representa um pensamento que procura a verdade e o amor como expressão da harmonia.
Cantar num só coro não significa entoar o mesmo tom, a mesma voz, no mesmo tempo. Ao contrário, o coro se compõe de vozes, de sons diversos, de tons variados para que expressem a beleza.
O Espiritismo é como a canção universal, entoa as notas da ciência, da filosofia e do amor para compor a harmonia dos que buscam as verdades que conduzirão o espírito humano a dimensões não imagináveis, mas de imensa felicidade.

Manuel S. Porteiro"

Porto Alegre-RS., Brasil, 15 de outubro de 2.000.

O QUE É A CEPA

A CONFEDERAÇÃO ESPÍRITA PAN-AMERICANA – C.E.P.A. – é uma instituição autônoma de caráter federativo, que representa um amplo setor do Movimento Espírita organizado no continente americano e que, hoje, já conta também com instituições adesas em países europeus e da Oceania. Foi fundada no dia 5 de outubro do ano de 1946, na cidade de Buenos Aires, oportunidade em que realizou seu Primeiro Congresso.

A Confederação Espírita Pan-americana, CEPA, surgiu na América num momento muito importante, em razão dos acontecimentos sociais e políticos da Europa e da própria América.

Cinquenta e dois anos de atividades ininterruptas em prol da difusão do Espiritismo confirmam o acerto daquele grupo de argentinos idealistas ao proporem, insistirem e conseguirem a fundação de um organismo continental que reunisse e somasse esforços dos amplos setores do Movimento Espírita Pan-Americano

O Segundo Congresso Espírita Pan-Americano foi realizado no Rio de Janeiro, em outubro de 1949, seguindo-se mais quinze edições em vários países da América.

Cinqüenta e um anos depois, a Confederação Espírita Pan-Americana voltou a celebrar este seu importante conclave em uma cidade brasileira, sob a organização e o patrocínio do CENTRO CULTURAL ESPÍRITA DE PORTO ALEGRE-CCEPA, entidade a ela filiada .

Estudando e divulgando o Espiritismo nos seus aspectos científico, filosófico e moral, a C.E.P.A. define-se como uma instituição kardecista, progressista e livre-pensadora.

Kardecista, porque assume os ensinamentos e reflexões que emanam da obra de Allan Kardec e que são a base do edifício doutrinário espírita. Entende que, orientado pela bússola da codificação kardequiana, o Espiritismo manterá sempre o rumo correto e seguirá por caminhos seguros.

Progressista, porque o pensamento espírita é um instrumento para o melhoramento individual e social, aliado a valores como: liberdade, justiça e igualdade; proporciona uma postura dinâmica, aberta, autocrítica e capaz de ampliar os conceitos, como resultado do processo de mudança do mundo.

Livre-pensadora, porque convida seus integrantes e as pessoas em geral a gozarem, em sua plenitude, do direito ao livre exame de todas as idéias, sem qualquer dogmatismo, e ao aproveitamento de toda reflexão, com critérios e métodos dentro e fora do Espiritismo.

Liberdade de pensamento, de expressão e crítica são condições necessárias para um espírita autêntico poder se expressar. São direitos irrenunciáveis que a C.E.P.A. garante a todas as pessoas a ela vinculadas.

A Confederação Espírita Pan-americana vem, portanto, reafirmar seu compromisso de pluralização dos esforços de união no Movimento Espírita organizado, que pressupõe liberdade para poder escolher com discernimento e sabedoria.

A CEPA é hoje uma realidade geográfica, humana e espiritual de indiscutível presença e solidez. Ao redor dela milhares de espíritas se agrupam e trabalham sinergéticamente pelos ideais magistralmente codificados por Allan Kardec. No entanto não se deve avaliar o êxito da CEPA a partir de seus avanços organizacionais ou administrativos. Mais que o quantitativo é a dimensão da qualidade que será sempre o que desejamos reivindicar. Não são nas quotas de poder conquistadas, ou nos desenvolvimentos burocráticos, onde se demonstra o êxito de uma instituição espírita, mas sim em seu perfil ideológico, em sua capacidade para ser fiel ao projeto kardecista e avançar com as ferramentas que oferece, em sintonia com o progresso da humanidade.

O sucesso da CEPA está, pois , em suas idéias, em seus princípios, em seu dinamismo, em sua permeabilidade, na mudança e na renovação, em seus interesses pela atualização cultural e científica, em sua proposta humanística em favor da superação moral, intelectual e espiritual das pessoas. A CEPA está vigente porque é, antes de tudo, uma idéia, um projeto, uma voz, uma referência, um caminho.

CONSELHO EXECUTIVO DA CEPA – 2000/2004

Presidente: Bel. Milton Rubens Medran Moreira – Porto Alegre -Brasil
1º Vice-Presidente: Sr. Dante López – Rafaela – Argentina
2º Vice-Presidente: Dr. Ademar Arthur Chioro dos Reis – Santos – Brasil
3ª Vice-Presidente: Dra. Carmen Ana O´Neill -
Secr. Administrativo - Econ. Salomão Jacob Benchaya – Porto Alegre – Brasil
1ª Secretária – Prof. Tereza de Álvarez – Caracas – Venezuela
2º Secretário – Eng. Mauro de Mesquita Spínola – S.Paulo - Brasil
Secr. Finanças - Sra. Tereza Samá Landart de Mayo - Porto Alegre – Brasil
Secr. Assuntos Legais – Bel. Saulo de Meira Albach

Endereço: Rua Botafogo, 678 – CEP 90150-050
PORTO ALEGRE-RGS-BRASIL
Fone/fax: (51)3231-6295 E-mail: ccepa@terra.com.br

O BRASIL E A C.E.P.A.

Nos últimos anos, a CEPA tem ampliado sua presença no Brasil, principalmente depois que o venezuelano Lic. Jon Aizpúrua assumiu a presidência, em 1993 onde cumpriu dois mandatos consecutivos.

Por várias vezes, Aizpurua esteve no Brasil, tendo estado presente no Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, promovido pela LICESPE, em Santos, coordenado pelo psicólogo Jaci Regis, cujo trabalho ao longo das últimas décadas facilitou a acolhida da Confederação que, por várias razões, se achava distanciada do Brasil e, sem dúvida, ofereceu as condições iniciais para a expansão das idéias da CEPA junto ao movimento espírita nacional.

No XVII Congresso Espírita Pan-Americano, em outubro de 1996, em Buenos Aires, participaram mais de 70 brasileiros, sendo eleito, na ocasião, para a 2ª vice-presidência da CEPA o Dr. Milton Rubens Medran Moreira, ex-diretor da FERGS e atual Diretor de Comunicação Social do CCEPA. Ficou alí estabelecido que a sede do XVIII Congresso Espírita Pan-Americano seria a cidade de Porto Alegre, Brasil.

Na última Assembléia Geral que a CEPA realizou, durante o Congresso de Porto Alegre, em 13.10.00, Milton Medran foi eleito presidente da CEPA, com o que a sua sede transferiu-se de Caracas, Venezuela, para Porto Alegre. Os brasileiros Ademar Arthur Chioro dos Reis (S.Paulo), Salomão Jacob Benchaya (Porto Alegre) e Saulo de Meira Albach integram, juntamente com companheiros de vários países, o Conselho Executivo da CEPA.

Diante da rápida expansão da Confederação Espírita Pan-Americana no Brasil, com a adesão de instituições de vários Estados e a nomeação de Delegados Especiais espalhados por diferentes áreas do território brasileiro, surgiu a necessidade de um órgão de informação e de divulgação do trabalho e do pensamento da CEPA no Brasil.

Assim, por iniciativa de um grupo de Delegados e representantes de Casas adesas, reunidos em São Paulo em novembro de 1997, foi criado o boletim **CEPA BRASIL** que passou a ser encartado, a partir de janeiro de 1998, no jornal **Opinião**, órgão do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre. Esse Boletim é distribuído gratuitamente aos assinantes do OPINIÃO. As assinaturas podem ser solicitadas ao Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (CCEPA), à Rua Botafogo, 678, Porto Alegre, RS., CEP 90.150-050, E-mail: ccepa@terra.com.br
.

Esta obra foi publicada pelo *CCEPA - CENTRO CULTURAL ESPÍRITA DE PORTO ALEGRE,* ***instituição responsável pela realização do XVIII CONGRESSO ESPÍRITA PAN-AMERICANO***

PEDIDOS:
Rua Botafogo, 678 – CEP 90150-050 – Porto Alegre-RS-Brasil
Fone/fax: (51) 231-6295 E-mail: ccepa@terra.com.br